

Não podemos fugir dos nossos segredos



OS IMPOSTORES

CHRIS PAVONE

— “Um suspense inteligente
e uma trama bem construída.”

JOHN GRISHAM







O Arqueiro

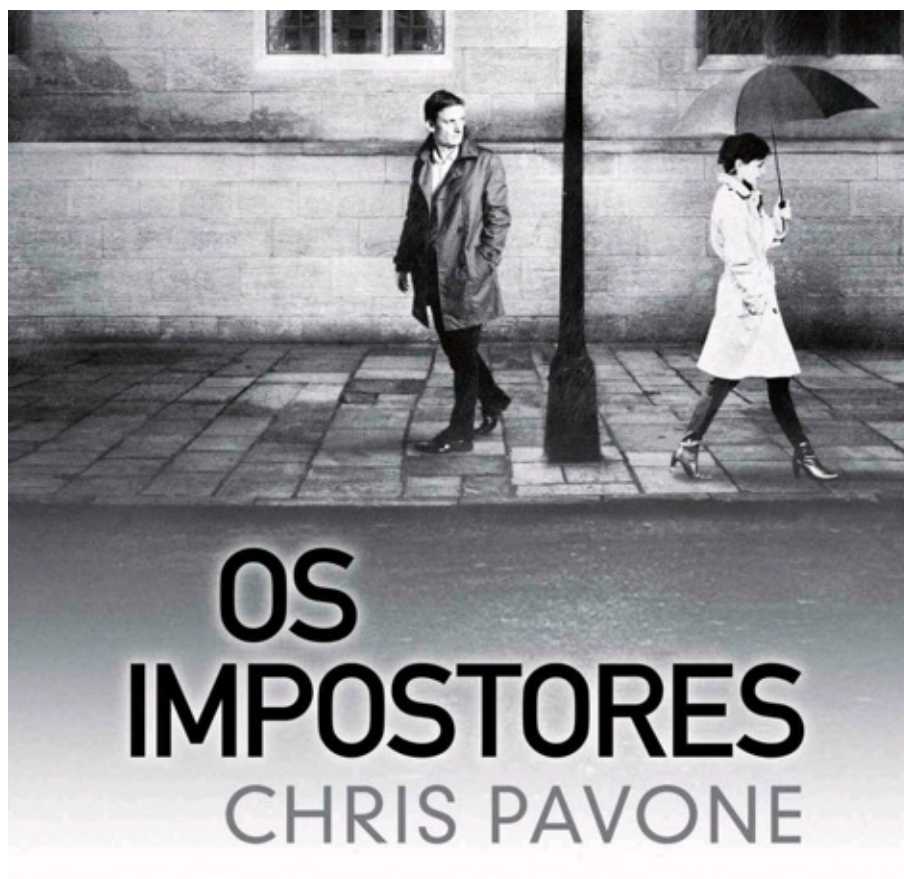
Geraldo Jordao Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o celebre editor Jose Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o proposito de formar uma nova geracao de leitores e acabou criando um dos catalogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lancou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem a Editora Sextante.

Fa de historias de suspense, Geraldo descobriu *O Codigo Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficcao, que nao era o foco da Sextante, foi certa: o titulo se transformou em um dos maiores fenomenos editoriais de todos os tempos.

Mas nao foi so aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o proximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixao.

Com a missao de publicar historias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessiveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro e uma homenagem a esta figura extraordinaria, capaz de enxergar mais alem, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e nao perder o idealismo e a esperanca diante dos desafios e contratempos da vida.



Titulo original: *The Expats*

Copyright (c) 2012 por Chris Pavone

Copyright da traducao (c) 2013 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes

sem autorizacao por escrito dos editores.

traducao: Vera Ribeiro

preparo de originais: Sheila Til

revisao: Marilia Garcia e Rebeca Bolite

projeto grafico e diagramacao: Valeria Teixeira

capa: Faber

fotos de capa: Johnny Ring, Mark Owen/Arcangel Images

adaptacao de capa: Ana Paula Daudt Brandao

adaptacao para e-book: Geografica e Editora Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGACAO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

P366i

Pavone, Chris

Os impostores [recurso eletronico] / Chris Pavone [traducao de Vera Ribeiro]; Sao Paulo: Arqueiro, 2013.

recurso digital

Traducao de: The expats

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-164-5 (recurso eletronico)

1. Ficcao americana. 2. Livros electronicos. I. Ribeiro, Vera. II. Titulo.

13-2013

CDD: 813

CDU: 821.111-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por

Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 - conjuntos 52 e 54

Vila Olimpia - 04551-060 - Sao Paulo - SP

Tel.: (11) 3868-4492 - Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

Para meus pequenos ex-desterrados, Sam e Alex.

"A verdade é linda, sem dúvida, assim como as mentiras."

RALPH WALDO EMERSON

"O único encanto do casamento é que ele torna a vida de dissimulação absolutamente necessária para ambas as partes."

OSCAR WILDE

PRELUDIO

Hoje, 10h52, Paris

- Kate?

Kate esta olhando para uma vitrine repleta de travesseiros, toalhas de mesa e cortinas, tudo em cores castanho-acinzentadas, chocolate e verde-musgo, paleta que substituiu os tons pastel da semana anterior. A estacao mudou, assim, de repente.

Ela desvia o olhar para a mulher a seu lado, na estreita nesga de calçada da Rue Jacob. Quem e ela?

- Ah, meu Deus! Kate, e voce?

A voz e familiar. Mas so a voz nao basta.

Kate esquece o que estava procurando sem grande entusiasmo. Era algo de pano. Cortinas para o lavabo? Alguma coisa desnecessaria.

Segura com forca o cinto da capa de chuva, num gesto de autoprotecao. Choveu de manha cedo, enquanto levava as criancas para a escola: as brumas do Sena pairando, sinuosas, os saltos das botas de couro estalando nas pedras molhadas do calcamento.

Ela ainda esta usando seu impermeavel leve, com o jornal *Herald-Tribune* dobrado projetando-se do bolso, as palavras cruzadas feitas na cafeteria vizinha a escola, onde ela toma o cafe quase todas as manhas com outras maes estrangeiras.

Essa mulher nao e uma delas.

Essa mulher usa olhos escuros que, alem de cobrirem a area inteira dos olhos, ocultam metade da testa e quase toda a bochecha. Nao ha como identificar quem esta por tras de todo aquele plastico preto com logomarcas douradas. O cabelo curto, castanho, foi puxado para tras com vigor e mantido no lugar por uma faixa de seda. A mulher e alta e atletica, mas com busto e quadril fartos, voluptuosa. A pele reluz com um bronzeado saudavel, de aparencia natural, como se ela passasse muito tempo ao ar livre, jogando tenis ou cuidando do jardim. Nada do tom escolhido por tantas francesas, o bronzeado adquirido pela exposicao a radiacao de lampadas fluorescentes em cabines que lembram caixoes.

A roupa dessa mulher, apesar de nao se compor propriamente de calcas de montaria e blazer, faz lembrar equitacao. Kate reconhece o casaco quadriculado. Viu-o na vitrine de uma butique absurdamente cara das imediacoes, a loja que substituiu uma livraria muito querida e levou alguns moradores mais falantes a dizer que se tratava do inicio do fim do Faubourg Saint-Germain que conheciam e amavam. Mas o apreco pela livraria era bastante abstrato, porque, em geral, ela ficava vazia, ao passo que a nova butique esta sempre lotada: donas de casa texanas e homens de negocios japoneses, alem de bandidos russos - que compram toneladas de camisas, echarpes e bolsas em especie (macos bem-arrumados e fresquinhos de dinheiro recém-lavado) e dos ricos moradores da area. Nao ha moradores pobres ali.

E essa mulher? Esta sorrindo, a boca cheia de dentes que reluzem de tao brancos e sao perfeitamente alinhados. E um sorriso conhecido, combinado com uma voz conhecida, mas Kate ainda precisa ver os olhos para confirmar sua pior suspeita.

Ha carros zero-quilometro fabricados no Sudeste Asiatico que sao vendidos por precos menores que o do casaco dela. Kate tambem esta bem-vestida, no estilo discreto tipico de seu grupo. Essa

mulher segue um conjunto diferente de princípios.

E americana, mas fala sem nenhum sotaque regional. Poderia ser de qualquer lugar. Poderia ser qualquer pessoa.

- Sou eu - diz ela, tirando, por fim, os olhos escuros.

Instintivamente, Kate dá um passo atrás, esbarrando na pedra cinza enegrecida da base da construção. Os metais de sua bolsa causam um tinido preocupante ao baterem no vidro da vitrine.

Ela fica boquiaberta, muda.

No pânico absoluto que se instala de repente, a primeira coisa em que pensa são os filhos. Esta é a essência da maternidade: o pânico imediato por causa dos filhos, sempre. E foi a parte do plano em que Dexter nunca pensou seriamente: o agravamento do pavor - a angústia invencível - quando há crianças envolvidas.

A tal mulher estava escondida atrás dos olhos escuros e tem uma nova cor e um novo corte no cabelo. Sua pele está mais morena do que era e ela ganhou uns cinco quilos. Está diferente. Mesmo assim, Kate fica perplexa por não tê-la reconhecido de cara, a primeira sílaba. Sabe que foi porque não quis reconhecer.

- Ah, meu Deus! - consegue gaguejar.

Sua mente dispara. Em seus pensamentos, ela sai correndo pela rua, dobra uma esquina, cruza o pesado portão vermelho e o fresco corredor entre os prédios, passa pelo portão que cerca o pátio, penetra no saguão de piso de mármore, sobe no elevador com porta pantográfica e entra no alegre hall amarelo onde fica o desenho do século XVIII na moldura dourada.

A mulher está de braços abertos, num convite para um grande abraço ao estilo americano.

Corre até o fim do corredor, para o escritório revestido de madeira, com as paisagens da Torre Eiffel vista do alto. Usa a chave de bronze ornamentada para abrir a gaveta inferior da escrivaninha antiga.

E por que não abraça-la? São velhas amigas, afinal. Mais ou menos. Se houver alguém observando, talvez pareça suspeito essas duas pessoas não se abraçarem. Ou talvez pareça suspeito se o fizerem.

Não demorou muito a desconfiar de que estava sendo vigiada. E de que sempre fora, o tempo todo. Faz pouquíssimos meses que Kate enfim conseguiu se imaginar levando uma vida totalmente livre de vigilância.

E então, dentro da gaveta da escrivaninha, a caixa de aço com reforço duplo.

- Que surpresa! - diz Kate, o que é verdade e não é.

E, no interior do cofre, os quatro passaportes com identidades alternativas para a família. E o maço grosso de dinheiro, dobrado e preso com um elástico, euros, libras esterlinas e dólares americanos em notas grandes, notas novas e limpas, sua versão pessoal de dinheiro lavado.

- É um prazer vê-la.

E, embrulhada numa flanela azul-clara, a Beretta 92FS que ela comprou de um cafetão escocês em Amsterdã.

PARTE I

1

Dois anos antes, Washington

- Luxemburgo?

- E.

- *Luxemburgo?*

- Isso mesmo.

Katherine nao sabia como reagir. Entao optou pela resposta-padrao, fuga via ignorancia.

- Onde fica Luxemburgo?

Na mesma hora se arrependeu da falsa pergunta.

- Na Europa Ocidental.

- Quero dizer, e na Alemanha?

Ela desviou os olhos de Dexter, com vergonha do buraco que estava cavando para si mesma.

- Ou na Suica?

Dexter a fitou com um olhar inexpressivo, claramente tentando - com afinco - nao dizer a coisa errada.

- E um pais independente - respondeu. - Um grao-ducado - acrescentou, o que era irrelevante.

- Um grao-ducado.

Ele assentiu.

- Voce esta de brincadeira - falou ela.

- E o unico grao-ducado do mundo.

Kate nao disse nada.

- Faz fronteira com a Franca, a Belgica e a Alemanha - prosseguiu Dexter, sem ser solicitado. - Esses paises o cercam.

- Nao - retrucou Katherine, balancando a cabeça. - Esse pais nao existe. Voce esta falando, sei la, da Alsacia. Ou da Lorena. Esta falando da Alsacia-Lorena.

- Esses lugares ficam na Franca. Luxemburgo e, hum, uma nacao a parte.

- E o que faz dela um grao-ducado?

- Ela e governada por um grao-duque.

Katherine redirecionou a atencao para a cebola meio picada na tabua de cortar sobre o tampo que ameaçava soltar-se de vez do armario empenado. Seria uma separacao causada por alguma forca primitiva - a agua, a gravidade ou ambas - e, com isso, a cozinha transporia o limite do aceitavelmente furreca para o inaceitavelmente esculhambado (alem de anti-higienico e francamente

perigoso), obrigando-os a encarar a reforma completa que lhes custaria 40 mil dolares que eles nao tinham, mesmo que cortassem dela todos os caprichos desnecessarios e todas as escolhas meramente esteticas.

Dexter havia colocado grampos tipo C nos cantos da bancada, um conserto provisório para impedir que o tampo de madeira escorregasse de cima do armário. Isso já fazia dois meses. Desde então, os grampos mal colocados tinham feito Katherine espatifar uma taca de vinho e, uma semana depois, bater com a mão num deles quando fatiava uma manga, fazendo a faca resvalar e afundar silenciosamente na carne de sua mão esquerda, dando um banho de sangue na manga e na tabua. Ela ficara parada diante da pia, comprimindo o ferimento com um pano, enquanto o sangue pingava no tapetinho esmolambado e se espalhava pelas fibras de algodão, formando o mesmo desenho daquele dia no Waldorf, quando ela devia ter desviado os olhos, mas não desviou.

- E o que vem a ser um grão-duque? - perguntou, enxugando de um dos olhos as lágrimas de cebola.

- E o cara que governa um grão-ducado.

- Você está inventando essas coisas.

- Não, não estou.

Dexter exibia um sorrisinho muito discreto, como se pudesse mesmo estar zombando da cara dela.

Mas não: o sorriso era discreto demais para isso. Aquele era o sorriso de Dexter fingindo zombar da cara de alguém, quando realmente falava sério. Uma imitação de sorriso falso.

- Está bem - disse ela. - Eu mordo a isca: *por que* nos mudariamos para Luxemburgo?

- Para ganhar muito dinheiro e viajar o tempo todo pela Europa.

Pronto, ali estava o sorriso completo, sem restrições.

- Como nos sempre sonhamos - emendou ele.

Era a expressão franca do homem que não guardava segredos nem admitia a possibilidade de que outros guardassem. Era o que Katherine mais valorizava no marido, acima de qualquer outra coisa.

- Você vai ganhar muito dinheiro? Em Luxemburgo?

- Vou.

- Como?

- Andam com escassez de homens lindos por lá. Ai vão me pagar uma montanha de dinheiro por eu ser incrivelmente bonito e estonteantemente sensual.

Fazia uma década que aquela era a piada deles. Dexter não tinha uma beleza digna de nota nem era particularmente sexy. Era um exemplar clássico do grandalhão desengonçado fanático por computadores. Não era feio, na verdade: tinha feições comuns, uma mistura corriqueira de cabelo loiro, queixo pontudo, macas do rosto salientes e olhos castanho-claros. Com a ajuda de um corte de cabelo decente, algum treino em relações públicas e, talvez, um pouco de psicoterapia, poderia se tornar muito atraente. Mas a imagem que ele projetava era de seriedade e inteligência, não de sensualidade ou preocupação com a aparência.

Fora isso que atraía Katherine, de início: um homem completamente não irônico, não malicioso,

nao entediado, nao indiferente, nao erudito. Dexter era franco, facil de decifrar, confiavel e agradavel. Os homens do mundo profissional dela eram manipuladores, vaidosos, implacaveis e egoistas. Dexter era o antidoto de Katherine. Um homem estavel, despretensioso, de honestidade infalivel e aparencia comum.

Fazia muito tempo que ele se conformara com o visual generico e a falta de sofisticacao. Assim, enfatizava seu jeito de nerd da maneira tipica: oculos de acrilico, roupas sem graca, desalinhadas e aparentemente pegadas ao acaso, cabelo de quem acabou de levantar da cama. E fazia piadas sobre sua aparencia.

- Vou ficar parado em locais publicos - continuou. - De vez em quando, se me cansar, pode ser que eu me sente. E ai e so ficar la, sabe como e, *sendo* lindo - completou, dando uma risadinha da propria piada. - Luxemburgo e a capital mundial dos bancos privados.

- E dai?

- Acabei de receber uma oferta lucrativa de um desses bancos privados.

- Lucrativa, quanto?

- Trezentos mil euros por ano. Quase meio milhao de dolares, ao cambio de hoje. Mais despesas de moradia. Mais bonus. O total pode acabar subindo para uns 750 mil dolares.

Era muito dinheiro, com certeza. Mais do que Kate havia imaginado que algum dia Dexter viesse a ganhar. Apesar de ter estado as voltas com a internet praticamente desde o comeco dela, ele nunca tivera o impeto nem a visao necessarios para enriquecer. Na maior parte do tempo, fora um espectador, enquanto seus amigos e colegas levantavam capital e corriam riscos, iam a falencia ou lancavam acoes na bolsa, e acabavam andando de jatinho particular para la e para ca. Mas nao Dexter.

- E, depois - continuou ele -, quem sabe? *Alem disso* - falou, erguendo as maos para anunciar o golpe de misericordia -, nem vou precisar trabalhar tanto assim.

Os dois tinham sido ambiciosos, em outros tempos. Mas, depois de dez anos juntos, cinco deles com filhos, apenas Dexter alimentava alguma ambicao. E a maior parte tinha a ver com trabalhar menos.

Ou assim pensava Kate. Agora, aparentemente, ele tambem aspirava a ficar rico. Na Europa.

- Como e que voce pode saber? - perguntou ela.

- Conheco o tamanho da operacao, a complexidade dela, os tipos de transacoes. As necessidades de seguranca de la nao sao tao grandes quanto essas com que lido agora. E eles sao europeus. Todo mundo sabe que os europeus nao trabalham tanto assim.

Dexter nunca chegara a ficar rico, mas tinha uma remuneracao decente. E o salario de Katherine crescera gradativamente ao longo de sua carreira. Juntos, os dois tinham ganhado 250 mil dolares no ano anterior. Mas, com a hipoteca, os interminaveis consertos da velha casinha na vizinhanca "emergente" da supostamente revitalizada Columbia Heights, mais a escola particular - as escolas publicas em geral do centro do Distrito de Columbia nao eram consideradas tao boas - e os dois carros, eles nunca tinham dinheiro. O que tinham era uma vida confortavel que lhes custava demais. E

a cozinha estava caindo aos pedacos.

- Quer dizer que vamos ficar cheios da grana e poder viajar para todo lado e voce estara comigo e com as criancas? Ou vai ficar fora o tempo todo?

Nos dois meses anteriores, Dexter tinha feito um numero anormal de viagens. Ele vinha perdendo muito da vida em familia. Por isso, no momento, aquele era um assunto delicado. Ele acabara de passar alguns dias na Espanha, em uma viagem de ultima hora que havia exigido que Katherine cancelasse compromissos sociais, que ja eram poucos e espacados e nao deveriam ser cancelados do nada. Ela nao tinha uma vida social intensa nem uma legiao de amigos. Mas isso era melhor do que nada.

Em certa epoca, as viagens de trabalho dela e que tinham sido um problema serio. Mas, logo depois de Jake nascer, ela havia cortado quase por completo as viagens e feito uma reducao drastica nas horas de trabalho. Mesmo nesse novo regime, ainda era raro conseguir chegar em casa antes das sete.

O tempo para valer com os filhos era nos fins de semana, impressado entre idas ao mercado, limpeza da casa, aulas de ginastica olimpica das criancas e todo o resto.

- Nao muito - respondeu ele, vagamente.

Katherine percebeu seu jeito evasivo.

- Para ir aonde?

- Londres. Zurique. Talvez os Balcas. Provavelmente, uma vez por mes. Duas.

- Os Balcas?

- Sarajevo, talvez. Belgrado.

Katherine sabia que a Servia era um dos ultimos lugares que Dexter poderia querer visitar.

- O banco tem interesses por la - explicou, dando de ombros. - Enfim, as viagens nao serao uma parte relevante do trabalho. Morar na Europa, sim.

- Voce *gosta* de Luxemburgo? - perguntou ela.

- So estive la umas duas vezes. Nao tenho uma ideia tao boa assim do lugar.

- Mas tem *alguma* ideia? Porque eu poderia ter me enganado sobre o continente em que esse lugar fica.

Uma vez que tinha comecado essa mentira, Katherine teria de leva-la ate o fim. Este era o segredo para sustentar uma mentira: nao tentar esconde-la. Sempre fora inquietantemente facil mentir para seu marido.

- Sei que o pais e rico - disse Dexter. - Tem o maior PIB per capita do mundo, ha alguns anos.

- Nao pode ser verdade - objetou ela, mesmo sabendo que era. - Isso tem que ser de algum pais produtor de petroleo. Talvez os Emirados Arabes, ou o Qatar, ou o Kuwait. Nao um lugar que, ate cinco minutos atras, eu achava que era um estado da Alemanha.

Dexter encolheu os ombros.

- Tudo bem. O que mais? - indagou Katherine.

- Ele e... hum... *pequeno*.

- Pequeno, quanto?

- Meio milhao de pessoas no pais inteiro. Mais ou menos do tamanho de Rhode Island. Mas acho que Rhode Island e maior. Um pouco.

- E para qual cidade seria? Existem cidades, não é?
- Para a capital. Também se chama Luxemburgo. Tem 80 mil pessoas.
- Você disse 80 mil? Isso não é população de uma capital. E... sei lá... de uma cidade *universitaria*.
- Mas uma cidade universitaria linda e no centro da Europa, onde alguém vai me pagar muito dinheiro. Logo, não seria uma cidade universitaria qualquer. E, nessa cidade universitaria, você não vai precisar trabalhar fora.

Katherine congelou no meio do corte da cebola, na guinada do plano que tinha previsto dez minutos antes, assim que o marido perguntara "O que você acha de se mudar para Luxemburgo?". A guinada que significava que ela teria que sair do emprego, em caráter definitivo. Naquele primeiro clarão de reconhecimento, ela se sentira inundar por um profundo alívio, o alívio de ter uma solução inesperada para um problema insolúvel. Ela *teria* que pedir demissão. Não seria uma decisão sua, apenas não teria alternativa.

Nunca havia admitido para o marido - mal o admitira para si mesma - que queria sair. E agora, nunca teria que admiti-lo.

- E eu faria *o que*? - perguntou. - Em Luxemburgo? Que, alias, ainda não me convenci de que seja real.

Dexter sorriu.

- Você tem que admitir que parece invenção - disse ela.
- Você vai levar uma vida de ocio.
- Fala sério.
- Eu *estou* falando sério. Você vai aprender a jogar tennis. Planejar nossas viagens. Montar uma casa nova. Estudar idiomas. Criar um blog.
- E quando eu me entediar?
- Se você se entediar. Ai você pode arranjar um emprego.
- Fazendo o que?
- Washington não é o único lugar do mundo em que as pessoas redigem documentos oficiais.

Katherine voltou os olhos para a cebola destrocada e recomeçou a pica-la, tentando afastar o problema enorme que havia acabado de surgir na conversa.

- *Touche*.

- Na verdade - continuou Dexter -, Luxemburgo é uma das três capitais da União Europeia, ao lado de Bruxelas e Estrasburgo.

Agora ele tinha se transformado num informe comercial sobre a porcaria do lugar.

- Imagino que haja muitas ONGs que gostariam de ter uma americana bem informada nas suas folhas de pagamento recheadas de verbas.

E também estava agindo como agente de recrutamento. Um daqueles funcionários de RH

invariavelmente bem-humorados, de calça aqui com vincos e sapatos reluzentes de tão engraxados.

- E isso seria para quando? - perguntou Katherine, evitando que o assunto girasse em torno dela, suas perspectivas, seu futuro. Escondendo-se.

- Bem - suspirou Dexter, fundo demais.

Um mau ator que superestimava suas habilidades.

- Ai e que esta o porem - falou ele.

Nao continuou. Esse era um de seus poucos habitos desagradaveis: obrigar a esposa a lhe fazer perguntas, em vez de simplesmente dar as respostas que sabia que ela queria.

- E ele e...?

- Precisamos ir o mais rapido possivel - admitiu ele, como que sob coacao.

- E isso significa o que?

- Que estaríamos morando la no fim do mes. E e provavel que eu precise ir ate la sozinho uma ou duas vezes antes disso. Tipo segunda-feira.

Katherine ficou boquiaberta. Nao so aquela ideia sugira do nada como chegava a toda a velocidade.

Sua mente disparou, tentando avaliar como seria possivel pedir demissao num prazo tao curto. Seria dificil. Levantaria suspeitas.

- Eu sei que e uma correria danada - disse Dexter. - Mas um dinheiro desses, sabe? Precisaria haver algum sacrificio. E este sacrificio nem e tao ruim: precisamos nos mudar para a Europa o mais rapido possivel. E olhe...

Ele enfiou a mao no bolso do casaco e desdobrou uma folha de papel officio, alisando-a sobre a bancada. Parecia uma planilha, com o titulo orcamento de luxemburgo no topo.

- E e um *bom* momento, na verdade - continuou, com ar defensivo, ainda sem explicar por que toda aquela pressa.

Katherine so viria a entende-la muito, muito depois.

- Ainda estaremos nas ferias de verao e podemos chegar a Luxemburgo a tempo de os meninos comecarem as aulas na nova escola no inicio do ano letivo.

- E a escola seria...?

- Uma escola particular de lingua inglesa.

Dexter tinha uma resposta rapida para tudo. Havia preparado uma planilha, pelo amor de Deus! Que romantico!

- Vai ser paga pelo cliente.

- A escola e boa?

- Imagino que a capital mundial dos bancos privados, com a renda per capita mais alta do planeta, tenha uma escola decente. Ou duas.

- Nao precisa ser sarcastico. So estou fazendo umas perguntas sobre a educacao dos nossos filhos e sobre onde vamos morar. Voce sabe, essas *pequenas* coisas.

- Desculpe.

Katherine o deixou suportar sua raiva por alguns segundos, antes de recomeçar: - Nos morariamos por quanto tempo em Luxemburgo?

- O contrato seria de um ano. Renovavel por mais um, com um aumento.

Ela examinou a planilha e achou a ultima linha, uma poupanca liquida de quase 200 mil por ano.

Euros? Dolares? Tanto fazia.

- E depois? - perguntou, simpatizando com aquele saldo liquido.

Fazia muito tempo que se resignara a viver eternamente dura. Agora parecia que esse "eternamente"

teria fim.

- Quem sabe?

- Esta ai uma resposta bem insatisfatoria.

Dexter contornou a bancada sinuosa da cozinha e se posicionou atras da esposa, passando os bracos em torno dela e mudando todo o teor da conversa.

- E a nossa hora, Kat - disse, com o halito quente na pele dela. - E diferente do que tinhamos imaginado, mas e a nossa hora.

Na verdade, era exatamente o que eles haviam sonhado: comecar uma vida nova no exterior.

Sobrecarregados por circunstancias que impediam uma juventude despreocupada, os dois tinham a sensacao de ter deixado escapar experiencias importantes. Agora, no fim da casa dos 30, ainda ansiavam pelo que haviam perdido, ainda achavam que seria possivel. Ou nunca admitiam que seria impossivel.

- Nos vamos conseguir - disse Dexter, baixinho, junto ao pescoco dela.

Katherine largou a faca. Um adeus as armas. Nao seria o primeiro.

Discutiriam o assunto a serio, altas horas da noite, depois do vinho. Ou com a seriedade possivel, ja tarde e meio alcoolizados. Concordavam em que, mesmo sem ter ideia de qual seria a dificuldade de se chegar a outro pais, decididamente seria facil deixar Washington.

- Mas Luxemburgo? - insistiu ela.

As terras estrangeiras que os dois haviam imaginado eram lugares como a Provenca ou a Umbria, Londres ou Paris, talvez Praga ou Budapeste, ou ate Istambul. Lugares romanticos, lugares aonde queriam ir - aonde todo mundo queria ir. Luxemburgo nao estava nessa lista, nem na lista de ninguem. Ninguem sonha morar em Luxemburgo.

- Por acaso voce sabe que lingua se fala em Luxemburgo? - perguntou Katherine.

- Luxemburgues. E um dialeto germanico, com um pouco de frances misturado.

- Nao pode ser.

Dexter a beijou no pescoco.

- Mas e. So que eles tambem falam o alemao comum, alem de frances e ingles. E um lugar muito internacional. Ninguem tera que aprender luxemburgues.

- Fico a vontade e com o espanhol. Fiz um ano de frances, mas falo mesmo e espanhol.

- Nao se preocupe. A lingua nao sera problema.

Tornou a beija-la, descendo a mao por sua barriga ate abaixo da cintura da saia, a qual comecou a suspender. Os meninos tinham saído para brincar.

- Confie em mim.

✕

Katherine os vira muitas vezes em aeroportos internacionais, com suas montanhas de malas baratas, os rostos repletos de preocupacao, atordoamento e cansaco, os filhos de ombros caidos, o pai segurando punhados de passaportes vermelhos ou verdes, que os distinguiam dos americanos de passaportes azuis.

Eram imigrantes imigrando.

Ela os vira partindo do aeroporto da Cidade do Mexico, depois de saltarem de onibus vindos de Morelia ou Puebla, ou de conexoes aereas de voos de Quito ou da Guatemala. Vira-os em Paris, chegando de Dacar, do Cairo ou de Kinshasa. Vira-os em Managua e Porto Principe, Caracas e Bogota. Em todos os lugares do mundo em que estivera, ela os vira partindo.

E os vira chegando, em Nova York e Los Angeles e Atlanta e Washington, na outra ponta de suas longas viagens, exaustos, mas nem perto de haverem terminado suas jornadas epicas.

Agora ela era um deles.

Agora esta era ela, na beira da calçada do aeroporto de Frankfurt. As suas costas, uma pilha de imensas malas que nao combinavam. Ela ja tinha visto dessas malas gigantescas e pensado: quem, em seu juizo perfeito, algum dia compraria malas tao feias e desajeitadas? Agora sabia a resposta: alguem que precisasse carregar absolutamente tudo, de uma vez so.

Espalhadas em volta de suas oito malas horrorosas, do tamanho de uma pessoa, havia quatro sacolas de mao, uma bolsa, duas pastas para computador e duas mochilinhas de crianca e, sobre as pilhas mais baixas, casacos, ursinhos de pelucia e um saco plastico com fecho cheio de barras de cereal e frutas frescas e secas, alem de M&Ms marrons - todas as outras cores tinham sido comidas antes de chegarem a Nova Escocia.

Esta era ela, agarrada aos passaportes azuis da familia, diferentes daqueles cor de vinho dos alemaes, e destacando-se deles nao so por causa das cores da capa, mas tambem porque as pessoas do lugar nao ficavam sentadas em pilhas de malas medonhas, agarrando os passaportes.

Esta era ela, sem entender o que dizia pessoa alguma, numa lingua incompreensivel. Apos um voo de sete horas, que permitira duas de sono, com olhos inchados, exausta, faminta, enjoada, empolgada e com medo.

Esta era ela: uma imigrante imigrando.

Comecara por se conformar em usar o sobrenome de Dexter. Ja nao precisava de seu nome de solteira, seu nome profissional. Por isso tinha marchado ate o registro municipal do Distrito de Columbia, preenchido os formularios e entregado a ordem de pagamento. Solicitara uma nova carteira de habilitacao e um passaporte com urgencia.

Dissera a si mesma que, morando num pais catolico, seria mais facil lidar com a burocracia se marido e mulher tivessem o mesmo sobrenome. Ela ja estava abrindo mao de tudo o mais em sua identidade - da rede de aparencias que encobria as verdades mais complexas -, e um sobrenome, ponderou, era apenas um item extra.

Por isso, ela agora era alguem que nunca tinha sido: Katherine Moore. Chamaria a si mesma de Kate. A amavel e descontraida Kate, em vez da seria e rigorosa Katherine. Havia um toque agradavel

no nome: Kate Moore era alguém que sabia se divertir na Europa.

Durante uns dias, havia testado mentalmente Katie Moore, mas chegara a conclusão de que parecia nome de personagem de livro infantil ou de animadora de torcida.

Kate Moore tinha orquestrado a mudança. Trocara o endereço, suspendera ou cancelara dezenas de contas. Havia comprado as malas feias. Tinha separado os pertences da família nas três categorias necessárias - bagagem a ser levada, remessa por frete aéreo, remessa por frete marítimo. Preenchera formulários de embarque, formulários de seguros, formulários de formalidades.

E tinha conseguido se desligar do emprego. Não fora fácil nem rápido. Mas, feitas as entrevistas de saída e finalmente superados os obstáculos burocráticos, ela havia suportado uma rodada de drinques de despedida na casa de seu chefe, em Capitol Hill. Apesar de nunca ter pedido demissão de um emprego ao longo de sua vida adulta, comparecera a algumas outras despedidas. No começo, ficara decepcionada com o fato de o bota-fora não ocorrer em algum pub irlandês, com todo mundo bebendo demais ao redor de uma mesa de sinuca do tamanho de um bar, como nos filmes. Mas é claro que as pessoas do seu escritório não poderiam se reunir num bar para beber. Por isso, tinham bebericado garrafas de cerveja no terreiro do sobrado de tijolinhos de Joe, o qual, como Kate ficara em parte aliviada e em parte decepcionada por descobrir, não era notavelmente maior nem estava em muito melhores condições que a casa dela.

Fez um brinde com os colegas e, dois dias depois, deixou o continente.

Esta é minha chance de me reinventar, tornou a dizer a si mesma. De ser alguém que não faça um esforço de meia-tigela por uma carreira não planejada, que não tente encarar a maternidade de um jeito improvisado e frouxo, que não more numa casa caindo aos pedaços, numa porcaria de bairro sem bons vizinhos, numa cidade amarga e competitiva - um lugar que, para todos os efeitos, ela escolhera ao partir para a faculdade e de onde nunca mais tinha saído. Havia permanecido em Washington e prosseguido em sua carreira porque uma coisa levava a outra. Não tinha feito sua vida acontecer; ela apenas acontecera.

O motorista alemão aumentou a música, uma melodia popular dos anos 1980, cheia de sintetizadores.

- New wave! - exclamou ele. - Eu adoro!

Ele tamborilando furiosamente no volante, marcando o ritmo com o pé na embreagem e piscando feito um louco, às nove horas da manhã. Anfetaminas?

Kate desviou os olhos do louco e contemplou a paisagem bucólica da zona rural alemã que ia passando: colinas suaves, florestas densas, pequenos aglomerados de casas de pedra, juntinhas umas das outras, como que se protegendo do frio, dispostas em minúsculos vilarejos cercados por vastas pastagens.

Ela iria se reinventar. Iria se relançar. Enfim se tornaria uma mulher que não ia mentir constantemente para o marido sobre o que realmente fazia e quem de fato era.

- Oi - dissera Kate, ao entrar no escritório de Joe, logo de manhã cedo.

Essa sílaba única fora toda a extensão de seu preâmbulo.

- Lamento ter que dizer isso, mas estou pedindo demissão.

Joe ergueu os olhos de um relatorio, um lote de folhas acinzentadas saído de uma impressora matricial, provavelmente instalada sobre uma mesa de aço de fabricacao sovietica, em algum ponto da America Central.

- Meu marido recebeu uma oferta para trabalhar na Europa. Em Luxemburgo.

Joe arqueou uma sobrancelha.

- E eu pensei: bem que podiamos ir.

Essa explicacao era uma simplificacao grosseira, mas tinha a vantagem de ser honesta. Kate decidira usar de completa franqueza nesse processo. Exceto num assunto, caso ele viesse a tona. E tinha certeza de que acabaria vindo.

Joe fechou a pasta, exibindo uma capa pesada azul, adornada por uma variedade de carimbos, assinaturas e rubricas. Havia uma trava de metal do lado, que ele trancou.

- Que tipo de emprego?

- Dexter trabalha com seguranca eletronica para bancos.

Joe balançou a cabeça.

- Ha uma porcao de bancos em Luxemburgo - acrescentou Kate.

Joe deu um meio sorriso.

- Dexter vai trabalhar para um deles - concluiu.

Surpreendeu-se com o arrependimento que sentiu. A cada segundo que passava, mais se convencia de ter tomado a decisao errada, mas agora tinha o dever de ir ate o fim.

- Esta na minha hora, Joe. Ja estou nisto ha... nao sei...

- Ha muito tempo.

O arrependimento veio acompanhado pela vergonha, um tipo complicado de vergonha do proprio orgulho, de sua incapacidade de reconsiderar uma decisao ruim depois de tomada.

- Sim. Muito tempo. E, para ser sincera, ando entediada. Tenho estado meio entediada ha algum tempo. E esta e uma grande oportunidade para o Dexter. Para nos. De ter uma aventura.

- Voce ja nao teve aventuras suficientes na vida?

- Como familia. Uma aventura em familia.

Ele meneou a cabeça num gesto seco.

- Mas, na verdade, isso nao tem muito a ver comigo. Quase nada. Tem a ver com Dexter. Com a carreira dele e, quem sabe, com ganhar um dinheirinho, finalmente. E tem a ver com levarmos uma vida diferente.

Joe entreabriu a boca, os dentes miudos e acinzentados surgindo por baixo do bigodao grisalho, que parecia ter sido colado em seu rosto palido. Por uma questao de coerencia, ele tambem tendia a usar ternos cinza.

- Ha alguma chance de voce mudar de ideia?

Nos dias anteriores, enquanto Dexter lhe dava mais detalhes praticos, provavelmente a resposta

teria sido sim. Ou, pelo menos, talvez, possivelmente. E então, no meio da madrugada anterior, Kate tinha se comprometido a tomar uma decisão final: as quatro horas da madrugada, havia se sentado na cama completamente ereta e desperta e torcido as mãos, agoniada, tentando descobrir o que queria.

Passara grande parte de sua vida - toda ela, na verdade - considerando outra pergunta: do que precisava? Mas descobrir o que queria era um desafio inteiramente novo.

Chegara a conclusão de que o que queria, nesse momento, começava por pedir demissão. Sair para sempre desse escritório. Abandonar essa carreira de uma vez por todas. Iniciar outro capítulo - outro livro - de sua vida, no qual ela fosse um personagem diferente. Não queria necessariamente ser uma mulher sem emprego, sem nenhum objetivo profissional; mas já não queria ser uma mulher com esse emprego, esse objetivo.

Por isso, em uma manhã quente e úmida de um dia nublado de agosto, a resposta foi: - Não, Joe. Sinto muito.

✕

Ele deu outro sorriso, menor e mais espremido, menos sorriso que careta. Toda a sua postura mudou, passando do burocrata de médio escalão que ele costumava parecer para o guerreiro implacável que Kate sabia que era:

- Pois muito bem - disse, afastando a pasta azul e substituindo-a por seu laptop. - Você sabe que haverá uma porção de entrevistas, certo?

Kate fez que sim com a cabeça. Embora os pedidos de demissão não fossem um assunto sobre o qual as pessoas costumassem comentar, ela sabia vagamente que o processo não seria rápido nem simples. E sabia que nunca mais tornaria a por os pés em seu escritório de 6 metros quadrados, nunca mais entraria naquele prédio. Todos os seus pertences pessoais seriam entregues por um mensageiro.

- E elas vão começar agora mesmo.

Joe abriu o computador.

- Por favor - disse, movendo a mão num gesto breve, ao mesmo tempo exigente e desdenhoso, com a mandíbula tensa e o cenho franzido -, feche a porta.

Sairam do hotel pelo labirinto de estreitas ruas de paralelepípedos do bairro central, subindo e descendo os contornos naturais da cidade-fortaleza medieval. Passaram pelo palácio do monarca, por cafés com mesas do lado de fora, por uma praça ampla em que uma feira livre transbordava de produtos agrícolas e flores.

Pelas finas solas de borracha dos sapatos, Kate sentiu todos os sulcos e proeminências das pedras duras sob seus pés. Houvera um tempo em que ela passara grande parte de seus dias caminhando por ruas irregulares, em bairros violentos de cidades desconhecidas; houvera uma época em que tinha calçados apropriados para isso. Durante um período, chegara a caminhar por esses mesmos paralelepípedos, e já se iam mais de quinze anos. Reconheceu o passeio coberto que ligava as duas praças principais e em cuja extremidade sul ela um dia havia parado e perguntado a si mesma se estaria entrando numa armadilha. Estava seguindo aquele garoto argelino que, como viria a constatar, não pretendia fazer nada mais que comprar um crepe.

Isso tinha sido muito tempo antes, quando os pés dela eram mais jovens. Agora, precisaria substituir todos os seus sapatos, para combinar com tudo o mais que era novo.

Os meninos iam marchando obedientes à frente dos pais, absortos numa conversa ininteligível de

crianças sobre cabelo de Playmobil. Dexter segurou a mão de Kate, ali, no meio da cidade, na animação de uma praça central europeia, com gente bebendo e fumando, rindo e flertando. Fez cocegas na palma da mão dela com a ponta do indicador, num convite clandestino - uma promessa furtiva - para alguma coisa mais tarde, a sós. Kate sentiu-se enrubescer.

Sentaram-se à mesa de um pequeno restaurante. No meio da praça arborizada e repleta, uma banda de dez músicos - adolescentes - acabara de começar a tocar uma cacofonia. O cenário fazia lembrar as muitas cidades mexicanas por onde Kate havia transitado: a praça cercada por cafés e lojas para turistas, e todas as gerações de moradores - desde recém-nascidos gorgolejantes até velhinhas fofoqueiras de braços dados - reunidas em volta de um coreto, onde amadores tocavam (e mal) as músicas favoritas do lugar...

O longo e distante alcance do colonialismo europeu.

O lugar onde Kate havia passado mais tempo tinha sido a praça central de Oaxaca, no México, que ficava uns 800 metros a leste de seu apartamento conjugado, ao lado da escola de idiomas onde ela fazia aulas particulares de nível avançado durante metade do dia, para dominar os dialetos. Vestia-se como outras mulheres do seu grupo, com saias compridas de linho, blusas de camponesa e bandanas para prender o cabelo, revelando uma tatuagem - falsa - de borboleta na base do pescoço. Integrava-se ao local, circulando pelos cafés, tomando cerveja Negra Modelo e usando uma sacola de corda para carregar as compras feitas no mercado 20 de Noviembre.

Uma noite, juntaram algumas mesas, com um casal de alemães e alguns americanos, além dos indispensáveis rapazes mexicanos que viviam paquerando as mulheres - eles atiravam para todo lado, mas de vez em quando acertavam na mosca -, quando um sujeito bonito, de jeito seguro, perguntou se podia juntar-se ao grupo. Kate já o vira antes, muitas vezes. Sabia quem era ele; todos sabiam. Seu nome era Lorenzo Romero.

De perto, era mais bonito do que ela presumira pelas fotos. Quando ficou claro que o homem estava ali para conversar com ela, Kate mal pôde se conter. Ficou ofegante, as palmas das mãos transpirando. Teve dificuldade para se concentrar nas insinuações que ele fazia, mas não tinha importância. Entendeu o que estava acontecendo. Deixou a blusa entreabrir-se. Tocou o braço dele, um toque demorado. Bebeu um último gole de cerveja, para se acalmar.

- Cinco minutos - disse-lhe em espanhol, inclinando a cabeça para a catedral no extremo norte da praça.

Ele meneou a cabeça confirmando que entendera e correu a língua pelos lábios, o olhar ávido.

A travessia da praça levou uma eternidade. Todas as criancinhas e pais tinham ido para casa, deixando ali apenas os jovens, os idosos e os turistas, numa mescla de fumaça de charutos e maconha, inglês de bebado, cheio de gírias, e a tagarelice das vovós. Sob as árvores, longe dos postes de iluminação, casais se apalpavam sem o menor pudor.

Kate mal podia acreditar que estava mesmo fazendo aquilo. Esperou impaciente na rua Independência, junto à catedral, na sombra. Ele chegou e se aproximou para lhe dar um beijo.

- Não - disse ela, balançando a cabeça. - *Aqui não.*

Caminharam em silêncio em direção a El Llano, o parque em que outrora houvera um jardim zoológico e que agora era um espaço baldio, que parecia assustador a Kate quando estava sozinha.

Mas ela não estava sozinha. Sorriu para Lorenzo e entrou na escuridão. Ele a seguiu, um predador pronto para dar o bote.

Ela respirou fundo. A hora era essa, finalmente. Contornou um tronco grosso de árvore, sob a folhagem densa da copa, e esperou que ele a seguisse, enquanto deslizava a mão para dentro do bolso interno do casaco largo de lona.

Quando o homem contornou o tronco da árvore, no escuro, Kate encostou o cano da arma em sua barriga e apertou o gatilho duas vezes, antes que ele fizesse a menor ideia do que estava acontecendo. Ele desabou no chão, o corpo mole. Kate disparou mais uma vez, na cabeça, para ter certeza.

Lorenzo Romero fora o primeiro homem que ela matara.

- Voce a viu? - perguntou a italiana. - A nova americana.

Kate bebeu um gole do *cafe latte* e pensou em acrescentar algo para adoça-lo.

Nao conseguia lembrar se a italiana se chamava Sonia ou Sophia, ou, ao estilo "que elemento nao pertence ao grupo?", Marcella. O unico nome de que tinha certeza era o da inglesa elegante, Claire, que passara quinze minutos batendo papo, mas depois havia sumido.

E tambem nao lhe ocorreu que a pergunta poderia se referir a ela mesma, a nova americana.

Como que para frisar sua nao resposta, examinou criteriosamente os objetos na mesa, buscando alternativas para adocar o cafe. Havia um potinho de ceramica com alvos torroes de acucar. Havia um grande acucareiro de vidro com acucar mascavo - ou melhor, um acucar *meio* marrom; aquilo nao se parecia com o ingrediente usado para fazer brownies (que Kate tinha preparado exatamente duas vezes na vida, para eventos escolares de angariacao de fundos). Havia um jarrinho de aco com leite vaporizado e uma garrafa de vidro com leite comum.

Numa epoca remota Kate tinha sido muito boa em recordar nomes; usava truques mnemonicos religiosamente. Mas agora, fazia anos que nao praticava.

Que bom seria se todos usassem crachas.

Havia um recipiente plastico baixinho cheio de porta-copos de papelao que exibiam um brasao barroco, com um leao e bandeirolas e talvez cobras, um sol, uma lua crescente, listras, uma torre de castelo e umas letras goticas que ela nao conseguia decifrar, porque, de onde estava, o texto ficava de cabeça para baixo, uma escrita preta grossa, altamente estilizada. Por isso, Kate nem chegou a descobrir em que lingua estava o que nao conseguiu ler.

Havia um porta-guardanapos de aco, com aqueles guardanapinhos de tres dobras que conseguem ao mesmo tempo ser finos e resistentes, o que parece impossivel, mas nao e. Nos ultimos tempos, Kate se apanhara limpando o narizinho de Ben repetidas vezes com esses guardanapos, que estavam em toda parte; o menino andara resfriado. E ela nao tinha achado aquelas embalagens de bolso de lenços de papel que se comprem em praticamente qualquer tipo de comercio nos Estados Unidos: postos de gasolina, lojas de conveniencia, supermercados, docerias, jornaleiros, farmacias. Em Luxemburgo, aparentemente, as farmacias so vendiam remedios. Se voce pedisse lenços de papel - se *soubesse* pedir lenços de papel -, era provavel que a mulher de ar severo atras do balcao risse da sua cara. Ou coisa pior. Todas elas tinham um ar muito severo, as mulheres atras dos balcoes.

Havia um iPhone branco, um iPhone preto e um BlackBerry azul. Kate ainda nao tivera tempo de arranjar um celular local e, apesar de o servico de atendimento ao cliente (situado em Bombaim) de sua operadora (do Colorado) ter garantido que ela conseguiria habilitar seu telefone ali, nao havia codigo de discagem nem combinacao de digitos nem mudanca de configuracao de rede nem coisa alguma que ela tivesse tentado que fizesse seu aparelho (projetado na Franca, produzido em Taiwan e distribuido na Virginia) receber ou originar chamadas na Europa.

Tinha sido mais simples quando havia outras pessoas para lidar com os aspectos tecnicos de sua vida.

Mas o que parecia nao existir na mesa era adocante. Nunca havia nada alem de acucar em mesa alguma.

E "adocante" nao era algo que ela houvesse aprendido a dizer *en francais*. Ensaiou mentalmente uma frase em frances que seria a traducao de "Voce tem uma coisa para por no cafe que pareça

acucar, mas seja diferente?" Estava tentando lembrar se "acucar" era masculino ou feminino, porque isso determinaria sua pronuncia da palavra correspondente a "diferente". Ou sera que nao? Com o que esse adjetivo deveria concordar?

Sera que "diferente" era mesmo adjetivo?

So que dizer "Voce tem uma coisa para por no cafe que pareça acucar, mas seja diferente?" faria com que ela simplesmente parecesse retardada, temia Kate. Assim sendo, que importancia teria o fato de sua pronuncia estar perfeita ou nao? Nenhuma.

Havia um cinzeiro na mesa, e claro.

- Kate - chamou a italiana, olhando diretamente para ela. - Voce a viu, a nova americana?

Kate ficou pasma ao descobrir que era com ela que estavam falando.

- Nao.

- Acho que a nova americana nao tem filhos, ou, pelo menos, nenhum que frequente a nossa escola.

Ou entao nao e ela que leva e busca os filhos na escola - interpos a indiana.

- Certo - disse a outra americana a mesa.

Amber, talvez? Kelly? Algo do genero.

- Mas ela tem um marido que e um *tesao* - continuou a americana. - Pacote completo: moreno, alto, bonito. Nao e, Devi?

A indiana deu um risinho cobrindo a boca com a mao e enrubesceu: - Ah, eu nao sei nada sobre a beleza ou a falta de beleza dele, isto eu posso assegurar.

Kate ficou impressionada com a quantidade de palavras que essa mulher usava para transmitir suas ideias.

Nao pode deixar de se perguntar o que aquelas mulheres teriam dito sobre ela e Dexter, duas semanas antes, no primeiro dia de aulas. Correu os olhos pelo estranho cafe e bar montado no espacoso subsolo de teto rebaixado do centro esportivo. Acima delas, as crianas estavam tendo aulas de tenis com treinadores suecos que falavam ingles: Nils e Magnus. Um era muito alto, o outro, um pouco menos, mas ambos poderiam ser descritos sem erro como treinadores de tenis suecos, altos e louros. Ao que parecia, todos os professores de tenis do lugar eram suecos. A Suecia ficava a menos de mil quilometros de distancia.

Elas faziam isso todas as quartas-feiras. Ou fariam isso todas as quartas-feiras. Ou essa era a segunda quarta-feira em que o faziam, com planos de ser o que fariam nas quartas-feiras seguintes.

Talvez ja houvesse uma rotina, so que ela ainda nao a reconhecia.

- Kate, peço desculpas se eu ja tiver feito esta pergunta, por isso me perdoe se eu parecer grosseira, mas nao consigo lembrar se ja lhe perguntei: quanto tempo voces planejam morar em Luxemburgo?

Kate olhou para sua interlocutora indiana, depois para a outra americana, depois para a italiana: -

Quanto tempo? - perguntou a si mesma pela centesima vez. - Nao faco ideia.

- Quanto tempo voce vai morar em Luxemburgo? - perguntara Adam.

Kate estivera olhando fixamente para si mesma no espelho que cobria uma parede inteira da sala de interrogatorio sem janelas - oficialmente, aquela era a sala de conferencias, mas o nome nao enganava ninguem - no sexto andar. Prendeu uma mecha solta do cabelo castanho atras da orelha. Por uma questao pratica, sempre usara o cabelo curto - por necessidade, ate, na epoca em que viajava regularmente. Mesmo quando deixara de viajar para o exterior, continuara a ser uma mae estressada

X

que trabalhava fora, dai o cabelo curto fazer sentido. Mas, em geral, era dificil marcar hora para corta-lo, por isso era comum ele ficar pelo menos um pouquinho comprido e sempre havia mechas escapando. Como naquele momento.

Suas bochechas pareciam flacidas. Kate era alta e esguia - *rija*, dissera alguem certa vez, de um modo nao particularmente gentil, mas com exatidao inegavel -, e nao era uma dessas malucas que se acham ou fingem se achar gordas. A flacidez era so nas bochechas, uma quedinha extra que significava que ela nao vinha se alimentando bem nem se exercitando o bastante, mas que, provavelmente, nao equivalia a nada alem de meio quilo extra, talvez um quilo.

Alem disso, os circulos escuros ao redor de seus olhos cinza-esverdeados estavam mais visiveis nesse dia, sob aquelas fortes lampadas fluorescentes. Kate andava dormindo mal - pessimamente - e a noite anterior tinha sido particularmente desastrosa. Sua aparencia estava um lixo.

Ela deu um suspiro:

- Ja expliquei isso, ha duas horas.

- A mim, nao - retrucou Adam. - Entao, por favor, explique de novo.

Kate cruzou as pernas compridas, batendo os tornozelos um no outro. As pernas sempre tinham sido um de seus melhores atributos fisicos. Ela chegara a desejar seios mais fartos ou um corpo mais curvilineo. No fim, porem, tinha de admitir que, provavelmente, as pernas bem torneadas eram a escolha mais sensata entre as formas corporais que os homens julgavam atraentes. Era obvio que os seios grandes eram um pe no saco, ao passo que a bunda, nao sendo pequena, tendia a despencar e se tornar algo absolutamente horroroso em mulheres da sua idade, que se exercitavam com a mesma irregularidade que ela e nao se privavam de tomar sorvete.

Kate nunca tinha visto esse tal Adam, um tipo ex-militar que parecia pronto para um embate iminente. Mas isso nao era surpresa. Sua companhia empregava dezenas de milhares de pessoas por todo o mundo, milhares delas na area de Washington, espalhadas sabe-se la por quantos predios.

Devia haver muita gente que ela nunca vira.

- O contrato do meu marido e de um ano. Pelo que entendo, isso e bastante comum.

- E depois de um ano?

- Esperamos que seja renovado. Tambem e uma situacao comum entre pessoas que trabalham fora de seus paises.

- E se o contrato dele nao for renovado?

Por cima do ombro de Adam, ela olhou para o grande espelho falso, atras do qual sabia haver uma fileira de superiores a observa-la.

- Nao sei.
- Meninos.
- Mas foi o Jake. Ele...
- *Meninos.*
- Mamae, o Ben pegou o meu...
- *Meninos! Parem ja com isso! Agora!*

Fez-se silencio no carro, aquela calma da manha seguinte a passagem de um tornado que arrancou arvores antigas pela raiz, espalhando seus galhos pelo chao, e atirou telhas para longe. Kate respirou bem fundo, procurando acalmar-se, relaxando as maos que apertavam o volante. Nao conseguia aguentar essas briguinhas.

- Mamae, eu tenho um amigao novo - disse Ben, a voz clara e descontraida.

Nao se incomodava por ter sido tratado aos gritos quinze segundos antes. Nao guardava ressentimentos da mae.

- Que bom! Como e o nome dele?
- Nao sei.

E claro que nao: como Shakespeare, as crianas sabem que as rosas teriam o mesmo perfume, mesmo que as chamassemos por outro nome.

"Na rotatoria, pegue a. Segunda. Saida. E entre. Na via expressa."

O GPS falava com Kate num ingles de sotaque aristocratico. Dizendo-lhe o que fazer.

- Entre. Na via expressa - imitou Jake, no banco de tras. - *En tre. Na via ex pres sa* - repetiu, com uma inflexao diferente. - Entre. Na *via* expressa. Mamae, o que e *via expressa*?

Tempos atras, Kate estudava mapas, adorava mapas. Era capaz de dirigir em qualquer lugar, sem que sua bussola interna jamais hesitasse. Memorizava impecavelmente cada curva e direcao. Mas, com esse GPS com voz de Julie Andrews a conduzi-la por todo desvio ou descida de rua, ela nao precisava mais exercitar o cerebro, nem fazer nenhum esforco. Esse negocio parecia calculadora: ajudava a resolver as coisas mais rapido e mais facil, porem era debilitante.

Kate havia sugerido que eles poderiam viver sem GPS, mas Dexter tinha sido inflexivel. Seu senso de direcao nunca fora grande coisa.

- Via expressa e a estrada - disse Kate, com uma voz ultrapaciente, tentando apagar sua explosao, expiar a culpa.

A docura de seus garotinhos lhe derretia o coracao, que, comparado aos deles, parecia de uma frieza desumana. Os filhos a deixavam com vergonha de si mesma.

O sol baixo a ofuscou momentaneamente quando ela olhou para sudoeste, para o transito que vinha da rotatoria.

- Mamae, a via expressa e isso?
- Nao. Vamos entrar nela depois da rotatoria.
- Ah, *ta*. Mamae, o que e rotatoria?

- A rotatoria e um circulo no transito.

Kate detestava rotatorias. Pareciam um convite a colisoes laterais. E eram uma confusao. Alem disso, ela ficava sempre com a impressao de que iria balançar os filhos a ponto de arranca-los das cadeirinhas e que derrubaria todas as sacolas de mantimentos na mala. *Ploft*, lá se foram todas as verduras e legumes, os tomates-cereja rolando, as macas ficando machucadas.

Na America Latina, as vias publicas costumavam ser um horror, e os habitos ao volante, letais. Mas ela nunca dirigira lá tendo os filhos no banco traseiro.

- Mamae, o que e circulo no transito?

Eles estavam em toda parte, os tais circulos no transito, o novo conceito dominante. Junto com os trincos das janelas, que eram exatamente iguais, onde quer que ela fosse. E as descargas dos toaletes, todas embutidas na parede acima do vaso sanitario. E os interruptores largos, os corrimoes de ferro batido, os pisos de lajotas extremamente polidos... Todas as pecas de acabamento pareciam ter sido adquiridas de um unico fornecedor pelos construtores, como se houvesse um monopolio baixado por decreto.

- E isto aqui - respondeu ela, procurando não se exasperar com todas as perguntas do filho. - Isto e um circulo no transito, meu bem.

O que *fazer* com os filhos, o tempo todo? Em Washington, ela ficava encarregada dos meninos nos fins de semana; o jardim de infancia e a baba arcavam com o grosso das responsabilidades de cuidar

das crianças no dia a dia. Na epoca, Kate queria passar mais tempo com os filhos.

Mas agora? Agora era todo dia depois das aulas, toda tarde, toda noite, toda manha e o fim de semana inteiro. Como e que alguém conseguia diverti-los sem passar a vida jogado no chao, brincando de Lego? Sem os meninos se matarem, ou fazerem uma bagunça insuportavel, ou a deixarem maluca?

Agora que realizara seu desejo, ela comecava a ficar insegura de suas escolhas - o que tinha sido o seu pior medo, nessa historia toda.

- Mamae, a via expressa e isso aqui?

- E, meu amor. Esta e a via expressa.

O painel comecou a piscar. A intervalos regulares, o computador de bordo lhe passava mensagens em alemao, umas palavras tremendamente compridas, as vezes piscantes, que ela se esforcava por ignorar. Era so um carro alugado; ainda não tinham encarado a tarefa de comprar um carro.

- Mamae?

- Sim, querido?

- Quero fazer coco.

Kate deu uma espiada no GPS: mais 2 quilometros.

- Vamos chegar em casa daqui a uns minutos.

A via expressa acabou e ela se viu numa rua junto ao patio da ferrovia, lado a lado com trens expressos parados, e em seguida passou pela torre do relógio da estacao, no coracao do bairro da

Gare. Agora sabia para onde ir. Desligou o GPS, desfazendo-se da muleta. Era o unico jeito de aprender.

- O seu marido trabalhou la durante quatro anos, antes de ir para o banco? - perguntou Adam, que nao tinha levantado os olhos do bloco, a caneta suspensa entre seus dedos.

- Isso mesmo.

- Ele saiu um ano antes do lancamento das acoes na bolsa.

- Sim.

- Nao parece ter sido uma escolha muito... hum... inteligente da ocasiao.

- Dexter nunca foi um grande estrategista financeiro.

- Parece que nao. E entao, nesse banco, ele fazia exatamente o que?

- Trabalhava na seguranca dos sistemas. O trabalho dele era descobrir como as pessoas poderiam invadir o sistema e impedir que invadissem.

- Que sistema?

- As contas. Ele protegia as contas.

- O dinheiro.

- Correto.

Adam pareceu em duvida. Kate sabia que ele estava - todos estavam - desconfiado de Dexter e dessa mudanca para Luxemburgo. Mas ela, nao. Tinha feito seu dever de casa muito tempo atras: Dexter estava acima de qualquer suspeita. Fora por isso que se permitira casar com ele.

Mas e claro que eles nao teriam como saber. E claro que deveriam desconfiar. Talvez ate ela devesse. Mas prometera a si mesma, ja fazia muito tempo, que nao desconfiaria.

- Voce sabe muita coisa sobre esse tipo de trabalho? - perguntou Adam.

- Praticamente nada.

Adam a encarou, aguardando uma explicacao mais detalhada. Mas Kate nao sentia grande vontade de explicar nada, nao em voz alta. Nao queria nem justificar o assunto para si mesma. Na verdade nao queria entender o mundo de Dexter porque nao queria que ele entendesse o seu. Toma la da ca.

Adam nao estava disposto a aceitar o silencio como resposta:

- Por que?

- Enquanto nao conversassemos sobre o trabalho dele, nao teriamos que conversar sobre o meu.

- E agora?

Kate fitou o homem do outro lado da mesa, esse estranho a lhe fazer perguntas intimas, perguntas que nem ela fazia a si mesma, respostas que nao queria.

- Agora o que?

- Agora que vai nos deixar, voce pretende falar com ele sobre seu trabalho?

Hoje, 10h54

Kate da um passo a frente e leva os bracos a mulher. As duas se abraçam, mas e um gesto contido,

cauteloso. Talvez porque não queiram amassar as echarpes uma da outra ou o cabelo perfeitamente penteado. Talvez por outro motivo.

- É ótimo ver você - diz a mulher, em tom baixo e amável, falando junto ao cabelo de Kate. - Muito bom!

- Você também - responde Kate, em tom igualmente baixo, mas menos amável. - Você também.

Ao se separarem, a mulher deixa uma das mãos no braço de Kate. Seu gesto provoca uma sensação autêntica de afeto. Mas pode ser que ela esteja apenas impedindo Kate de sair, segurando-a com um aperto suave mas inflexível.

Além de imaginar haver pessoas observando, Kate também duvida de tudo. Absolutamente tudo.

- Você está morando aqui? Em Paris?

- Na maior parte do ano - diz Kate.

- Neste bairro?

Por acaso, Kate está olhando na direção de seu apartamento, a poucos quarteirões dali.

- Não fica longe - responde.

- E no resto do ano?

- Passamos o último verão na Itália. Numa vila alugada.

- Itália? Que maravilha! Em que parte?

- No sul.

- Na costa Amalfitana?

- Por ali - responde Kate, sem entrar em detalhes. - E você, onde está morando?

- Ah...

Um pequeno dar de ombros.

- Ainda não estou inteiramente instalada. Um pouco em cada canto - diz a mulher.

Ela sorri. Um risinho malicioso, na verdade.

- E então - recomeça Kate, indicando com o braço a ruazinha, que não é exatamente a Champs-Élysées nem o bulevar Saint-Germain -, o que a traz a este canto de Paris?

- Compras.

A mulher levanta uma sacolinha e Kate nota que ela está usando um anel de noivado: um diamante modesto, porém não mais a aliança de ouro que costumava usar. O desaparecimento da aliança faz sentido. Mas o surgimento do anel de brilhante é um mistério.

Se havia uma coisa de que essa mulher realmente gostava era fazer compras, no estilo das que se fazem na Rue Jacob: antiguidades, tecidos, móveis. Livros sobre antiguidades, tecidos e móveis para por em mesinhas de centro. Mas Kate sempre achara que aquilo era só encenação.

Impossível saber o que era verdadeiro naquela mulher, se e que havia algo.

- É claro - concorda Kate.

As duas se encaram, os sorrisos congelados.

- Escute, eu adoraria por o papo todo em dia. Dexter esta na cidade?

Kate faz que sim.

- Poderíamos tomar um drinque logo mais? Ou jantar?

- Seria otimo. Tenho que ver se Dexter pode. - Enquanto fala, Kate preve que a mulher vai sugerir que telefone para ele e pergunte, por isso se antecipa: - Nao posso ligar para ele agora.

Procura o telefone na bolsa, ganhando tempo, enquanto pensa numa justificativa razoavel.

- Ele esta na academia.

E o que lhe ocorre. E razoavel e pode ate ser verdade. Dexter ou vai a academia ou joga tenis todos os dias. Seu trabalho em horario integral, gerenciando investimentos, e, quando muito, um emprego de meio expediente.

- Mas me de o seu numero - pede Kate.

- Sabe de uma coisa? Por que voce nao me da o seu? - replica a mulher, inclinando a cabeça.

Ela remexe na bolsa e retira uma agenda de couro e uma caneta combinando. Pequenos artigos preciosos, comprados na mesma boutique do casaco. Essa mulher apareceu em Paris e gastou uma fortuna a dois quarteiroes da casa de Kate. Seria possivel que fosse coincidencia?

- Nao consigo achar meu carregador - explica a mulher - e nao gostaria que um celular morto impedisse nosso reencontro.

Pura conversa mole. Kate quase da uma risada. Mas e uma reviravolta justa. E dificil sentir raiva de alguem por mentir, quando nos mesmos estamos mentindo exatamente pelas mesmas razoes. Ela se apressa em dar o numero e a mulher o anota, obediente.

Embora Kate saiba muito bem que nao precisa anotar numero algum para recorda-lo.

Kate se deslumbra com as multiplas camadas de fingimento que vao passando entre elas.

- Eu telefono as cinco, esta bem?

- Maravilha.

Trocam outro abraco, outro par de sorrisos falsos.

A mulher comeca a se afastar. Kate se apanha observando o bumbum da outra, que esta maior. Essa mulher era macerrima, nao fazia muito tempo.

Kate se vira e parte na direcao oposta, afastando-se de casa, sem outro motivo senao aumentar a distancia entre ela e a mulher.

Faz forca para nao olhar para tras, para nao segui-la. Sabe que nao convem. Sabe que nao conseguiria.

- Ah, Kate?

A outra vem voltando na direcao dela, sem a menor pressa.

- Sim?

- Voce pode dar um recado meu ao Dexter?

Continua andando devagar, aproximando-se.

- E claro.
- Diga a ele - pede, agora a um passo de distancia - que o coronel morreu.

Kate ergueu os olhos dos livros de colorir que colocara na mesa diante dos filhos. Mais um jantar em família em outro restaurante de preço mediano, a mesma solução das três últimas semanas para os desafios de se instalarem numa vida nova, numa casa nova, num novo continente.

- Pois é, você já anda trabalhando muito.

Dexter arqueou as sobrancelhas, pego de surpresa pela crítica - pela reclamação - no comentário da mulher:

- Havia uma porção de coisas que eu precisava resolver de imediato - justificou.

- Então agora vai ficar tudo mais calmo - rebateu Kate.

Ela desconfiava que sua observação não correspondesse à realidade. Mas queria obrigar o marido a refutá-la. Embora a relação deles estivesse boa desde a mudança, Dexter não estivera tão presente quanto ela havia esperado.

- Na verdade, não.

- Pensei que você trabalharia menos nesse emprego. Que teria tempo para ajudar na nossa instalação.

Eles haviam escolhido um apartamento amplo no centro antigo da cidade após três horas circulando com um corretor. Os móveis de aluguel tinham chegado dias depois da assinatura do contrato e a família se mudara do hotel. Kate começara a desfazer as malas horrendas e gigantescas e a desembalar os jogos de panelas, toalhas e lençóis alugados. O container despachado de navio com os pertences deles ainda levaria pelo menos um mês para chegar.

Kate havia esperado que Dexter a ajudasse a desfazer as malas, mas não fora assim.

- Você prometeu que eu não teria que fazer tudo sozinha, Dexter.

Ele lançou um olhar expressivo na direção dos filhos:

- Eu *quero* fazer isso com você, mas preciso trabalhar.

- Por que neste momento? Por que de imediato?

- Porque tive que montar um escritório seguro de imediato. Precisei instalar sistemas de segurança.

Precisei comprar aparelhos, contratar eletricitas e carpinteiros e supervisionar o trabalho deles.

Precisei mandar fazer isso tudo imediatamente, porque também tinha que começar a trabalhar numa coisa importante que está acontecendo.

- O que, exatamente? O que está acontecendo?

- É difícil explicar.

- Você poderia tentar?

Ele deu um suspiro.

- Sim, posso tentar. Mas não hoje, por favor. Está bem?

Kate o encarou, sem responder de pronto, embora ambos soubessem o que ela ia dizer e soubessem que essa pausa silenciosa nada mais era que um protesto. Quanto mais longa a pausa, mais veemente o protesto.

- Esta bem - concordou ela, apos uns dois segundos.

Nao tinha demorado demais, nao era um protesto tao estridente assim.

- Mas quero que voce me diga pelo menos quem e seu cliente.

Dexter tornou a suspirar.

- Katherine, eu...

✕

- Eu ja lhe disse: por favor, me chame de Kate.

Ele amarrou a cara.

- *Kate*. Eu ja expliquei isso. Todo mundo nesta cidade trabalha em bancos. Nao seria bom, alias, seria *ruim*, se os concorrentes de meu cliente soubessem que ele buscou um perito em seguranca nos Estados Unidos para analisar seus metodos.

- Por que?

- E um sinal de fraqueza, de inseguranca. E uma informacao que a concorrencia poderia usar contra nos, para seduzir nossos clientes, alegando que nao temos seguranca o bastante. Seria ruim ate se as pessoas *que trabalham* no banco soubessem.

- Esta certo, eu entendo. Mas por que voce nao pode contar *para mim*?

- Porque nao haveria nenhum beneficio nisso, Kat. *Kate*. Os nomes desses bancos nao significam nada para voce agora, so que, mais cedo ou mais tarde, voce vai descobrir que o marido da sua melhor amiga, por exemplo, trabalha para meu cliente. E pode ser que ela a pressione, quem sabe depois de uns drinques, "Vamos, Kat, para *mim* voce pode contar". E ai voce ficaria numa situacao incomoda. Para que?

Dexter balançou a cabeça.

- Nao faz sentido - completou ele.

- Nao faz sentido? Ser franco com a sua esposa?

- Nao, querida. Nao faz sentido eu lhe dar uma informacao se isso so significar que voce vai ter de guardar segredo. De todo mundo. E uma tremenda desvantagem. Sem nenhum beneficio.

Segredos. O que Dexter sabia sobre guardar segredos?

- E o que eu digo as pessoas?

- Diga a verdade: que os termos do contrato me proibem de revelar o nome do cliente.

- A sua *esposa*?

- Ninguem vai se importar. A base da economia deste pais e o sigilo.

- Mesmo assim, parece extremamente, sei la, anticonjugal.

Kate ficava impressionada com sua incapacidade de resistir a acusar Dexter de suas proprias

transgressões.

- Vai dar tudo certo - disse ele. - Confie em mim.

Guiando o Volvo alugado, Dexter contornou a embaixada sob a garoa suave, seguindo ao redor do prédio num círculo amplo e sacolejante - não exatamente um círculo, mas um polígono de cinco lados desiguais, um pentágono torto - a procura de uma vaga. Acabaram achando um espaço apertado sob um enorme castanheiro, embaixo do qual o chão estava coberto de folhas e cascas ocas de castanha.

Havia meia dúzia de pessoas zanzando em volta da guarita de segurança, esperando que os guardas as chamassem, despachassem seus pertences por um aparelho de raios X e as escoltassem pelo jardim até uma salinha de espera no edifício consular, onde aguardariam por cinco, dez, quinze minutos.

Kate já tinha visitado essa embaixada uma vez, anos antes, e não tivera que esperar.

Ela e Dexter foram chamados. Entraram numa sala minúscula. Um guichê com vidro à prova de bala ocupava toda uma parede. Um homem de uniforme atendia do outro lado.

- Bom dia - cumprimentou ele. - Passaportes, por favor.

X

Os dois empurraram os passaportes por uma abertura. O homem examinou os documentos, depois conferiu dados no computador. Por um minuto, talvez dois, houve um silêncio quase completo. Kate pode ouvir o tique-taque de um relógio do outro lado do vidro. O homem clicou o botão do mouse, moveu o cursor, bateu no teclado. Mais de uma vez, olhou de relance para Kate e Dexter pelo vidro grosso.

Kate não tinha razão para estar nervosa, mas estava.

- Bem, em que posso servi-los, Sr. e Sra. Moore?

- Nós nos mudamos para cá - disse Dexter. - Chegamos há algumas semanas.

- Sei.

O funcionário sustentou o olhar de Dexter.

- Algum problema? - perguntou Dexter, olhando pelo vidro e tentando sorrir, mas conseguindo apenas uma expressão que sugeria que ele talvez precisasse ir ao banheiro.

- Um dos senhores tem emprego aqui, Sr. Moore?

- Eu.

Kate sentiu o coração disparar. Quando você está longe de casa e alguém de uniforme está com seu passaporte atrás de um vidro blindado, é muito fácil perder a calma.

O funcionário virou-se ligeiramente para Kate e a encarou. Ela ainda não deixara para trás aquela fase de sua vida em que, em geral, ficava preocupada com os próprios segredos, em que nunca lhe ocorreria que alguém pudesse desconfiar do marido, e não dela.

O homem tornou a se virar para Dexter:

- O senhor tem licença para trabalhar aqui?

- Sim - respondeu Dexter. - Tenho, sim.

- Não temos nenhum registro de sua licença de trabalho. O governo de Luxemburgo nos envia cópias das licenças recém-emitidas para cidadãos norte-americanos.

Dexter cruzou os braços, mas não disse nada.

- Quando foi expedida? - quis saber o funcionário.

- Perdão?

- Sua licença de trabalho, Sr. Moore. Quando foi expedida?

- Hum, não tenho certeza... Foi... recentemente.

Os homens se olharam fixamente pelo vidro grosso.

- Deve ter havido alguma confusão - alegou Dexter.

- Deve.

- Vocês precisam de uma cópia da minha licença?

- Precisamos.

Kate sentiu a tensão que emanava do marido, como um campo elétrico.

- Nesse caso, volto outro dia - disse ele - e trago a cópia. Precisamos voltar nos dois?

- Não, Sr. Moore. Só o senhor.

- Um último assunto, Katherine.

Ela estivera encarando o tampo da mesa, repassando as informações privadas que tinha em sua mente. Haveria mais interrogatórios no dia seguinte e no outro e sabe-se lá por quanto tempo ainda, enquanto vasculhavam seus arquivos, seus projetos e sua equipe, voltando repetidas vezes aos mesmos detalhes, para ter certeza de que ela não estava mentindo.

✕

✕

- Há mais alguma coisa que você queira acrescentar agora sobre sua decisão de cinco anos atrás de deixar o trabalho de campo?

Ela levantou a cabeça para fitar Adam, que tinha um olhar desafiador. Controlou a sensação de pânico, bloqueou a visão que não tinha conseguido reprimir na noite anterior: ela sendo escoltada até o estacionamento, posta num furgão sem janelas, supostamente a caminho de outro escritório, mas, na verdade, destinada a um campo de aviação, colocada num jatinho particular com dois sujeitos truculentos num voo de nove horas e levada a um presídio no norte da África, onde seria espancada diariamente ao longo do mês seguinte, até morrer de hemorragia interna, sem nunca mais voltar a ver a família.

- Não - respondeu. - Acho que não.

Adam deixou as duas mãos descerem da mesa para as coxas, no tipo exato de pose que adotaria se estivesse prestes a entrar em ação.

Kate sacudiu o guarda-chuva e o deixou no capacho para secar. Uma luz piscava no telefone, indicando haver recados. Primeiro precisava achar algum programa apropriado em francês na televisão e acomodar as crianças diante dela, depois descarregar as sacolas de mantimentos e

começar a fazer o jantar na cozinha cheia de aparelhos alemaes - as muitas opcoes na programação do forno incluíam coisas como *Ober-Unterhitze*, *Intensivbacken* e *Schnellaufheizen*. Ela adorava o som de *Intensivbacken*, por isso usava esse ajuste para tudo.

E então, deixou cair uma garrafa de nectar de pessego. Ela se espatifou no piso de pedra, atirando não só pedacos, cacos e lascas de vidro por toda parte, mas também borrifos, gotas, pocas de um suco grosso e pegajoso. Foram necessários quinze minutos para limpar tudo, ela de quatro no chão, munida de toalhas de papel, esponjas e um aspirador barato que viera com os utensílios alugados.

Nem se exagerasse muito conseguiria expressar quanto odiava o que estava fazendo.

Passou-se meia hora antes que conseguisse apertar o botão dos recados.

"Oi, sou eu", disse a voz de Dexter. "Desculpe, mas hoje não vou conseguir chegar para o jantar."

De novo. Era um fenômeno recente e cansativo.

"Tenho um compromisso às seis, depois outro às oito. Vou chegar lá pelas nove e meia. Assim espero. De um beijo nos meninos por mim."

Apagar.

"Alo, Kate, aqui é a Karen, do Clube de Mulheres Americanas de Luxemburgo."

Clube de que?

"Só queria dar um oi e lhe informar que acabou de chegar outro casal americano à cidade."

E quem se importava?

"Achei que seria uma boa ideia vocês se conhecerem."

- Tem certeza? - perguntara Adam.

Kate se esforçava para manter a respiração regular.

Talvez sua insistência tivesse a ver com o que acontecera em Barbados, que não fora algo inteiramente autorizado. Ou talvez com o arquivo desaparecido sobre os bandidos salvadorenses, mas ela não tivera nada a ver com isso. Ou podia significar que Joe não confiava nela, pura e simplesmente.

Porém o mais provável era que fosse sobre Torres. Nos cinco anos anteriores, Kate estivera convencida de que Torres voltaria para assombra-la. Para se vingar dela.

Ou talvez fosse apenas o protocolo.

- Sim. Tenho certeza.

Adam a encarou. Ela reuniu coragem para retribuir o olhar. Com medo, do outro lado da mesa de conferência. Cinco segundos, dez. Meio minuto de silêncio.

Ele poderia esperar para sempre. Era seu trabalho.

Mas ela também podia.

Não era Torres em si que assustava Kate. Era a mulher inesperada. Aquela mulher inocente.

- Então, está bem - disse Adam, enfim.

Deu uma espiada no relógio, rabiscou uma anotação no bloco.

- Identificacao na mesa.

Kate tirou do pescoco o cordao com o cracha, hesitou, colocou-o na mesa.

Adam arrancou a pagina do bloco. Levantou-se e contornou a mesa ate onde estava Kate, depois lhe estendeu a mao para entregar o papel:

- Voce deve estar nesse lugar amanha de manha, as nove horas.

Ela fitou o papel, ainda sem compreender que essa fase estava encerrada. As coisas sempre terminam mais subitamente do que o esperado.

O confronto nao ia acontecer. Nao nesse dia, nao ali. E, se nao fosse nesse dia nem ali, seria quando? Onde?

- Procure por Evan - instruiu ele.

Kate levantou a cabeca para Adam, tentando conter o espanto pelo fato de que o assunto Torres nao viria a baila.

- Quanto tempo isso vai levar? - perguntou, para ter alguma coisa a dizer, para nao pensar em quanto estava aliviada.

Ainda estava em tempo de estragar tudo. Sempre estaria.

- Pelo menos dois dias. Nao sei quantos mais. Programe-se para duas semanas, que e o periodo em que continuara a receber salario. Nao vai demorar tudo isso, mas e uma boa diretriz para organizar sua agenda. E o prazo normal, e claro.

- E claro.

- Entao, e isso.

Adam sorriu e tornou a estender a mao, dessa vez para um aperto.

- Voce nao e mais funcionaria da CIA. Boa sorte, Katherine.

- Meu nome e Julia - disse a mulher. - E um prazer conhece-la.

- E eu sou Katherine. Kate.

Sentou-se na cadeira de palhinha do cafe e olhou para o outro lado da mesa, para a recém-chegada que fora empurrada para cima dela pelo Clube de Mulheres Americanas de Luxemburgo - ao qual, para piorar, se associara. Aparentemente, era o que convinha fazer, quando se era uma mulher americana morando em Luxemburgo.

- E como esta a adaptacao de voces a cidade? - perguntou Kate.

Sentiu-se uma impostora por repetir o que outras mulheres viviam perguntando a ela. A pergunta implicava que a pessoa que a fazia ja estava completamente adaptada e que talvez pudesse oferecer orientacao ou ajuda. Kate nao estava adaptada nem podia oferecer nada.

- Esta indo bem, eu acho - respondeu Julia. - Mas nao sei fazer *nada* aqui.

Kate fez um gesto afirmativo.

- Voce consegue dar um jeito para que as coisas indispensaveis sejam feitas? - indagou Julia.

- Nao - respondeu Kate, balancando a cabeça. - Mas a coisa em que eu sou perita, a que *realmente* sei fazer, e montar essas porcarias de moveis modulados. Aqui nao existem closets.

- Nenhum! - confirmou Julia. - Voce tem razao. Esses predios antigos foram construidos antes dos closets.

- Passei o ultimo mes montando comodas e armarios. E abajures tambem. Por que a eletricidade e diferente da dos Estados Unidos? Isso faz *algum* sentido?

- Nenhum. Seu marido nao faz essas coisas, montar moveis?

- Nunca. O que o meu marido faz e trabalhar. O tempo todo.

- O meu tambem.

Ambas fitaram suas tacas de vinho. O garcom veio e anotou os pedidos.

- E entao - recomecou Julia -, ha quanto tempo voce esta aqui?

- Quatro semanas.

- Nao e muito.

- Nao, nao e.

Esse era um dos muitos aspectos da vida de um desterrado para o qual Kate sentia nao ter preparo: manter conversinhas inuteis com estranhos. A coisa era meio infernal. Ela teve vontade de pedir licenca, levantar e sair. Sumir.

- Soube que voce e de Washington - disse Julia. - Deve ser incrivel!

E, sim. Mas este lugar aqui, que tédio!

Mas Kate nao disse isso. Estava decidida a tentar. Precisava de amigos e de vida social, e era assim que se obtinham ambos: conversando com estranhos. Todos eram estranhos, todos em pe de

igualdade no quesito desconhecidos. Questões que fariam diferença em suas cidades de origem - família, escola, experiências - não tinham importância ali. Todos partiam da mesma estaca zero, que era esta: sentar-se com uma estranha e bater papo.

- Na verdade, não sou *de* Washington. Morei lá por quinze anos. Nasci em Bridgeport, em Connecticut. E você? De onde é?

O garçom pos as saladas na mesa.

- De Chicago. Já estive lá?

- Não - admitiu Kate, um pouco sem jeito.

Isso era algo de que Dexter um dia tinha cacoado e ela entrara no jogo. Acabara virando uma das piadas secretas do casal: que Kate tinha tanto horror a Chicago que jamais poria os pés na cidade.

Chegava até a se recusar a fazer amizade com qualquer pessoa de lá.

- Que pena - comentou Julia, levantando os olhos da tarefa de dividir ao meio sua torrada com queijo de cabra, ou, na verdade, de separar toda a sua *salade composee* em duas porções. - É uma cidade agradável.

A verdade era que Kate não detestava Chicago, de forma alguma. Simplesmente nunca tivera oportunidade de ir lá.

- Talvez você faça uma visita quando retornar para casa - continuou Julia. - Quando vocês planejam voltar?

- Isso está em aberto.

- Para nós também.

- O que seu marido faz? - perguntou Kate.

- Alguma coisa que não entendo com finanças - respondeu Julia, mantendo os olhos fixos na outra.

- E o seu?

- Idem.

- Eles todos fazem alguma coisa que não entendemos com finanças, não é?

- É o que parece.

Era para isso que Luxemburgo servia: ganhar dinheiro, evitar impostos.

- Tenho uma vaga ideia do que o meu faz - admitiu Julia. - Operações cambiais. Mas que diabo isso significa eu não saberia dizer. E o seu?

- Ele é perito em sistemas de segurança, especializado em programas de transações de instituições financeiras.

Esse era o texto que ela havia internalizado.

- Uau! Isso é muito, hum, específico. Significa que ele *faz* exatamente o que?

Kate balançou a cabeça:

- Sinceramente, não tenho ideia.

O que ela sabia era aquela pincelada geral de que o trabalho de Dexter era impedir - ou tornar tao impossivel quanto dava - que algum hacker roubasse dinheiro em transferencias eletronicas. De algum modo, essa se tornara sua especialidade ao longo da ultima decada, tempo em que ele saira de um provedor de internet para um banco, depois fora para outro banco, ate que, cerca de um ano antes, tinha se lancado como consultor independente. E depois, Luxemburgo.

- Onde ele trabalha?

- Ele tem escritorio no Boulevard Royal, mas e autonomo.

- Quem sao os clientes dele?

Kate enrubesceu:

- Nao faco ideia.

Julia deu um risinho. Kate retribuiu a risada, que se tornou uma gargalhada hilaria para as duas, ate que, de repente, Julia fez uma careta:

- Ai, meu Deus - disse, agitando as maos como se tentasse voar. - Acabo de rir ate sair vinho pelo nariz. *Eeeeca!*

Quando as risadas diminuíram, Julia retomou o assunto:

- E voce? Esta trabalhando aqui?

- Num emprego remunerado, nao. Cuido das criancas e da casa.

Era outra frase que Kate havia enunciado dezenas de vezes. Ainda nao lhe caia bem; ela desviava os olhos ao proferi-la.

- E voce?

- Sou designer de interiores. *Era* designer de interiores. Acho que nao vou trabalhar muito com isso por aqui. Nao mesmo.

Kate nunca se havia imaginado marcando almocos com desconhecidas cuja antiga carreira fosse de decoradora.

- Por que?

- E preciso conhecer muitas pessoas da sociedade, que serao seus clientes. Alem disso, voce precisa conhecer *todo* o pessoal do comercio, as pessoas que executam o que voce projeta, alem de todas as lojas, todos os recursos. Aqui eu nao conheco ninguem nem coisa alguma. *Nao tenho como* trabalhar em Luxemburgo.

Kate examinou atentamente essa nova americana. Cabelo louro na altura dos ombros - tintura, quase com certeza, mas muito bem-feita -, cacheado, repicado, hidratado e modelado com secador: a mulher se esforcava para valer. Olhos azuis, um toque de rimel e sombra, mas sutil, nao em demasia.

Bonita, mas nao linda; atraente, de um jeito nao intimidante. Ligeiramente mais alta que Kate, talvez 1,75 metro, e macerrima, reta em todos os lugares: o tipo de corpo de quem nao teve filhos. Tinha 35

anos. Pelo menos.

- Ha quanto tempo voce e casada, Julia?

- Quatro anos.

Kate meneou a cabeça.

- Sei no que voce esta pensando - continuou Julia. - Casada ha quatro anos, no meio da casa dos 30... onde estao as criancas? Entao, para tirar isso do caminho, vou logo dizendo: nao posso ter filhos.

- Ah.

As americanas, Kate se dera conta, eram terrivelmente diretas a respeito de sua saude reprodutiva.

- Sinto muito.

- Eu tambem. Mas e a vida, nao e? Atirando limoes na gente.

- Imagino que sim.

- Enfim, a nossa limonada e que estamos planejando adotar. E, ja que o relógio biologico nao e problema, resolvemos esperar ate passarmos dos 40. Para podermos dedicar esta decada da nossa vida a nos divertirmos, enquanto o Bill ganha dinheiro. E *depois* nos acomodarmos, termos filhos.

Kate se assustou com a tagarelice excessiva da outra. As pessoas extrovertidas demais a deixavam desconfiada. Ela nao conseguia deixar de supor que aquela barulheira servia para esconder mentiras silenciosas. E, quanto mais distinta uma pessoa parecia a primeira vista, mais Kate se convencia de que aquilo era uma capa.

Essa Julia estava fazendo todos os seus alarmes internos dispararem. Mesmo assim, Kate teve de admitir que havia algo de simpatico nela.

- Parece um otimo projeto.

- Nao e?

Julia bebeu outro gole de vinho.

- E voce, o que fazia nos Estados Unidos?

- Pesquisas para o governo. Documentos oficiais sobre comercio internacional, desenvolvimento, esse tipo de coisa.

- Devia ser interessante.

✕

- As vezes - disse Kate. - Outras vezes era *um saco*.

As duas tornaram a rir, tornaram a bebericar, perceberam que suas tacas estavam quase vazias.

- *Monsieur* - Julia chamou um garcom que passava. - *Encore du vin, s'il vous plait*.

Seu sotaque em frances era pavoroso. Talvez aquilo nem pudesse ser considerado frances.

O garcom fez uma expressao de quem estava confuso. Tentava decifrar a frase de Julia em meio as vogais desfiguradas. Por fim, ele entendeu:

- *Oui, madame*.

O homem voltou trazendo a garrafa de vinho.

- E voce? Quer mais? - perguntou Julia.

- Nao devo. Nossos pratos principais ainda nem chegaram.

Julia havia comido exatamente metade da salada e pousado o garfo. Kate se impressionou com a disciplina daquilo.

- Não seja boba - disse a Kate. Depois, para o garcom: - *Pour elle aussi*.

Quando o homem se afastou, tendo completado a taça de Kate, ela comentou: - Seu francês é excelente.

- Obrigada por mentir, mas não, não é. Tenho um sotaque horrível. A maldição de quem vem do Meio-Oeste.

Ela não soava muito como quem viesse de lá. Mas, por outro lado, o país inteiro estava nivelando seus sotaques. Em vinte anos, todo mundo, em todos os lugares, falaria igual.

- Mas caprichei no estudo do vocabulário - prosseguiu Julia. - *A ta sante* - brindou, e as duas fizeram as taças tilintar. - *E aux nouvelles amies*.

Kate fitou essa mulher cujos olhos cintilavam com o vinho, a pele corada.

- A novas amigas - concordou.

Estreitou os olhos sob o sol baixo e luminoso ao avistar o marido, que vinha arrastando os pés pela trilha de cascalho.

- O que está fazendo aqui? - perguntou Kate.

A família não o vira muito na semana anterior. E o pouco que tinha visto mostrara um homem distraído, distante. Kate ficou feliz por encontrá-lo. Praticamente se emocionou, ainda que se tratasse de um acontecimento bem pouco emocionante.

- O trabalho estava meio devagar - disse Dexter, curvando-se para beijá-la de leve na boca.

Fazia muito tempo que Kate considerava inútil esse selinho mecânico, mas nunca havia encontrado animo para dizer a Dexter que parasse com aquilo. Sabia que teria dificuldade de explicar sua antipatia pelo gesto e temia parecer pouco amorosa, apesar de, na verdade, sua opinião ser exatamente o oposto: o beijo dado de forma tão automática e que era desprovido de amor. Por isso, não dizia nada e apenas retribuía.

- Pensei em ver o que você e os meninos fazem depois da aula - acrescentou.

Correu os olhos pelo parquinho, cujas maiores atrações eram um grande navio pirata e um escorregador alto e fechado, semelhante a um tobogã aquático, só que sem água. Jake estava em algum lugar no interior daquela estrutura. Ben contornava sorrateiro a lateral do navio pirata, quase completamente à vista, sem conseguir controlar os risinhos.

Meia hora antes, os meninos haviam atingido o auge de suas brigas, que já duravam alguns dias, com Jake dando um soco em Ben e Ben puxando o cabelo de Jake e os dois gritando e chorando.

Precisavam de uma pausa, ali, ao ar livre. Kate havia colocado cada um junto a uma árvore, ambos sentados de pernas cruzadas sobre as folhas caídas, encostados nos troncos e longe dos olhos do outro. Eles pareceram apavorados ali, no bosque, e Kate se sentiu péssima, porém foi uma pausa proveitosa. Os meninos voltaram sinceramente arrependidos.

- E mais ou menos isso - observou Kate.

Estava sentada diante de uma mesa metálica de cafeteria, com uma xícara de café e uma garrafa d'água pronta para quando os meninos chegassem anunciando "Estou com sede", como seria

inevitável. Sua gramática de francês estava aberta numa página humilhantemente no início.

Dexter observou os filhos se moverem furtivamente e em silêncio.

- O que eles estão fazendo? - perguntou.

- Brincando de espião - murmurou, tentando não vacilar.

Não queria ter que explicar a brincadeira que havia inventado.

- O que?

- Espião - repetiu ela, mais alto. - Estou brincando de espião. É uma brincadeira que eu inventei.

Curiosamente, Dexter pareceu ficar tenso. Depois, forçou um sorriso e perguntou: - Como é que funciona?

- Esta vendo os guardanapos nos bolsos traseiros deles? - falou, apontando.

Havia encontrado outro uso para os guardanapos de três dobras. Podia escrever um livro, *101 utilidades dos guardanapos finos*.

- Ganha um ponto quem pegar o guardanapo do bolso do outro, mas isso tem que ser feito chegando na surdina por trás do adversário. É preciso ser paciente, cuidadoso e decidido.

O sol estava baixo no céu, como que num ângulo típico de inverno, embora ainda fosse setembro.

Dia relativamente quente, com as crianças brincando sem agasalhos, só de camisa. Mas aquele sol baixo era prenúncio de que algo aconteceria. Quando ele se pusesse, Kate sabia, o clima ia mudar para pior. Sempre mudava.

Dexter deu uma olhada em volta, sorrindo:

- Bem, isto não parece nada mau.

- E, nada mau.

Antes de buscar os filhos na escola, ela passara o dia sozinha, cuidando de várias tarefas domésticas: lavar a roupa e pendurá-la no varal, comprar mantimentos, limpar o banheiro. Por causa do alto teor de minerais na água, as louças dos banheiros e da cozinha ficavam cheias de marcas, o que dava a impressão de pertencerem a uma estação abandonada na Antártida. Kate precisava de uma solução descalcificadora ou de um alvejante, talvez dos dois. Por isso, tinha ido ao *hypermarché*. Só então se deu conta de que todos os rótulos estavam em francês ou alemão e que aquele era um vocabulário que ela não tinha aprendido em suas aulas de idiomas em regime de imersão antes da mudança, nem nunca aprenderia nas duas aulas semanais do curso Berlitz.

Voltara para casa a fim de buscar o dicionário de bolso e, ao retornar ao mercado, pegara um engarrafamento causado por dezenas de tratores: uma manifestação de criadores de gado leiteiro.

Furiosos com as vacas, as vacas loucas. Ou loucos com os impostos, o que era mais provável. Todo mundo, em todos os lugares, tinha raiva deles. Os impostos precisavam de bons publicitários.

Levara duas horas para comprar um produto de limpeza que custava 4 euros.

Não podia explicar tudo isso; não podia reclamar. Não estava em condições de reclamar dessa vida, ainda não. Provavelmente, nunca estaria. Era o que desejara, tinha dito ao marido que estava certa de que gostaria disso. Agora não podia ficar choramingando.

Kate tinha sido uma escolha óbvia: havia optado por uma faculdade no Distrito de Columbia, o que revelava um interesse pelo serviço público. Estudava não só ciência política, mas também espanhol, numa época em que as ameaças externas mais significativas vinham da América Latina e as informações mais cruciais, do sul da fronteira. Seus pais já haviam falecido e ela não tinha relações estreitas com outros membros da família - com ninguém, aliás. Sabia até manejar armas: seu pai fora caçador e ela havia disparado sua primeira espingarda Remington aos 11 anos.

Enquadrava-se perfeitamente no perfil. Sua única desvantagem era não ser muito patriota. Sentira-se traída pelo desamparo em que o país havia deixado seus pais, praticamente abandonados à morte por serem pobres. O capitalismo era inclemente. O sistema de seguridade social norte-americano era de uma insuficiência lamentável, com consequências bárbaras, desumanas.

Mas tinha sido fácil guardar suas opiniões para si mesma, como sempre fizera com tudo. Nunca escrevera uma carta furiosa para o senador que havia ajudado a eleger, nem tampouco um trabalho acadêmico que criticasse o país. Nunca carregara um cartaz de protesto para se solidarizar com um sindicato em greve, nunca participara de uma passeata. Era o início dos anos 1990. Não havia muito ativismo político em que valesse a pena se engajar, contrariando seu bom senso - ou sua cabeça fria, pelo menos.

Na primavera do penúltimo ano de faculdade, Kate foi convidada para uma conversa com um professor de relações internacionais, um homem que fora acadêmico a vida inteira e que, tempos depois, ela descobriria ser também responsável por identificar universitários que pudessem vir a ser bons agentes. Uma semana depois, os dois tomaram um café na lanchonete do campus e o professor a convidou para uma reunião em seu gabinete. Havia um órgão de governo com vagas para estagiários, dissera. Preferiam alunos já formados, mas às vezes abriam exceções para estudantes da graduação que tinham boas notas.

Aos olhos desses recrutadores, Kate parecia ser a candidata ideal, porque de fato era. E, em contrapartida, a CIA era perfeita para ela. Nunca houvera nada em sua vida além de longos períodos de decepção entremeados por breves vislumbres de esperança. Ela precisava de algo grandioso que preenchesse seu imenso vazio, que captasse seu potencial e, de algum modo, o canalizasse. Ficara seduzida pelo romantismo daquilo, eletrizada ao pensar nas oportunidades que poderia ter.

E assim, cruzando de leve os dedos as costas, tinha engolido tudo o que disseram em seu treinamento e depois. Aceitara a ideia de estar desempenhando um papel importante numa missão crucial contra inimigos mortais. Por certo era verdade que os Estados Unidos, apesar das imperfeições, não saíam perdendo na comparação com Cuba ou a Nicarágua ou o Chile, muito menos com o que restava da antiga União Soviética, ou com o gigante adormecido da China, ou mesmo com as sociais-democracias estagnadas e ineficazes da Europa Ocidental. Os Estados Unidos eram a única superpotência restante e todo mundo quer jogar no time que está ganhando. Ou quase todo mundo.

Kate fora acolhida de braços abertos na nova família da Diretoria de Operações, uma família muito unida e abrangente, com pessoas iguais a ela, inteligentes, resolutas e pouco afeitas à intimidade.

Gostara do trabalho, ainda que algumas facetas dele a fizessem acordar suando frio no meio da noite.

Havia crescido no Serviço Nacional Clandestino.

Depois, de algum modo, conseguira abrir espaço para Dexter. E, não muito depois, para os filhos.

A medida que sua vida fora sendo preenchida por essa nova família - essa família de verdade -, os segredos realmente haviam se tornado um problema, um incômodo irritante, uma artrite na mente. Ela tivera de por de lado a vida antiga, a vida fabricada, a vida presa por sentimentos que não eram amor. Passara a precisar cada vez menos da Agência. E cada vez mais do marido e dos filhos.

Começara a sacrificar aquela antiga identidade em benefício da nova. Afinal, aquela era a nova vida que todo mundo queria.

- Parece o primeiro ano de faculdade, não é?

Dexter cuspiu um bocado de espuma de pasta de dentes:

- O que você quer dizer?

Kate olhou para o marido pelo espelho de três painéis, cada qual virado numa direção, refletindo ângulos diferentes, numa composição de fragmentos: cubismo de banheiro.

- Vamos conhecendo gente nova, tentando descobrir quem vai virar amigo, quem será inimigo, quem será o chato de que vamos fugir nas festas.

A escova de dentes estava pendurada num dos cantos da boca e ela a mudou de posição.

- Imaginando que lugares frequentar, onde comprar café, onde fazer seja o que for. E todos estão basicamente na mesma situação: estamos todos encontrando juntos os nossos rumos separados.

- Lembra mesmo a faculdade - concordou Dexter. - Mas não é essa a minha vida. Passo os dias olhando para uma tela, sozinho.

Ele pegou um pouco de água para lavar a espuma da pia. Era um homem limpo e organizado, um companheiro de quarto atencioso.

- Não bato papo com novos amigos.

Kate também cuspiu. Enxaguou a boca.

- Sabia que hoje eu não falei com ninguém, literalmente? - continuou Dexter. - Exceto para pedir um sanduíche numa padaria. *Un petit pain jambon-fromage, merci.* Foi isso que eu disse.

Repetiu a frase, contando nos dedos.

- Dez sílabas. Ditas a um estranho.

Kate também ainda não tinha amigos. Sabia nomes de pessoas, mas não considerava nenhuma delas amiga. Agora que Dexter tinha posto na mesa a enormidade de sua solidão, no entanto, ela se sentiria ridícula fazendo o mesmo.

- Hoje eu almocei com uma mulher - disse. - Julia. Foi uma espécie de encontro às cegas arranjado para nós.

Devolveu ao armário o tubo de hidratante para a área ao redor dos olhos, pondo-o ao lado de um vidro de perfume de cristal, um objeto puramente decorativo. A última vez que usara perfume tinha sido na faculdade, um vidrinho minúsculo presenteado por um admirador no Dia dos Namorados.

Perfumes eram algo a evitar em seu ramo de atividade: faziam-se notar, podiam ser identificados, traziam recordações à tona, deixavam pistas. Tudo o que não se queria.

- Imagine só: ela é de Chicago.

O olhar de Dexter cruzou com o da mulher no espelho:

- Tem certeza de que pode fazer amizade com ela, Kat?

Ele nunca deixava passar uma oportunidade de fazer essa piada, se bem que, dessa vez, não pareceu estar se divertindo. A piada, como a maioria de seus beijos, se tornara mecânica.

- Farei o melhor possível - respondeu.

Cheirou um vidro de perfume, este presente de Dia dos Namorados dado pelo marido. Talvez começasse a usá-lo, agora que podia.

- Mas, Dexter...

- Hum?

- Você poderia fazer o favor de parar de me chamar de Kat? Ou de Katherine? Aqui eu quero ser

XX

XX

Kate.

- Desculpe, eu vivo esquecendo.

Beijou-a nos lábios, limpos e com sabor de menta.

- Vai demorar um pouco até eu me acostumar com minha nova esposa.

Dessa vez não foi um beijo mecânico. Dexter deixou a mão descer até a cintura dela, ao elástico da calcinha.

- Chicago, é? - riu, depois levou os lábios até o pescoço de Kate e a mão para sua coxa.

Muito tempo depois, ela se daria conta de que Chicago deveria ter sido sua primeira pista.

Por que nunca havia contado a verdade a Dexter?

No começo do relacionamento, é óbvio, teria sido ridículo dizer qualquer coisa. Não faria o menor sentido, pelo menos até que estivessem casados. Mas e depois?

Olhou para o marido, que tinha um livro no colo, como sempre. Dexter era um leitor voraz - revistas técnicas, publicações bancárias, textos sérios de não ficção e, misteriosamente, um tipo de romance policial inglês que Kate considerava destinado a mulheres. Havia sempre uma pilha alta no lado dele da cama, sua única bagunça numa vida arrumada e ordeira.

O que a fizera manter aquilo em segredo, depois de estarem casados, de terem filhos? Depois até de ela ter deixado de trabalhar para a Diretoria de Operações?

Não podia ter sido só o protocolo, embora não pudesse descartá-lo. Seria porque simplesmente não queria admitir que mentira por tanto tempo? Quanto mais tempo passava sem que admitisse a verdade, pior era imaginar essa conversa. "Dexter", ela diria, "tenho uma coisa para lhe contar."

Nossa, seria horrível.

Além do mais, não queria contar ao marido as coisas que havia feito, os atos que tinha sido - e ainda era - capaz de cometer. Se não pudesse lhe contar toda a verdade, relutaria em contar qualquer parte dela. Pareceria pior. E, como o pior era aquela manhã em Nova York, que fora também o que motivara o fim de tudo, sua história não ficaria completa - não faria sentido - sem que esse acontecimento fosse explicado. E com ele, não seria uma história que pudesse justificar.

Para completar, ela era obrigada a admitir que uma pequena parte do que a levava a manter o sigilo era o fato de, assim, guardar algo para si. Se nunca dissesse a verdade a Dexter, ainda teria como voltar à antiga vida. Voltar a ser agente secreta. A ser uma pessoa capaz de esconder de todo mundo os maiores segredos, inclusive do próprio marido, para sempre.

Kate havia chegado as nove da manha a suite do hotel situado no Penn Quarter, como lhe fora ordenado. Sentou-se diante de um bloco amarelo pautado tamanho oficio, uma caneta Bic e um simpatico homem de meia-idade chamado Evan, que, durante as oito horas seguintes, interrogou-a pacientemente sobre todas as operacoes de que ela havia participado, todos os informantes com quem tinha lidado, todas as pendencias que pudesse ter deixado.

Fazia quase tres dias inteiros que ela participava disso, quando Evan lhe perguntou: - E quanto a Sarajevo?

Os dois ja haviam conversado sobre tudo que ela pudesse ter deixado de registrar em seus relatorios das varias missoes - localizacao de escritorios, nomes de adidos, descricoes de amigas.

✕

Depois, haviam passado para eventos menos importantes. As primeiras missoes de treinamento de Kate na Europa: deixar uma mensagem secreta num *palazzo* reformado perto da Piazza Navona, estabelecer contato com um nacionalista basco em Bilbao, seguir uma pessoa que transportava dinheiro sujo pelas ruas de paralelepipedos e os bancos particulares de Luxemburgo.

E agora, aparentemente, iam discutir eventos que nao aconteceram.

- Nunca fui a Sarajevo - respondeu ela.

- Nem uma vez?

- Nao.

- Mas seu marido foi. Recentemente.

Evan levantou os olhos de seu proprio bloco amarelo, cheio de rabiscos e grifos, grandes xis e setas.

- Por que?

Ninguem gosta de admitir que desconhece as idas e vindas, os habitos e inclinacoes do proprio conjuge. Kate nao queria falar das viagens de Dexter ao exterior. Nao via que importancia poderiam ter para sua carreira.

- Nao sei - respondeu, tentando parecer, tentando *ser* indiferente. - Trabalho.

Comecou a chegar correspondencia; a mudanca de endereco e o servico de redirecionamento estavam funcionando. Kate abriu um envelope do governo norte-americano, um cheque de reembolso pelas ferias que nao tirara. Precisaria mandar esse pedaco de papel de volta para o outro lado do oceano, para depositar os dolares. Veio o contrato de aluguel da casa de Washington, ate que enfim, com todas as assinaturas exigidas por lei - uma casa que, infelizmente, eles estavam alugando por um preco um pouco menor que o pagamento mensal da hipoteca. Alguns itens de mala direta: propaganda de uma academia de ginastica em uma area residencial da Virginia, um convite para um clube do livro - sera que ainda existiam mesmo clubes do livro?

Ainda nao houvera nenhuma correspondencia do banco de Dexter, na qual Kate tinha esperanca de descobrir para quem o marido trabalhava. Mas era provavel que nao chegasse nenhuma: ele tinha um contrato independente, nao era funcionario. Tinha um endereco comercial em que receberia as correspondencias relativas ao trabalho. Kate estava levemente desconfiada - quem nao estaria? -, mas lembrou, mais uma vez, a promessa que fizera a si mesma junto com os votos matrimoniais: nunca investigar o marido.

Porque e claro que ela o havia investigado antes de se casarem. Exhaustivamente e mais de uma vez.

A primeira tinha sido logo depois de se conhecerem na feira de agricultores de Dupont Circle, os dois estendendo a mao para a mesma caixa de produtos em lados opostos da barraca. Era uma linda manha de verao, um horario propicio do dia: ambos estavam num pico natural de endorfinas por causa dos exercicios matinais - isso tinha sido nos tempos em que Dexter era corredor e Kate andava regularmente de bicicleta, uma paixao que logo acabara - e se mostraram atipicamente extrovertidos.

Foram tomar um cafe na livraria da rua, logo adiante, ambos com sacolas de frutas e legumes para levar a seus apartamentos, que descobririam ficar a poucos quarteiroes um do outro. Foi um encontro saudavel, quase saudavel demais.

Kate se perguntou se teria sido armacao. Sentou-se diante do computador, perto da janela vitoriana no segundo andar da casa de tijolos amarelos, em meio ao choro abafado do recém-nascido do apartamento de baixo. Conectou-se a internet pelo servidor seguro e examinou minuciosamente os

X

varios Dexter Moore dos Estados Unidos, ate identificar aquele que lhe interessava. Com seu numero no sistema de seguridade social, foi seguindo sua trilha por diversos bancos de dados, pela faculdade, pelo Departamento de Transito de Washington e o Departamento de Educacao do Arkansas, pela ficha policial do pai dele - lesao corporal qualificada em Memphis - e pelo historico militar de seu irmao mais velho, morto na Bosnia.

Depois de uma hora, se deu por satisfeita: esse Dexter Moore era um cidadao honrado. Pegou o telefone, discou o numero e o convidou para ir ao cinema. Mais para o fim da semana, ela passaria um mes fora, talvez mais, na Guatemala, permanecendo a maior parte do tempo no norte, na selva.

Dois anos depois, Kate cavou ainda mais fundo, levantando registros telefonicos e extratos bancarios e colhendo sub-repticiamente um conjunto completo de impressoes digitais, que usou para uma verificacao no banco de dados da CIA. Tornou a confirmar que Dexter era quem dizia ser, perfeitamente franco e inegavelmente respeitavel.

Ja dissera sim a seu pedido de casamento.

Isso fazia seis anos. E fora entao que ela havia conseguido suspender seu estado normal de descrenca nas pessoas e renovar sua fe na inocencia da vida. Uma fe que ela havia perdido muito antes, na adolescencia, com o inicio da sucessao de desgraças de sua familia.

Portanto na epoca ela havia acreditado - quisera acreditar, *precisara* acreditar - que poderia deixar de lado seu ceticismo e se casar com esse homem, para levar um arremedo de vida normal.

Depois de investiga-lo ate se dar por plenamente satisfeita, prometera a si mesma que nunca mais faria isso.

Ja na ocasio, tinha percebido que talvez isso fosse um ato de ignorancia proposital; talvez ela houvesse colaborado para que fosse enganada durante todos esses anos.

- Ben - chamou, fazendo sinal para o cacula, que passava correndo para brincar de ambulancia.
- Que e?
- Venha ca.

Abriu os bracos e o menino se aproximou, enroscando os bracos magros em volta das coxas

dela.

- Eu amo voce.
- Eu tambem mamae mas tenho que correr tchau amo voce tchau.

Poderia ate haver iludido a si mesma. Mas teria sido algo indispensavel para que tivesse isto.

Kate nao conseguiu se conter. Vasculhou o arquivo, folheando rapidamente os extratos de cartoes de credito, apolices de seguros e contas antigas. Nada. Deu outro passo, mais devagar, tirando uma pasta de cada vez da gaveta superior, examinando todos os pedacos de papel, chacoalhando os manuais de roteadores e HDs externos, alem do de um equipamento de som estereo que Kate tinha certeza de que ficara em Washington.

Serviu-se de mais uma xicara de cafe e voltou a gaveta de baixo, comecando pela parte de tras.

Deparou com um velho envelope de papel pardo, com uma etiqueta amassada e rasgada que dizia refinanciamento da hipoteca. Dentro dela, atras do formulario-padrao de solicitacao de emprestimo residencial e a frente do formulario em que se declarava o patrimonio, finalmente o encontrou: um contrato de prestacao de servicos entre Dexter Moore e o Banco Europeu Continental.

Kate leu as duas paginas de juridiques, duas vezes. Nao havia absolutamente nada digno de nota.

Em suma, ficou com raiva de Dexter por ter escondido o contrato. Mas e claro que era isso que ele teria de fazer, para garantir que ela nao soubesse o nome do banco.

✕

Assim, o desculpou. Por outro lado, se censurou por sua desconfianca e bisbilhotice. Lembrou as coisas que tinha prometido a si mesma nao fazer, os sentimentos que havia se comprometido a nao ter.

No final, acabou desculpando a si mesma tambem e foi buscar os filhos na escola.

- Meus pais morreram - disse Kate. - Minha irma e eu perdemos os dois no espaco de um ano.
- Santo Deus - exclamou Julia. - Onde esta sua irma?
- Em Hartford, eu acho. Talvez em New London. Nao mantemos contato.
- Briga feia?
- Nao exatamente. Emily vive bebada. Em geral, dopada tambem.
- Ah!
- Quando meus pais adoeceram, nao havia muitos tratamentos disponiveis. Nem dinheiro, alias.

Meus pais eram novos demais para conseguirem ajuda no programa de saude do governo e a fabrica do meu pai, uma empresa de produtos eletronicos, tinha fechado. Por isso, na epoca, os dois trabalhavam meio expediente em empregos que ou nao ofereciam plano de saude ou ofereciam um muito basico. Ficaram na pior. Foi desumana a maneira como foram tratados.

- Foi por isso que voces se mudaram para o exterior?

- Nao. Viemos para ca pela experiencia. Mas acho que fiquei ressentida, sim. Ou melhor, nao sei se "ressentimento" e a palavra certa. "Decepcao"? Nao me entenda mal: eu adoro os Estados Unidos.

Mas nao tudo o que ha por la. Foi assim que minha irma ficou esquecida em meio as desgraças da

nossa familia. Tornou-se sua propria desgraça.

Enquanto Emily se perdia no alcool e nas drogas, Kate se enterrara num tumulto de apatia, onde nao se afeicoava a nada e nao permitia que ninguem se afeicoasse a ela, uma solitaria viciada no trabalho. Comecara tambem a desenvolver um dos papeis que definiriam sua idade adulta: o de martir. Quem cuidava de todos e provia uma parte importante do sustento e fazia o servico domestico. Os sacrificios, o sofrimento. Ate o desaparecimento dessa sua faceta, Kate nunca havia percebido quanto gostava dela.

- Acabei tendo que desistir de me importar com a Emily. Ela era um caso perdido.

- Como e que se para de falar com a propria irma?

- Ela nunca foi de manter muito contato. Depois que nossos pais morreram, como nao tinhamos intimidade com ninguem mais da familia, nao *precisavamos* nos comunicar mais. Para mim, foi simples: so parei de ligar para ela.

Nao era verdade. Kate mantivera o contato com a irma durante anos, depois da morte dos pais, ao longo de todo o seu curso universitario e da lenta trajetoria de Emily rumo a pobreza. Mas, depois de ingressar na Agencia, manter uma ligacao com ela passara a ser nao apenas uma provacao pessoal, mas tambem uma desvantagem profissional. Um ponto negativo que poderia ser usado contra Kate.

Ela percebeu que tinha que se livrar da compaixao, precisava despi-la como quem tira uma roupa esfarrapada e imunda, impossivel de lavar ou consertar, e a joga direto no lixo.

Tivera noticias da irma algumas vezes, naquele primeiro ano na CIA: recados nao respondidos.

Depois, nao ouvira falar nela durante meia decada, ate Emily precisar que alguem pagasse a fianca para tira-la da cadeia. Mas Kate, que estava em El Salvador, nao pudera ajudar. E, ao voltar para os Estados Unidos, nao quisera faze-lo.

- E quanto a familia de Dexter - prosseguiu Kate -, a mae dele, Louise, morreu, e depois o pai se

X

casou com uma mulher pavorosa. O irmao dele tambem morreu.

- O irmao? Que horror!

- Ele se chamava Daniel. Era muito mais velho que o Dexter. Andre e Louise mal passavam de duas criancas quando o primeiro filho nasceu, na verdade. Ele entrou para o corpo de fuzileiros navais no final dos anos 1980. Uns anos depois, estava oficialmente fora dos fuzileiros e, nao oficialmente, trabalhava como "assessor militar" nos Balcas. Fazia parte de um grupo militar contratado, um mercenario, para ser mais clara.

- Puxa!

- O corpo dele foi encontrado num beco em Dubrovnik.

- Nossa - disse Julia, inexpressiva.

Parecia surpreendentemente nao surpresa, ou, ao contrario, tao chocada que ficara muda de perplexidade. Kate nao soube dizer qual das duas.

- Pois e. Mas, enfim - falou, trocando a marcha -, esta deve ter sido uma resposta muito mais prolixa do que voce esperava, ao perguntar se eu sinto saudade da minha familia.

Depois de Kate desabafar sobre a saga da familia, Julia lhe contou a historia de como conhecera

Bill. Estava trabalhando voluntariamente como decoradora no silencioso leilao de um evento para angariar fundos. Tentava matar muitos coelhos com uma cajadada so: ajudar uma causa, formar uma rede de contatos, atrair clientes, interagir socialmente. E Bill estava la fazendo o que os caras jovens da area de finanças costumam fazer: gastando uma quantidade absurda de dinheiro na tentativa de atrair o tipo certo de mulher, ou seja, uma socialite solteira de 20 e poucos anos. Do tipo que sempre aparecia em coqueteis com convites carissimos e renda revertida em bolsas de estudos para a garotada dos bairros pobres.

Bill presumiu que Julia fosse uma dessas mulheres. Tres horas depois, quando ela desfez o equivoco, os dois estavam nus. Julia havia apressado a situacao, porque mal conseguira acreditar na sorte gigantesca de ter aquele homem incrivelmente bonito interessado nela.

- E, com o correr dos anos - disse -, descobri que os homens me acham *muito* mais interessante quando estou nua.

Kate percebeu que Julia nao estava brincando.

Pararam no estacionamento lotado de um hipermercado gigantesco da rede Cactus. Correram pela chuva que castigava a cidade e recobram o folego embaixo da marquise.

- Droga - disse Julia, remexendo na bolsa. - Devo ter deixado o celular no seu carro. Posso ir busca-lo?

- Eu vou com voce - disse Kate.

- Ah, nao. Esta chuva esta um horror. Va entrando. Eu dou uma corrida ate la.

Kate tirou da bolsa as chaves do carro:

- Fique a vontade.

- Obrigada.

Kate relanceou os olhos pelo estacionamento, pela rua principal, pela desolacao molhada do bairro residencial e por aquela gigantesca massa de concreto, repleta de gondolas repletas de prateleiras repletas de porcarias que ela nao devia querer nem comprar. Essa saida tinha sido um erro. Elas deviam ter feito outra coisa. Um cafe em algum lugar, ou uma visita a pontos turisticos da Alemanha, ou um almoco na Franca. Miniviagens.

Viajar vinha se tornando o passatempo favorito de Kate. Ela havia comecado a pesquisar as viagens seguintes da familia assim que voltaram de Copenhagen, que tinha sido seu primeiro fim de semana prolongado fora de casa. No proximo fim de semana, fariam um passeio de carro a Paris.

- Obrigada - disse Julia, sacudindo a agua do guarda-chuva.

Devolveu as chaves de Kate com um sorrisinho enigmatico.

Hoje, 11h02

Kate dobra a esquina e entra na Rue de Seine, fora do campo visual da Rue Jacob e de quem a pudesse estar observando de la.

So entao se permite fazer uma pausa, parar de andar, soltar a respiracao (que nem percebera estar prendendo) e mergulhar mais fundo no pensamento, nas contingencias, no panico.

Eles moram ha um ano em Paris, sem se fazerem notar, sem ostentacao, sem despertarem atencao nem suspeitas. Deveriam estar fora de perigo.

Entao por que essa mulher havia de aparecer ali, agora?

A ansiedade crescente obriga Kate a se deter, distraida, sob um par de imensas portas de madeira em arco. Uma delas se abre, rangendo, empurrada por uma mulher miuda e decrepita, que usa um impecavel tailleur de bucle e bengala. Ela encara Kate daquele jeito atrevido que parece ter sido inventado pelas francesas idosas.

- *Bonjour!* - grita a velhota de repente e Kate quase da um pulo de susto.

- *Bonjour* - responde.

Para alem da mulher, avista o patio luminoso e arborizado na outra ponta da galeria escura cujas paredes sao cheias de caixas de correio e ligacoes eletricas e latas de lixo e cabos soltos e bicicletas presas com correntes. Seu predio tem uma passagem semelhante; ha milhares delas em Paris. Todas concorrendo ao premio de melhor lugar para matar alguem.

Kate recomeca a andar, absorta em pensamentos. Para de novo diante das vitrines amplas de uma galeria de arte. Fotografia contemporanea. Observa o reflexo dos transeuntes na vitrine, a maioria mulheres com roupas como as dela e homens que se vestem uns iguais aos outros. Ha tambem um bando de turistas alemaes, com suas sandalias e meias, e um trio de jovens americanos de mochilas e tatuagens.

Ha um homem andando muito devagar do seu lado da calçada, com um terno de caimento ruim e sapatos inadequados: sapatos de cordao com sola de borracha, esportivos demais, feios demais. Ela o observa passar, seguir pela rua, sumir de vista.

Continua voltada para a vitrine, agora fitando o interior, nao os reflexos. Meia duzia de pessoas circula por saloes amplos e arejados que se derramam uns nos outros. A porta de acesso e mantida aberta por um calco de plastico e deixa entrar a brisa fresca de outono. O interior deve ser barulhento. Com barulho suficiente para Kate manter uma conversa telefonica que nao chame muita atencao de ninguem.

- *Bonjour* - diz ela a jovem chique da recepcao, que poderia ser qualquer uma das outras mocinhas bonitas que atendem nas caixas registradoras e nos estandes de recepcionistas instalados para atrair o dinheiro que sempre circula pelas ruas dos *arrondissements* centrais.

- Bonjour, madame.

Kate sente a moca examina-la, avaliar seus sapatos e a bolsa e as joias e o corte de cabelo, formando em uma olhadela sua opiniao sobre o pacote completo. Se ha uma coisa que essas jovens das lojas parisienses sabem fazer e descobrir de estalo quem e um legitimo consumidor e quem so quer dar uma espiada, ou, quando muito, sair com o produto mais barato da casa. Kate sabe que passou no teste.

Corre os olhos pelas fotos em formato grande do salao de entrada, paisagens semiabstratas: rigidas fileiras de campos agricolas, fachadas repetitivas de predios comerciais modernistas, superficies de agua ondulantes. Poderiam ser de qualquer lugar do mundo, essas paisagens.

Ela examina cada foto por alguns segundos, antes de ir em frente e entrar no salao seguinte, este repleto de fotografias de praias. Ali um casal jovem conversa muito alto em espanhol, com sotaque madrileno.

Kate pega o telefone.

Tinha conseguido fingir que jamais voltaria a ver aquela mulher. Mas nunca ficara realmente

convencida. Na verdade, parte de sua mente sempre tivera certeza do oposto: ainda a veria, exatamente como tinha acabado de acontecer.

Seria o passado de Dexter alcançando-o?

Aperta o botão de discagem automática.

Ou o dela?

Kate aproveitou sua liberdade em Paris no bairro Marais. Dexter havia concordado em que era direito dela visitar sozinha algumas cidades. Viajar nao tinha graca quando a pessoa nao chegava a ver ou fazer o que queria; era so um tipo diferente de trabalho, num lugar diferente.

Em Copenhague, dois fins de semana antes, ela havia passado as horas que lhe tinham sido concedidas vagando pelas butikques do centro. Agora, no Village Saint-Paul, havia comprado um jogo antigo de toalhas de cha, um balde de gelo de prata com desenhos em baixo-relevo e um saleiro esmaltado, utensilios franceses de donas de casa chegadas a antiguidades. Comprou tambem um par de alpargatas de lona robustas, de solado de borracha, para proteger as solas dos pes das pedras do calcamento de Luxemburgo - ou de Paris. Da velha Europa dos paralelepipedos.

O ceu exibia um azul vivo, decorado por nuvens altas e bojudas - um veranico de 21o C.

Kate ainda estava se acostumando com a ideia de perambular por uma cidade estrangeira sem a menor preocupacao de que, por uma entre muitas razoes, alguem quisesse mata-la.

Voltou ziguezagueando em direcao ao rio, ao encontro do marido e dos filhos na Ile Saint-Louis.

Depois de quatro horas longe, sentia falta deles. Nao parava de imaginar os rostos dos meninos, os olhos risonhos, os bracinhos magros e rijos. Ela passava muito tempo da sua nova vida querendo tirar uma folga das criancas, e o resto do tempo, impaciente para voltar para elas.

Chegou a *brasserie*, deu uma olhada no interior, nao viu a familia. Sentou-se num banco do lado de fora, estreitando os olhos para o sol. Avistou-os vindo da Ile de la Cite. A catedral de Notre Dame se erguia majestosa ao fundo, com gargulas e botareus, e os meninos corriam pela ponte de pedestres que separava uma ilha da outra, costurando por entre pessoas e bicicletas e caes terriers Jack Russell soltos das guias.

Kate se levantou, os chamou, acenou. Eles vieram correndo ao seu encontro, para lhe dar beijos e abraços.

- Olha, mamae! - disse Jake, mostrando um boneco de acao, um Batman de plastico todo de preto.

- E! - gritou Ben, agitado demais para se controlar. - Olha!

Segurava um Homem-Aranha.

- Achamos uma loja de historias em quadrinhos. Nao conseguimos resistir - admitiu Dexter.

Falava como quem se desculpasse, envergonhado por ter comprado porcarias de plastico para os filhos, produtos licenciados por empresas americanas e fabricados no Sudeste Asiatico.

Kate deu de ombros. Havia muito que deixara de criticar as artimanhas que qualquer pessoa usasse para passar um dia inteiro com criancas.

- Mas tambem fomos a uma livraria, certo, meninos?

- E - concordou Jake. - O papai comprou *O menino principe* pra nos.

- *Pequeno*.

- E, e um livro bem pequenininho, mamae.

Uma autoridadezinha no assunto.

- Nao. O livro se chama *O pequeno principe*. Voces foram a Shakespeare and Company?

- Foi - tornou a concordar Jake. - Quando a gente pode ler? Agora?

- Agora nao, querido - disse Kate. - Mais tarde, talvez.

Jake deu um suspiro, com aquele imenso desapontamento que um garotinho e capaz de sentir centenas de vezes por dia, por qualquer coisa, por tudo, por nada.

✕

- *Monsieur?*

O garcom estava ao lado de Dexter, que pediu uma cerveja. O rapaz deu um passo para o lado, para deixar um casal russo de meia-idade e modos grosseiros e barulhentos desocupar uma mesa. A mulher estava carregada de sacolas de compras das butikues carissimas da Rue Saint-Honore, a quase 2 quilometros dali. Essas pessoas tinham andado demais, para o lugar errado.

- *Et pour les enfants? Quelque chose a boire?* - perguntou o garcom, ignorando os russos e indo direto a bebida das criancas.

- *Deux Fanta, orange, s'il vous plait. Et la carte.*

- *Bien sur, madame.*

Antes de trazer as duas Fantas, o garcom lhes entregou os cardapios com capa de couro e tornou a chegar para o lado, abrindo espaco para que outro casal se instalasse na mesa vizinha.

Mesmo descontando a entrada a base de ostras - "um melecao cinza que nadava em gosma", nas palavras de Jake -, a refeicao da noite anterior nao tinha feito sucesso com os meninos. Por isso, Kate estava torcendo, rezando, para que essa *brasserie* tivesse alguma coisa que fosse do agrado dos filhos. Seus olhos vasculharam o menu, deslocando-se freneticamente.

O homem da mesa vizinha pediu uma bebida e a mulher acrescentou "*La meme chose*", numa voz familiar. Kate levantou a cabeça e deu com um homem arrasadoramente bonito, sentado quase de frente para ela, enquanto a mulher estava praticamente diante de Dexter; as duas mulheres usavam oculos escuros. Por causa dessa configuracao, dos oculos e da preocupacao de Kate com o cardapio - começava a se inclinar para o joelho de porco refogado, servido com o sempre bem-vindo pure de maca -, um minuto inteiro se passou ate que as duas, sentadas lado a lado, percebessem junto de quem se sentavam.

- Ah, meu Deus!

- Julia! - exclamou Kate. - Que surpresa!

- Ah - disse Dexter, sorrindo para Kate. - Voce e a mulher de Chicago.

Implicante.

Kate lhe deu um chute por baixo da mesa.

Todos tomaram uma rodada de bebidas e os quatro resolveram jantar juntos mais tarde. Bill sugeriu que o hotel provavelmente teria um servico de babas, no que estava certo. Kate logo percebeu que Bill era o tipo de sujeito que estava sempre certo.

E assim, eles alimentaram as criancas e voltaram ao hotel. O *concierge* jurou que a baba chegaria as dez horas. Kate e Dexter puseram os meninos na cama, torcendo para que suas cabecinhas tivessem entendido plenamente que, se eles acordassem de noite para beber agua, ou fazer xixi, ou por causa

de um pesadelo, haveria uma estranha no quarto e era provavel que ela nao falasse ingles.

Levemente embriagados, os quatro adultos sairam pela rua as dez e meia, rumo a um novo restaurante da moda escolhido por Bill. Ficava numa avenida calma e aparentemente deserta, mas seu interior era quente, animado e apertado, joelhos batendo nas bordas das mesas, cadeiras imprensadas contra as paredes, garcons numa confusao de bracos e maos que subiam e desciam com pratos e travessas, o tilintar de copos, o tinir dos garfos nas facas.

O garcom da mesa do grupo afundou o nariz na taca bojuda, o cenho franzido numa avaliacao critica do vinho que estava prestes a servir. Levantou as sobrancelhas, indiferente: - *Pas mal* - sentenciou.

✕

Depois de avaliar que o vinho nao era ruim, teve que deslizar, dançar e girar para contornar a mesa e servi-lo corretamente, desviando de outros clientes e funcionarios e dos movimentos imprevisiveis dos bracos dos convivas.

Kate olhou pela janela, por cima das meias cortinas - cortinas de bistro, recordou -, para o outro lado da avenida, para o gradil floreado em estilo art nouveau de um balcao estreito, diante de janelas extraordinariamente altas, que reluziam com a luz das velas por tras das cortinas diafanas e esvoacantes, atraves das quais Kate pode ver os movimentos da festa que se realizava la dentro - formas cambiantes e luzes bruxuleantes. Uma mulher afastou as cortinas para soprar a fumaca do cigarro pelas portas francesas mal entreabertas - a-ha! Portas francesas! - para a avenida larga.

Os homens se entregaram a uma conversa sobre esqui. Bill regalou Dexter com historias passadas em Zermatt, na Suica; Courchevel, na Franca; e Kitzbuhel, na Austria. Era um desses peritos em tudo, um sujeito que saberia dizer qual estacao de esqui favorita nos Alpes, a ilha predileta no Caribe e a safra de Bordeaux que mais o satisfazia. Havia pesquisado fixadores de esquis e cordas de raquetes de tenis, entendia tudo de rugby (torcia para um time ingles) e tinha um programa cult favorito da televisao dos anos 1970.

Dexter ficou de queixo caído com ele.

Bill pegou a garrafa e serviu a todos uma porcao igual das ultimas gotas. Depois, puxou o punho da manga para consultar a hora num relógio grandalhão de homem cheio da grana, com pulseira de metal. Dexter usava um Timex de lojinha barata.

- Quase meia-noite - anunciou.

- Devemos pedir outra garrafa? - perguntou Julia, olhando em volta a procura de hesitacoes, confirmacoes, evasivas.

- Bem, nos poderiamos - disse Bill, inclinando-se para o resto do quarteto com ar conspiratorio. - Ou podemos ir a um lugar que eu conheço.

- *Nous sommes des amis de Pierre* - disse Bill, apresentando-se ao leão de chacara como amigo de Pierre.

Estavam parados na calçada larga da avenida ampla e tranquila, logo do outro lado da Pont d'Alma.

- *Est-il chez lui ce soir?* - continuou Bill.

- *Votre nom?*

Em vez de responder se Pierre estava, o porteiro, um negro grande e careca, apenas perguntou o nome de quem queria saber.

- Bill Maclean. *Je suis americain*.

O homem sorriu - era obvio que Bill era americano - e inclinou a cabeça para uma garota esguia de tubinho prateado que fumava alguns metros adiante. Ela mesma lembrava um pouco um cigarro. A garota se desfez da guimba com um piparote e entrou calmamente na casa noturna.

Kate e Dexter e Julia e Bill aguardaram em meio a uma duzia de pessoas que talvez estivesse esperando o mesmo tipo de coisa. Talvez exatamente a mesma coisa, da mesma pessoa. Outros supostos amigos de Pierre.

Isso nao era algo que Dexter e Kate jamais tivessem feito em Washington. Ou em qualquer outro lugar. Ele segurou a mao da mulher, os dedos frios no ar cortante de outono, e lhe fez cocegas na palma com a ponta do indicador. Kate abafou um risinho diante daquela cocega, o sinal secreto do marido em busca de sexo.

✕

A garota-cigarro reapareceu, fez sinal com a cabeça para o leao de chacara, acendeu outro cigarro e voltou a assumir seu ar de enfado.

- *Bienvenu, Biil* - saudou o leao de chacara.

Outro homem grande e negro, este com um penteado afro curto, parado ao lado da corda, nao atras dela, abriu o fecho de latao e afastou a corda grossa e trancada.

Bill fez um gesto para que sua mulher passasse primeiro, depois para Kate, segurando-a de leve pelo casaco, as pontas dos dedos se fazendo sentir atraves da seda e da la com muita suavidade, mas com uma presenca inegavel. Kate compreendeu num sobressalto que havia algo errado nesse contato.

Bill nao havia tocado em Julia assim.

- *Merci beaucoup* - disse ele, apertando a mao do leao de chacara.

O corredor era uma penumbra avermelhada, a luz baixa refletida em paredes ao mesmo tempo brilhantes e foscas. Kate estendeu a mao e deixou os dedos deslizarem pelo relevo de flores-de-lis de veludo sobre o fundo de cetim. O corredor se alargou, abriu-se, e eles se viram junto a um pequeno balcao de bar, pedindo uma garrafa de champanhe, enquanto Bill punha um cartao de credito sobre a madeira reluzente. O barman o apanhou e guardou junto a caixa, abrindo a conta.

Para alem do bar, mesas baixas e sofas cercavam uma pista de danca diminuta. Duas mulheres dancavam com ar brincalhao em volta de um homem, que permanecia parado e deixava a cabeça oscilar de um lado para outro. Danca minimalista.

Bill se inclinou ate o ouvido de Kate:

- Ainda e cedo - explicou. - Havera mais gente.

- Cedo? E meia-noite.

- Este lugar so abre as onze. E ninguem apareceria as onze.

Chegaram a mesa de um homem moreno e esguio que fedia a cigarro, as orelhas cheias de argolas, os bracos tatuados, a camisa desabotoada ate a metade. Ele e Bill se cumprimentaram com beijos no rosto. Bill o apresentou como Pierre, primeiro a Kate, depois a Dexter e, por fim, a "ma

femme, Julia". Pierre pareceu surpreso por Bill ter uma esposa.

Os americanos se acomodaram em uma mesa junto a de Pierre, esta ocupada por um homem de aparência semelhante a do anfitrião e duas mocas com jeito de modelo, que usavam calças jeans e blusas justas e não exibiam um grama sequer a mais de gordura corporal.

Kate tomou outro gole de champanhe.

Estava escuro, fazia barulho e a pista de dança, as luzes e a música disputavam a concentração de todos, puxando-a para uma luz aqui, um corpo ali, um ritmo cá, uma voz lá. Todas essas distrações, essa sobrecarga sensorial, criavam uma espécie de privacidade, um escudo por trás do qual Kate teve a impressão de poder finalmente avaliar Bill, esse marido de uma mulher que de pronto se tornara sua melhor amiga no continente europeu.

O braço de Bill estava jogado sobre o encosto do sofá junto à parede. Ele havia tirado o paletó e aberto dois botões da camisa. Seu cabelo preto e ondulado estava meio em desalinho e ele exibia o sorriso fácil de quem está bebendo há seis horas. Parecia completamente à vontade ali, naquela boate na margem direita do Sena. Inclinou a cabeça para trás, para ouvir Pierre, depois soltou uma gargalhada sonora e frouxa. Poderia ser estilista ou cineasta. O que não tinha era jeito de corretor de câmbio.

A graça da piada de Pierre se extinguiu e levou consigo a maior parte do sorriso de Bill. Ele tornou

a se voltar para seus companheiros americanos, para sua própria mesa, e seus olhos encontraram os de Kate e se detiveram neles por alguns segundos, sem dizer nem perguntar nada, apenas olhando.

Ela se perguntou o que o homem estaria procurando e quem diabo era ele.

O ser, a presença de Bill, dominava o seu entorno. Fazia sua mulher parecer pequena e calada, mesmo quando ela se empertigava e falava alto. Eram um casal estranho: Bill parecia meio acima do padrão de Julia.

- Ei, vocês - disse Kate ao marido e a Bill, tirando o celular do bolso -, que tal uma foto?

Os dois pareceram reticentes, mas não o bastante para discutir.

Kate já havia deparado com muitos tipos como Bill: machos alfa que tentavam superar uns aos outros. No trabalho, tinha sido sua função lidar com eles. Na vida privada, ela tivera por critério evitá-los.

- E você, Julia, por que não chega mais perto? - sugeriu.

O trio sorriu e Kate bateu a foto.

Olhou para os dois do outro lado da mesa baixa e entalhada, seu marido e o outro homem. Este completamente imerso em uma confiança que brotava de algum pouco profundo, originário sabe Deus de onde - talvez tivesse sido astro de algum esporte, ou possuísse memória fotográfica, ou fosse impressionantemente bem-dotado - e que esbanjava melifluidade, fluidez, como se todas as suas engrenagens estivessem bem azeitadas, perpetuamente lubrificadas e funcionando com eficiência, o que se manifestava em movimentos físicos suaves e sorrisos travessos e uma sexualidade inegavelmente animal. Esse homem não passava a mão no cabelo, não ajustava o colarinho, não corria os olhos apressados pela sala nem matraqueava a esmo: não se inquietava de modo algum.

E havia o outro marido, despojado dessa confiança. Seu suprimento de autoestima estava

comprometido - um pouco vedado ou uma tubulação partida, que deixava aflorar apenas um filete, não o bastante para conter seu nervosismo e sua insegurança, impedir que sua linguagem corporal fosse espasmódica, com rangidos e guinchos e ângulos desconfortáveis. Esse era o seu homem, o que não apenas a desejava, mas precisava dela, e não só de passagem, mas desesperadamente. Era o legado da criação que Kate tivera, o resultado de sua própria reserva finita de autoconfiança, de sua avaliação de si mesma no mundo: ela precisava muito ser necessária. Tinha gravitado para homens que mais tendiam a precisar dela que a desejar-lhe. Casara-se com o que mais necessitava dela.

Outra vez o homem a olhou fixamente, desafiando-a enquanto ela o olhava. Ciente de que Kate estava pensando nele, queria que soubesse que ele também estava pensando nela.

Kate não pode deixar de se perguntar como seria ficar com um homem que não tivesse a mínima necessidade dela, que meramente a desejasse.

Kate não tinha visto ninguém pedir, buscar nem entregar a terceira garrafa de champanhe, mas era impossível que essa ainda fosse a segunda. Ela estava com calor e com sede. Bebeu um gole demorado, e mais outro, antes de Julia puxá-la de novo para a aglomeração pulsante da pista de dança, todos no mesmo movimento e na mesma batida, todos suados, a luz estroboscópica varrendo lentamente o salão, o globo de espelhos piscando.

Dexter estava absorto na conversa com uma mulher de beleza estonteante, que era apresentadora de jornal num canal de notícias. A francesa queria se mudar para Washington e fazer cobertura política.

Estava interrogando Dexter em busca de informações que ele não possuía. Kate não se ressentiu da evidente empolgação do marido, refestelado no brilho das atenções de uma mulher inatingivelmente
deslumbrante.

Estavam todos para lá de bebados.

Julia havia aberto mais um botão da blusa, ultrapassando o limite entre o sensual e o exibicionista. Mas metade das mulheres da boate estava no mesmo nível de nudez.

Kate desviou os olhos de Julia, atravessando os obstáculos de luzes e formas, a vista atraída para a parede oposta, onde Bill estava arriado junto a uma bela mulher, que virou a cabeça e, aparentemente, lambeu sua orelha.

Kate olhou de relance para Julia, que dançava de olhos fechados, alheia.

Tornou a vasculhar aquele mar tempestuoso de corpos. Agora era Bill quem se virava para o pescoco da jovem. Ela sorriu e fez um sinal afirmativo com a cabeça. Bill a segurou pelo pulso e a levou embora.

Agora os olhos de Julia estavam abertos, mas ela não fitava nenhum ponto próximo do marido.

Kate viu Bill afastar-se com a moça por um desses corredores de boates e bares que conduzem a privacidade, a toaletes e quatinhos de material de limpeza e depósitos e portas traseiras que dão para becos. A lugares a que as pessoas se dirigem, tarde da noite, apalpando-se e apertando-se, abrindo o zíper das calças e puxando a calcinha para o lado, sofregas e numa pressa urgente.

Kate piscou bem devagar, deixando os olhos fechados por algumas batidas altas da música tecno.

Julia deslizou para longe, dançando com um rapaz alto e muito magro; tinha a boca úmida e

entreaberta, os dentes cintilando, a lingua roçando os lábios devagar. Uma de suas mãos estava pousada na barriga plana. Subiu até o seio, envolvendo-o, tornou a cair, passou pela barriga e desceu para o quadril, a coxa. Ela jogara a cabeça para trás, espichando o pescoco lúcido. Mantinha os olhos baixos, semicerrados, não olhava para o homem com quem estava dançando, mas para o outro lado do salão, não na direção de seu marido desaparecido, mas, como Kate soube sem nem mesmo se virar, na direção de Dexter.

Eram três e meia da manhã.

Bulevar deserto, sem leões de chácara nem mocinhas casadoiras, sem um só taxi ou pessoa à vista, mas, de repente, surgidos de lugar nenhum, lá estavam os dois, de capuz e jeans folgados e piercings e barba esparsa. Um jogou Dexter com força contra a parede. O outro fez o movimento rápido e inconfundível do jovem nervoso ao apontar uma arma.

Kate seria capaz de visualizar os segundos posteriores em câmera lenta, quadro a quadro. Lá estavam o rosto de Dexter, em pânico, e o de Julia, cristalizado de pavor, e a calma impressionante, impassível de Bill.

- *Je vous en prie. Un moment* - pediu ele. - *Por favor. Calma.*

Kate estava meio fora do confronto principal, ignorada. Seria fácil para ela. Sabia exatamente o que fazer para acabar com aquilo: um chute rápido na lateral da cabeça, um golpe nos rins, pegar a arma.

Porém, dessa forma todos iriam querer saber como e que ela tivera a coragem e a técnica necessárias - e ela não poderia explicar.

Assim, pôs-se a pensar se sentiria falta de alguma das coisas que estava prestes a entregar a esses bandidos. Assaltante não atira em turistas nas ruas centrais de Paris, atira? Não.

Mas então aconteceu uma coisa estranha. Bill pegou a bolsa de Julia e a estendeu na direção do sujeito que segurava a arma. Os garotos balancaram a cabeça. Obviamente, não era assim que tinham planejado a situação.

- *Tenez* - ofereceu Bill.

Kate viu que ele sabia o que estava fazendo: empurrando a bolsa na direção da arma, chegando muito perto, forçando o outro sujeito a se colocar entre ele e as balas para pegar a bolsa. E foi nesse instante que Bill agarrou o homem desarmado, usando-o como escudo, enquanto estendia a mão e arrancava a arma do outro pelo cano, sem esforço, com atrevimento.

Todos ficaram imóveis por uma fração de segundo, tirando os olhos da arma para se entreolharem, arfantes, boquiabertos e calculando os possíveis atos seguintes...

Os jovens saíram correndo e Bill jogou a arma na sarjeta.

✕

Tarde de segunda-feira e chovia torrencialmente.

Kate aguardava sozinha diante da escola, o guarda-chuva tao baixo que a cabeça encostava no nylon listrado e as armacoes de aluminio se apoiavam em seus ombros enquanto ela tentava resguardar as poucas partes nao encharcadas do corpo. Da cintura para baixo, estava tudo ensopado, chapinhando, irrecuperavel.

Cortinas de gotas grossas e pesadas despencavam do ceu carregado e escuro, martelando o concreto, batendo na grama, espirrando ruidosamente nas pocas fundas acumuladas em cada depressao ou baixada, cada fresta ou rachadura.

Os grupos de maes se dividiam por nacionalidade. Havia os de dinamarquesas de olhos azuis e de holandesas loiras, de italianas de salto alto e de suecas ultrassaudaveis. Os grupos mistos de lingua inglesa, dominados por britanicas palidas, com americanas rechonchudas, australianas sempre risonhas, neozelandesas agressivamente amistosas, uma ou outra irlandesa ou escocesa. La estavam as indianas isoladissimas e as japonesas totalmente inabordaveis. E as russas e tchecas e polonesas individuais e errantes, esperancosas de se fixarem na Europa Ocidental, bajuladoras, dando apertos firmes de mao, tentando se fazer convidar para ingressar na Uniao Europeia, parecendo desconhecer - de proposito? - a inutilidade universal de tentarmos ser convidados para o que quer que seja, em qualquer epoca.

Havia ate alguns homens espalhados por ali, sem se falarem, cada qual em sua orbita independente.

Tecnicamente, Kate ja nao estava de ressaca pela noite de sabado. Mas ainda se sentia fisicamente cansada, devido as poucas horas dormidas - as criancas haviam acordado no domingo as sete da manha, indiferentes a noitada dos pais -, e continuava sentindo um mal-estar inespecifico.

Tambem sentia uma inquietacao em parte relacionada a possivel infidelidade de Bill; em parte, ao exibicionismo improprio de Julia enderecado a Dexter; em parte, ao comportamento heroico de Bill - heroico demais? - e, em parte, a seu proprio desespero na volta ao hotel. A porta do banheiro trancada para barrar qualquer crianca sonambula, ela caindo em cima de Dexter, faminta, pedindo mais, com mais forca, enquanto em sua fantasia rodopiavam imagens incontroleveis de pessoas que nao eram seu marido, e as vezes nem eram ela mesma, os corpos suados, os labios, as linguas...

Agora chovia ainda mais forte. Ela nao imaginaria que isso fosse possivel.

Nao conseguia compreender o que exatamente havia acontecido com os quatro, no fim da noite de sabado em Paris, e nao sabia dizer se fora bom, ruim, ou as duas coisas.

- Vou chegar tarde hoje - avisou Dexter do outro lado da linha.

De novo.

Kate e os meninos tinham trocado a roupa molhada por chinelos e moletons macios, estavam embrulhados em agasalhos. Mas ela ainda sentia dificuldade de se livrar da friagem do ultimo de uma longa serie de encharcamentos.

- Esta tudo bem? - indagou.

- Esta. Vou jogar tenis. Com o Bill.

Nao tinham dito uma palavra sobre Julia e Bill desde o momento em que os casais haviam entrado X

em taxis separados, as quatro e meia da manha, na Avenue George V, quatro dias antes.

- Ele reservou uma quadra num clube, mas seu parceiro habitual nao pode ir hoje.

Uma imagem cruzou a mente de Kate: Bill sem camisa, no vestiario, abrindo o cinto, tirando a...

Ela repos o fone no gancho, ao lado do laptop, de frente para a paisagem geralmente majestosa, que nesse momento era uma vastidao de nuvens, neblina e chuva em contraste com os marrons e cinza das arvores desfolhadas, os ardosa e pretos dos telhados de pedra, os bege e castanhos das fortalezas de pedra e dos afloramentos de rochas e das ruas calcadas de pedras.

Era melancolico, e ela estava sozinha de novo, chegando de outra tarde de quarta-feira no subsolo sem janelas do centro esportivo, onde conversara sobre depilacao de virilha. Kate ja fora uma pessoa que fazia coisas. Nao so coisas prosaicas normais de trabalho, mas coisas de vida e morte.

Atravessar ilegalmente a fronteira de um pais. Fugir da policia. Contratar assassinos, pelo amor de Deus! E agora dobrava a roupa limpa. Seria mesmo possivel que sua vida houvesse se transformado nisso?

- Quando e que o papai vem pra casa? - perguntou Jake, apertando o ursinho de pelucia junto ao peito, o irmao em silencio a seu lado, os dois com frio e cansados e querendo o papai, de novo.

- Eu sinto muito, meu amor - disse Kate. - Ele so vai chegar depois que voces estiverem dormindo.

Ben deu meia-volta depressa, zangado, e se afastou. Mas Jake continuou ali: - Por que? Por que ele nao pode ficar em casa? - perguntou.

- Ah, ele quer ficar, meu amor. Mas as vezes precisa fazer outras coisas.

O menino enxugou uma lagrima no rosto e Kate o envolveu nos bracos.

- Desculpe, Jake. Mas prometo que o papai vai lhe dar um beijo quando chegar, esta bem?

Ele fez que sim, lutando com outras lagrimas, e se afastou, amuado, para ir ao encontro do irmao, que ja estava ocupado com o Lego.

Kate sentou diante do computador. Saiu de alguns arquivos - mobilia alugada de luxemburgo, escolas de luxemburgo e servicos de utilidade publica-luxemburgo. Esperou o aparelho localizar o sinal da rede sem fio. Olhou para a tela, criticando-se pelo que estava prestes a fazer, pelo que esperava descobrir e por nao ter certeza se queria descobrir ou nao.

Nao lhe ocorreu que estava fazendo exatamente o que se esperava que fizesse.

Mas, antes que pudesse fazer qualquer coisa, o telefone voltou a tocar.

- Muito obrigada - disse Julia. - Eu me sinto completamente perdida sem internet.

- Imagina!

Kate fechou a porta depois que ela entrou.

- Sei exatamente o que voce esta sentindo. Meninos, digam oi a Julia.

- Oi!

- Ola!

Finda a novidade de ter a campainha tocando, voltaram correndo para a cozinha, para suas tarefas culinarias: Ben descascava cenouras, Jake as cortava em pedacos grandes. Os dois estavam trepados em escadotes junto a bancada, muito concentrados, tomando cuidado para nao se machucarem.

- Voce tem ajudantes de mestre-cuca - observou Julia.

- E.

Os meninos estavam cuidando dos ingredientes para um ensopado de frango. Tinham o livro de receitas aberto na bancada, embaixo de uma prateleira com meia duzia de outros livros de receitas,

✕

✕

todos comprados na Amazon inglesa.

Julia foi andando para a sala.

- Nossa! - exclamou, notando a vista. - Isto aqui e lindo.

- Obrigada.

Ja estavam no interior da sala, depois de cruzar duas portas e dobrar uma curva para longe dos meninos. Bem longe dos ouvidos deles. Se em algum momento iam mencionar a noite de sabado, seria agora. Mas nao.

- Bem, o computador fica ali - disse Kate, apontando o quarto de hospedes.

- Obrigada de novo. Fico mesmo muito grata. Devo demorar uns dez minutos, tudo bem?

- O tempo de que precisar.

Kate deixou Julia sozinha.

Os meninos estavam dormindo, Dexter no tenis com Bill e Kate sozinha sob o brilho cinzento da tela, maos apoiadas de leve nas teclas, os indicadores acariciando as bordas do J e do F. Sentiu um calor, uma comichao. Estava em busca de uma atividade, para diminuir seu tédio. E de uma imagem, para alimentar sua fantasia.

Digitou: b i l l espaço m a c l e a n.

A primeira pagina de busca revelou uma personalidade coerente que tinha esse nome, mas nao era a que ela procurava. Kate rolou paginas e mais paginas de resultados - sete, oito, nove, dezenas de links -, mas nenhuma era de um corretor de cambio recém-transferido de Chicago para Luxemburgo, com cerca de 40 anos de idade.

Nada no Facebook. Nem no LinkedIn. Nenhuma atualizacao de ex-alunos universitarios nem lista de estudantes do ensino medio nem fotos em paginas de associacoes nem referencias em publicacoes.

w i l l i a m espaço m a c l e a n.

Um conjunto ligeiramente diferente de links, mas na maioria os mesmos. Num site de segunda classe de redes profissionais, havia uma pagina de um William Maclean de Chicago, listado como profissional de finanzas, e mais nada. Nem foto nem links nem biografia, nada de solido.

Ela experimentou outras grafias - *Mclean, McLean, Maclane, Maclaine* -, mas os resultados foram quase exatamente os mesmos. Nenhum dos homens encontrados era ele.

- E quanto ao Santibanez? - Evan tinha perguntado.
- Ouvi dizer que foi o Leo - Kate havia respondido.
- E, todos ouviram isso. Sabe alguma coisa mais especifica?

Agora que a conversa estava finalmente em curso, Kate se sentia aliviada. Demorara muito para acontecer. Ela ficara surpresa com tantos rodeios, tantos interrogatorios e execucoes e assassinatos que obviamente nao tinham nada a ver com ela.

- Nada.

Evan deu uma olhada no bloco:

- Ele foi morto em Veracruz. Duas no peito, uma na cabeca. Sem sequestro, sem carnificina, sem espetaculo.

Exatamente como ela fora treinada a fazer.

✕

✕

Foi nesse momento da conversa - do depoimento, do interrogatorio - que Kate finalmente compreendeu o objetivo daquela falacao interminavel sobre violencia: estavam fazendo com que ela se lembrasse de que, apesar de haver deixado o trabalho de campo fazia cinco anos, ainda nao se livrara da macula das operacoes sujas. Nunca se livraria.

- Ou seja, nao pareceu trabalho do pessoal da Narcoticos. Pareceu coisa feita por alguem do nosso ramo.

E eles sempre saberiam disso.

- Esse Santibanez, houve uma epoca em que ele andou com Lorenzo Romero, nao?

Romero fora um informante da CIA que tinha passado dados enganosos a seu agente, em troca de enormes somas em dinheiro dos narcotraficantes. Infelizmente, as informacoes falsas tinham feito seu contato na CIA levar um tiro na cabeca e ser desovado no porto de Tampico. Toda a divisao do Mexico havia concordado em ir a forra, e Kate, a unica mulher do grupo, seria a pessoa mais indicada a atrair o notorio mulherengo para uma situacao em que ele fosse pego desprevenido.

- Como eu disse, nao sei nada especifico sobre o Santibanez.
- Certo.

Evan meneou a cabeca, olhos voltados para o bloco.

- E quanto a Eduardo Torres?

Kate respirou, nem muito fundo nem muito leve. Ali estava, finalmente.

Dexter estava em Londres no dia da mudanca: a companhia locadora apareceu as oito da manha com um pequeno guindaste e recolheu todas as pecas - sofas e camas, roupas de cama e mesa, louca, escovas de limpeza e aspirador de po. Cadeiras, comodas, uma escrivaninha, uma mesa de jantar.

Tudo ja saira pela janela as dez da manha. Papeis assinados, caminhaos fechados e na estrada.

Era outro dia escuro e chuvoso de outono. A janela passara a manha inteira aberta. O apartamento estava frio e vazio. Kate, de novo sozinha.

Sozinha e aguardando a chegada do container embarcado, apos tres semanas esperando a liberacao da alfandega. O mesmo container laranja que partira de sua calçada em Washington, dois meses antes, quando ela ficara sozinha naquela outra casa vazia, os papeis assinados para atestar que tudo fora embalado e carregado e preso a um caminhao preto espalhafatosamente decorado com silhuetas em neon de mulheres com seios inacreditavelmente grandes, com destino ao porto de Baltimore, para ser posto no cargueiro Osaka e atravessar o Atlantico em onze dias, ate a Antuerpia, e depois ser engatado num caminhao branco de uma companhia holandesa de frete, um sem decoracao alguma, que agora dobrava a esquina ali, em frente a esse apartamento vazio onde de novo ela estava sozinha, enquanto o marido trabalhava no mesmo emprego num continente diferente e os filhos estavam na escola aprendendo as mesmas coisas, e o que havia no container era igual, e as grandes diferencas eram o lugar em que ela estava e quem ela era. No meio da Europa, a nova Kate.

- O Dexter parece um otimo marido. Ele e?

Era comum as conversas com Julia ficarem muito mais pessoais do que Kate gostaria. Julia exibia sem pudor sua necessidade de intimidade, praticamente implorando que Kate se abrisse com ela.

Apesar de se mostrar extrovertida e confiante, era tremendamente insegura. Nao dera sorte no amor, ✕

nao acreditava em relacionamentos e a intimidade a constrangia. Fora solitaria a vida inteira, tal como Kate, ate topar por acaso com Bill. Mas continuava sozinha, ainda temia que sua felicidade pudesse ser arrancada a qualquer momento, por razoes que fugiam ao seu controle.

Kate nao sabia responder a pergunta de Julia - nao saberia nem mesmo dar uma resposta a si mesma. Sua relacao com Dexter tinha melhorado logo depois da mudanca: ele fora surpreendentemente atencioso e os dois haviam ficado mais proximos, mais intimos. A mudanca lhes fizera bem, tinha sido boa para o casamento. Embora ainda nao fosse boa para Kate como individuo.

Mas depois Dexter fora ficando cada vez mais ausente, viajando sabe-se la para onde. Ela mal tinha disposicao para ouvir seus itinerarios. E ele ficara tambem mais e mais evasivo, distante e distraido quando estava em casa.

Kate nao conseguia decidir se devia ou nao quebrar a promessa que fizera a si mesma de nao desconfiar do marido. E se cedesse a essa ansia e se permitisse ficar desconfiada: de que? De traicao? De que ele estivesse passando por algum tipo de crise psicologica? Sera que os planos dele para o emprego estavam dando errado e ele nao queria lhe contar? Sera que ele estava aborrecido com ela por alguma razao?

Kate nao saberia identificar em que area estava o problema. Ou sequer se existia algum. E, mesmo sentindo a vaga necessidade de falar disso, tinha uma compulsao mais forte a manter suas inquietacoes em segredo. Sempre ficara a vontade com o nao dito; os segredos eram sua especialidade.

Olhou Julia nos olhos, fitando aquela porta para outro nivel de relacionamento entre as duas, e resolveu nao entrar. Como tinha feito a vida inteira.

- Sim, ele e um otimo marido.

Kate se acomodou numa rotina.

As tercas e quintas, depois de deixar as criancas, fazia os exercicios de frances e ia para a aula.

Sua professora, uma franco-somaliana perturbadoramente jovem e bem-humorada, se impressionava com o progresso rapido e a pronuncia da aluna, que soava como a de alguem que houvesse nascido num pais de lingua francesa. O idioma nao era dificil para Kate, depois de todos aqueles anos falando espanhol e dominando as nuances de cada regioao - Cuba e Nicaragua, a parte norte e a parte leste do Mexico.

Malhava duas ou tres vezes por semana. Havia aceitado a recomendacao de Amber - sempre se exercitando, nunca em forma - e se matriculara numa academia bizarra, que oferecia sanduiches de presunto e cappuccino, mas nao toalhas nem aulas de manha cedo; as portas nem sequer abriam antes das nove.

Kate circulava de automovel para encontrar coisas. Dirigiu trinta minutos ate uma grande loja de brinquedos num centro comercial em Foetz, que se pronunciava *fetz*. Estava a procura de um artigo que vinha se revelando dificil de achar: um boneco do Robin. Nao era grande surpresa, pois quem e que vai querer o Robin, quando ha tantos Batmans disponiveis? Ben, ora quem mais.

Ela foi a Metz, a 45 minutos de distancia, a procura de um *mixer*.

Dirigia pelas vias principais de Luxemburgo - Route d'Arlon, Route de Thionville, Route de Longwy -, entrando e saindo de shoppings e centros comerciais, almocando em restaurantes indianos com bufe de pratos quentes - frango insosso no *tikka masala*, *naan* gorduroso .

Sentava-se diante do computador pesquisando destinos de fim de semana, hoteis e atracoes, voos e rotas rodoviaras, restaurantes e jardins zoologicos.

Mandava lavar o carro em lugares diferentes. Num deles, ficou presa por meia hora. Um funcionario sollicito, de macacao, ia ve-la a todo momento, a intervalos de minutos. A certa altura, mencionou que ela podia ficar a vontade para chamar a policia.

Cortou o cabelo. Havia muitas pessoas com cortes de cabelos estranhos em Luxemburgo, e ela nao conseguiu escapar de ser tambem uma vitima. Foi por pouco, mas nao conseguiu avisar a tempo que nao queria nada dos mullets, franjas e moicanos em que os cabeleireiros do lugar eram especializados.

Comprou persianas, tapetes, jogos americanos e porta-xampus.

Comprou e instalou um suporte extra para toalhas no banheiro do casal, o que levou a aquisicao de uma furadeira eletrica. E a fez retornar a loja de ferragens para comprar as brocas, que nao vieram com a furadeira. E voltar de novo, em busca das brocas diamantadas de que precisaria para furar o que estivesse por tras do emboco das paredes. Cada viagem de ida e volta a loja demorava uma hora.

Kate se encontrava com outras mulheres para tomar um cafe ou para almocar. Quase sempre era Julia, mas as vezes era Amber, ou Claire, ou qualquer outra; nao havia ninguem com quem nao tentasse. Holandesas e suecas, alemas e canadenses. Ela era embaixadora de si mesma.

E tambem a baba da familia. Ficava no chao com os meninos, montando Lego ou blocos de madeira, manuseando os recortes de papelao de quebra-cabecas de 36 pecas. Lia livros e mais livros e mais livros em voz alta.

Veza por outra, encontrava-se com o marido para uma refeicao. Mas nao com frequencia. Dexter trabalhava em periodo integral e quase todas as noites.

Ela ansiava pela noite em que saiam juntos - que, supostamente, acontecia uma vez por semana,

mas não raro era cancelada, em decorrência do trabalho ou de viagens. Em Washington, a noite de encontro não tinha sido importante, era opcional. Mas agora era algo de que ela sentia necessidade, uma oportunidade de compartilhar o lixo da vida de dona de casa, de fazer o marido expressar sua solidariedade com ela, seu apoio.

Muito daquilo parecia sem valor. Ela andava pelo apartamento catando brinquedos e roupas, endireitando pilhas de coisas, arquivando papeis. Lavava a cabeça dos meninos e lhes ensaboava as axilas e os supervisionava nas requintadas artes de lavar o bumbum, escovar todos os dentes e fazer xixi no interior do vaso, não só na direção dele.

Saía para comprar mantimentos e carregava sacolas. Preparava o desjejum e embalava o almoço e fazia o jantar e lavava a louça. Aspirava e esfregava e espanava. Separava a roupa lavada, colocava-a para secar, depois a dobrava e guardava em gavetas e cabides e ganchos.

Quando terminava as tarefas domésticas, estava na hora de recomeçar cada uma delas.

E o marido não fazia ideia. Nenhum marido sabia o que sua mulher fazia todos os dias, durante as seis horas que as crianças passavam na escola - não só as tarefas intermináveis, mas também os passatempos, as aulas de culinária e idiomas e tennis e, em circunstâncias especiais, as aventuras amorosas com os professores de tennis. Encontrar com todas as outras mulheres para um cafezinho, o tempo todo. Ir à academia. Ao shopping. Sentar em parquinhos, molhando-se de chuva. Um dos parquinhos tinha um quiosque onde elas podiam ficar menos molhadas.

Dexter não sabia de nada disso. Assim como não tivera ideia de como Kate realmente passava os dias, nos tempos de Washington, quando ela fazia algo completamente diferente do que dizia.

Do mesmo jeito que, agora, ela não sabia exatamente o que o marido fazia o dia inteiro.

Hoje, 11h09

- *Bonjour* - atende Dexter. - *Comment ça va?* Como está?

Kate corre os olhos pela galeria, deserta exceto pelo casal espanhol. O homem não para de fazer comentários em voz baixa.

Provavelmente se considera um especialista.

- *Ça va bien*. Bem - responde Kate.

Faz um ano que eles se mudaram de Luxemburgo para Paris, no início do ano letivo numa nova escola, numa nova cidade, num novo país. No reveillon, Kate havia chegado à conclusão de que nenhum dos dois estava progredindo o suficiente no idioma.

Assim, convencera Dexter de que deveriam falar apenas em francês as terças e quintas. Agora é uma quinta-feira, nove meses depois. Nesta conversa, porém, eles precisam quebrar a regra, precisam garantir de que tudo será compreendido.

- Acabei de topar com uma velha amiga - diz Kate. - Julia.

Dexter passa um segundo em silêncio e ela não o pressiona. Sabe que o marido está pensando no significado da chegada dessa mulher.

- *Quelle surprise* - diz ele, sem demonstrar qualquer surpresa, na verdade. - Faz muito tempo.

Nem Kate nem Dexter viram Julia desde sua partida apressada, mas não inesperada, de Luxemburgo, no penúltimo inverno.

- Podemos nos encontrar para um drinque logo a noite? Bill tambem esta em Paris.

Dexter faz outra pausa de um segundo:

- Esta bem. Sera divertido por a conversa em dia.

- Sim - concorda Kate. Mas nao esta pensando em quanto vao se divertir. - Entao, que tal as sete, no cafe do Carrefour de l'Odeon?

- Claro. Perfeito.

O cafe fica na esquina proxima a garagem em que eles estacionam o carro, a meio quarteirao de uma estacao de metro movimentada. Tem banheiros minusculos e sem janelas, sem salas nos fundos nem entrada de servico. Nao ha onde se esconder, nenhuma forma de surpreender ninguem pelas costas. As mesas da varanda proporcionam uma vista sem obstrucao de todo o cruzamento. E o lugar perfeito para tomar uma bebida. E o lugar perfeito do qual escapar depressa.

- Vou ligar para Louis e reservar uma mesa - diz Dexter. - Aviso se houver algum problema.

Kate sabe que nao havera problema, nao com Louis e a mesa. Mas e capaz de imaginar muitos outros problemas, quase todos terminando com a conta sendo fechada e uma nota cor-de-rosa de 50 euros presa sob o pesado cinzeiro de vidro do cafe, depois os passos apressados dobrando a esquina, o afivelar rapido dos cintos de seguranca nos bancos macios da caminhonete, com as criancas ja seguras no banco de tras, o adeusinho a Sylvie, a baba, a corrida em direcao ao Sena e a travessia da Pont Neuf, depois a pista de velocidade sob o cais, fluindo para a autoestrada leste, seguindo na mesma direcao pela pista larga de transito leve da A4, depois rumo ao norte pela A31, e ai entrar numa nacao diferente e em estradas diferentes, que aos poucos se estreitam e se tornam sinuosas e ingremes, ate parar, finalmente, quatro horas depois de sair do estacionamento a margem esquerda do Sena, diante dos muros de pedra da casa de fazenda caiada de branco, num planalto pontilhado por arvores nas profundezas da quase despovoada floresta das Ardenas.

E, no banheiro do andar inferior da casinha de pedra, atras do painel de saida de ar do aquecimento quebrado, chegar a uma caixinha de aco fixada com imas potentes.

- Esta bem. Ah, Dexter, Julia me pediu para lhe dar um recado.

A fuga para as Ardenas e uma coisa que ja treinaram. Fizeram uma simulacao.

- Sim?

- O coronel morreu.

Dexter nao reage.

- Dexter?

- Sim, entendi.

- Entao, esta bem. *A bientot*.

E, dentro da caixa no banheiro da fazenda, pilhas bem arrumadas de cédulas novinhas, 1 milhão de euros, dinheiro impossível de rastrear. Dinheiro para a vida nova.

O casal espanhol saiu da galeria. Kate fica so, olhando para as fotografias, imagens de agua e areia e céu, agua e areia e céu, agua e areia e céu. Uma sucessão ininterrupta de azuis e bege em matizes de cinza e branco. Linhas hipnoticas, abstrações de lugares tao abstratos que ja nao sao lugares, apenas linha e cor.

Talvez uma praia, pensa Kate. Talvez uma praia distante seja nossa proxima residencia. Depois de desaparecemos daqui.



Era complicado telefonar para qualquer pessoa nos Estados Unidos, por causa da diferenca de fuso combinada com o horario escolar. Kate ficava livre durante a manha inteira, mas nesse periodo todos dormiam na Costa Leste dos Estados Unidos, ou, no maximo, tomavam o cafe da manha. Quando eram nove horas em Washington, ela estava buscando as criancas e na companhia delas, na mercearia e no acougue e na padaria, em parquinhos e no centro esportivo, dirigindo e arrumando e cozinhando.

Quando ja nao estava ocupada - filhos de banho tomado e na cama, louca lavada, casa impecavel - , sentia-se exausta, desconcentrada, e assistia a ultima temporada dos seriados do canal HBO no iTunes, o laptop ligado ao televisor por cabos grossos e cheios de tomadas.

So havia uma pessoa na zona de seu fuso horario para quem podia telefonar. Discou o numero comprido, que foi atendido ao primeiro toque.

- Alo.

- Oi - disse ela. - Estou entediada.

Nao disse seu proprio nome nem o dele. Nada de nomes por telefone, jamais.

- Na verdade, mais entediada que nunca. Em toda a minha vida.

- Sinto muito - disse ele.

- Tenho lavado roupa.

- Isso e *otimo* - comentou o homem. - E importante vestir a familia com roupa limpa.

Kate percebeu que essa conversa - solidao, lavagem de roupa - soava exatamente como um espiao transmitindo informacoes codificadas a um agente.

- Diga-me alguma coisa interessante - pediu.

- Interessante? Hum... vamos ver. Nenhum presidente norte-americano foi filho unico. *Todos* tiveram irmaos. Se nao biologicos, ao menos por afinidade.

Ela conhecia Hayden desde o inicio da carreira. Passado tanto tempo, havia esquecido como era marcante sua fala arrastada, enfastiada, seu sotaque afetado da elite nova-iorquina. Ninguem falava como ele em Luxemburgo. Nem mesmo os britanicos.

- Essa merece um quatro.

- Ah, que *injustica*. Estatisticamente, vinte por cento das criancas americanas sao filhos unicos. E nem um unico presidente norte-americano cresceu assim? Ora, *vamos*.

- Esta certo, acho que merece cinco - disse Kate, sem lutar contra o impulso de sorrir, apesar de seu humor pessimo. As curiosidades divertidas de Hayden sempre a animavam. - Eu me sinto so.

- Sei que e dificil - disse ele. - Mas vai melhorar.

Hayden passara toda a sua vida adulta morando no exterior. Sabia do que estava falando: - Eu garanto.

- Talvez o papai queira nos contar o que fez hoje.

Jake e Ben não levantaram a cabeça de suas fatias marrons de "Bofflamott" (pagina 115 de um livro de receitas tradicionais da Baviera). Se tinham consciencia de que um de seus pais acabara de iniciar o ataque contra o outro, também sabiam que essa batalha não era deles.

Dexter não disse nada.

- Ou talvez o papai ache que a mamae não é inteligente o bastante para entender o trabalho dele.

Dexter parou de mastigar.

- Ou talvez o papai simplesmente não se importe com a curiosidade da mamae.

Jake e Ben se entreolharam rapidamente, depois voltaram os olhos para o pai.

Kate sabia que não estava sendo justa. Não devia fazer isso. Mas fora vencida pelo ressentimento.

Lavara três banheiros nessa tarde. Lavar banheiro estava no topo da lista de tarefas que ela odiava.

Dexter baixou o garfo e a faca:

- Exatamente o que você quer saber, Kat?

Ela estremeceu ao ouvir esse uso proposital de seu antigo nome.

- Quero saber o que você *faz*.

Nunca havia bisbilhotado a vida profissional do marido, pelo menos não na cara dele. Os dois sempre tinham formado um casal em que um dava amplo espaço ao outro. Era uma das coisas que ela mais apreciava em Dexter: sua disposição de não saber. Agora, era Kate quem queria saber.

- O que você fez hoje? Será que é demais perguntar?

Ele sorriu, por causa das crianças.

- É claro que não. Vejamos. Hoje eu planejei a primeira parte de um teste de penetração que vou fazer daqui a umas duas semanas.

Isso parecia uma relação sexual experimental.

- Um teste de penetração é quando um consultor como eu tenta invadir a segurança de um sistema.

Ha três abordagens principais da invasão. Uma é o método puramente técnico: achar um furo, uma brecha no sistema, por onde você possa entrar, abrir tudo e circular a vontade.

- Como o que?

- Como um computador não monitorado que esteja ligado ao sistema e não seja protegido por uma senha. Ou, se for protegido por senha, que tenha um nome de usuário fácil de descobrir, ou que ainda esteja com a configuração-padrão. Como um nome de usuário que seja *usuario* e uma senha que seja *senha*. Alguns sistemas podem ser invadidos em poucas horas. Outros podem exigir meses. E, quanto mais tempo demora, maior a probabilidade de que o invasor desista dele e vá procurar um alvo mais fácil.

Ele olhou para a carne no prato dos meninos antes de prosseguir.

- A segunda abordagem é puramente física: invadir um local. Passar de fininho pelos guardas, entrar pela janela, subir pelo porão. Ou partir para a força bruta: chegar com homens e armas de fogo. A abordagem física não é minha especialidade.

- Eu não imaginaria que fosse.

- O que quer dizer com isso?
- Nada. Qual e a terceira abordagem?
- A terceira costuma ser a mais eficaz. Engenharia social. E quando se manipula uma pessoa para obter acesso.
- Como e que se faz isso?
- Todos os metodos giram basicamente em torno do mesmo principio: fazer as pessoas acharem que voce esta do lado delas, quando nao esta.

Engenharia social. Fora essa a carreira de Kate.

- E o mais eficaz e uma combinacao dos tres: engenharia social para chegar fisicamente ao local, onde voce usa suas habilidades tecnicas. E assim que se paralisa o funcionamento de governos, assim que se roubam grandes segredos industriais e se aplicam golpes em cassinos. E, o que e mais importante para mim, e assim que se roubam bancos. Esse e o pior pesadelo dos bancos.

✕

✕

Dexter deu uma mordida na carne.

- E para isso que estamos aqui.

Tomou um gole de vinho.

- E isso que eu faco.

Pela janela, Kate contemplou a escarpa que descia centenas de metros ate a garganta do rio Alzette, a moderna ponte de aco de quase meio quilometro, o antigo aqueduto da ferrovia, as fortificacoes medievais, os gramados de um verde exuberante, as florestas densas, o casario com seus telhados enegrecidos, as agulhas altissimas das torres, o rio de aguas celeres, a ladeira que vinha dos predios comerciais de vidro e aco do planalto de Kirchberg e, encimando tudo, a vastidao de um luminoso ceu azul. Era uma vista espetacular, uma vista de possibilidades infinitas. Uma paisagem que resumia a Europa.

Em seguida, ela voltou os olhos para o computador. O site da Julia Maclean Design de Interiores nao era outra coisa senao bem produzido. Trabalho profissional. Apoiava-se macicamente na musica de fundo e em imagens que esmaeciam devagar, em letras de tamanhos e estilos variados e em frases banais. Havia algumas duzias de imagens de comodoss residenciais apraziveis, porem sem maior destaque. Segundo uma das paginas, a intencao estetica era o "tradicional ecletico", o que parecia significar a combinacao de antiguidades norte-americanas de aparencia cara com mascaras tribais africanas, banquetas chinesas e ceramica mexicana.

Nao havia depoimentos de clientes nem endossos de celebridades. Nao havia pagina de mencoes na imprensa local nem links para outras materias. A biografia dizia:

Nascida em Illinois, Julia Maclean graduou-se em arquitetura e produtos texteis e tem especializacao em belas-artes, com foco em design de interiores. Foi estagiaria em empresas de prestigio antes de abrir o proprio escritorio e, na ultima decada, conquistou seguidores fieis de sua abordagem extravagante e tradicional de interiores requintados. Igualmente a vontade trabalhando em ambientes modernos ou tradicionais, Julia esta entre os decoradores mais requisitados da regioao da grande Chicago.

Na pagina de contato havia um endereco de e-mail, mas nenhuma localizacao fisica, nenhum numero de telefone ou fax, nenhum nome de funcionarios ou colegas, socios ou referencias.

Em todas as atraentes paginas do site, nao havia uma unica informacao concreta que se pudesse ligar a qualquer pessoa ou lugar reais.

Kate ja vira sites como esses. Eram historia. Apenas a capa de um disfarce.

- Meninos! - gritou, ignorando momentaneamente o marido. Ignorando, nao; apenas nao sendo receptiva. - Cafe da manha!

Pos as panquecas na mesa de jantar, uma delas coberta de Nutella, a outra, de uma pasta com gosto de biscoito de canela, ambas enroladas e bem apertadas. Nao parecia haver waffles congelados nesse pais. Por sorte, os meninos vinham se mostrando flexiveis quanto as diferentes formas de acucar para comer no cafe da manha.

Uma coisa em relacao a qual nao eram flexiveis era o fato de nao verem o pai todos os dias. Kate estava se descobrindo incapaz de suportar as queixas deles sobre a ausencia paterna, o que tinha muito jeito de insatisfacao com seu desempenho como mae. Se os meninos precisavam tanto do pai, devia ser por nao gostarem dela o bastante. Os fatos provavam a teoria.

Racionalmente, ela sabia que isso nao era verdade. Mas tinha a sensacao irracional de que era.

- Nao - disse, virando-se para Dexter, zangada e deixando a raiva transparecer, de proposito. - Nao me lembro de voce ter dito porcaria nenhuma sobre ir a Sarajevo esta semana.

Tentou acalmar-se, lembrar a si mesma que as viagens de negocios quase nunca eram opcionais; eram desgastantes, nao relaxantes; solitarias, nao divertidas. E Sarajevo era um dos ultimos lugares do mundo a que Dexter desejaria ir. Tinha profunda magoa de toda a regio da antiga Iugoslavia, por causa do assassinato do irmao.

- Bem, desculpe. Mas eu vou - disse ele.

Kate nao deveria ficar ressentida por ele se ausentar, por deixa-la a sos com os filhos numa terra estranha, sozinha e solitaria. Mas ficava.

- E quando voce volta?

As crianas se acomodaram nas cadeiras, olhos fixos na televisao. Em Washington, nunca tinham assistido a um unico episodio de *Bob Esponja*; nao sabiam da existencia dele. Agora estavam vendo *Bob l'Eponge*, uma versao francesa.

- Na sexta-feira a noite.

- O que voce vai fazer, exatamente, em Sarajevo?

Seria a segunda viagem de Dexter para la, que se somaria a uma a Liechtenstein, uma a Genebra, uma a Londres e uma a Andorra.

- Ajudar uns clientes do banco a melhorarem a seguranca.

- O banco nao tem gente na Bosnia para fazer isso?

- E para isso que eles me pagam: para deixar os clientes a vontade. E o meu trabalho, Kat.

- *Kate*.

Dexter deu de ombros. Ela abriu a boca para gritar com o marido, mas nao pode, nao queria

gritar na frente dos filhos.

Bateu com força a porta do banheiro. Debruçou sobre a pia, que fora esfregada até ficar limpa por ninguém menos que ela mesma. Olhou para o espelho, as lágrimas brotando. Enxugou um olho, o outro, mas não adiantou, agora estava chorando. Massacrada por sua solidão, sua exclusão. Incapaz de imaginar como, em algum momento, chegaria a se sentir como uma daquelas outras mulheres: satisfeitas com essa vida, sentadas a uma mesa de café, rindo enquanto conversavam sobre as dificuldades de se livrarem de pelos indesejados. Divertindo-se. Ou, pelo menos, criando uma aparência convincente para Kate, para as outras e para si mesmas, de ter uma vida agradável.

Kate e Dexter não levavam uma vida agradável, ainda não. Havia tirado cópias autenticadas de seus passaportes e certidões de nascimento e da certidão de casamento, a fim de solicitar vistos de residência. Havia aberto contas bancárias e feito contratos de seguros, comprado telefones celulares e eletrodomésticos portáteis e armários pré-fabricados e almondegas congeladas. Tinham ido a segunda maior cidade do país, Esch-sur-Alzette, para comprar uma caminhonete Audi usada, com câmbio automático e menos de 50 mil quilômetros rodados. Achar esse carro consumira duas semanas de buscas na internet, intervalo que correspondia com precisão ao tempo que eles tinham levado para descobrir que a palavra "break" significava "caminhonete".

Vinham ticando itens numa lista de providências presa à geladeira com um ímã. Havia dezenove itens na lista. Eles haviam riscado quinze.

✕

✕

O último item estava sublinhado: *Aproveitar a vida*.

Talvez essa história toda fosse um terrível erro.

- Não sei nada específico sobre Torres - dissera Kate.

- E inespecífico? - questionou Evan.

Ela fez força para não desviar os olhos. Vinha esperando por essa linha de interrogatório desde o começo do processo. Fazia meia década que esperava por ela.

- Não faltavam inimigos para Torres - disse.

- Sim. Mas, na época do falecimento, ele andava em baixa. Foi uma ocasião estranha para ele ser eliminado.

Kate mal conseguiu manter o contato visual.

- Os ressentimentos são atemporais - afirmou.

A caneta de Evan estava pousada sobre o bloco, mas não houvera nada que valesse a pena escrever.

Ele bateu com a esferográfica no papel, quatro batidinhas lentas, mantendo o ritmo.

- Sim - concordou -, são mesmo.

- Ora, ora, ora, se esta não é uma surpresa agradável!

Kate ia caminhando pela Grand Rue, ladeada por confeitarias, chocolaterias, açougues, lojas de lingerie, sapatarias, joalherias e farmácias. A via de pedestres ficava parcialmente aberta ao tráfego

na parte da manha, para entregas. Caminhões compactos avancavam aos milímetros pela rua ou estacionavam em frente as lojas. Havia vendedoras abrindo portas, carregando embrulhos, verificando o cabelo e a maquiagem; entregadores operando elevadores hidráulicos, empurrando carrinhos, carregando caixas volumosas. E ali estava o suposto Bill Maclean, o inexistente corretor de câmbio de Chicago.

- E, com certeza - concordou Kate. - O que o tirou do escritório esta manha?

Kate andara querendo falar com Dexter sobre sua investigação. Divertira-se, em parte, com a descoberta de que os Maclean, em certo nível, eram pura ficção. Mas também imaginava cenários em que eles estariam fugindo da falência, ou fariam parte do programa de proteção a testemunhas, ou seriam mafiosos escondidos. Ladrões de banco, assassinos, bandidos perigosos em fuga. Ou, quem sabe, até agentes da CIA.

Mas havia alguns obstáculos à ideia de falar com Dexter sobre suas suspeitas. Primeiro, Bill vinha se tornando amigo dele rapidamente. Seu único amigo. Os dois voltaram a jogar tênis, novamente seguido por um jantar, e Dexter havia chegado em casa tarde e contente.

Kate e Dexter tinham comparecido juntos a uma degustação de vinhos, organizada pelo Clube das Mulheres Americanas de Luxemburgo, e a uma festa na escola. Tinham ido ao cinema e ao teatro.

Haviam sido convidados para jantar na casa de uma família e recebido outra na casa deles. Podiam dizer que conheciam algumas pessoas. Mas na verdade era Kate que conhecia algumas mulheres; Dexter meramente a acompanhava por ser seu marido, conversando sobre banalidades com banqueiros ingleses, advogados holandeses e vendedores suecos. Bill Maclean, porém, era amigo de Dexter e Kate não queria lhe tirar isso. Não queria dar a impressão de desejá-los afastados.

O segundo empecilho era não querer admitir que parte do impulso de vasculhar a internet representava um antigo hábito de não confiar em ninguém. Um hábito cuja gênese estava no reconhecimento de que ela mesma não era confiável.

- Xi - fez Bill, com um sorriso malicioso. - Parece que você me pegou.

- Fazendo o que?

Em terceiro lugar, de modo algum ela podia admitir que parte da motivação - uma parte minúscula, porém existente - era atração sexual.

- Bem, minha mulher está fora da cidade. Foi a Bruxelas hoje cedo.

Kate se resignara a não dizer nada a Dexter sobre a natureza fantasmática dos Maclean. Não até que - ou a não ser que - descobrisse outras coisas. Ou até que tentasse descobrir mais e não conseguisse desencavar nada, o que em si já seria uma descoberta.

- Por isso, estou andando pela *ville* - ele se aproximou um passo, depois mais um, e cochichou no ouvido dela - a procura de uma mulher com quem possa passar o dia na cama.

O queixo de Kate caiu.

O sorriso de Bill se alargou até virar uma risada.

- Brincadeira - disse, exibindo uma sacola. - Eu precisava comprar uma coisa na loja de informática.

Kate lhe deu um tapinha no peito, não muito forte.

- Cretino.

Olhou para ele, intrigada. Bill retribuiu o olhar com ar brincalhão. Isso poderia ser divertido.

Talvez fosse bom para Kate e Bill, e até, de certo modo, beneficiasse todos os quatro. Um flertezinho inofensivo. Todo mundo tinha um.

- Foi uma manobra e tanto aquela sua em Paris - comentou ela. - Muito valente. Muito masculina.

- Ah, pfff - fez ele, com ar de chacota. - Não foi nada.

- Onde você aprendeu a fazer aquilo?

- Não aprendi. Foram só os meus reflexos, rápidos como o raio.

Não parecia verdade, mas Kate sabia que não convinha forçar a barra.

- Julia foi mesmo a Bruxelas?

- Foi. Queria visitar uma velha amiga que está de passagem, seja lá qual for a razão pela qual as pessoas vão a Bélgica.

- Uma velha amiga da faculdade?

- Não.

- A propósito, em que faculdade a Julia estudou?

Kate manteve os olhos grudados nos de Bill, em busca de algum sinal de esquiva. Não houve nenhum.

- Universidade de Illinois.

- E você? Qual é a sua faculdade?

- Uau.

- Uau o que?

Bill olhou à esquerda, depois à direita:

- Eu não tinha percebido que ia fazer uma entrevista de *emprego* aqui na rua. Como você sabe, só estava na esperança de arranjar um flerte.

Ele sorriu.

- Mas tenho que perguntar: quanto é o salário para esse cargo específico?

- Isso depende de vários fatores - respondeu ela.

- Como o que?

✕

- Bem, onde você se formou?

Uma expressão fugaz de confusão - talvez apreensão - cruzou os olhos de Bill e sua testa. Na boca, porém, o sorriso se manteve cristalizado.

- Chicago.

- Universidade de Chicago?

- Exato.
- Nada mau. Em que curso?
- Eu circulei um pouco.

Kate ergueu uma sobrancelha.

- Digamos que foi um curso *interdisciplinar* - sugeriu ele.
- Hum. E a pos-graduacao?
- Nao fiz.
- Entendo. Emprego mais recente?
- Socio majoritario de uma firma especializada em operacoes de cambio.
- Por que saiu?

- Ela encerrou as atividades - respondeu Bill, num tom que soou decisivo; essa parte da brincadeira estava encerrada.

Mas ele continuou a exhibir um sorrisinho presuncoso, aquele ar extremamente confiante dos sujeitos que sao competentes em tudo, no esqui e no tenis e em consertos de automoveis e marcenaria, na comunicacao em linguas que nao falam, em dar gorjetas a porteiros e subornar guardas, nas caricias preliminares e no sexo oral.

- Escute - disse ele, tornando a dar um passo em direcao a Kate -, para falar a verdade, meu emprego atual e bem bonzinho e eu acabei de comecar; nao estou mesmo procurando outro. Entao - chegou de novo muito perto, a boca junto a nuca de Kate, os labios em sua orelha, fazendo seus pelos se arrepiarem -, nos vamos ou nao vamos para a cama?

Bill estava fingindo que era brincadeira. Mas ninguem faz esse tipo de brincadeira, a menos que tenha um fundo de verdade. E um pretexto para abrir uma possibilidade, um anuncio alto e claro de que a porta esta aberta.

- Pelo que sei, seu marido tambem esta viajando.

Embora nunca tivesse sido infiel, Kate ja recebera convites. Mais do que algumas vezes. E aquele tipo de falsa brincadeira fora uma das formas mais comuns de proposta.

Ela sentiu uma brecha em sua armadura, em sua luta da vida inteira contra homens como Bill: sonsos, manipuladores, perigosos. A especie animal que era o inverso da do homem com quem ela se casara, do tipo mais civilizado que, de forma intelectual e pragmatica, ela se forcara a escolher.

- Nao - Kate balancou a cabeça, embora sorrindo -, nos nao vamos para a cama - disse, com pleno conhecimento de que sua resposta soava dubia.

Ainda que nunca viesse a acabar la, sentia a vontade de se deixar conduzir por Bill.

- Se voce prefere assim...

Kate havia baixado a guarda e deixado a bagunca dos meninos migrar para o quarto de hospedes, para o escritorio, o espaco em que agora esperava sentada que a internet subitamente lenta recarregasse uma pagina, enquanto olhava desolada para os gigantescos veiculos de plastico - um aviao do tamanho de um braco, um helicoptero, varios carros de policia e caminhoes do corpo de bombeiros - espalhados pelo chao. Sentia-se compelida a arrumar aquilo, mas tambem sentia repulsa:

nao suportava recolher brinquedos.

A tela piscou, voltando a vida, e a pagina acabou de ser carregada. Havia tres *campi* da Universidade de Illinois: o de Urbana-Champaign formava 7 mil alunos por ano; eram 6 mil no de Chicago e 5 mil no de Springfield. Alguns calculos rapidos resultaram num universo de 50 mil formandas da Universidade de Illinois na faixa temporal possivel. Quantas poderiam se chamar Julia?

Quanto a Bill, havia menos de 1.500 formandos por ano na Universidade de Chicago e, no caso dele, nao existia o problema da troca do sobrenome ao se casar.

Kate fitou o numero telefonico na tela, com o fone na mao. Ia mesmo fazer isso? Por que?

Sim. Porque era desconfiada de nascenca e suspeitava por profissao. Porque estava entediada.

Porque nao conseguia evitar.

- Sim - disse a mulher da secretaria, com o sotaque arrastado e monocordio do Centro-oeste que nem Bill nem Julia pareciam haver herdado de sua terra natal. - Tivemos um William Maclean na turma de 1992. Seria a pessoa que a senhora esta procurando?

- Imagino que sim. Ha algum modo de a senhora me mandar uma fotografia por e-mail?

- Nao, sinto muito. Nao guardamos registros fotograficos de nossos alunos.

- E quanto ao anuario? - indagou Kate. - Ele deve estar no anuario.

- Senhora, nem todos os alunos optam por incluir sua foto no anuario.

- Teria como verificar? - pediu no tom mais meigo possivel. - Por favor?

Nenhuma resposta. Kate achou que a ligacao havia caido.

- Alo? - disse.

- Sim, senhora. Vou verificar. Aguarde, por favor.

Kate usou os instantes de silencio para se perguntar se algum dia Dexter examinaria a conta de telefone do casal. E, caso a examinasse, ficou pensando se ele lhe perguntaria por que fizera ligacoes justamente para Chicago; naturalmente, ele sabia que Kate nao tinha amigos la. E, se ele de fato examinasse a conta e lhe fizesse perguntas, sera que ela responderia a verdade, ou... talvez dissesse que aquilo era algum tipo de problema do servico de atendimento aos clientes, uma coisa envolvendo... o que?... qual poderia ser o pretexto...

- Sinto muito, senhora. Parece que William Maclean foi um dos estudantes da turma de 1992 que preferiram nao incluir suas fotos no anuario.

- Que pena - disse Kate. Para nao mencionar como era ilogico. O homem que ela conhecia nao era alguem que abrisse mao de ser fotografado. Nao era nem nunca devia ter sido.

X

Sozinha de novo. Não realmente sozinha: com os filhos, mas sem marido.

Sentou-se diante do computador, outra vez.

Qual poderia ser a razão mais lógica, mais óbvia para eles criarem identidades falsas? Abriu o navegador, o pensamento vagando...

Sua primeira ideia, seu instinto mais forte, dizia que seria para se esconderem de algo terrível. Uma coisa inesquecível e imperdoável que um deles tivesse feito. Um crime. Um assassinato, e ele - ou ela? - teria sido absolvido, mas sua vida fora arruinada. E por isso os dois haviam saído do país.

Ou talvez fosse algo não violento, um crime de colarinho-branco: ele era um fraudador, um contador desonesto. Um diretor financeiro que havia adulterado documentos e entregado o presidente da empresa em troca de imunidade. Ficara com a reputação destruída, a posição social irrecuperável, e por isso os dois estavam recomeçando.

Ou então, era ela. Talvez tivesse acabado de cumprir dez anos de pena por... por que? Corrupção de menores? Homicídio culposo por dirigir embriagada? Ele a teria esperado, não com paciência nem com fidelidade, mas teria esperado, assim mesmo. Ela fora solta. Os dois haviam trocado de nome e deixado o país.

Kate abriu uma planilha, pronta para digitar nomes e datas e crimes. Voltou à internet e encontrou os sites de notícias de Chicago. Começou a pesquisar, um crime de cada vez, procurando fotografias de reus, de condenados, de absolvidos e de libertados.

- Lamento informar - dissera Evan - que não vamos liberá-la do seu disfarce.

Era o que Kate havia esperado, depois de tudo o que tinha feito e visto. De certo modo, o disfarce permanente era um alívio, retirava o peso de ter ela mesma de decidir o que fazer. Se estava proibida de contar a qualquer pessoa, não tinha que tomar a decisão de não fazê-lo.

- Entendo. Esta bem.

Evan a observou, atento, provavelmente tentando determinar até que ponto ela ficara decepcionada, ou frustrada, ou aborrecida com essa decisão. Não demonstrava nenhuma dessas coisas.

- Então, Kate, e isso.

- Isso o que?

- Terminamos.

Kate consultou o relógio. Eram onze e meia da manhã.

- Por hoje?

- Para sempre.

- Ah.

Ela não empurrou a cadeira para trás, não se levantou, não fez qualquer movimento. Não queria que essa parte estivesse encerrada. Porque, quando estivesse, seria o fim de tudo. De toda a sua carreira.

- Verdade?

Evan ficou de pe.

- Verdade - confirmou, a mao estendida.

O fim implacavel.

✕

A rua de Kate descrevia uma curva suave e acabava de repente, como muitas ruas europeias. Nos Estados Unidos, eram todas compridas e retas, estendendo-se por quilometros, espichando-se ate onde a vista alcançava, por dezenas ou vintenas ou centenas de quarteiroes. A sintese de Europa *versus* Estados Unidos. Os franceses nem sequer tinham uma palavra que correspondesse a ideia de quarteirao urbano.

Havia uma barreira na entrada da Rue du Rost, listras diagonais vermelhas e brancas numa placa de aco apoiada em cavaletes, com os dizeres rue barree pintados em letras de forma, cuidadosamente preenchidas com tinta preta. Um policial desatento conversava com uma mulher de avental curto.

Uma garconete fumava no intervalo do trabalho.

Kate passou em frente aos portoes do palacio e viu os guardas a notarem e em seguida desconsiderarem sua presenca. Olhou um deles nos olhos, um homem de rosto jovial e oculos sem aro, e deu um sorriso, mas ele nao reagiu. A area de estacionamento dos fundos estava cheia de carros e gente e atividade.

Ela atravessou a rua, entrou num edificio e tocou uma campainha.

- Pode subir! - exclamou Julia pelo interfone.

O elevador era minusculo, como o dela. Devia ter sido um desafio para arquitetos e engenheiros descobrir um modo de cavar pocos de elevadores em todos aqueles predios antigos.

- Seja bem-vinda.

Julia segurava a porta aberta com uma das maos, usando a outra para fazer Kate entrar. Parecia haver algo de antiquado na gentileza desse gesto, algo exagerado, mas nao sarcastico. Algo estranho.

- Que bom recebe-la aqui, finalmente.

Kate entrou com hesitacao, ainda pouco acostumada a circular pela casa dos outros em pleno dia.

Em Washington, os unicos lugares a que ela ia durante o dia, afora o proprio escritorio, eram o Departamento de Estado e o Congresso, sempre a trabalho. Sua vida social noturna geralmente ocorria em restaurantes, cinemas, teatros. Locais publicos. Parecia muito intimo estar no apartamento de Julia, sozinha com ela, no meio do dia. Parecia ilicito.

- Obrigada por me receber.

Kate cruzou o hall e entrou num aposento comprido, que servia de sala de estar e de jantar, com uma fileira de janelas que dava para o oeste. Por cada janela tinha-se uma vista do palacio, com suas cortinas ricamente drapejadas e os portoes de ferro batido, balcoes com balaustradas e torreeos de arenito, e uma bandeira desconhecida esvoacando no alto.

Julia notou que Kate observava atentamente o palacio. Seguiu seu olhar ate o mastro da bandeira.

- A bandeira esta hasteada - comentou. - Significa que o grao-duque esta no palacio.

- E mesmo? - perguntou Kate. - E verdade?

- Sim. E ela é arriada quando ele não está na residência.

- Mas, e essa bandeira? Não é a de Luxemburgo.

- Hein? - Julia se juntou a Kate à janela. - Tem razão. É a bandeira italiana, eu acho. Isso quer dizer que há algum italiano importante em visita. O primeiro-ministro, será? Ou o presidente? A Itália tem primeiro-ministro ou presidente?

- Os dois - afirmou Kate, depois lembrou que não convinha ser entendida demais e acrescentou: - Eu acho.

- Bem - Julia deu de ombros -, pois um deles está ali agora.

- Aposto que você nunca tinha morado em frente a residência de um monarca.

✕

Julia riu.

- Onde você morava? - continuou Kate.

- Em diferentes lugares de Chicago.

- A vida inteira?

- Quase.

Julia deu meia-volta.

- Vou fazer um café. Cappuccino para você?

Isso era típico dela: uma evasiva discreta. Ela nunca se recusava diretamente a responder uma pergunta, mas respondia sem dar detalhes e devolvia outra em seguida, desviando a conversa do assunto inicial sem chamar atenção para esse redirecionamento. Mas fora exatamente isso que havia captado a atenção de Kate, despertado suas suspeitas.

As vezes, Julia simplesmente encontrava uma desculpa para sair do aposento.

- Um cappuccino seria ótimo.

Kate olhou para o pátio do palácio, uma área de cascalho castanho-claro e vegetação rasteira sob a copa de castanheiros e pinheiros. Uma dúzia de automóveis, quase todos sedas Audi azul-escuros. Os veículos tinham placas com duas listras, azul e laranja, sem números, letras nem qualquer outra identificação. O único não Audi, o carro estacionado mais perto do portico por onde as carruagens passavam, era um Rolls-Royce clássico, majestoso e reluzente, de um azul que combinava com o de todos os outros - ou seria o inverso, provavelmente. A placa do Rolls-Royce consistia unicamente numa coroa.

Realeza. Muito diferente da mera riqueza.

Uma porção de militares luxemburgueses vagava pelo pátio dos fundos, perto de um grupo de homens de uniformes diferentes; esses deviam ser italianos. Alguns homens de terno preto, com jeito de segurança, colocavam-se mais de lado, parecendo mais atentos que os homens de uniforme.

Kate pode ouvir o estalar do cascalho sob as solas duras dos sapatos de verniz do homem alto que atravessou o pátio com passos largos, usando uma jaqueta militar com dragonas nos ombros. Os militares luxemburgueses ficaram em posição de sentido e bateram continência quando ele passou,

sem parar nem reduzir o passo nem olhar para ninguém.

Os militares italianos não bateram continência, mas se empertigaram, pararam de falar e o observaram até que ele entrasse no portico das carruagens, seus saltos batendo nos tacos de madeira escolhidos por serem mais silenciosos sob os cascos dos cavalos do que o piso de pedra.

Kate começou a se afastar da janela, mas algo despertou sua atenção: no segundo andar, quase no nível dela, alguém abria uma imponente porta para uma sacada estreita. Um homem elegante, de terno escuro, deu um passo para o lado de fora e examinou o patio lá embaixo. Enfiou a mão no paletó, puxou um maço de cigarros e tirou um com uma batidinha. Acendeu-o com um isqueiro de ouro e se debruçou sobre o parapeito baixo de pedra.

Então Kate pode ver que sua gravata, que a primeira vista parecera ser toda azul-marinho, era de uma estampa delicada em tons escuros de azul e roxo; uma gravata belíssima.

Em linha reta, o homem não estava a mais de 30 metros de distância.

Kate não pode deixar de pensar que seria um tiro incrivelmente fácil.

O homem no balcão do palácio deu uma tragada longa no cigarro, soltou uma grande baforada e criou três anéis perfeitos de fumaça. Kate viu seus olhos vasculharem a área de pedrinhas lá embaixo.

✕

Aquele era exatamente o tipo de arranjo que ela havia usado na baía de Payne. Um inofensivo apartamento alugado por temporada, com uma linha de mira perfeita. Só que, em Barbados, tinha sido um tiro a quase 300 metros de distância. Ali em Luxemburgo, quase nem seria preciso usar a mira telescópica.

- Chega a ser viciante, não é? - perguntou Julia. - Ficar observando o movimento do lado de lá.

- Hum - respondeu Kate, distraída.

Sua suspeita original era que os Maclean tinham fugido dos Estados Unidos para escapar de alguma coisa. Agora, porém, ela começava a se convencer do inverso: os dois tinham ido a Luxemburgo para fazer alguma coisa. Seria completamente absurdo supor que fosse um assassinato?

Kate apagou a luz e se virou para Dexter, o gosto do vinho misturando-se ao da pasta de dentes, e foi cobrindo etapas, agarrando isto e lambendo aquilo: sexo diagramado, não particularmente satisfatório nem tampouco problemático em nenhum sentido, apenas mais uma relação sem grande destaque numa série inumerável.

E depois, um copo d'água, o pijama no corpo, o fôlego nem tão difícil de recobrar.

- Amanhã à noite vou jogar tênis com Bill - anunciou Dexter.

Ela não se virou para o marido, no escuro.

- Você se diverte com ele, não é?

- E. Ele é um bom sujeito.

Kate olhou para o teto. Queria, precisava falar daquilo com alguém, com este alguém. Por mais que andasse magoada com Dexter e com sua nova vida, ele ainda era seu melhor amigo. Mas Kate também estava apreensiva - não, a coisa ia além da incerteza da apreensão; ela tinha consciência de que isso iria além de certo limite no casamento, um limite que ninguém reconhecia até estar à beira do precipício. A gente sabe que os limites existem, e capaz de senti-los: são as coisas que ninguém

discute. As fantasias sexuais. Os flertes com outras pessoas. As desconfianças, duvidas, ressentimentos arraigados. A gente vai levando a vida o mais longe possível desses limites, fingindo que eles não existem. E assim, quando enfim se vê um deles, com o dedo do pé começando a ultrapassá-lo, não só é chocante e assustador, como é também banal. Afinal, a gente sempre soube que os limites existiam, enquanto tentava com todas as forças não vê-los, sabendo que cedo ou tarde os veria.

- Por que? - perguntou Dexter. - Você parece pensativa.

Se Kate dissesse "Dexter, estou com medo de que Bill e Julia não sejam quem dizem ser", ele se aborreceria. Ficaria na defensiva. Teria toda sorte de explicações possíveis, plausíveis.

- Você tem alguma coisa contra Bill?

Dexter acabaria confrontando o amigo, de um jeito não agressivo. E ouviria uma história que ia engolir. Eles estavam no programa de proteção a testemunhas, era o que Kate suspeitava que Bill diria. Não poderia dar detalhes, a veracidade da história não poderia ser confirmada, não poderia ser comprovada nem refutada. Era assim que seria a história *dela*, se estivesse no lugar de Bill.

Kate não sabia ao certo o que queria evitar mais: brigar com Dexter por causa dos possíveis segredos de Bill ou revelar ao marido - finalmente - os dela mesma.

E assim, ficou deitada ali, os pés afastados, os olhos cravados no teto escuro, tentando imaginar um modo de dizer alguma coisa ao marido.

Olhando para trás, esse poderia ter sido o momento - não único, mas um momento específico de que ela mais tarde se lembraria - que mudaria muita coisa. A malquice toda não tivera início; ela ainda não havia começado a acumular novos segredos, cada acréscimo agravando os anteriores, num círculo vicioso que ia fugindo do controle.

Deitada na cama, querendo puxar o assunto, mas sem conseguir se dispor a começar, até finalmente não dizer nada além de:

- Não, é claro que não, o Bill é ótimo.

A mais importante inação de sua vida.

Hoje, 11h40

Numa extremidade do corredor fica o armário com roupas de cama, mesa e banho: prateleiras e pequenos compartimentos cuidadosamente arrumados, cheios de lençóis de estampa floral e toalhas brancas felpudas. Na outra ponta fica o armário em que eles guardam as malas. Kate gira a surrada macaneta de bronze, presa a uma base requintada que se superpõe a reluzente pintura em tom creme da porta de almofadas.

As peças volumosas estão empilhadas no chão: um baú e duas malas grandalhonas. Essas coisas enormes são o que eles costumam encher para passar o verão na Côte d'Azur ou algumas semanas na Umbria. Mas o que Kate pega são duas malas de rodinhas de tamanho médio e uma sacola de viagem.

Puxa uma das malas até o quarto dos meninos e nela põe calças e camisas, meias e cuecas para três dias. No banheiro ao lado, tira da prateleira acima do espelho um nécessaire em que joga as escovas e a pasta de dentes deles. Pega o estojo de primeiros socorros na cesta embaixo da pia. Crianças se machucam muito, aonde quer que vão; os parquinhos europeus são muito menos protegidos que os americanos. Faz tempo que Kate se cansou de procurar curativos adesivos e pomadas com antibiótico na Bélgica e na Alemanha, na Itália e na Espanha. Por isso, agora carrega

seu proprio estoque.

Ela vai ate seu quarto, atravessa-o e entra no quarto de vestir. Desdobra um suporte de bagagem e poe a mala em cima dele; vai guardando seus pertences automaticamente, pensando em muitas coisas, menos na roupa. De acordo com seus calculos mais recentes, ela fez as malas da familia 43 vezes nesses dois anos deles na Europa. E nos velhos tempos, antes de os meninos nascerem? Centenas de vezes.

Termina de arrumar as malas no piloto automatico. Antes da partida, vai se lembrar de alguma coisa: um carregador de celular, os livros que os filhos estao lendo, os passaportes. Sempre se lembra, quando esta distraida ao fazer as malas. Por isso, nao fecha o zipper e deixa a mala sobre o suporte, pronta para aquilo de que se lembrar depois.

Nao tem ideia de quantos dias vao ficar fora. Talvez ate esteja arrumando as malas a toa, para nada. Ou para de uma a tres noites, ou algumas semanas, ou um mes. Ou para sempre.

Mas isso foi o que combinaram, ela e Dexter. Se aparecesse alguem, se eles achassem que estavam comprometidos, fariam as malas para tres dias. Bagagem facil de transportar, sem chamar a atencao de ninguem pelo volume, apenas o bastante para um pulinho a algum lugar. Se eles viessem a passar muito mais tempo fora, sempre poderiam comprar o que fosse preciso. Tinham muito dinheiro. E esse dinheiro poderia ser usado para lhes comprar flexibilidade em algum outro lugar, depois. Uma flexibilidade que talvez nao tivessem ali em Paris, no momento.

Pega a segunda mala de rodinhas, leva-a para o outro lado do quarto de vestir e a coloca sobre o outro suporte de bagagem. E a de Dexter.

Malas que combinam. Nunca teria imaginado que um dia se tornaria uma mulher que tivesse um jogo de dez malas. E mais uma persona que ela assumiu, sem que tivesse propriamente pretendido.

Mais uma vez, Kate para em seu corredor comprido, as paredes cobertas com um papel elegante e cheias de fotos de seus filhos, esquiando nos Alpes franceses e brincando nas ondas do Mediterraneo, em canais de Amsterda, na Holanda, e de Bruges, na Belgica, no Vaticano e na Torre Eiffel, no zoologico de Barcelona, num parque tematico da Dinamarca e num parquinho londrino em Kensington Gardens. Todas as portas do corredor estao escancaradas para os comodos comuns e privados, a luz se infiltrando vinda de diversos lugares, em angulos diferentes.

Kate da um suspiro. Nao quer deixar Paris. Quer ficar ali, morar ali. Quer que os filhos respondam "Paris" quando lhes perguntarem de onde sao.

Ela so precisa de uma coisinha diferente, ali, para tornar sua vida completa. Precisa satisfazer um desejo. Mudar-se para Bali, na Indonesia, para a Tasmania, na Australia, ou Mikonos, na Grecia, nao vai resolver. O problema esta - sempre estara - dentro dela mesma, arraigado em seu passado distante, na epoca em que ela tomou decisoes fatidicas para se tornar a pessoa em quem se transformou, na epoca...

...da faculdade...

Algo surge em sua mente e ela sai em disparada pelo corredor.

✕

Kate ficou olhando para o computador em frente a janela, a paisagem agora obscurecida e envolta numa nevoa salpicada por vagos pontos de luz. Impressionismo escuro, sombrio, com eletricidade.

Jake e Ben brincavam no chão, muito compenetrados, sentados com as pernas cruzadas. Kate tirou as mãos do teclado e deu um suspiro.

- O que foi, mãezinha?

Ela se virou para Jake, para aqueles grandes olhos preocupados, sob a testa inocente e sem vincos.

- Não achei o que estava procurando - respondeu.

- Ah - fez Ben. - Quer brincar com a gente?

Kate havia passado o equivalente a uma semana inteira de trabalho procurando criminosos que pudessem ser Bill ou Julia. Não tinha encontrado nada.

- Sim - respondeu, já fechando o laptop. Desistindo de ser espiã e voltando a ser mãezinha. - Quero, sim.

O som da secadora cessou no exato momento em que Kate cortava um tomate ao meio. Ela pôs o tomate, distraída, sobre um pedaço de toalha de papel. Após dez minutos dobrando a roupa limpa, viu que o sumo do tomate havia escorrido para o papel, irradiando-se pelas linhas de suas fibras, braços vermelho-escuros que a agarraram pela consciência e a arrastaram de volta a um quarto de hotel em Nova York, a um homem caído no chão, o sangue escorrendo de uma cratera na cabeça, infiltrando-se no carpete claro com os mesmos desenhos do sumo do tomate na toalha de papel.

E aí havia aparecido a mulher inesperada, boquiaberta, imóvel.

Anos antes, fora Hayden quem lhe havia explicado o que se passava com o sangue. O treinamento do dia havia terminado e o instrutor a estava levando para jantar numa *trattoria* atrás do castelo Sant'Angelo.

- Shakespeare não era bobo - dissera ao atravessarem a ponte Umberto I.

- O que tortura *rou* Lady Macbeth foi o sangue de Duncan. A mesma coisa vai tortura-la, se você deixar. "Sai, mancha maldita!"

Kate o olhara. Atrás do ombro dele estava a cúpula majestosa da basílica de São Pedro, banhada na luz dourada do pôr do sol. Hayden também se virara para admirar a paisagem.

- Depois de ver certas coisas - tinha dito -, *nun*ca se consegue esquecer-las. Se você não quiser vê-las pelo resto da vida, é melhor começar por não olhar.

Viraram as costas para o Vaticano e recomeçaram a andar em direção ao antigo presidio.

- "Quem poderia imaginar que o velho tivesse tanto sangue no corpo?" - prosseguira ele.

Hayden havia chegado à CIA tendo morado em Back Bay, um bairro da elite de Boston, estudando na tradicional escola Groton e na Universidade de Harvard, da mesma forma que, antes dele, haviam feito o pai e o avô. Kate suspeitava que todos eles citavam textos literários que nunca tinham menos

de algumas centenas de anos.

- Lembre-se, Kate - dissera seu instrutor. - *Todos* tem uma quantidade surpreendente de sangue.

Quinze anos depois, com os olhos cravados na toalha de papel manchada, Kate compreendeu por que vinha planejando uma viagem da família a Alemanha.

✕

✕

Os meninos estavam em cima, brincando de se fantasiar, ruidosamente. Usavam elmos de gladiador, que chamavam de *elmos de gador*. Kate não tinha coragem de corrigi-los. Se permitisse essas pronúncias infantis erradas, talvez eles continuassem mais novos. E ela também.

Fechou a porta do quarto de hóspedes. Digitou os números.

- O que você tem para mim hoje? - perguntou.

- Hum, vamos ver... Uma vez, Charlie Chaplin entrou num concurso de sosias de Charlie Chaplin e *perdeu*. Não chegou a ficar nem entre os *finalistas*.

- Boa. Essa vale sete. Talvez oito.

- Ora, muitíssimo obrigado.

- Escute, estou planejando uma viagem da família a Baviera.

Kate sabia que essa conversa estava sendo gravada. Talvez monitorada em tempo real, com alguém de fones de ouvido escutando durante um minuto e ligando para seu chefe, e este ligando para um colega, todos sentados com fones de ouvido conectados a um painel de plugues, pensando no que significaria esse diálogo. Era novamente uma ligação incomum, vinda de uma linha aberta particular em Luxemburgo para o escritório de Munique.

- Algum conselho para mim? - prosseguiu.

- Bavi *era*! Que maravilha. Tenho um mundo de sugestões - e foi soltando nomes de hotéis e restaurantes, instruções sobre o trajeto e pontos turísticos.

Quando terminou, Kate disse:

- Também achei que poderíamos nos encontrar, você e eu.

Se Hayden ficou desconfiado com isso, não o deixou transparecer. Mas é claro que não deixaria.

- *Bonjour*? - respondeu a voz hesitante pelo interfone.

- Oi! - Kate meio que gritou no microfone. - E a Kate!

Pausa.

- Kate?

- Sim!

- Ah... Oi. Suba.

A campainha soou, um zumbidinho fraco, como uma torradeira com defeito. Em cima, no corredor escuro e apertado, Julia estava encostada no batente da porta, de roupão de tecido felpudo, tentando sorrir, sem grande sucesso. Eram nove horas da manhã.

- Desculpe eu nao ter telefonado. Estou tendo uma manha daquelas.

- Sem grilo - retrucou Julia, o que soou estranho. Julia nao dizia coisas como "sem grilo".

- Sai correndo hoje cedo - explicou Kate - e esqueci nao so o celular, mas tambem a chave de casa. So estou com a chave do carro. Posso usar seu telefone? Preciso ligar para o Dexter.

- E claro.

Julia entrou no quarto de hospedes, tirou um telefone sem fio do suporte na escrivaninha e o passou para Kate.

- Obrigada. Desculpe-me de novo por incomoda-la. E o Bill, esta em casa?

- Nao. Saiu ha alguns minutos.

Kate sabia disso.

- Obrigada outra vez.

Discou o numero do escritorio de Dexter. Ao arquitetar esse plano, havia pensado em fazer uma ligacao falsa - discar um numero inexistente, ou o do seu proprio celular, e fingir que estava falando.

Mas, se estava certa sobre Julia e Bill, eles a pegariam; descobririam um modo. Talvez Bill fizesse perguntas a Dexter, talvez Julia verificasse o registro das ligacoes telefonicas.

Portanto, tinha que ser para valer. E, para ter uma dose extra de verdade - diante de Julia, de Dexter, dela mesma -, tambem tratara de sair correndo do apartamento e, de proposito, largara as chaves e o celular na bancada da cozinha.

- *Bonjour*. Dexter Moore.

- Oi. Sou eu - disse Kate. - Esqueci a chave de casa. Sera que voce pode me encontrar la?

- Poxa, Kat.

Ela sabia que o marido ficaria furo da vida; estava contando com isso. Ele saira para o trabalho as sete da manha, para um dia atarefado, um Dia Daqueles. Era por isso que ela estava pondo o plano em pratica nesse dia: para que Dexter se aborrecesse e ela pudesse dizer "Nao me venha com broncas, Dexter", revirar os olhos para Julia e levantar um dedo, pedindo desculpas, e entrar no quarto de hospedes em busca de alguma privacidade, para ter uma briga telefonica com o marido a sos.

Correu os olhos depressa pelo quarto, mas com atencao, assimilando cada detalhe. A cama estava feita, mas nao impecavel; dos quatro travesseiros, um tinha as rugas, dobras e deformacoes inconfundiveis de um travesseiro sobre o qual alguem houvesse dormido e que depois nao tivesse sido afofado.

- O que eu fiz foi esquecer uma chave sem querer - disse Kate. - Nao cuspir no seu olho de proposito.

Havia um livro na mesa de cabeceira, ao lado do travesseiro usado: uma brochura de capa simples exibindo uma paisagem de fazenda, com um nome de mulher como autora e a palavra romance abaixo de um titulo longo e vago: literatura feminina. Um copo com agua. Uma caixa de lenços de papel. Protetor labial.

Era Julia quem dormia ali, nessa cama que nao ficava no quarto do casal.

- Eu estava de saida para uma reuniao - disse Dexter.

A escrivãzinha era pequena, bem arrumada. O laptop estava fechado e não havia papéis espalhados que pudesse ler, a não ser por um par de envelopes endereçados a uma rua em Limpertsberg, a uma entidade chamada WJM, S.A. Provavelmente, William J. Maclean S.A.

Havia uma gaveta de arquivo, mas sem chance de Kate abri-la. Seria impossível se explicar, se fosse flagrada.

Havia um imponente aparelho multifuncional que combinava escaner, copiadora e impressora. Uma pequena pilha de cartões de visita estava sobre a escrivãzinha. Kate tirou um lenço do bolso da calça jeans e o usou para folhear os cartões, sem que os dedos encostassem na pilha. Um deles era de um clube de tênis; Julia não jogava tênis. Kate o puxou com o lenço e o guardou no bolso.

- Eu entendo, Dex, e sinto muito.

Andou até a mesa de cabeceira, fora do campo visual de Julia. Usou o lenço para apanhar o protetor labial e guarda-lo com o cartão de visitas surrupiado.

Perguntou a si mesma se esse era um casamento infeliz, se Julia era uma típica vítima de insônia, ou se estaria resfriada e não tinha querido perturbar o marido na noite anterior.

Ou se era algo muito mais complicado.

✕

- E o Dexter vai chegar tarde - disse Kate. - Sempre chega tarde quando tem reuniões. Por algum motivo, tudo demora mais do que ele imagina. Assim, não precisamos voltar antes da uma.

- Certo - disse Julia do banheiro, onde dava um retoque na maquiagem.

Kate a conhecia o suficiente para saber que ela nunca sairia de casa sem a aparência mais perfeita possível. Perambulou até as janelas que davam para o palácio. O mastro estava sem bandeira; nenhum membro da realeza na residência oficial. No pátio deserto, nenhum veículo. Somente um guarda solitário no portão dos fundos, a arma descansando no ombro, entediado. Essa janela era certamente um ótimo posto de observação.

Mas o crucial, Kate sabia, era poder sair. Como num assalto a banco ou numa aventura extraconjugal: entrar e a parte fácil.

- Então, vamos? - chamou Julia.

Iam a um centro comercial matar as horas da manhã.

- Vamos.

Kate apertou um botãozinho no relógio de pulso e se afastou da janela da Rue de l'Eau, cruzou a porta do apartamento, entrou no elevador minúsculo, desceu seis andares até a garagem, onde entraram no Mercedes de Julia e saíram por uma rua diferente, a Rue du Saint-Esprit, uma rua estreita de paralelepípedos a algumas curvas confusas do palácio. Uns 50 metros depois, a Saint-Esprit fez uma curva fechada de noventa graus para uma descida íngreme, até desembocar numa rua igualmente estreita de paralelepípedos, chamada Rue Large, que era uma subida íngreme e atravessava um arco medieval antes de desembocar na Rue Sigefroi, a qual, segundos depois, fundia-se com a Montée du Clausen, ou seja, a principal via pública do lugar, que logo ofereceria a possibilidade de se disparar a 100 quilômetros por hora para todos os pontos da bússola, em direção a Alemanha ou a França, ao aeroporto ou ao interior, a qualquer lugar.

Kate consultou o relógio: menos de dois minutos da janela a uma área livre de qualquer

obstaculo.

Eles eram estrangeiros, usavam nomes falsos, moravam em frente a uma area com alvos em abundancia, com uma vista que nao poderia ser mais livre e uma rota de fuga que nao poderia ser mais rapida.

Tudo isso eram apenas indicios circunstanciais, Kate sabia. E talvez nem estivesse sinceramente desconfiada. Poderia ter enganado a si mesma a ponto de ficar desconfiada e ter um pretexto para investiga-los. Para ter alguma coisa que fazer. Qualquer coisa.

Vinha sentindo dificuldade para determinar quao plausiveis eram as varias hipoteses que flutuavam no pantano sombrio de sua imaginacao. Por um lado, parecia sumamente improvavel - quase um completo disparate - que uma equipe de assassinos de aluguel fosse a Luxemburgo matar alguem.

Isso ela nao podia negar. Mas tambem nao podia descartar que seria uma explicacao racional para que duas pessoas com identidades secretas alugassem um apartamento que proporcionava uma oportunidade tao perfeita contra personagens "assassinaveis".

As outras hipoteses estavam ligadas a fuga. Mas, sera que essas pessoas podiam mesmo ser fugitivas?

Ou entao, e claro, a pior de todas as hipoteses: seria possivel que estivessem em Luxemburgo por causa dela, Kate?

Apenas um unico fio do seu passado poderia estender-se ate o presente, abarcando cinco anos e uma travessia do Atlantico para puxa-la de volta, enroscar-se em seu pescoco e estrangula-la.

Kate sempre soubera que a historia de Eduardo Torres ainda nao tinha chegado ao fim. Havia pendencias, perguntas nao respondidas; havia provas. Alem disso, ninguem jamais desencavara a fortuna de Torres, que a crenca geral dizia ser da casa das dezenas de milhoes de dolares. Presumia-se que o dinheiro estivesse enfurnado numa conta na Europa.

E ali estava Kate, recém-aposentada antes dos 40, vivendo na sede mundial das contas bancarias, com um marido que era um especialista impar em seguranca eletronica de bancos.

Kate parecia terrivelmente suspeita.

Mas Bill e Julia tambem. Ela precisava descobrir mais.

Caia uma garoa fina, ou uma nevoa, ou seja qual for o nome que se usa quando porcoes minusculas de agua, finas demais para serem gotas, vao descendo do ceu.

Os limpadores de para-brisa estavam ajustados na regulagem mais lenta. Tres segundos entre as varreduras, durante os quais o vidro se nublava, ficava quase fosco de tao molhado, e entao, *chui*, transparente de novo.

A chave na ignicao fora girada, os farois estavam acesos, o radio sintonizava a France Culture.

Kate tinha dificuldade para acompanhar a conversa radiofonica. O tema geral parecia ser Baudelaire.

Ou, pelo menos, *Baudelaire* foi a palavra que ela reconheceu, repetidas vezes. Ou talvez estivessem falando de *beau de l'aire*. (Beleza do ar? Seria meio que o inverso de Baudelaire.) Um cartao de visitas de um podologo descansava no banco do carona. Ela poderia dizer que havia chegado cedo para o horario marcado. Diria que tinha um esporao do calcaneo, talvez, e por isso sentia dores no calcanhar, mas nao havia indicios externos que um nao medico pudesse perceber a olho nu. Por isso estava sentada em seu carro quente e seco, tentando aprender frances por osmose radiofonica, ouvindo academicos inflamados travarem uma guerra obscura, mas aparentemente ininterrupta, em torno de Baudelaire - quais eram os lados? quais eram as questoes? -, enquanto esperava pela meia hora em ponto que viesse, fosse ela qual fosse. Seria essa a sua pretensa hora marcada.

Nao, ela responderia, nao fazia ideia de que o escritorio de Bill era ali. Como poderia saber?

Havia decorado esse endereco ao ve-lo nos envelopes do quarto de hospedes dele.

Fileiras de casas altas se alinhavam na calçada, com quase jardins na frente - gramados diminutos, um ou outro arbusto desfolhado. As construcoes tinham tons de cinza, castanho-claro ou bege; a calçada era pavimentada de concreto cinza-claro e a rua, de asfalto cinza-escuro. Os carros tinham matizes de prata e cinza e, as vezes, preto; o ceu era um ardoso encharcado. Uma paisagem incolor, lavada pela chuva e pela expectativa dela, projetada e construida para combinar com o clima desolador.

Fazia quase uma hora que Kate estava sentada ali e ainda contava com mais de tres horas pela frente antes de precisar buscar os filhos. Tres horas, e ninguem saberia o que ela estava fazendo, nem onde, nem por que, pelo amor de Deus.

A nao ser que alguem houvesse mexido no seu carro e, por exemplo, instalado um transmissor de GPS na parte oca embaixo do couro cinzento e macio do banco do carona.

Bill apareceu as 11h40. Olhou para os dois lados antes de descer a escadinha para a calçada. Tinha se trocado e pusera uma roupa de tenis: short branco e agasalho com riscas vermelhas e azuis que desciam pelas mangas. Na chuva fria, parecia de uma incongruencia comica, um esquete de Monty Python.

Apressou-se a entrar em seu pequeno BMW impecavel, um carro que parecia de brinquedo. Ligou o motor e foi engatando as marchas com agressividade, rasgando as ruas tranquilas, a caminho da quadra reservada para o meio-dia em Bel-Air. Depois, almoco. Tudo com Dexter.

Tinha sido uma sugestao feita por Julia a Kate - "Voce nao acha que eles deviam jogar de dia, para poderem ficar conosco a noite?" - e transmitida por Kate a Dexter. "Sera bom para voce fazer um pouco de exercicio", ela lhe dissera. Em Washington, Dexter se exercitava a noite. Mas agora, em geral estava no trabalho depois de escurecer. E, quando nao precisava trabalhar, Kate o queria em casa com os filhos. Com ela.

E assim ela havia passado a dispor de duas horas luxuosas nas quais sabia que Bill nao estaria no escritorio, naquele predio. Por isso, esperou mais cinco minutos, para ter certeza de que ele nao havia esquecido a garrafa d'agua ou a lata de bolas, o celular ou o protetor de joelho, qualquer coisa.

Depois esperou outros cinco, so para ficar mais do que segura. E para procrastinar.

Olhou-se rapidamente no espelho do para-sol.

Era um momento bizarro, essa travessia de um plano hipotetico para uma ilegalidade concretizada, cedendo ao que poderia se revelar uma ideia completamente estapafurdia e, possivelmente, abrindo mao de um vinculo importante com a sanidade. Decidindo: sim, vou fazer isso. Mas sem decidir cem por cento, porque isso seria admitir demais sobre si mesma para si mesma, admitir coisas que nao queria admitir. Mas decidindo 95 por cento, o bastante para praticar a acao possivelmente estapafurdia, porem nao o suficiente para acreditar, sem a menor duvida, que isso nao era so uma besteira, uma farra, e sim um plano absolutamente razoavel.

Abaixou o maximo que pode a aba do novo chapau impermeavel amarelo emborrachado. Seu chapau normal, comprado um mes antes em Copenhague, era de um multicolorido vivido. Havia muitas pecas de vestuario atraentes para se usar no mau tempo na Escandinavia, porque havia muito mau tempo. Mas o chapau desse dia era uma coisinha barata que ela comprara na vespera, numa ponta de estoque em Gare. Pretendia joga-lo fora mais tarde.

Apanhou o envelope no banco do carona e escreveu nele o endereco do predio de Bill. Dentro havia uma oferta de uma loja especializada em ciclismo, um desconto de vinte por cento em qualquer bicicleta. Ela havia pegado o folheto na loja na vespera, quando ainda questionava esse plano possivelmente maluco.

Desceu do carro, calcou as luvas de couro e atravessou a rua.

Dos cinco botoes do interfone, o quinto nao tinha etiqueta. O primeiro exibia um nome luxemburgues ou alemao; o segundo, um sobrenome frances facil de pronunciar: Dupuis; o terceiro era Underwood. O quarto dizia *WJM S.A.*

Kate escreveu "Underwood" no envelope.

Tocou o interfone de Bill. Se alguem inesperadamente atendesse, ela diria estar procurando Underwood. Mas a unica outra atividade que vira nesse predio tinha sido a de uma matrona que saira as onze horas, carregando uma sacola de compras dobrada, e voltara uma hora depois com a mesma sacola, entao parecendo muito mais pesada do que se poderia imaginar, a velhota pendendo para um lado e cambaleando com o peso. Kate a vira batalhar rua acima pela ladeira interminavel, a boca se mexendo constantemente, os labios franzindo, as bochechas se encovando: as contorcoes de uma falante nativa de frances, mantendo os musculos faciais tonificados, porque todas aquelas vogais nasaladas so podiam ser pronunciadas corretamente com labios fortes. Devia ser a Sra. Dupuis.

Kate tornou a tocar. Nao parecia haver nenhuma camera de seguranca na porta. Mas, hoje em dia, as cameras podiam ficar em qualquer lugar. Ela manteve os olhos bem cobertos pela aba do chapau.

Tocou o interfone dos Dupuis.

- *Bon-jourrrrrrrrrrr!*

Sim, era a voz da senhora idosa.

- *Bonjour, madame* - respondeu Kate.

Depois, em frances, explicou que tinha uma carta importante para os Underwood, mas que ninguém atendia o interfone.

- *Ouuuuuuuuu, mademoisellllllle.*

A idosa fez soar a trava. Kate abriu a porta, entrou e a deixou bater. Ela se fechou com um  consideravel estardalhaco.

Kate subiu a escada, entrou num corredor e viu a Sra. Dupuis esperando no final dele.

- *Merci, madame* - agradeceu.

- *De rien, mademoisellllllle* - respondeu a senhora e depois indicou o caminho para Kate: - *Au deuxieme etagggggge.*

Kate subiu ao segundo andar, empurrou o envelope por baixo da porta de Underwood e desceu depressa. Abriu a porta da entrada e a deixou fechar com estardalhaco. Mas permaneceu do lado de dentro. Ficou parada por um minuto, depois tornou a subir furtivamente a escada.

Quando dobrava a curva para o segundo andar, ouviu vozes: um homem e uma mulher. *Droga.*

Olhou para todos os lados: nenhum lugar para se esconder. Poderia correr para o subsolo, mas e se eles estivessem indo para a garagem? Se havia uma coisa que Kate nao queria era ser flagrada se escondendo.

Enganaria os dois e passaria. Fez a curva e comecou a subir os degraus. Quando o casal apareceu no alto da escada, Kate levantou os olhos, fingindo surpresa, e sorriu.

- *Bonjour* - disse.

- *Bonjour* - respondeu o homem.

O cumprimento foi ecoado em voz baixa pela mulher. O par parou no alto da escada estreita, dando passagem a Kate.

- *Est-ce que je peux vous aider?* - perguntou o homem.

Kate o fitou com ar de quem nao entendia, embora soubesse exatamente o que ele havia perguntado.

- Posso ajudarr a senhorrra? - tentou o homem em outro idioma.

- Ah! - Kate sorriu. - Nao, obrigada. Vou visitar Bill Maclean.

O homem deu um sorriso espremido, a mulher se manteve calada.

Kate passou por eles:

- *Merci!*

Estava com o coracao disparado. E essa era a parte facil.

O escritorio de Bill ficava no ultimo andar, uma das duas portas de um corredor curto e bem iluminado; a primeira nao tinha nenhuma identificacao. Kate a experimentou, mas e claro que ela nao

abriu. Foi ate a janela no fim do corredor e moveu o trinco para abri-la - todas as janelas de Luxemburgo funcionavam do mesmo jeito, com dobradicas nas laterais ou no topo.

Abriu-a, debruçou-se e inspecionou as janelas e peitoris, possiveis meios de acesso. Havia ramos de sempre-vivas bloqueando a visao do predio vizinho.

Kate recuou pelo corredor de piso de lajotas. Havia um tapetinho na porta de Bill, o nome de sua empresa numa placa de latao e uma campainha. Tres fechaduras, uma das quais parecia uma maravilha. A luz vinha de duas arandelas viradas para cima e do janelao sem cortina. Nada no corredor dava a impressao imediata de ser uma camera de seguranca.

Ela se ajoelhou junto a porta. Enfiou a mao no bolso traseiro e pegou uma bolsinha de couro cujas abas gastas eram presas por um pratico elastico e que continha um sortimento de chaves de fenda, pinos de cabo emborrachado e alicates de ponta fina, todos de tamanho pequeno. Pos-se a trabalhar atentamente com as minusculas ferramentas nas maos, o rosto a centimetros de distancia. Não perderia tempo com as duas fechaduras faceis - artigos de seguranca de baixo padrao, mais dissuasivos que impeditivos - se nao conseguisse abrir a mais forte.

✕

Embora, estando no ultimo andar, tivesse garantia de privacidade e de nao ser interrompida, nao dispunha da eternidade. E abrir fechaduras nunca fora uma area em que demonstrara grande pericia.

Fechaduras nao tinham sido uma parte importante de sua experiencia latino-americana - qualquer coisa digna de ser trancada era digna de ser guardada por alguem armado.

O que tivera importancia em seu ramo de trabalho foram os mapas. Decifra-los era sua especialidade. Assim como as armas, que era perita em limpar, consertar e disparar. Ela precisara dominar uma variedade de dialetos em espanhol, com enfase nas gurias, principalmente nos muitos termos vulgares que designavam os orgaos genitais. Havia crescido numa cidade em declinio do litoral de Connecticut, que entao passava por uma imigracao macica de latino-americanos. Tivera muitas oportunidades de aprender o espanhol das ruas e, em sua propria casa, o espanhol correto, com as babas mal remuneradas que seus pais podiam bancar depois do horario da aula, nos tempos em que ela e a irma ainda eram garotinhas inocentes do segundo ou do terceiro anos, que saiam da escola as tres da tarde e corriam para os bracos de mulheres baixas e rolicas, chamadas Rosario ou Guadalupe.

Em uma ocasio ou outra, Kate precisara pilotar helicopteros e pequenos avioes civis. Tinha aprendido a fazer as duas coisas, embora nao a fundo, alem do treinamento militar padrao que recebera nos meses passados no campo de treinos da CIA.

Havia provado, testado e cheirado pequenas quantidades de cocaina de diferentes areas geograficas, bem como fumado amostras de maconha vindas de origens diversas. Sabia qual seria a sensacao se alguem tentasse dopa-la com um "boa noite, Cinderela" ou uma dose de LSD.

Era capaz de decorar qualquer numero de ate dez algarismos, depois de ouvi-lo uma unica vez.

Era capaz de matar uma pessoa.

Mas nao sabia abrir fechaduras, e nao queria desperdicar tempo numa causa perdida.

Aproximou-se da segunda porta, a que nao tinha identificacao. A mesma macaneta de metal que na de Bill, a mesma campainha. Nenhuma placa nem capacho. Ela levantou a mao para o alizar da porta e correu lentamente o dedo pela superficie horizontal de pouco mais de um centimetro, na esperanca

de encontrar a chave daquele espaço desabitado. Quem dera!

Ficou completamente imóvel, a escuta de algum ruído.

Nada.

Começou a trabalhar com agilidade, mas com calma, nessa fechadura fácil. Em trinta segundos, a peça padronizada, disponível em qualquer lugar, abriu-se com um discreto clique.

Kate entrou numa sala ampla, empoeirada e vazia, com uma janela. Abriu-a e se debruçou para fora.

Como havia esperado, lá estavam elas: as janelas do escritório de Bill. Um ressalto estreito corria pela fachada na base de todas as janelas. Aquilo era viável, ela já tinha feito algo parecido. Respirou fundo e saiu pela janela.

Ficou parada na chuva sobre o ressalto de 25 centímetros, agarrada a parede lateral do prédio, três andares acima do solo.

Muitas coisas poderiam dar errado ali. Alguém poderia vê-la através da vegetação que separava esse edifício do vizinho, de modo que precisava agir depressa.

Ou então ela podia cair e morrer, portanto tinha que se deslocar com cuidado.

Foi arrastando os pés de lado, alguns centímetros de cada vez, o rosto grudado no reboco úmido.

Ouviu um som atrás de si, embaixo. Virou a cabeça depressa demais, sem cuidado, e arranhou a

X

face na parede. Tinha sido um galho de árvore que roçara o teto de um carro.

Agora a bochecha parecia estar sangrando, mas ela não tinha como verificar. Não podia levar nenhuma das mãos ao rosto sem perder o equilíbrio.

Continuou a avançar, mais alguns centímetros, mais outros, mantendo o equilíbrio, firme, devagar...

mais uns centímetros... e então lá estava, diante do parapeito da janela de Bill.

Fez uma pausa, permitindo-se uns segundos de folga antes de passar para a tarefa seguinte.

Estava com medo, mas se sentia a vontade com seu medo, como naquele estranho prazer de massagear um músculo dolorido, que não produz nenhum resultado, exceto nos deixar mais conscientes da dor.

Era esse o seu lugar, ali, nesse ressalto. Era isso que andava faltando em sua vida.

Ela tirou do bolso traseiro e justou a chavinha de fenda de ponta achatada. Deslizou-a com cuidado pela junção da janela, de leve, até encontrar o trinco.

Fez uma pausa e empurrou delicadamente a chave de fenda para cima.

A lingueta não se soltou.

Kate tentou de novo, empurrando com mais delicadeza.

Mais uma vez, nada.

Era uma situação aflitiva, mas ela se forçou a não entrar em pânico. Com lentidão ainda maior, deslizou a ponta fina da chave entre o batente e a moldura.

Havia praticado isso na propria janela. No meio da madrugada, quando ninguem podia ve-la.

Tinham sido vinte minutos naquele parapeito, doze metros acima da rua de paralelepipedos, mas finalmente havia descoberto como encostar a chave de fenda na lingueta e girar muito de leve a ponta, nao so para soltar o trinco, mas tambem para destrancar a janela de modo a faze-la abrir-se na dobradica vertical, em vez de se inclinar na horizontal.

Esse mecanismo de janela era igual ao da sua casa; eram todos iguais.

Ela havia treinado. Tinha que funcionar.

Tinha que funcionar.

Tentou de novo, devagar, bem devagar, de leve... *clique*.

Pressionou com o joelho o lado da janela em que ficava a dobradica. O painel inteiro girou e se abriu lentamente. Kate agachou-se ao peitoril, as maos espalmadas na parede externa para obter equilibrio. Fez uma pausa e mergulhou na sala, aparando a queda com as maos e rolando suavemente por mais um piso polido de pedra, grandes lajotas de marmore, como em todos os outros lugares de Luxemburgo.

Ficou imovel, recobrando o folego, tentando desacelerar o coracao disparado. Havia esperado uma aceleracao do pulso, mas assim era demais; era mais do que ela se lembrava de ter sentido em muito, muito tempo.

Nao devia prosseguir enquanto se achasse em tao completo estado de panico: nao queria cometer erros idiotas. Fechou os olhos e se manteve parada, obrigando o corpo a se acalmar.

Depois, levantou-se e correu os olhos em volta.

Do outro lado da sala havia uma bicicleta ergometrica, estacionada diante de um televisor pequeno; havia tambem um banco de musculacao e uma colecao de halteres, barras e anilhas, tudo em cima de um tapete de borracha.

Havia uma escrivaninha com um laptop, uma impressora multifuncional, um telefone, um bloco de rascunho e um punhado de esferograficas. Algumas folhas tinham sido arrancadas do bloco. Kate tirou a do topo, dobrou-a e a pos na mochila; mais tarde examinaria o papel.

O laptop estava aberto, mas em modo de espera. Kate pressionou uma tecla.

Este computador esta bloqueado. Digite seu nome de usuario e sua senha. Nem fazia sentido tentar.

Dentro da escrivaninha, dicionarios de varios idiomas, mais blocos e canetas. Pastas de arquivo suspensas numa gaveta propria para elas: extratos bancarios. Algumas contas diferentes, com o dinheiro circulando de um lado para outro entre elas, num total de algumas centenas de milhares de dolares, as somas subindo e descendo, descendo e subindo repetidas vezes, no ciclo dos investimentos e dividendos, saques e transferencias.

O nome era o de Bill, o endereco, o desse apartamento.

Havia revistas, jornais, boletins informativos. Negocios de interesse geral, negocios especializados, tecnologia e noticias. Montanhas deles. Kate tirou de uma pilha um exemplar do *The Economist*. Papel inteiramente liso, nao amassado, nao pingado de cafe, nao manchado pela marca de um copo d'agua. Nao lido, talvez. Ou lido com cuidado, sem um respingar desleixado de bebidas.

Bill parecia ser um sujeito caprichoso.

Kate se inclinou para tras na cadeira giratoria, correndo os olhos pelo lugar, sem nenhum foco especial, enquanto a mente vagava, tentando tropeçar em algo que devesse estar procurando.

Havia um quarto pequeno. Cama *queen size*, arrumada de qualquer jeito. Lençóis macios. Quatro travesseiros tamanho padrao e uma capa grande. Uma cama extra, amarrotada. Quem dormia ali?

Na gaveta de uma mesa de cabeceira, uma caixa de camisinhas. Uma caixa esvaziada, que um dia guardara duas duzias de preservativos e na qual restavam apenas alguns. Quem transava ali?

Kate se deitou junto a gaveta das camisinhas, mas com os pés para fora da cama, de lado, sem sujar os lençóis. Encostou o rosto no travesseiro de cima. Cheiro de creme de barbear, ou locaço pós-barba, ou água-de-colônia. Cheiro de Bill.

Estendeu a mão para a mesa de cabeceira, apalpando atrás dela, tateando... tateando... nada ali.

Deslizou a mão por baixo da mesa, apalpando o aglomerado de mais um móvel pré-moldado... nada.

Dobrou o braço e estendeu a mão por baixo da cama, embaixo do estrado que sustentava o colchão... Sentiu alguma coisa ali, couro... Deslocou a mão alguns centímetros...

Deu um puxão, sabendo exatamente o que era aquilo que trazia para a lateral da cama e levantava até diante do rosto. Pela porta do quarto, tinha uma visão direta da porta da entrada, para onde, sem sequer ter tido essa intenção, agora apontava instintivamente a Glock 22 que Bill mantinha num coldre preso embaixo da cama.

PARTE II

Hoje, 12h02

Kate para a porta francesa da sala de estar - tapetes sobre tapetes, pe-direito alto, sancas ornamentadas, estantes repletas de livros e vasos, jarros de flores, pequenos quadros a óleo em molduras elegantes, espelhos de bordas douradas desbotadas.

Ha uma coisa que a vem incomodando, remexendo seu inconsciente, tropeçando em fatos e suposicoes que sustentam as conviccoes atuais sobre sua vida, seu marido, como a historia deles aconteceu. Choca-se com lembranças, forçando-a a reexaminá-las pelo novo ponto de vista de mais uma explicação possível para tudo. Alguma coisa relacionada com a faculdade...

Kate cruza a sala de visitas até onde estão os livros enormes, reunidos numa prateleira altíssima. Tira o anuário de Dexter.

Acomoda-se num sofá, o livro pesado no colo.

Corre o polegar pelas bordas, seguindo a ordem alfabética, depois abre prematuramente o livro e vira uma página após outra, até encontrar uma versão muito mais jovem de Dexter Moore. Cabelo armado, gravata fininha, testa sem rugas.

Agora ela está convencida de que vai mesmo achar o que está procurando.

Como uma pessoa podia ser tão cretina e fingida?

Kate só ouviu o nome uma vez, faz quase dois anos, em Berlim. Tem quase certeza de que termina em "owski", o que a ajudara na confirmação, quando vier a encontrar o rosto certo.

Volta para o início das fotos, para os rostos de sobrenomes iniciados por A. Examina atentamente cada imagem, todas aquelas fotografias de duas décadas atrás, rapazes e mocas que agora são homens e mulheres da idade dela. Página após página, pacientemente. Subito, isto lhe parece totalmente óbvio, inevitável.

Não demora muito para encontrar. Não muito mesmo. Exceto, e claro, pelos dois anos que passou sem saber o que procurar.

Agora, uma mudança completa de paradigma. Todas as peças do quebra-cabeça estão em movimento, girando, desorientantes.

Kate tivera a impressão de haver resolvido esse mistério muito tempo atrás.

Contempla o rosto familiar que a encara, a expressão otimista de quem concluiu o curso universitário, posando para a posteridade.

Capta um movimento do outro lado da sala e logo percebe que é ela mesma, uma pequena mecha do seu cabelo no espelho da parede oposta, um cantinho dela em movimento, desligado de toda a parte invisível. Levanta-se, carrega o livro pesado de volta para seu espaço sem maior destaque, numa prateleira no meio da sala de sua família, no meio da vida de sua família. Os melhores esconderijos não são os mais ocultos, são apenas os menos procurados.

Agora que possui essa nova informação, agora que o anuário revelou seu segredo, agora que Kate reconhece essa nova realidade, sente uma traição ímpar. Mas também intui o surgimento de novas opções. Novas portas se abrindo. Não sabe dizer o que há atrás dessas portas, mas enxerga a

luz que se infiltra por elas.

Isso muda tudo.



Kate estava irritada com Dexter. Ele havia demorado demais a ajustar o piloto automatico em 160 quilometros por hora, superando a regulagem-padrao de 130 quilometros da linha vermelha do velocimetro. Mesmo assim, a 160 por hora na A8, metade dos carros na estrada andava mais depressa.

Estava irritada com os meninos no banco de tras, que reclamavam do filme mediocre do DVD portatil, o qual tombava toda vez que Dexter fazia uma curva muito fechada, levando-os a gritar.

Mais que tudo, porem, estava irritada consigo mesma. Pensava obsessivamente em todos os erros que havia cometido. A marca do sapato deixada na lama, suas pegadas enlameadas na poeira do apartamento vizinho desocupado, suas pegadas umidas nos pisos limpos do apartamento de Bill. As fibras de sua pele e cabelo na cama dele - talvez ate fios do seu cabelo *no travesseiro*, pedindo para ser apanhados, examinados, submetidos ao mapeamento do DNA. Que outros erros idiotas poderia ter cometido?

Ela havia ate arranhado a face, deixando um vermelhao irregular na maca do rosto. O machucado fora facil de explicar a Dexter - um incidente na garagem, ao tirar as compras do carro -, mas, assim mesmo, era suspeito. Para nao dizer imprudente e estúpido.

Ela se portara como uma amadora.

Ainda por cima, houvera os dois vizinhos na escada, alem da Sra. Dupuis. Testemunhas faceis de encontrar, praticamente inevitaveis.

Kate viu passar a paisagem desinteressante do interior da Alemanha. O vale do Saar: agigantados parques industriais e predios comerciais de aco e vidro, espalhados entre densas florestas ondulantes, com hipermercados e revendedoras de automoveis a beira da estrada, chaminés e armazens e estradas de acesso convergindo em cruzamentos engarrafados.

Tinha sido a missao mais atrapalhada de sua carreira. Mas ja nao tinha uma carreira, certo? Pedira demissao tres meses antes.

Rothenburg ob der Tauber no frio cortante: construcoes com madeira aparente por toda parte, fachadas pintadas, cortinas de renda, cervejarias, salsicharias, uma imensa feira de Natal, fortalezas medievais, muros de pedra com arcos e torrees. Mais uma versao de conto de fadas, mais um lugar estilo cartaopostal. Mais uma torre da prefeitura na qual subir, diversao para garotinhos: subir bem alto ou subir depressa. Os degraus - quantos: duzentos, trezentos? - iam seguindo o contorno das paredes cada vez mais estreitas da torre, gastos, desiguais e bambos. No alto, a familia teve de, semioficialmente, pagar uma taxa a um sujeito que tinha um olho so. Os meninos nao conseguiam parar de encara-lo.

E entao se viram do lado de fora, numa passarela estreita, em meio a rajadas de vento cortante, muito acima da praca central e das ruas que irradiavam dela para os muros da cidade, para o campo, o rio, os morros e as arvores da Baviera. Dexter baixou os protetores de orelhas do chapéu, um modelo de caca vermelho, quadriculado, forrado de pele de coelho, que Kate lhe comprara de presente de Natal, meia decada antes.

Ela contemplou as barracas da feira la embaixo, o topo da cabeça dos turistas, bones de esqui e

chapeus de feltro, risivelmente faceis de matar.

E dai se os Maclean fossem assassinos? Qual era a responsabilidade dela? Nao era trabalho seu, problema seu. Nao era ela que os dois iam matar, nem Dexter. Portanto, o que tinha a ver com isso?

Nada.

E, se eles tinham ido a Luxemburgo para matar alguem, quem seria?

E quem *eram* eles? Com certeza nao eram da Mafia; nao havia como Julia, pelo menos, estar no crime organizado. Nao eram militantes islamicos. Tinham que ser agentes americanos de algum tipo.

Quem sabe seriam da CIA, das Forcas Especiais do exercito, ou das operacoes clandestinas do corpo de fuzileiros. Seriam contratados de alguma empresa militar privada? Estariam na Europa para fazer o trabalho sujo da politica externa secreta dos Estados Unidos? Para assassinar alguem que fosse a Luxemburgo esconder dinheiro de origem duvidosa - um oligarca ucraniano, um despota somali, um contrabandista servio?

E que importancia ela dava as irrelevancias do dinheiro sujo?

Ou sera que era alguem cuja morte teria uma relevancia mais imediata para os interesses norte-americanos? Um diplomata norte-coreano? Um enviado iraniano? Um presidente latino-americano com projetos marxistas?

Ou seriam eles meros assassinos de aluguel numa missao civil, uma vinganca, uma intriga empresarial? Um alto dirigente de empresa? Um presidente de banco? Um banqueiro privado que houvesse desfalcado uma fortuna de um bilionario, agora muito aborrecido?

Talvez fosse alguma coisa complicadissima. Talvez eles fossem assassinar um americano - o secretario do Tesouro? o de Estado? - e jogar a culpa num cubano, venezuelano ou palestino, criando o pretexto para botar banca, retaliar, invadir.

Havia inumeras pessoas a assassinar, por inumeras razoes.

Ali, algumas dezenas de metros acima do solo alemao, Kate sentiu-se como Charles Whitman no alto da torre da Universidade do Texas, em Austin, segurando o rifle e decidindo em quem atirar.

Mesmo havendo cometido um numero inadmissivel de erros, ela se sentira bem la, na janela de Bill; tivera a sensacao de que aquele era o seu lugar. Nao num subsolo de centro esportivo, conversando sobre programas de fidelidade de supermercados, mas num ressalto de parede, sem rede de protecao.

Estava cada vez mais convencida de que nunca seria uma feliz mae que cuida da casa. Se e que isso existia.

- Vamos - disse aos familiares, ansiosa por ir em frente, por controlar o que pudesse.

Dexter estava tirando fotos dos meninos, que batiam queixo apesar de embrulhados em agasalhos, seus rostinhos vermelhos e o nariz escorrendo.

- Esta gelado demais aqui em cima.

- Vejo voces no hotel as seis.

- Esta bem - disse Dexter, retribuindo o beijo de Kate, porem mal a olhando de relance.

Foi so um franzir dos labios, nem mesmo um selinho rotineiro. Ele estava sentado no peitoril de uma janela do terreo do museu de ciencias.

Agora Kate teria suas quatro horas de liberdade. Algumas maaes de Luxemburgo davam a isso o nome de "ser soltas", como um cachorrinho nervoso que sai em disparada pela porta da cozinha em direcao ao quintal cercado. Juntas, em grupinhos de tres ou quatro, sem marido nem filhos, elas iam a Londres, Paris ou Florenca: 48 horas para fazer compras, beber e comer, quem sabe conhecer um estranho num bar e, sob a protecao de um nome falso e da embriaguez, leva-lo para o quarto do hotel e transar das mais variadas e numerosas formas que fossem possiveis, antes de chegar a hora de expulsa-lo e pedir o cafe da manha. Vestida, calcada e arrumada.

Kate abriu caminho pelas aglomeracoes frias e apressadas da hora do almoco no centro de Munique, passando pelos vendedores de alimentos do Viktualmarkt, pela amplitude da Marienplatz, com seu carrilhao no coracao da cidade, pelas ruas exclusivas para pedestres - sera que ainda restava no continente uma unica cidade em que nao houvesse lojas H&M e Zara? - e pela chiquerrima Maximilianstrasse, que partia do teatro de opera, como toda rua elegante em que brotam casacos e chapaus de pele, gigantescos sedas junto ao meio-fio, com motoristas uniformizados ao volante, e butiques com vendedoras poliglotas, fluentes no vocabulario da seda e do couro em ingles, frances e russo, arrumando as compras com cuidado em sacolinhas resistentes e reconheciveis.

Entrou com passos lentos no saguao opulento de um hotel, encontrou um telefone publico, introduziu as moedas e discou o numero que havia surrupiado do escritorio de Bill, comecando pelo codigo do pais, 352. Imaginou que se tratava de um numero local de Luxemburgo. O papel furtado por ela estivera em branco, mas trazia a marca do que fora escrito na folha anterior, facil de recuperar com a ajuda da lateral de uma ponta de lapis, rabiscando de leve.

Tinha razao.

- Alo - atendeu a mulher, em ingles americano -, aqui e a Jane.

Sotaque da area norte do Meio-Oeste, levemente familiar, embora Kate nao conseguisse visualizar mentalmente sua dona.

- Alo? - tentou de novo a mulher.

Kate nao quis correr o risco de que ela reconhecesse sua voz.

- Alo? - fez a mulher novamente.

Kate desligou. Pois entao, Bill andava telefonando para uma americana chamada Jane, em Luxemburgo. Teve a nitida sensacao de que aquilo tinha a ver com sexo. Sensacao acentuada por estar sozinha naquele hotel sensual e sofisticado, pela possibilidade de subir no elevador e abrir uma porta para...

E claro que seria Bill. Agora mais do que nunca, especialmente agora que sabia que o homem era perigoso. Um criminoso, um policial, ou, quem sabe, como muita gente com quem ela havia topado, as duas coisas. Era bonito e sexy e sedutor e valente, e guardava um revolver embaixo da cama em que transava com mulheres que nao eram a esposa. Mulheres como Kate, talvez.

Saiu do hotel, atravessou depressa a rua para um ponto de taxi e entrou num deles: - Alte Pinakothek, *danke*.

Examinou todas as janelas em todas as direcoes, para ter certeza de que ninguem a seguia. Mesmo assim, pediu ao motorista que parasse na Ludwigstrasse.

- Faltam 500 metros para o museu - avisou ele.

- Esta bom - retrucou Kate, entregando-lhe 10 euros. - Quero caminhar.

Mais adiante, a estacao do metro da universidade acenava, com as luzes e o movimento dos bares, lojas e restaurantes que se aglomeram por toda parte junto as estacoes de metro. Mas as calçadas perto de Kate estavam desertas. Ela passou pelos macicos e atemorizantes edificios de pedra, o vento acoitando pelas esquinas, as orelhas e o nariz queimando de frio.

Estava agitada, mas sob controle. Sentia-se bem outra vez, como no ressalto da janela: o pulso acelerado, andando com passos decididos por ruas estrangeiras e desconhecidas, com todos os sentidos aguçados, a mente lucida. Ela fora menosprezada por varias pessoas ao deixar a Diretoria de Operacoes para se tornar analista da Diretoria de Inteligencia. Ao se retirar do trabalho de campo, do perigo. Ao se depreciar, sentando-se numa cadeira confortavel atras de uma escrivaninha polida.

Tornou a sentir um formigamento, a libido ganhando vida com os outros estímulos sensoriais.

De repente e de forma perversa, ela culpou Dexter por se sentir atraída por Bill. Se Dexter passasse mais tempo com ela, se fosse mais atencioso em todos os sentidos - em *qualquer* sentido: se agradecesse mais, ou se telefonasse de vez em quando para fazer outra coisa alem de dizer que nao ia para casa, ou se trepasse com ela com mais frequencia, ou mais paixao, ou mais criatividade, ou se ao menos dobrasse uma unica porcaria de carga de roupa lavada -, talvez ela nao estivesse andando nessa rua, fantasiando sobre deitar naquela cama com um revolver preso embaixo do estrado.

Tudo isso era absurdo, Kate sabia. Estava transferindo sua culpa para uma pessoa inocente; um pretexto para sentir raiva de alguem que nao era propria. Disse a si mesma para se concentrar.

Atravessou a praça varrida pelo vento, em frente a Antiga Pinacoteca, sem uma so pessoa a vista.

As trilhas entrecruzadas criavam enormes formas angulosas de grama, uma geometria gigantesca, pontuada por esculturas de metal muito espacadas e contornada por arvores sem folhas. Pareceu ficar mais frio quando ela se aproximou do edificio imponente, cujas janelas em arco pareciam nao ter luz por dentro. Sua impressao foi a de estar entrando num misterioso tribunal, presidido por um juiz onisciente.

Comprou o ingresso, mas nao quis os fones de ouvido para orienta-la sobre as pecas. Manteve consigo a bolsa e o casaco. Subiu a escadaria, uma vastidão larga e arejada de marmore reluzente, degrau por degrau. Começou pelo começo, com os pintores flamengos primitivos e a antiga pintura alemã, sem especial interesse. Passou para as grandes galerias, repletas de imensas obras de genios da pintura - Rafael, Botticelli, Da Vinci. Havia ali alguns turistas japoneses, como em toda parte, absortos em seus fones, as cameras fotograficas balancando no peito.

Um homem sozinho, com o sobretudo de la dobrado no braco, postava-se em frente a *Virgem do cravo*, de Leonardo da Vinci.

O sol roçava a silhueta sul dos predios do centro de Munique, lançando raios nitidos pelas janelas imensas. Kate consultou o relógio: 15h58.

Passou para a galeria bem no centro do predio, abarrotada de enormes telas de Rubens. *A morte de Seneca*, com o filosofo surpreendentemente musculoso. *Caca ao leao*, brutal, barbara. E o maior de todos, *O ultimo grande juizo*, uma enorme pilha de carne humana nua, sendo julgada do alto por Cristo, por sua vez julgado de cima pelo Pai.

- E in *cri* vel, nao?

Kate olhou para o homem que avistara no outro salao: gravata, sobretudo no braco, paleta esporte, lenço no bolso, calças de flanela, sapatos de camurça. Oculos de armação grossa, cabelo grisalho cuidadosamente aparado. Era alto e esguio, e parecia poder ter qualquer idade entre os 45 e os 60

anos.

- Sim - respondeu ela, tornando a voltar os olhos para a imensa tela.

- Foi encomendado para um altar em Neuburg: o Danubio, para ianques como nos, na Alta Baviera.

Mas as pessoas, quer dizer, os padres, não se apaixonaram por toda essa nu *dez* - disse, com um leve aceno da mão para os corpos da pintura. - Assim, o quadro só passou algumas décadas pendurado na igreja, frequentemente coberto, escondido da visão, antes que essa gente se livrasse dele.

- Obrigada - disse Kate. - Isso é interessante.

Correu os olhos pelo salão. Não havia mais ninguém. Ela avistou um guarda de segurança numa das galerias adjacentes, na vigilância rigorosa de uma família com um par de crianças pequenas, dois garotos de escola de quem emanava um cheiro de rebeldia - verdadeiras ameaças aos museus, no ponto de vista de um guarda alemão.

- Na verdade, é só semi-interessante. Eu daria um quatro. E sendo muito caridosa.

O homem riu.

- É um prazer vê-la, minha querida.

- E a você também. Faz muito tempo.

- E entao, voce ainda gosta de Munique? - perguntou Kate. - Faz uma eternidade, nao e?

Hayden soltou outra risada. Fazia mesmo uma eternidade que estava na Europa, toda a sua carreira.

Estivera na Hungria e na Polonia na fase complicada do fim da Guerra Fria. Estivera na Alemanha - Bonn, Berlim, Hamburgo - durante a corrida armamentista do governo Reagan, a ascensao de Gorbatchov, o colapso da Uniao Sovietica, os reajustes pos-URSS, a reunificacao alema. Estivera em Bruxelas no nascimento da Uniao Europeia, na dissolucao das fronteiras, no surgimento do euro.

Voltara a Alemanha quando o continente inteiro comecara a reagir ao fluxo de imigrantes mukulmanos, com a reafirmacao das forcas reacionarias, o ressurgimento do nacionalismo... Hayden havia chegado a Europa no meio da vida do muro de Berlim, que ja se fora fazia duas decadas.

Kate chegara a Agencia quando o muro ja havia caido. A America Latina era o futuro - nosso hemisferio, nossas fronteiras -, embora os sandinistas tivessem sido derrotados e Clinton andasse falando em normalizar as relacoes com Fidel Castro. Na epoca, ela nao achara que estaria entrando naquele livro no meio do capitulo final. A coisa parecia estar apenas na metade, com o escandalo Ira-Contras ja no passado e com a abstracao da ameaca comunista desfeita. O futuro seria concreto, orientado para a acao, com resultados importantes para a area de influencia norte-americana.

E foi. Pouco a pouco, no entanto, ano apos ano, Kate se sentiu cada vez mais inutil - notou sua relevancia no trabalho diminuir. E sua sensacao deprimente de inutilidade foi ultra-acelerada no 11

de Setembro, quando saber quem estava em ascensao como candidato a prefeitura de Puebla passou a nao ter a menor importancia. Embora a CIA, como instituicao, houvesse reconsagrado sua missao no dia 12 de setembro, Kate, como agente da CIA, nunca havia recuperado seu senso de relevancia. Ou irrelevancia.

Durante todo esse processo, Hayden estivera bem ali.

- Adoro Munique - respondeu ele. - Venha, deixe-me mostrar-lhe uns quadros *menores*.

Kate o acompanhou ate uma sala aconchegante, uma das galerias do norte que ficam de frente para a praca da entrada, ja entao em plena sombra crepuscular. Hayden passou pelas pinturas e foi ate a janela. Kate seguiu seu olhar, pousado em um homem que se encostara num poste de luz da praca imensa e fria, fumando um cigarro e olhando para as janelas do museu. Olhando para eles.

- E como foi na Romantische Strasse? As crianas devem ter adorado aquele castelo bobo de Neuschwanstein. Quantos anos eles tem?

- Tem 5 e 4.

- O tempo voa.

Apesar de nao ter filhos, Hayden reconhecia que muitas pessoas, a certa altura da vida, comecavam a medir o tempo nao por seu proprio avanco, mas pela idade dos filhos.

Ele continuou a olhar pela janela, observando o homem na praca. Uma mulher desceu a escada depressa. O homem desencostou do poste. Quando a mulher se aproximou, ele jogou fora o cigarro, deu-lhe o braco, e os dois se afastaram de bracos dados. Kate se perguntou se algum dia ela e Dexter

voltariam a andar assim, como tinham feito no começo do namoro.

Hayden desviou os olhos da janela e se aproximou de uma natureza-morta pequenina, impecável, sombria. Uma pequena obra-prima flamenga de luz e sombra.

- As pessoas mais altas do mundo são os holandeses - disse. - Em média, 1,85 metro.
- Os homens?
- Todos. Homens e mulheres.
- Hum. Essa é nota cinco.
- Cinco? Só isso? Você é osso duro de roer.

Hayden deu de ombros.

- E então, em que posso ajudá-la?

Kate enfiou a mão no bolso do casaco de tweed e lhe entregou a cópia da fotografia tirada naquela boate parisiense um mês e meio antes, apesar de parecerem anos.

Hayden mal olhou para a foto antes de guardá-la no bolso. Não queria ser visto parado num museu olhando para uma foto em sua mão.

- Há um número de telefone no verso.

- Um celular pré-pago?

- Isso mesmo - respondeu Kate, enrubescendo na expectativa da crítica que ele não tardaria a fazer.

Mas Hayden percebeu pelo rubor que ela já estava se castigando por ter usado o telefone de casa para marcar esse encontro: não precisou mencionar o fato.

- Sabe quem eles são? - perguntou Kate.

- Eu deveria saber?

- Pensei que talvez fossem dos nossos.

- Não são.

A família com os filhos pequenos, francesa, estava agora na galeria adjacente. Na galeria para além deles, talvez a uns 50 ou 60 metros de distância, havia um homem sozinho, de sobretudo, de costas para Kate. Estava até de chapéu: de feltro, marrom. Num recinto fechado.

- Tem certeza? - perguntou ela.

- Tanta quanto é possível.

Kate não ficou inteiramente convencida, mas, no momento, não havia mais nada que pudesse fazer.

- O homem da direita é meu marido - falou baixo, quase num sussurro, mas tomou o cuidado de não chegar propriamente a cochichar. Cochichos chamam atenção. - O da esquerda diz chamar-se Bill Maclean, corretor de câmbio de Chicago que hoje mora em Luxemburgo.

Recomeçaram a andar por outra galeria bem iluminada do lado sul, os passos ecoando no salão imenso, sob o olhar de santos, mártires e anjos.

- E nao e?

- Nao.

Hayden passou por outro Rubens, *A queda dos condenados*.

Kate olhou de relance para a tela, horrores sobre horrores.

- A mulher seria casada com ele, Julia. Um pouco mais moca que Bill. Decoradora de interiores de Chicago.

Hayden fez uma pausa, erguendo os olhos para *O sacrificio de Isaque*. Abraao prestes a matar o unico filho, a mao cobrindo completamente os olhos do jovem, protegendo Isaque de seu destino iminente. Mas um anjo havia chegado na hora exata e segurado o pulso do anciaio. A lamina ia caindo pelo ar, ainda parecendo perigosa, aquela arma flutuante. Uma faca destrutiva.

- Quer me dizer no que esta pensando? - perguntou Hayden.

Kate continuou a contemplar o imenso Rembrandt, a gama de emocoes no rosto do velho Abraao, o pavor e a tristeza, mas tambem o alivio.

- Essas pessoas nao sao quem dizem ser. Os nomes delas nao sao esses. Nem as carreiras.

Voltou os olhos da tela para Hayden e captou um vislumbre do outro homem cruzando uma porta, um relance de seu perfil, nao o bastante...

- E entao? - indagou Hayden. - Quem sao eles? Qual e a sua teoria? O que estamos procurando?

- Acho - disse ela, com a voz mais baixa possivel - que eles vao assassinar alguem.

Hayden arqueou as sobrancelhas.

- Sei que parece estranho.

- *Mas...*?

- Mas eles moram em frente ao palacio do monarca, com uma visao perfeita de multiplas areas desprotegidas. E a seguranca e lastimavel. O palacio tem toda a aparencia de um ambiente seguro, mas nenhuma seguranca de fato. Se voce estivesse procurando um lugar realmente genial para matar alguem, seria aquele. Se estivesse procurando um local para eliminar um alvo de altissimo valor, um presidente, um primeiro-ministro, dificilmente poderia achar coisa melhor.

- Nao pode ser apenas coincidencia?

- E claro. O apartamento deles e um belo lugar para se morar. Mas eles tem armas. Pelo menos uma.

- Como voce sabe?

- Vi o revolver.

- Eu tenho um revolver. Voce tambem, talvez. E nos nao vamos assassi *nar* ninguem.

Kate lhe lancou um olhar do tipo "voce deve estar brincando".

- Vamos? - continuou ele.

- Ora, voce sabe o que estou dizendo.

- Esta bem - admitiu Hayden. - Reconheco que a arma justifica certa desconfianca. Mas ha

centenas de razoes pelas quais a pessoa teria uma arma...

- Um americano? Na Europa?

-... e so uma delas e assassinato.

Hayden deu de ombros e franziu o rosto, sugerindo que tinha outra opiniao, mas que relutava em compartilhar.

- E quanto aos nomes falsos? - perguntou Kate.

- Ora, por favor. Quem *nao tem* um nome falso?

- Os banqueiros normais que se mudam para Luxemburgo.

Kate estava perdendo a paciencia. Hayden nao parecia disposto a admitir nem mesmo a possibilidade de que essas pessoas fossem assassinas.

- Conheci um bocado de assassinos na minha epoca.

- Eu tambem - admitiu ele.

- E voce sabe que e assim que eles trabalham, e isso que fazem.

Na verdade, era exatamente o que tinham feito quando Kate contratara uma equipe para eliminar um general salvadorenho. O casal havia alugado uma casa na praia, perto de onde se sabia que o general apareceria, mais cedo ou mais tarde: numa residencia de veraneio em Barbados, pertencente ao principal traficante de armas do general. A dupla acabou precisando esperar quase dois meses, durante os quais adquiriu um bronzado belo e intenso e aprimorou consideravelmente sua habilidade no golfe. Os dois aprenderam ate a surfar.

Por fim, um dia, no finalzinho da tarde, a mulher pos o cano do rifle para fora da janela do banheiro do segundo andar e disparou um tiro bastante facil a pouco menos de 300 metros - teria acertado o alvo a uma distancia duas vezes maior, talvez tres -, por cima de um telhado, no jardim imaculadamente bem cuidado, a beira-mar, onde o general se reclinava numa espreguicadeira com uma garrafa de cerveja Banks na mao e, de repente, um grande buraco no meio da cabeca. O outro componente do time estava com o motor ligado, a bagagem na mala do carro, o jato particular aguardando na pista do lado leste da ilha, a trinta minutos da novissima cena de crime da baia de Payne.

Kate captou mais um vislumbre do homem na outra galeria. Manteve-o sob vigilancia pelo canto do olho.

- E aconteceu uma coisa em Paris - acrescentou. - Fomos assaltados, tarde da noite, e ele colocou os bandidos para correr. Teve um comportamento muito, sei la, muito...

- Muito profissional?

- Sim.

- Pois bem, vou imaginar que voce esteja certa. Mas, se eles *sao* assassinos, quem e o alvo?

- Nao faco ideia. Mas ha gente importante circulando pelo palacio o tempo todo.

- Isso nao chega exatamente a limitar as opcoes, nao e?

Kate balancou a cabeca.

- Escute - ponderou Hayden -, eu nao... como posso dizer?... nao acho crivel que alguem contrate

assassinos, uma equipe que se faz passar por marido e mulher, por... ha quanto tempo isso esta acontecendo?

- Uns tres meses.

- Por um trimestre, contando com a possibilidade de que esse arranjo venha enfim a proporcionar um tiro viavel em, francamente, qualquer pessoa. Por mais que voce considere insuficiente a seguranca desse palacio, um nivel muito mais eficaz pode ser estabelecido em *qualquer* lugar, a *qualquer* momento, em 48 horas.

Ela viu o homem da outra galeria chegar mais perto.

- Desculpe-me - continuou Hayden. - Reconheco que esses tipos parecem suspeitos. Mas acho que voce interpretou mal a situacao. Eles nao sao assassinos.

De repente, Kate compreendeu que era claro que ele tinha razao. Mal pode acreditar que investira tanto numa teoria tao despropositada, que havia construido de forma tao obstinada um cenario obviamente contrario a realidade. Tinha sido uma idiota.

Entao, por que os Maclean estavam em Luxemburgo? A consciencia dela imprensou alguma coisa num canto de sua mente, um canto escuro que ela tentava - mas raramente conseguia - esquecer.

- E, se nao se importa que eu pergunte...

- Sim?

- Que importancia tem isso para voce?

Ela nao conseguiu pensar noutra resposta senao a verdade, algo que nao podia admitir: que tinha medo de que os dois estivessem atras dela, por causa daquele desastre com Torres.

- Talvez seja mais conveniente so deixar isso para la - sugeriu Hayden.

Kate virou para ele, viu a expressao de advertencia.

- Por que?

- Voce pode nao gostar do que vai descobrir.

Ela perscrutou o rosto de Hayden em busca de algo mais, que ele nao quis dar. E que nao lhe era possivel pedir, sem explicar por que.

- Tenho que descobrir.

Hayden a encarou, a espera de que ela se estendesse mais sobre o assunto, porem Kate se absteve.

- Muito bem.

Hayden enfiou a mao no bolso, pegou a foto e a devolveu.

- Sinto muito. Nao posso ajuda-la. Estou certo de que voce entende.

Kate esperava por isso. Hayden se tornara uma pessoa importante na Europa, nao podia se dar ao

X

luxo de entrar em becos sem saida.

Agora o homem de chapau estava em outra galeria adjacente, ainda de costas para eles. Kate deu alguns passos pelo perimetro do salao, tentando dar uma espiada em seu rosto.

- Quanto tempo voce vai ficar em Munique? - perguntou Hayden.

Entraram na galeria seguinte, passando pela jovem familia e pelo guarda de seguranca que a escoltava. Hayden parou diante de um Rembrandt. Kate olhou em volta, mas nao viu o estranho de chapau de feltro. E em seguida o viu, no salao ao lado.

- Vamos embora depois de amanha - respondeu. - Passaremos um dia em Bamberg, depois voltaremos para casa, para Luxemburgo.

- Cidadezinha *lin* da. Voce adoraria Bamberg. Mas...

Kate virou-se para ele:

- Sim?

- Em vez disso, voce poderia ir a Berlim. Para ver um sujeito.

O homem do salao ao lado vinha se aproximando aos poucos e agora se colocara numa posicao que passava a impressao de que ele estava tentando ouvir a conversa.

Kate arregalou os olhos para Hayden e inclinou a cabeca para a galeria vizinha. Hayden entendeu, assentiu. Deslizou rapidamente para a parede, as solas tocando o chao em silencio, o corpo entrando em acao imediatamente, com gestos elegantes e controlados. Parado, com suas roupas chiques e o cabelo impecavel, Hayden parecia qualquer homem de meia-idade. Porem, ao andar, ao estender a mao e apontar para um quadro, outra coisa ficava aparente. Como Travolta quase dancando em *Pulp Fiction*, toda a sua energia era notada. Agora que tinha entrado em acao, Hayden era de uma agilidade singular. Deslizou para a grande galeria seguinte, enquanto Kate se deslocava depressa para a menor.

Ela nao viu nada. Olhou para as duas laterais do longo corredor, janelas de um lado, galerias nao visitadas do outro.

Ninguem.

Comecou a andar. Na galeria seguinte, vislumbrou Hayden na grande sala adjacente, os dois avancando em paralelo, perseguindo, vasculhando.

Mas ainda nao havia ninguem.

Kate apertou o passo, agora ouvindo o som dos garotos franceses, e vislumbrou um sobretudo atravessando uma porta e os japoneses se assustarem a passagem celere de Hayden, mas nem sinal do sobretudo. Andou mais depressa, chegando ao final do predio, ao alto da escada, fez uma curva e olhou para baixo...

E la estava ele, descendo os ultimos degraus da escadaria, dobrando a esquina, o sobretudo esvoacando as costas.

Kate e Hayden desceram correndo, enquanto um guarda de seguranca os ordenava que parassem: "*Halt!* " Fizeram a curva e desceram mais um lance de escada. Outra curva e la estava o saguao de entrada. Pararam, arfantes.

Contemplaram um salao imenso, que antes tinham visto vazio. Agora estava abarrotado, comportando os passageiros de inumeros onibus de turismo, centenas de pessoas de casaco e chapau, comprando ingressos e entrando em uma fila para deixar os agasalhos no guarda-volumes, sentadas em bancos ou de pe.

Kate examinou a aglomeracao, andando devagar para mudar de perspectiva, enquanto Hayden se deslocava na direcao contraria. Desceram a escada por lados opostos do saguao e avancaram por entre os visitantes - alemaes aposentados das provincias, casacos de la xadrez, calcas de la impermeaveis, cachecois que pareciam ovelhas, halito de cerveja, risadas calorosas e bochechas vermelhas, o cabelo fino e esvoacante.

Ela vislumbrou alguma coisa do outro lado da aglomeracao e avancou ansiosa por entre a densa massa humana - "Com licenca, *bitte*, com licenca" - ate chegar as portas de vidro da entrada e ver o homem de sobretudo ondulante e chapau de feltro marrom quase na extremidade da praca, onde um carro parou diante dele. O sujeito entrou no banco traseiro, atras do motorista, com o rosto ainda oculto.

Quando o carro se afastou do meio-fio, a motorista virou por uma fracao de segundo na direcao do museu, antes de voltar os olhos para seu trajeto pela Theresienstrasse. Era uma mulher de olhos escuros enormes.

O carro estava a quase 100 metros de distancia e a luz era palida. Ainda assim, Kate teve certeza de que a motorista era Julia.

- Acho que devemos ir - ponderou Kate. - Quando e que viremos de novo a um lugar tao a leste quanto este aqui?

Estavam passeando pelo Jardim Ingles a luz poente, numa paisagem de tons castanhos e cinzentos, uma trelica infinitamente intrincada de galhos desfolhados cuja silhueta se recortava contra o ceu prateado.

- Se nao formos agora, teremos que ir de aviao depois. E, sejamos francos, nos nao vamos comprar quatro passagens aereas para Berlim.

- Mas, entao, por que Berlim nao fez parte do nosso roteiro original? - perguntou Dexter, como era razoavel.

A grama congelada estalava sob os pes. Os meninos vasculhavam o chao a procura de bolotas de carvalho, que iam enfurnando nos bolsos. Era uma especie de competicao.

- Eu nao estava olhando para a Alemanha inteira.

- Tenho que trabalhar na segunda.

- Mas voce pode fazer isso em Berlim, nao pode?

Dexter ignorou a replica:

- E a viagem vai significar mais dois dias faltando as aulas. Voce sabe que eu nao gosto disso.

Os dois desceram um trecho de depressao e tornaram a subir, os pes de Kate deslizando nos montes escorregadios de folhas.

- Eu sei - disse ela. - E concordo. Mas estamos falando do *maternal*.

- Para o Ben. Mas para o Jake e o jardim de infancia.

Kate o fuzilou com os olhos. Sera que Dexter imaginava que ela nao sabia em que serie Jake estava? Esforcou-se para ignorar a observacao paternalista; de nada adiantaria brigar. Respondeu no tom mais impassivel que pode, sua fala emergindo em grandes baforadas brancas no ar frio e seco: - Eu sei. Mas foi por isso que quisemos morar na Europa. Por nos e pelos meninos: para ir a todos os

lugares, para ver tudo. Entao, vamos conhecer Berlim. Jake pode voltar para o abecedario na quarta-feira.

⌘
⌘
Kate sabia nao ter nenhuma sustentacao moral para seu argumento. Sua posicao era indefensavel e

ela detestou defende-la, fingindo que uma coisa era para o bem das crianças, quando, na verdade, era apenas algo de que ela precisava. Ou que apenas queria. Esse era o tipo de sentimento horrroso que ela tivera esperanca de evitar ao deixar a CIA. O tipo exato de mentira que a havia feito jogar a carreira no lixo, de modo que nao viesse a prega-la.

Pararam a beira de um laguinho congelado, a margem escorada por pedregulhos, com longos galhos baixos curvando-se para descansar sobre a superficie vitrea.

Dexter pos o braco em volta de Kate enquanto os dois contemplavam aquele quadro sereno e frigido. Eles esfregaram os ombros para se aquecer.

- Esta bem - disse. - Vamos a Berlim.

Kate obrigou os meninos a posarem no Checkpoint Charlie, em frente a placa que diz voce esta deixando o setor norte-americano, na Friedrichstrasse. Kennedy estivera ali em 1963, na mesma visita que se declarara berlinense - "*Ich bin ein Berliner*" - num discurso proferido na escadaria da prefeitura de Schoneberg. E depois, em 1987, no portao de Brandemburgo, Reagan havia desafiado Gorbatchov a derrubar aquele muro.

Os americanos gostavam de fazer discursos bombasticos ali em Berlim. Kate seguiu essa tradicao, com uma versao apaixonada do seu "Se Voces Nao Comecarem a Se Comportar Ja, Neste Instante".

Era provavel que a culpa fosse do chocolate, anunciou. Portanto, uma solucao seria eles nao voltarem a comer chocolate, nunca mais, pelo resto da vida.

Os olhinhos se arregalaram de pavor; Ben comecou a chorar. Kate amoleceu, como de praxe, usando um subterfugio: "Nao e o que eu *quero*, portanto, nao me obriguem a isso."

Os meninos se recuperaram depressa, como sempre. Ela os deixou seguir pelas fileiras ondulantes de monolitos do Memorial do Holocausto, milhares de lajes de concreto, subindo e descendo.

- Se chegarem a uma calcada - gritou -, parem!

Os garotos nao faziam ideia do que era aquele lugar e de forma alguma Kate explicaria.

Dexter estava no hotel, devidamente cafeinado e conectado a internet por uma rede sem fio. De repente, outro homem pos-se ao lado de Kate.

- Voce tem uma coisa para mim - disse.

Ela se assustou ao reconhece-lo como o motorista estranho que havia transportado a familia na saida do aeroporto de Frankfurt, no primeiro dia deles na Europa. Hayden ainda estivera de olho nela. Talvez sempre. Pensando bem, nao era tao chocante.

Kate meneou a cabeça em sinal de reconhecimento, e o homem retribuiu o aceno. Ela tirou do bolso e lhe entregou o saco plastico que continha um tubo de protetor labial e um cartao de visitas de

um clube de tenis, surrupiados do apartamento dos Maclean.

- Amanha, a mesma hora, na extremidade norte da Kollwitzplatz, em Prenzlauer Berg.

Cinquenta metros a frente, Ben gritou:

- Oi, mame!

Kate olhou para a longa fileira de lajes ardósia-acinzentadas, para seu filhinho junto a pedra imensa que o apegava. Acenou, elevando bem alto a mão.

- Esta bem - respondeu, tornando a se virar para o homem, que já havia sumido.

Estar nessa missão em Berlim continuava a ser prazeroso. Mesmo havendo a probabilidade de a missão existir apenas na imaginação dela. Talvez fosse isso que andava faltando em sua vida, a razão de ela se sentir tão entediada, tão sem valor, tão infeliz.

Mas que missão ela queria? Talvez não precisasse das que incluíam armas e identidades secretas e chamadas em código e perigos mortais. Talvez a família pudesse ser sua missão. Kate poderia encarar os filhos - a educação, as diversões deles - como uma tarefa, um problema a ser resolvido.

Não havia nenhum empecilho a que ela melhorasse sua vida, fizesse dela uma agradável vida normal, ajudando as crianças nos trabalhos de escola, voltando sua atenção para a culinária francesa e, quem sabe, ao estilo Julia Child, realmente domina-la.

Primeiro, porém, ainda precisava descobrir quem eram Julia e Bill.

Parou na entrada do parquinho da Kollwitzplatz.

- Vou tomar um café - disse a Dexter. - Quer alguma coisa?

- Não, obrigado.

Atravessou a rua, entrou num café e ocupou um assento longe da janela. Uma garçonete de ar estressado saiu as pressas da cozinha, levando sua bandeja carregada de pratos para um grupo grande e barulhento num canto. A porta tornou a se abrir e o homem entrou. Sentou-se defronte de Kate.

Ela lhe deu uma olhadela rápida: 30 e poucos anos, barba malcuidada, camisa de caubói, jeans e tenis, e uma japonsa por cima. Indistinguível dos *hipsters* que moravam em Austin, no Brooklyn, em Portland, no Oregon ou no Maine. Assim era a globalização: todo mundo intercambiável em toda parte. Era possível ser qualquer um em qualquer lugar e fazer qualquer coisa. Esse motorista de van, amante da new wave e provavelmente viciado em metanfetamina, com jeito de morador de Williamsburg, era espião.

- Não tenho muito tempo - disse Kate.

- Sim. Estou vendo que você trouxe uma comitiva.

A garçonete passou correndo por eles, sem olhá-los.

- E então? - perguntou Kate.

- Essas pessoas são Craig Malloy e Susan Pognowski.

- Pognowski?

- Sim, e um sobrenome polonês. Ela cresceu em Buffalo, no estado de Nova York. E o tal Malloy é de um lugar próximo da Filadélfia, na Pensilvânia.

A garconete parou, segurando cardápios. Kate pediu um café para viagem. O homem não quis nada.

- Eles são casados?
- Hum? Não. Não são casados.
- E quem são eles?
- É interessante - disse o homem, debruçando-se na mesa, com um risinho de zombaria.

Nesse momento, alguém terminou de contar uma piada na mesa grande e todos caíram na gargalhada. Um caneco de cerveja bateu na mesa. Um pequeno furgão de entregas que estivera em ponto morto do lado de fora engatou a primeira e se foi, deixando em sua esteira uma clareza adicional dos sons que restaram. Um chiado da cozinha, quando a garconete emergiu com uma grande travessa de batatas fritas. Uma gargalhada vinda do pátio da escola na esquina. Um grito do filho mais velho de Kate, do outro lado da rua, brincando no trepa-trepa.

Quando os barulhos amainaram, o homem respondeu:

- São do FBI americano.

Kate ficou perplexa, olhos e boca escancarados, totalmente imóvel.

FBI? Tentou elaborar essa informação, a mente girando, perseguindo ideias diferentes. Pela janela, olhou para os filhos brincando, Dexter sentado num banco, de costas para ela, de frente para o sol fraco estampado no céu.

- E sabe o que também é interessante? - continuou o homem. - Estão aqui por empréstimo.

Kate virou-se para ele, confusa.

- Empréstados a uma forcatarefa especial - explicou ele.

Ela levantou as sobrancelhas e ele revelou:

- Na Interpol.

Kate foi andando para a feira das quartas na Place Guillaume II: flores e produtos agrícolas, açougueiros e padeiros, peixeiros e um caminhão que vendia frango assado. Havia um francesinho magro porém musculoso que era um defensor apaixonado de seus queijos alpinos. Um belga que não vendia nada além de cebola e alho. Uma barraca de massas frescas, uma de cogumelos silvestres e outra de azeitonas. Havia uma mulher de tagarelice surrealista que vendia especialidades da Bretanha, e um casal rólico, de bochechas vermelhas, que oferecia carnes curadas do Tirol e não falava uma palavra de francês, muito menos de inglês.

Ela esperou numa fila congelante para comprar frango assado, de novo perdida em pensamentos. A boa notícia - se é que Kate se inclinava a enxergar uma - nessa história era que ela não estava enlouquecendo. Os pretensos Maclean realmente eram policiais federais disfarcados. Mas o que estariam aprontando? O espião de Hayden em Berlim não tinha outras informações nem poderia obter-

las, não sem despertar suspeitas, o que deixara claro não estar disposto a fazer. Kate não podia argumentar com ele. Bem, até podia, e havia tentado, mas não adiantara.

Ela compartilhava com muitos irmãos da CIA um desdém vitalício pelos agentes federais que trabalhavam no edifício J. Edgar Hoover. A animosidade entre espões e policiais era quase inteiramente irracional, nascida das considerações políticas dos homens que dirigiam os dois órgãos, que desconfiavam uns dos outros, crianças que não sabiam brincar direitinho na caixa de areia e disputavam a atenção dos sucessivos papais que moravam na Casa Branca.

Mas, quer ela respeitasse ou não o FBI, esses agentes estavam em Luxemburgo. Por que?

Não podia ter nada a ver com ela. Talvez estivessem perseguindo um fugitivo: um assassino, um terrorista. Esse criminoso possuiria uma conta em Luxemburgo com milhões - bilhões? - de euros, da qual só ele poderia fazer saques. Portanto, cedo ou tarde ele ia aparecer. Era isso que Bill e Julia estavam fazendo na Europa: esperando a hora de prender um bandido.

Talvez estivessem investigando uma operação de lavagem de dinheiro, drogas ou armas, dinheiro sujo sendo lavado nas máquinas anônimas dos bancos de Luxemburgo. Estariam monitorando as pessoas que, ao chegar, passavam pelo negligente controle alfandegário do pequeno e impecável aeroporto de Luxemburgo, com as malas repletas de dólares levados de guetos americanos para as sedes dos carteis na América do Sul, depois acondicionados em malas despachadas em voos da Air France ou da Lufthansa, partindo do Rio ou de Buenos Aires para Paris ou Frankfurt, com conexões em Luxemburgo. Essas pessoas deixariam a Europa com cheques administrativos limpos. Portanto, os agentes do FBI estavam levantando dados, preparando um dossiê de acusação.

Kate pediu seu frango assado e um pouco das batatas feitas na gordura que pingava dos frangos no espeto.

Então, por que eles estavam ali, em Luxemburgo? Por que o FBI emprestaria agentes a Interpol e os mandaria para o grão-ducado?

Devia considerar Dexter, e claro. O que ele poderia ter feito? Por que estava em Luxemburgo?

Talvez tivesse desfalcado um de seus clientes. Nesse exato momento, poderia estar invadindo um banco de dados empresarial e comprando ações com base no roubo de informações privilegiadas.

Ou...

Enfiou a bolsa termica de frango com batatas na sacola de lona. Fazia muito tempo que nao usava sacolas plasticas.

✕

Ou entao, era obvio: a Interpol poderia estar atras dela, finalmente. No minuto em que pisara no andar de Torres no Waldorf - nao, no minuto em que havia entrado na Union Station, em Washington, e pagado em dinheiro sua passagem de trem para Nova York -, ela tivera o pressentimento de que um dia haveria consequencias. E que elas surgiriam quando Kate menos esperasse.

A sacola estava transbordando, com sua tentativa de comprar coisas normais - copos-de-leite, uma bisnaga, legumes e frutas e seu frango com batatas. Era um fardo pesado.

Evitaria Julia, protegeria a si mesma usando a privacidade. Nao era uma solucao a longo prazo; na verdade, poderia vir a se revelar contraproducente. Mas era do que ela precisava nesse momento, junto com as flores para a mesa de jantar e com algumas horas cozinhando, para clarear a mente.

Saiu da praca e entrou numa rua aberta para o transito de veiculos e, de repente, a calçada ficou cheia de freiras. Umas duas duzias delas, todas velhas. Kate se perguntou onde guardariam as jovens, escondendo-as do mundo, como mudas de plantas numa estufa climatizada.

Desceu do meio-fio, deixando a calçada para as freiras idosas. Foi andando sobre os paralelepipedos, pequenos regatos correndo entre eles, como um sistema liliputiano de canais, uma Holanda em miniatura.

A freira que ia a frente olhou para Kate pelos olhos miudos de aro de aco.

- *Merci, madame* - disse, baixinho.

Quando Kate passou pelas outras, cada uma delas disse a mesma coisa, num coro interminavel de gentis "*Merci, madame*", todos acompanhados por olhadelas rapidas nos olhos de Kate.

E entao se foram, sumiram de vista. Kate virou para tras, olhou para a rua deserta, perguntou-se por um momento fugaz se as freiras tinham mesmo estado ali ou se ela simplesmente as imaginara. Elas haviam deixado restos de devocao pairando no ar, o que fez Kate sufocar de culpa.

Kate estava outra vez sentada no subsolo do centro esportivo, incapaz de prestar atencao a conversa fiada que zumbia a seu redor. Um telefone tocou num ponto abaixo dela, nas profundezas da bolsa de alguem. Ninguem fez qualquer movimento para atender. Na metade do segundo toque, Kate se deu conta de que devia ser seu proprio celular pre-pago. Nunca o ouvira tocar.

Puxou a bolsa para o colo.

- Com licenca - disse, olhando em volta, levantando, saindo do cafe para a escada. - Alo?

- Alo.

- Espere um minuto... so preciso chegar...

Estava no alto da escada, passando pelo vestiario masculino.

-... a um lugar com mais privacidade.

Saiu para a friagem, o vento e a penumbra, a desolacao do norte europeu as 16h15 no fim do outono.

- Quer dizer que eles são do FBI - disse ela.

Para satisfazer a própria curiosidade, tinha voltado a telefonar para o gabinete de ex-alunos da Universidade de Chicago e para o reitor, que lhe revelara com relutância o antigo endereço dos pais de William Maclean, os quais, após mais alguns telefonemas, Kate havia localizado em Vermont. Ao telefone, Louisa Maclean lhe revelara que, vinte anos antes - no verão seguinte à formatura -, seu filho Bill dirigia uma Vespa alugada na traícoeira estrada litorânea da região de Cinque Terre, na Itália, quando perdera o controle e batera num muro de contenção todo de pedra. O muro havia impedido o avanço da motoneta, que fora reduzida a um monte de ferro-velho na lateral da estrada.

Mas Bill tinha sido projetado por cima do muro baixo, mergulhando de uma altura de 60 metros na praia rochosa.

Bill Maclean havia morrido em julho de 1991.

- E, eu soube - respondeu Hayden.

- Preciso descobrir o que eles estão fazendo.

- Por que? Agora que você sabe que não são criminosos, não precisa se preocupar com os seus, digamos, *la res*. E eles não vão assassinar ninguém no palácio e criar um e *nor* me engarrafamento.

Então, que interesse tem isso para você?

Foi então que ocorreu a Kate que ela estava investigando os Maclean para não ter que investigar o marido. Fabricar um inimigo externo e demonizá-lo, como qualquer político sabe, é muito mais conveniente que enfrentar o inimigo interno.

- Porque eles estão na minha *vida* - respondeu.

Houve um silêncio longo e pesado do outro lado da linha. Kate também ficou muda. Assim concordaram tacitamente em pular a conversa que não queriam ter. A conversa que começaria por uma pergunta de Hayden: "Você tem alguma coisa a esconder deles?"

- Esta bem - disse ele. - Há uma pessoa com quem você pode falar, em Genebra. Kyle.

Genebra. Hayden começou a explicar o modo de estabelecer contato, mas a cabeça de Kate ficou empacada na primeira etapa, examinando as hipóteses que lhe permitiriam dar um pulo à Suíça para uma reunião rápida.

Era o tipo de coisa que, no passado, ela vivia fazendo: dar um pulo à cidade do México ou a Santiago, dizendo estar numa conferência em Atlanta. Mas isso fora no tempo em que ela possuía um arsenal inteiro de desculpas, no tempo em que não era o trabalho de Dexter que se mostrava imprevisível e exigente. No tempo em que Kate tinha liberdade para ir aonde precisasse, sempre que precisasse.

- Eu...

Fez uma pausa, sem querer dizer em voz alta o que havia concluído: que provavelmente levaria semanas para ir a Genebra. Sentiu uma saudade repentina da flexibilidade que tivera em sua antiga vida - que, com certeza, na época, ela nem sequer notava.

- Sim? - disse Hayden.

- Que tal Paris? Ou Bruxelas? Ou Bonn?

Eram lugares a que ela conseguiria ir e voltar no mesmo dia com os filhos. Poderia dizer a Dexter que era um dia para cuidar da saude mental.

- O homem que lhe interessa esta em Genebra.

- Mas nao posso ir a Genebra.

Era o mesmo tipo de humilhacao que ela sentira na adolescencia, relutando em admitir para as amigas que nao podia sair numa determinada noite por ter que ficar em casa para cuidar da bolsa de colostomia do pai ou das escaras da mae. A vergonha de nao ser independente, de nao poder tomar as proprias decisoes.

- Nao de imediato - falou ela.

- Sua a *gen* da e problema seu.

- Eu nao poderia fazer isso pela internet?

- E claro. Se voce conhece o sujeito, e se ele confia em voce, e se voce pudesse garantir uma conexao segura. Mas voce nao tem nada disso. Portanto, nao.

- Esta bem. Tenho uma pergunta estranha: e possivel que eles estejam atras de mim?

- Nao.

✕

✕

Kate esperou, mas Hayden nao se estendeu.

- Como voce sabe?

- Porque, se houvesse alguem atras de voce, seriamos nos. Seria eu.

De manha, ela levou Dexter ao aeroporto, onde o marido alugou um carro para uma viagem de um dia a Bruxelas. Ele voltou para casa em cima da hora do jantar, tenso, distraido, mais distante que nunca.

Mal conseguiu prestar atencao na conversa a mesa. Talvez estivesse tao desacostumado a jantar com a familia que tinha esquecido como era.

Quando um dos meninos chamou "Papai" pela quarta vez e ele nao respondeu, Kate largou o garfo e se retirou da mesa. Compreendia que ele precisasse trabalhar e que tivesse que viajar. Mas o que nao podia fazer era estar ausente quando estava presente.

Recompos-se na cozinha, procurando se acalmar. Olhou fixamente para o capacho da entrada e para o aparador onde ficavam as chaves, a correspondencia, os celulares e os potes cheios de moedas, e para o tapetinho onde todos deixavam os sapatos, os pequenos e os grandes.

Os de Dexter estavam enlameados. Muito enlameados - lama ressecada na sola, respingada em cima. Chovera o dia inteiro, sem parar, mas Kate nao imaginava que o centro de Bruxelas tivesse grandes trechos de terra molhada que Dexter fosse obrigado a atravessar a caminho dos escritorios dos bancos.

Ela fitou os sapatos enlameados, tentando nao desconfiar do marido. Prometera a si mesma que poria a desconfianca de lado depois de se casarem.

Mas todo mundo tem segredos. Parte de ser humano e ter segredos e sentir curiosidade a respeito

dos segredos dos outros. Fetiches sordidos e fascínios debilitantes e derrotas vergonhosas e vitórias obtidas de forma desonesta, egoísmo humilhante e desumanidade repulsiva. As coisas horríveis que as pessoas pensam e fazem, os pontos mais baixos de sua vida.

Como marchar porta adentro num hotel de Nova York e cometer assassinato a sangue-frio.

Kate não conseguia tirar os olhos dos sapatos de Dexter. O simples fato de ela haver descoberto que os Maclean estavam mentindo não significava que seu marido fosse absolutamente verdadeiro.

Sua mente voltou três anos antes, para o auge do inverno em Washington, um dia frio de ventos tempestuosos. Ela andava apressada pela Rua I, a caminho de uma reunião no FMI, encolhida para se proteger do vento e se recriminando por não ter pedido um carro. Um taxi estava deixando um passageiro na entrada da biblioteca do clube militar e Kate correu para pega-lo, mas alguém saiu do clube e entrou no veículo primeiro. Kate estacou e girou a cabeça, para procurar outro carro. Aquela onda de frio tinha sido inesperada.

Seus olhos pousaram num banco do outro lado da rua, numa alameda diagonal da Farragut Square.

Não era o primeiro banco junto a calçada, nem tampouco o segundo: esse banco ficava a uns 50 metros, jardim adentro. E sentado nele, com o inconfundível chapéu de caca em xadrez vermelho que ela comprara no Arkansas por encomenda postal, estava Dexter. Com um homem desconhecido.

Depois que o marido dormiu, Kate sentou diante da lareira e escreveu uma lista. Uma lista das possíveis razões para que dois agentes do FBI emprestados a Interpol estivessem ali, em Luxemburgo, infiltrando-se na vida de uma ex-agente da CIA. Atribuiu valores numéricos ao peso de cada possibilidade. Não pode deixar de atribuir os mais baixos - de um a cinco - a todas as explicações que não tinham absolutamente nada a ver com ela ou Dexter. Depois vieram umas possibilidades referentes a Dexter, que receberam notas de um a sete - quase todas menores que cinco.

Mas foram as hipóteses que giravam em torno dela mesma que receberam os oitos e nove, ainda que Hayden houvesse lhe garantido que os agentes não estavam no seu encalço. Era mais do que possível que estivesse acontecendo alguma confusão; sempre houvera falsidade e conflitos de objetivos entre o FBI e a CIA. Ou podia ser que eles a estivessem protegendo, vigiando outra pessoa que estaria atrás dela. Ou então, convinha admitir que sua saída do emprego tinha sido abrupta e, possivelmente, suspeita. Talvez houvesse até algum outro indício chamando a atenção e, por isso, ela seria suspeita de um crime do qual não era culpada.

Colocou cuidadosamente sua lista entre as brasas reluzentes do fogo quase apagado.

Naquela fria noite de fortes rajadas de vento em Washington, Kate havia lutado com a ideia de se e como deveria questionar o marido sobre sua ida a Farragut Square. No fim, tudo o que conseguira perguntar tinha sido: "Fez alguma coisa especial hoje?" E tudo o que recebera como resposta tinha sido: "Não."

Ela pusera o assunto de lado, num envelope lacrado nas profundezas do seu ser, para abrir apenas se viesse a se tornar necessário. A menos que fosse absolutamente imprescindível, não queria conhecer os segredos do marido.

- Oi - cumprimentou Dexter. - Como vao as coisas?

Havia estatica na linha, como era frequente acontecer quando ele telefonava desses paraísos fiscais, desses refugios de criminosos, desses lugares a que ia, provavelmente para ajudar vigaristas a esconderem seu dinheiro, ou fazer o que quer que andasse fazendo e que exigia que mentisse para a esposa.

Kate deu um suspiro, exasperada com os filhos, com raiva do marido.

- Otimas - respondeu, afastando-se dos meninos. - Tudo maravilhoso.

- E mesmo? Voce esta parecendo...

- O que?

- Nao sei.

Kate olhou pela janela para o ceu do leste, que resvalava da fraca luz diurna para a noite lugubre, sem nenhum por do sol discernível.

- Esta tudo bem?

Nao estava tudo bem, de modo algum. Mas o que ela podia dizer, nessa linha aberta com Zurique?

- Sim - respondeu em *staccato*, e a silaba cuspida indicou que o assunto estava encerrado. - E quando voce volta?

Pausa.

- E. A respeito disso...

- Que inferno!

- Eu sei, eu sei. Eu sinto muito mesmo.

- Amanha e feriado de Acao de Gracas, Dexter. Acao de Gracas.

- E. Mas as pessoas para quem eu trabalho nao dao a minima para a Acao de Gracas. Para eles, amanha e quinta-feira.

- Seja o que for, sera que nao pode esperar? Nao ha outra pessoa que possa fazer isso?

- Escute, eu tambem nao gosto nada disso.

- Isso e o que voce diz.

- O que voce esta querendo dizer?

Por que ela o estava provocando?

- Nada.

Silencio.

Kate sabia por que estava puxando briga: porque estava furiosa, porque o FBI e a Interpol estavam metidos na vida dela, por algum motivo, porque um dia ela havia tomado uma decisao horrivel que a perseguiria para sempre e porque a unica pessoa do mundo em que havia confiado sem reservas

estava mentindo para ela.

Talvez a mentira dele fosse sobre alguma coisa inofensiva. E talvez o fato de Dexter mentir nao tivesse nada a ver com a raiva dela. Afinal, ele nao a obrigara a ter uma carreira moralmente dilacerante. Nao a forcara a mante-la em segredo. Nao a forcara a ter filhos, a sacrificar sua ambicao, a abandonar completamente o emprego. Nao a forcara a se mudar para o exterior. Nao a forcara a cuidar dos filhos e da limpeza da casa, e das compras e da cozinha e da lavagem da roupa, tudo por conta propria. Ele nao a havia forçado a ficar sozinha.

- Posso falar com eles? - pediu Dexter.

✕

✕

Diversas respostas tortas pipocaram em sua cabeça, mas Kate nao proferiu nenhuma. E que nao era com Dexter que estava furiosa. Era com ela mesma. E talvez o marido nao estivesse mentindo, nunca houvesse mentido.

Pos o fone na bancada e se afastou dele, como se fosse um pessego mofado.

- Ben! - chamou. - Jake! Seu pai esta no telefone.

Ben correu para ela:

- Mas eu preciso fazer coco! - explicou, em panico. - Posso fazer coco?

Kate estava provocando Dexter porque era vespera de Acao de Gracias e nao se sentia grata por coisa alguma.

Esparramou-se no sofa, trocando os canais - programas de auditorio italianos e jogos de futebol espanhois e dramas sinistros da BBC e um sortimento ilimitado de programas em frances e alemao.

As crianças tinham finalmente adormecido, depois de uma conversa frustrante sobre a ausencia de Dexter: os meninos lamentando, Kate tentando - heroicamente, a seu ver - reprimir seu desejo irracional de condena-lo e, em vez disso, explicando de forma solidaria a ausencia dele. Tentando apoiar o marido e os filhos, tentando lembrar que isso era tambem apoiar a si mesma.

Ouviu risadas de adolescentes saindo de um bar a um quarteirao de distancia, os guinchos agudos reverberando nas pedras do calcamento. Reconheceu algumas palavras em ingles. Tratava-se de pequenos desterrados, jovens de 16 ou 17 anos que fumavam Marlboro Light e bebiam misturas de Red Bull com vodca ate vomitarem nos vestibulos dos pequenos predios que cercavam os pubs, cujas faxineiras portuguesas chegavam para trabalhar antes do nascer do sol e tinham como primeira tarefa examinar os vestibulos da vizinhanca, puxando carrinhos com baldes industriais e esfregoes, para limpar o vomito dos adolescentes.

A raiva que sentia nao era culpa de Dexter. Era dela. Todas as decisoes que levaram a esse ponto tinham sido suas. Inclusive a de nao suspeitar de nada nele.

Olhou para a tela: um canal holandes, um filme americano feito para a televisao em meados dos anos 1980, sem dublagem. Os penteados e as roupas, os carros e moveis, ate a iluminacao, tudo parecia exatamente igual ao que tinha sido. Era incrivel a quantidade de pistas que havia numa unica cena.

Kate ja nao podia ignorar sua desconfianca de Dexter. Agora tinha consciencia de que ignora-la era exatamente o que estivera fazendo.

Tambem nao queria confronta-lo, exigir uma explicacao. Dexter nao era estúpido a ponto de construir uma mentira implausível, sem pe nem cabeça. Interroga-lo nao faria nada alem de alerta-lo para o fato de a esposa estar desconfiada. Nao seria fazendo perguntas que ela descobriria o que estava acontecendo. Se Dexter quisesse responder com sinceridade, teria lhe dito a verdade desde o começo. E nao dissera.

Kate sabia o que teria de fazer a seguir. Primeiro, porem, precisava que ele voltasse para casa.

Depois, que saísse de novo.

- Ola, familia! - gritou Dexter da porta, chegando com uma garrafa de champanhe.

- Papai!

Os dois meninos correram para o hall, bracos e pernas se agitando feito desenho animado, e pularam no colo do pai em abraços violentos, acrobáticos. Kate havia forrado com jornais a mesa de jantar e arrumado para eles dois conjuntos de aquarelas, pinceis e uma porcao de copinhos d'agua. O

tema era "Coisas que quero fazer nas nossas proximas ferias". Kate tinha comecado, pintando sua paisagem alpina e iniciando uma campanha publicitaria em defesa de uma revisao dos planos para o Natal, ao mesmo tempo que se dedicava a uma atividade com os filhos. Dois coelhos com uma cajadada so. Os meninos, por sua vez, tinham criado suas paisagens de neve, que a mae afixara na porta da geladeira. "Vaca manipuladora", teve que admitir, seria uma descricao precisa para ela.

- Para que e isso? - perguntou Kate, apontando a faca de mestre-cuca na direcao da garrafa de champanhe do marido, decorada com um brasao e papel aluminizado dourado e coberta de gotas de condensacao.

- Papai, vem ver o que eu pinte!

- Um minuto, Jakie - respondeu ele, virando-se de novo para Kate. - Estamos comemorando. Hoje eu ganhei, *nos* ganhamos, 20 mil euros.

- O que?! Que maravilha! Como?

Ela conseguira convencer-se de que ser a esposa desconfiada sarcástica nao lhe traria vantagem alguma. Sua desconfianca precisava ter um jeito alto-astral.

- Lembra-se daqueles derivativos que eu mencionei?

- Nao. O que sao derivativos mesmo?

Dexter abriu a boca, fechou-a e tornou a abri-la, depois respondeu: - Nao tem importancia. Mas, enfim, hoje eu liquidei uma porcao de operacoes com derivativos e o lucro foi de 20 mil paus.

Dexter abria as portas dos armarios, procurando. Nao sabia onde ficavam as tacas de vinho.

- Ali dentro - apontou Kate com a lamina novamente.

Agora que o marido estava muito mais perto, a faca lhe parecia impropria. Baixou-a.

Dexter estourou e serviu o champanhe, a espuma se formando na taca, depois acomodando-se devagar.

- Saude.

- Saude - respondeu ela. - Parabens.

- Papai! *Por favor!*

Kate levou a garrafa para a sala de jantar. Dexter se instalou a mesa, tentando adivinhar os temas das aquarelas dos filhos. Eram trabalhos artisticos bastante abstratos.

Ele parecia feliz. O momento era tao bom quanto qualquer outro, pensou Kate, e disse: - Andei pensando que, em vez de irmos ao sul da Franca, deviamos ir esquiar. No Natal.

- Puxa vida!

Era o classico preludio das piadas de Dexter.

- Voce nao quer mesmo que esse dinheiro tenha tempo de esfriar, nao e?

- Nao, nao e isso, eu ja estava pensando antes... voce sabe. Todas as nossas reservas de hotel podem ser canceladas. E ainda ha vagas em algumas estacoes de esqui.

- Mas voce sabe que o sul da Franca esta na lista dos cinco.

Os cinco. No momento, essa lista abrangia Paris, Londres, a Toscana, a Costa Brava e as adjacencias da regio sul da Franca - a Riviera ou a Provenca, talvez Monaco, que, embora nao fizesse parte da Franca, devia ser a mesma coisa, exceto por alguns detalhes logisticos.

Dexter havia falado dessa lista com Kate em Londres, umas semanas antes. A escola dos meninos, dirigida por ingleses, ficara inexplicavelmente fechada por causa de uma coisa britanica qualquer,

X

por isso eles tinham pegado um voo matutino, largado as malas no hotel as dez da manha e saído para o tempo desolador de fim de outono, as pracas particulares e os portoes de ferro batido, as fachadas austeras e as antigas cocheiras transformadas em residencias aconchegantes em ruelas de paralelepipedos. E por todo lado, os lindos sons da lingua inglesa.

Pararam diante da majestosa fileira de mansoes de calcario de Wilton Crescent, a meia-lua que arremata a Belgrave Square, com cameras de seguranca por toda parte. Dexter havia insistido em que eles fossem a esse bairro, essa rua. Na ocasio, Kate nao entendeu por que.

Ela viu os filhos correrem pela calcada, empolgados com a simples forma de uma rua em arco. Nao era preciso oferecer-lhes muita coisa.

Um Rolls-Royce classico e um Bentley novo em folha, ambos em ebano reluzente e cromo espelhado, estavam parados frente a frente junto ao meio-fio. Dexter olhou de relance o numero de uma casa, deu alguns passos e parou diante da seguinte. Eram exatamente iguais.

- Talvez um dia nos moremos aqui.

Kate soltou uma gargalhada:

- Nunca teremos todo esse dinheiro.

- Mas, e se o dinheiro nao fosse problema? Onde voce moraria? Aqui?

Ela respondeu com um dar de ombros indiferente. Devaneios tolos.

Dexter lhe falou de seus cinco locais prediletos e ela entrou no clima. Sugeriu trocar a Costa Brava por Nova York.

- Um dia, talvez - retrucou ele. - Mas nao quero fantasiar sobre morar nos Estados Unidos. Nao agora. So sobre o lugar em que vamos morar na Europa - sorriu -, depois que eu ficar rico.

- E mesmo? E quando e, exatamente, que voce vai ficar rico?

- Ah, não sei - disse ele, tentando ser evasivo. - Tenho um plano.

Não se estendeu mais e não ocorreu a Kate que ele realmente tivesse um plano para enriquecer.

Será que poderia?

- Esquiar? - perguntou Dexter no presente, cercado pelos filhos e pelo produto da imaginação deles. - E como chegaríamos lá? Não vamos passar doze horas sentados no carro.

- E, essa é uma alternativa - sugeriu Kate.

Dexter levantou os olhos, como se a fitasse por cima de óculos de leitura que nunca havia usado, que nunca tivera. Um gesto aprendido nos filmes.

- Concordo que não é a melhor alternativa - continuou Kate. - Poderíamos ir de avião.

- Para onde?

- Genebra - respondeu ela em tom displicente, como se a cidade não fosse a única razão da viagem.

O champanhe antes do jantar foi seguido por uma garrafa de Borgonha branco, acompanhando o guisado de vitela, e depois Kate pegou o Armagnac para Dexter bebericar - um cálice, dois -, enquanto punha os meninos para dormir. Depois, os dois conversaram sobre esqui e férias, enquanto bebiam mais conhaque - música tocando, lareira acesa, carícias preliminares no sofá, sexo vigoroso no chão. Ficaram acordados até tarde e beberam muito.

Assim, de manhã Dexter ficou dormindo, como sempre fazia depois do Armagnac. Quando Kate voltou, tendo deixado os meninos na escola, ele ainda estava em casa, uma raridade. Juntava suas coisas, prestes a sair. Trocaram um beijo carinhoso à porta, que Kate fechou atrás dele, o trinco  grande e pesado encaixando-se com um clique suave na abertura.

Ela permaneceu no hall, ao lado do aparador, com umas lasquinhas chatas de lama seca encostadas num canto, empurradas para o rodapé - o remanescente físico do lugar a que seu marido fora na semana anterior, quando dissera ter ido a Bruxelas.

Kate continuou com as chaves na mão, ainda de casaco. Esperou até ouvir cessar o zumbido do elevador e saiu atrás.

Sentia-se humilhada - degradada - por precisar fazer isso para descobrir onde era o escritório do marido. Seguiu-o pela cidade sem nenhum cuidado especial. Na caminhada de dez minutos até o Boulevard Royal, em momento algum Dexter se virou para ver se alguém o seguia. Não tentou evitar ninguém, alcançar ninguém nem esconder coisa alguma.

Atravessou as áreas comuns do andar térreo de um edifício sem maior distinção: oito andares, construção de concreto do fim dos anos 1960, ultrapassado, feio, funcional. Os corredores quase ao ar livre eram ladeados por lojas comuns - lavanderia a seco, lanchonete, tabacaria, jornais e revistas, farmácia e restaurante italiano. Havia fornos a lenha para pizza em toda parte em Luxemburgo, na Europa inteira; o mesmo valia para a mozzarella. Em geral, a pizza era muito boa.

Dexter entrou no recinto envidracado do saguão, apertou o botão do elevador e aguardou, depois entrou nele com outro homem da mesma laia. Subiu até o terceiro ou o quinto andar.

Kate circundou o perímetro daquele prédio com jeito de bunker, cujas entradas ficavam todas à vista do guarda na mesa do saguão. Examinou as janelas: nada de ressaltos, todas as quatro fachadas

dando para diferentes ruas de muito movimento, calçadas apinhadas e cheias de lojas, a um quarteirão do centro da cidade e do terminal rodoviário central; servidores públicos por toda parte, policiais e armas e segurança, a avenida larga ladeada por bancos internacionais, as ruas repletas de carros de banqueiros estacionando em suas garagens particulares, os discretos modelos Audi e BMW cinzentos que os chefes de família dirigiam, os extravagantes Lamborghinis amarelos e Ferraris vermelhas dos solteiros.

Um movimentado centro de atividades empresariais e de governo. Um ambiente seguro. Muito mais seguro que o de Bill. Não havia possibilidade de ela entrar por uma janela.

Ali, Kate teria de entrar pela porta da frente, em plena luz do dia.

✕

- Mamae! Vem rapido!

Era Jake, subitamente parado diante da mesa das maes no parquinho, em panico, arfante.

Os dias haviam passado numa nevoa espessa e fria, lavando a cozinha, comprando mantimentos e areando panelas. Comprando presentes para os professores dos meninos, orientando os filhos em seus desenhos de cartoes de Natal para os amigos e comparecendo a concertos natalinos.

Comemorando o fim de ano em almocos e cafes com outras maes. Visitando feiras de Natal.

Kate tinha uma profusao de desculpas para dar a Julia. Aumentava dia a dia a distancia entre elas, pondo um amortecedor, um escudo, uma protecao contra a explosao que pudesse assomar no horizonte. Passava mais tempo com a inglesa Claire ou a dinamarquesa Cristina, ou com qualquer outra.

- O que foi, meu amor? - perguntou a Jake. - O Ben esta legal?

- Esta.

Kate soltou um suspiro de alivio.

- Mas o Colin nao esta.

Claire se levantou de um salto. Todas desceram correndo a ladeira gramada ate o navio pirata, onde um aglomerado de criancas pequenas cercava um menino deitado no chao de cascalho, com sangue escorrendo de um corte no alto da cabeca.

- Querido - disse Claire, examinando a cabeca de Colin.

O menino estava zozzo. A mae virou-se para Kate:

- Eu preferiria nao levar a Julie conosco ao hospital e Sebastian esta em Roma.

Tirou o cachecol de caxemira, usou-o para secar de leve a cabeca do filho algumas vezes, depois para comprimir com firmeza o machucado, procurando estancar o sangramento. O rosto do menino estava banhado em sangue.

- Voce se incomodaria muito - continuou, numa calma admiravel - em cuidar um pouquinho da Julie? Acho que vamos passar umas horas na *clinique pediatrique*.

- E claro que nao.

Claire deu uma espiada no relógio.

- Daqui a pouco ja vai ser a hora do jantar. Mas a Julie come qualquer coisa, nao e, querida?

- Sim, mamae.

- Minha menina linda.

Claire abriu para Kate um sorriso timido mas sincero. Pegou o filho cacula no colo e partiu em direcao ao carro, ao hospital e ao tipo de provacao que mais apavorava Kate: a saude de um filho em risco, uma situacao de emergencia, ali, numa terra estranha e numa lingua estrangeira, sozinha.

Kate sempre soubera ser uma mulher forte. Mas nunca lhe havia ocorrido que havia mulheres fortes em toda parte, levando vidas prosaicas, que nao envolviam portar armas em meio a homens

desesperados, na periferia de guerras do Terceiro Mundo, e sim transportar calmamente um filho machucado para o hospital, longe de casa. Longe de suas maes e pais e irmaos, de amigos de escola e velhos companheiros. Num lugar em que nao tinham ninguem com quem contar, exceto elas mesmas, para tudo.

✕

No dia seguinte, Kate entrou na rua estreita de paralelepipedos, com mais uma festiva sacola de compras adornada por mais uma fita, para mais uma festa de aniversario infantil, na area de recreacao de um shopping nos suburbios da Belgica.

- Ah, meu Deus!

Era Julia, parada a sua frente com um homem mais velho.

- Como e que voce *vai*? - perguntou, inclinando-se para beijar as duas faces de Kate.

- Oi, Julia. Desculpe eu nao ter respondido aos seus telefonemas, e que eu...

Julia descartou o assunto com um aceno de mao:

- Escute, Kate, este e meu pai, Lester.

- Por favor, me chame de Les.

- Papai, esta e a Kate, uma das minhas melhores amigas.

- E um prazer - disse ele.

Kate examinou aquele homem inverossimil, pensou nesse encontro improvavel.

- E um *grande* prazer conhece-lo.

O tal Les usava o uniforme-padrao do americano aposentado: as calcas caqui, a camisa polo, os sapatos esporte confortaveis. O pullover de microfibra, adornado no peito com a inscricao the highlands e com o bordado representando um golfista no meio da tacada, lembranca de um seminario empresarial ali pelo fim dos anos 1990. O tipo de coisa que o chefe de um orgao policial usaria se estivesse tentando parecer alguem um pouquinho diferente.

- Voce veio fazer uma visita? - indagou Kate. - De onde?

- De casa! Pois e, finalmente resolvi que estava na hora de dar uma espiada neste pequeno burgo da Julinha. E uma linda cidade, nao e?

Kate se estarreceu ante o descaramento com que o homem se esquivou de responder sua pergunta.

- A semana *seguinte* ao dia de Acao de Gracias - observou ela - nao costuma ser uma epoca em que as pessoas viajem para visitar a familia.

Lester sorriu:

- O que eu posso dizer? Nao sou convencional.

- Escute, Kate - interpos Julia, com a mao no braco de Kate. - O que voces vao fazer logo mais?

Acha que voce e o Dexter poderiam jantar conosco?

Kate arregalou os olhos e sua cabeça correu involuntariamente atras de uma desculpa para recusar o convite, ate ela se dar conta de que isso seria uma extrema estupidez.

- E claro.
- Papai!
- E ai, Jake, como e que vai?
- Papai, olha o que eu fiz!

Jake levantou alguns pedacos de cartolina - caixas de cereal desmontadas - que tinham sido colados, presos com fita adesiva e grampeados em garrafas de agua cortadas ao meio. Kate andara guardando produtos reciclaveis para isso. Tambem havia colecionado retalhos de pano - meias sem par, calcas de moletom velhas - para um projeto diferente. E havia aumentado o numero de receitas em que as criancas poderiam participar: descascando e picando macas para fazer pure, batendo a carne para o escalope. Comecara a tratar as atividades dos meninos como uma atividade dela mesma,

X

em vez de te-las como uma interrupcao de outras coisas que devesse estar fazendo.

- Esta genial - disse Dexter, inseguro, examinando a estrutura de forma estranha. - O que e?
- Um robo!

Como se nao pudesse haver nada mais obvio.

- Claro, esta lindo. E um robo maravilhoso - elogiou Dexter. Virou-se para Kate. - Quer dizer que o pai da Julia esta de visita? E voce achou alguem para cuidar das criancas?

- A baba deve chegar daqui a uns minutos. Vamos encontra-los no restaurante as sete. Mas serao so a Julia e o pai. Bill nao pode ir. Ou nao quer.

- Entao, esta bem.

Dexter deu uma espiada no relógio, sacudindo o pulso para olhar o mostrador, e se voltou para os filhos:

- O que voces dois estao fazendo? Papai vai ficar um pouquinho em casa antes do jantar, entao podemos fazer o que voces quiserem. E ai, com o que voces estao com vontade de brincar?

- Lego!

Dexter parecia nervoso, tenso, com energia demais. Baratinado com alguma coisa. Seria possivel que andasse usando drogas? Essa, com certeza, seria uma novidade espantosa.

- Tudo bem, que seja Lego! Vamos lá.

Abriu a porta do armario e pegou a caixa de ferramentas.

- Uma gaveta da comoda deles esta frouxa - explicou, sem ser perguntado.

Kate nao havia notado nenhuma gaveta solta. E ficou surpresa com esse interesse atipico pelos consertos domesticos.

- Vocês dois vao comecando no Lego, enquanto eu dou um jeito na gaveta.

Dexter nao era esse tipo de cara.

- E por que voces estao aqui, em Luxemburgo?

Achavam-se num reservado de canto numa *brasserie* da Place d'Armes. A praca ia se enchendo com barracas de madeira da feira de Natal, com suas lampadas penduradas e os enfeites de

guirlandas. O barulho das marteladas e o zumbir dos geradores eletricos portateis entravam pelas portas toda vez que elas se abriam, acompanhados pela friagem. No inverno de Luxemburgo, nunca se precisava realmente tirar o sueter e o casaco. A friagem nunca estava longe.

- Meu trabalho - respondeu Dexter. - Estou no ramo bancario.

- Bancario? Nao! Nao e possivel que haja atividade *bancaria* em Luxemburgo!

O rosto corado e jovial e o sarcasmo inofensivo de Lester pareciam ter saído direto do manual do pai da amiga. Ele havia trocado o traje de golfe por um blazer azul-marinho, calças caqui bem passadas e camisa social. Como quem tivesse vindo direto do escritorio, tendo deixado a gravata no Buick. Uma caricatura de si mesmo.

- De onde voce e, Les? - perguntou Kate.

- Ah, nos rodamos um bocado, nao foi, Julinha? Mas agora eu moro perto de Santa Fe. Ja estive por aqueles lados?

- Nao, nunca.

- E voce, Dexter?

Ele balançou a cabeça. A energia maniaca tinha se esgotado. Agora ele estava calado, tímido.

- Bela regioao. Bonita mesmo - disse Les.

- E voce e de Chicago? - indagou Kate.

- Moramos la por uns tempos, e verdade.

- Tambem nunca estive la.

- Hum. Mas aposto que voces rodam a Europa toda, nao e? Julia me disse que todos fazem isso por aqui. E verdade?

- Acho que sim.

- Entao, eu vou... aonde e mesmo que estou indo? Vamos ver: Amsterda, Copenhague, Estocolmo.

Voces tem alguma sugestao para mim?

Les olhou de Kate para Dexter e novamente para Kate, reconhecendo que, nesse momento, seria ela a falar pela familia.

- O que voce esta procurando? - indagou ela.

- Hoteis. Restaurantes. Pontos turisticos. Tudo. Nunca estive por aqui e e provavel que nunca mais volte. Achei que devia conhecer esta parte do mundo antes de morrer.

Kate sorriu:

- Dessas tres, so estivemos em Copenhague.

A comida chegou: pratos grandes, cheios de tons de castanho e bege - paleta de porco, perna de carneiro. O de Kate veio com *Spaetzle* na manteiga e batatas na manteiga. A decoracao com salsinha picada era a unica coisa verde na mesa.

- Onde voces se hospedaram? O hotel era bom? - perguntou Les.

- Nao era mau.

- Quantas estrelas?
- Quatro, provavelmente. Talvez tres.
- Nao, acho que nao. Sou um homem senil. Virei rigorosamente um sujeito cinco estrelas.
- Nesse caso, nao posso ajuda-lo, Les.

Kate olhou de relance para Julia, que tambem estava quieta, com ar encabulado.

- E que tal os restaurantes? La e uma cidade onde se come bem?

Kate sorriu:

- Mais uma vez, Les, vamos ter que desaponta-lo. Com crianas e um orcamento controlado, nos realmente nao procuramos os restaurantes mais chiques.

- Orcamento controlado? Eu achava que todos voces, banqueiros de Luxemburgo, eram mais ricos do que o rei Creso.

Dessa vez, ele olhou para Dexter.

- E possivel - disse Dexter -, mas nao sou banqueiro. Trabalho *no ramo* bancario, mas minha atividade, a rigor, esta mais para T.I.

- T.I.? - falou Les, parecendo chocado. - Ora, quem diria!

- Isso e tao incomum?

- Nao, nao, de modo algum. So que eu nao esperaria que um banco de Luxemburgo contratasse um americano para trabalhar com T.I.

- Por que? - perguntou Dexter.

- Isso meio que se tornou a especialidade do resto do mundo, nao e?

Dexter baixou os olhos para a comida:

- Bem, o que eu faco tem mais a ver com seguranca. Sou consultor de seguranca. Ajudo os bancos a se certificarem de ter sistemas seguros.

- E como voce faz isso?

- O principal e que eu procuro me colocar na cabeca do agressor. O que ele faria? Como faria?

✕

Tento orquestrar o ataque eu mesmo e descobrir os pontos fracos que um invasor exploraria. Eu me pergunto: o que ele esta procurando? O que vai fazer para encontrar?

- Voce se refere a pontos fracos do computador?

- Sim. Mas tambem a fraquezas humanas.

- Como assim?

- Estou falando dos tipos de fraquezas que fazem os seres humanos baixarem a guarda. Confiarem em pessoas em quem nao deveriam confiar.

- Voce se refere a manipular pessoas.

- Sim.

Dexter e Lester se encararam.

- Acho que sim - concluiu Dexter.

Foi depois de transarem que Kate mais teve vontade de falar com Dexter. De lhe contar que Bill e Julia eram agentes do FBI. De dizer que sabia que ele estava mentindo sobre alguma coisa e exigir uma explicação.

Durante toda a sua carreira na CIA, as conversas na cama nunca tinham desempenhado nenhum papel. Agora Kate compreendia o trunfo que poderia ter sido manter relações sexuais com pessoas para obter informações. Ficou pensando se estar ciente disso teria alterado seu comportamento no passado.

Tornou a olhar para o teto do quarto, sem conseguir iniciar a conversa. Mesmo com a nova abertura possível, "Lester não é pai da Julia", não conseguiu se dispor a fazê-lo.

Dexter iria a Londres dali a dois dias. Ela podia esperar.

- Voce nao precisa me levar - disse Dexter, juntando suas coisas. - Posso pegar um taxi.

Com um puxao rapido e agressivo no zipper, fechou a sacola que era sua bagagem de mao.

- Sera que voce gosta de visitar nosso pequeno e jeitoso aeroporto ou esta tao desesperada assim para se ver livre de mim?

- Contando os segundos - retrucou ela, evitando de proposito olha-lo.

Dexter pegou o chaveiro do aparador do hall e o jogou dentro da pasta onde carregava o laptop. Era a mesma argola de prata que o corretor de imoveis lhe dera de presente, ao fecharem o negocio da casa de Washington, com as iniciais dele gravadas numa placa oval. Kate tambem ganhara a dela, mas fazia muito tempo que a havia relegado a caixa de joias. Chaveiros iguais eram um convite ao desastre.

Agora, o chaveiro de Dexter tinha as chaves do apartamento de Luxemburgo e mais duas, desconhecidas, que Kate presumia serem do escritorio, alem de uma chavinha que ela sabia ser do cadeado da bicicleta, raramente ou nunca usada. Tinha tambem um pen-drive num estojo rigido, inviolavel e com sistema de deteccao de tentativa de arrombamento, alem de chave de seguranca criptografada e ate um dispositivo eletrico de autodestruicao. Esse equipamento nao fora comprado ao acaso numa lojinha do Boulevard Royal: era um aparelhinho de primeira.

- Voce esta indo para Londres? - perguntou ela, fechando a porta ao sair.

- Isso mesmo.

Embaixo, na garagem, Dexter depositou a pasta do computador e a mala de plastico resistente no porta-malas, sobre o tapete preto recém-lavado, que passara por uma limpeza profissional algumas semanas antes, com hora marcada, no estacionamento do *centre commercial* de Kirchberg, enquanto Kate fazia compras la em cima - DVDs e mantimentos e brinquedos para o Natal, e uma embalagem com uma duzia de cuecas novas para os meninos, que cresciam depressa demais para caber no que quer que fosse por mais de uns meses de cada vez, e cujas cuecas estavam obscenamente pequenas e apertadas, ate meio constrangedoras.

Kate abriu a porta do motorista, mas parou, fingindo ter decidido tirar o casaco. Foi ate a traseira do carro. Olhou de relance para o marido, nervosa, preocupada com os espelhos, mesmo tendo certeza de que eles nao tinham angulo para isso, nem os laterais nem o retrovisor. Sabia, sem a menor sombra de duvida, que Dexter simplesmente nao poderia ve-la pelos espelhos.

A luz do teto da garagem se apagou, esgotado o tempo do timer. A unica iluminacao passou a ser a das lampadas minusculas do carro, com sua voltagem de um so Algarismo, espalhadas por pontos em que alguem pudesse bater com a cabeça ou tropeçar.

Kate estendeu as maos para a bagagem de Dexter e depositou cuidadosamente o casaco, aquela pilha pesada de la azul-marinho e forro de seda e botoes de metal. Tossiu para abafar o som da abertura do zipper da pasta de nylon. Pegou o chaveiro com firmeza, para nao deixar que tilintasse.

Tornou a tossir ao fechar o zipper e enfiou o chaveiro no bolso, ao mesmo tempo que batia a tampa da mala. Começou a...

Dexter estava ao seu lado. Kate prendeu a respiracao, estatica. Flagrada.

O marido a olhou - e ela para ele - por alguns segundos. Uma eternidade na penumbra.

- O que voce esta fazendo?

Ela nao respondeu. Nao podia.

✕

✕

- Kate?

No escuro, ela nao conseguiu ver a expressao do marido.

- *Kat?*

- O que?

- Quer sair da frente, por favor?

Ela recuou um passo e Dexter abriu a porta traseira. Pegou a pasta do computador. Olhou de relance para Kate. A luz da mala havia acendido e ela pode ver o rosto do marido: confusao, apreensao.

Ficou paralisada. O que aconteceria ali? Com a sua vida inteira?

Dexter abriu o ziper. Enfiou a mao e apalpou. Tornou a dar uma olhadela em Kate, intrigado, e continuou a vasculhar, com o cenho franzido.

Kate nao conseguia mover um musculo.

Por fim, ele tirou a mao da pasta, olhando-a e olhando para o objeto que segurava: uma peca de plastico com cabos enrolados.

Kate continuou sem se mexer. Ainda nao conseguia.

- Pensei que tivesse esquecido o carregador.

Dexter levantou o objeto para que ela o visse: uma prova de que nao o havia esquecido - para grande alivio de ambos, com seus tipos completamente diferentes de alivio.

Kate foi aos tropecos para a frente do carro e desabou no banco do motorista. Virou a chave na ignicao, tremula, acendeu os farois e apertou o controle remoto para abrir a porta da garagem. Pos a alavanca do cambio em drive enquanto Dexter afivelava o cinto de seguranca.

Ela havia mentido para muita gente na vida, profusamente; nao tinha sido incomum escapar por um triz de ser flagrada. Mas era muito diferente quando se tratava de seu marido e quando a coisa sobre a qual ela mentia ja nao era ela mesma, e sim ele. Era inconcebivel tratar o assunto como um jogo, impossivel fingir que nao era a vida real.

- Voce esta bem? - perguntou Dexter.

Ela sabia que sua voz ainda nao lhe obedeceria. Fez que sim com a cabeca.

O trajeto ate o aeroporto levava dez minutos. Dexter fez uma debil tentativa de puxar conversa, mas Kate respondeu com resmungos. Assim, ele desistiu, concedendo-lhe espaco para seu silencio.

Kate fez a curva suave da rotatoria e entrou com o carro no aeroporto pequeno e eficiente. Da area em que era permitido parar momentaneamente o carro para embarque e desembarque ate o balcao do check-in, levava-se um minuto. Quase nunca havia fila - nenhuma - para o check-in e raras

vezes se via alguém aguardando no portão de segurança. Ali as distâncias se mediam em passos, em vez dos quilômetros marchados no aeroporto de Frankfurt ou no Dulles, em Washington. Da porta do apartamento a qualquer portão de embarque, o trajeto levava vinte minutos.

- Obrigado - disse Dexter, com um beijinho e um sorriso ao saltar do automóvel.

Em outros pontos da área de parada permitida, outros homens desciam do banco do carona de outros carros alemães, pegavam a bagagem e apalpavam os bolsos a procura do passaporte, todos pensando em outra coisa enquanto resmungavam variações do que Dexter dizia nesse momento a mulher:

- Vejo você daqui a uns dias.

✕

Kate saiu do prédio no exato momento em que o celular começou a tocar: mais uma chamada de Julia Maclean. Novamente apertou o botão ignorar.

Partiu entre os respingos leves de uma fria chuva de dezembro, apenas um grau acima da temperatura em que virava neve. Refez os passos da ocasião em que seguira o marido pela cidade.

Era o mesmo trajeto da caminhada para a aula de francês, ou para o melhor açougue ou a agência do correio. O mesmo trajeto que abria suas peregrinações diárias, nas miríades de missões da dona de casa. Mas hoje Kate era outra coisa.

Marchou pelo saguão sem a menor olhadela para o vigia, apertou o botão do elevador e subiu ao terceiro andar com um par de banqueiros italianos que iam para o quinto. Não sabia onde ficava a porta de Dexter - não entrara atrás dele no elevador, no dia em que o seguira -, mas desconfiava que ela não teria placa nem nome, nenhuma identificação. Não tardou a encontrá-la, quase no fim do corredor de iluminação fluorescente. A primeira chave que experimentou abriu a fechadura - fácil! - e ela empurrou a porta.

Entrou num hall minúsculo, mal iluminado, com outra porta alguns palmos adiante, espaço suficiente para duas pessoas, no máximo. Projetado para uma só.

Um teclado alfanumérico, as teclas brilhando em vermelho, confrontou-a na parede oposta.

Quantas combinações ela teria chance de tentar? Duas, três tentativas erradas e o sistema travaria?

Ela poderia errar sequer uma única vez, antes que o sistema desligasse ou enviasse um torpedo para o celular dele ou um e-mail para alguma conta?

Por sua cabeça corriam números, ou ideias de números: o aniversário de casamento, as datas de nascimento dos filhos, o aniversário dele, o dela, ou, possivelmente, os da mãe ou do pai dele, seu número de telefone da infância, a inversão de qualquer desses números, um código enviado remotamente...?

Qual a única maneira de conseguir adivinhar o código dele? Só se ele fosse um idiota.

Estava de novo em casa quando o celular tocou: um número desconhecido, uma sequência comprida de algarismos, talvez de um país diferente.

- *Bonjour*.

Kate não soube dizer por que tinha atendido em francês.

- Sou eu.

- Ah, oi.

- Esqueci meu chaveiro - disse Dexter. - Ou entao, pior ainda, o perdi.

- E?

- Preciso dele. Preciso de uma coisa do pen-drive que esta nele.

Kate olhou para o chaveiro que descansava na vasilha de ceramica do aparador do hall, exatamente onde ele o teria deixado, se o tivesse deixado, sem querer ou de proposito.

- O que voce sugere? - indagou, tentando manter a voz monocordia, sem emocao, nao envolvida no que imaginava ser o drama particular dele.

- Voce esta em casa? - perguntou Dexter.

- Estou.

- Pode procura-lo?

- Onde?

- Onde eu costumeo guarda-lo.

- Esta bem.

Andou pelo corredor e parou diante do aparador, olhando para o chaveiro.

- Nao, nao esta na vasilha.

- Voce pode dar uma olhada no carro? Pode ser que ele tenha caido quando eu estava procurando o carregador.

- E claro.

Ela desceu ao subsolo e examinou a mala vazia.

- Esta aqui.

- Gracias a Deus.

A voz de Dexter estava falhando, a recepcao do telefone era ruim na garagem.

Kate nao reagiu. Voltou para o elevador.

- Escute - comecou ele, mas nao prosseguiu.

- Sim?

Dexter estava pensando, ela calculou. Deixou-o pensar.

- Faca um favor para mim.

- E claro.

- Leve o chaveiro ate o computador.

- Um minuto.

Kate entrou no quarto de hospedes, sentou-se diante do laptop.

- Tudo bem.

- O computador esta ligado? Encaixe o pen-drive.

Ela introduziu o dispositivo na abertura.

- Pronto.

- Certo. De dois cliques.

Abriu-se uma caixa de dialogo.

- O nome de usuario - disse ele - e AEMSPM217. A senha e MEMCWP718.

Mas o que...? Kate anotou depressa as sequencias, antes de digita-las, guardando um registro para si; elas eram complexas demais para serem memorizadas no ato. Estava com o pensamento em disparada, tentando calcular o que significariam esses numeros e letras, mas nao lhe ocorria nada.

Nao havia nada de familiar naquilo.

- O que *sao* esses digitos?

- Foram criados por um gerador de sequencias aleatorias. Eu os decorei.

- Por que?

- Porque e a unica maneira de obter um codigo totalmente indecifrável. Agora, por favor, de dois cliques no icone do alto. O I azul.

Isso abriu um aplicativo, a tela piscou com uma logomarca desconhecida e em seguida apareceram uma janela pequena e outra serie de letras e algarismos, uma confusao sem pe nem cabeca.

- Leia para mim.

- Isso e gerado ao acaso?

Ele nao respondeu.

- Para que voce precisa disso?

- Kat. Por favor.

- Que diabo, Dexter. Voce nao me diz *nada*.

Ele deu um suspiro:

✕

- Isso e um programa que cria senhas dinamicas. E assim que eu abro meu computador. Um codigo novo todo dia.

- Isso nao e meio ridiculo?

- E o meu *trabalho*, Kat. Ele e ridiculo?

- Nao, nao, eu nao quis dizer... Desculpe.

- Tudo bem. Pode ler o codigo para mim, por favor?

- CMB011999.

Ela o anotou enquanto o lia e Dexter o repetiu.

- Por que voce nao tem esse programa no seu computador?

Ele deu outro suspiro antes de responder:

- E crucial proteger os componentes de um sistema de segurança de múltiplos estágios. Por melhor que seja a segurança, qualquer computador, inclusive o meu, pode ser invadido. Qualquer computador pode ser roubado. Confiscado pela polícia. Pode-se explodir ou implodir um computador. Incendia-lo com um litro de querosene, arrebenta-lo a cacetadas com um taco de golfe, apaga-lo com um pulso eletromagnético portátil de baixa voltagem.

- Hu-hum.

- E por isso que decoro os códigos aleatórios e é por isso que uso senhas dinâmicas criadas por um dispositivo externo. Isso satisfaz a sua curiosidade?

- Sim.

- Maravilha. Então, agora eu posso voltar ao trabalho?

Desligaram. Kate ficou olhando para as caixas de diálogo, depois pulou da cadeira.

Na rua de novo: paralelepípedos escorregadios e neblina densa e fria. Ela cruzou os quarteiros sossegados perto de casa e a sombria Place du Theatre, um limite de concreto para o estacionamento público ao lado do pequeno teatro. Entrou nas calçadas estreitas e arborizadas da Rue Beaumont - roupas infantis caras, chocolates caros, antiguidades caras, mulheres caras entrando e saindo das portas de restaurantes caros, no horário de almoço, japoneses e italianos -, depois o cruzamento movimentado da Avenue de la Porte Neuve, e de volta ao insosso Boulevard Royal, nervosa.

Kate calçou as luvas.

De novo no prédio de escritórios que era um bunker de concreto. De novo no elevador vazio, no longo corredor cinzento, no pequenino hall escuro. Os dedos da mão direita pairaram sobre o teclado luminoso. Ela podia sentir a eletricidade das teclas saltar pelo centímetro que as separava de seus dedos, perpassando-a. O formigamento da expectativa.

O código não poderia ser o código diário de hoje, porque não faria sentido Dexter depender do pen-drive para entrar em seu escritório. Seria - devia ser - alguma coisa que ele tivesse decorado; seria o mesmo todos os dias. Seria a senha que ele lhe revelara, com relutância. Era o que Kate dissera a si mesma, dez, vinte vezes, no curto trajeto até ali: seria a mesma senha. Tinha que ser.

Mas seria loucura imaginar que, se teclasse o código errado, ficaria trancafiada naquele espaço minúsculo até a polícia chegar? Ou seria *eletrocutada*?

Não precisou olhar para o pedaço de papel que segurava na mão esquerda. Digitou o M, o E e, em seguida, apressada, MCWP e 718.

Pressionou o botão com a seta verde e esperou...

Código aceito.

A fechadura fez um clique. Kate soltou a respiração e abriu a porta.

Outro escritório masculino, um espaço particular, inacessível a esposas, verdadeiras ou falsas.

Havia papéis. Fotos emolduradas. Kate e os meninos, separados e em grupo. Até uma foto do casamento, uma pouco conhecida em preto e branco, algo que ela nem sabia que o marido possuía, muito menos que mandara emoldurar, despachara num navio do outro lado do oceano e pendurara nessa parede secreta. Aquilo a aliviou, a foto, uma prova de algo bom.

Escrivaninha, computador, telefone, uma calculadora de aparência complicada, impressora.

Todas as coisas comuns, canetas e grampeador, pastas de arquivo e lembretes adesivos, cliques de metal e prendedores de papel.

Estantes cheias de caixas de arquivos, com grandes etiquetas manuscritas na frente: tec, biomed, manufat e deriv imob. Pilhas de jornais, o *Financial Times* e o *Institutional Investor*.

Kate nao entendeu o que vinha a ser aquilo. Nao: ela entendeu o que era, mas nao por que estava ali.

Sentou-se na cadeira giratoria, alta e ergonomica, com revestimento proprio para facilitar a ventilacao e com regulagem de altura. Olhou para a tela, o teclado, o mouse, as caixas de som, os fones de ouvido, o HD externo e um *touchpad* esquisito.

Pressionou o botao para ligar o aparelho, ouviu o zumbido e viu a tela piscar. Quando solicitada, digitou o nome de usuario e a senha, prendendo a respiracao, de novo com medo de que o laptop e o computador de mesa nao tivessem os mesmos codigos de seguranca, mas, por outro lado, insistindo consigo mesma em que deveriam ter.

E tinham.

A tela piscou e passou de preta a branca, o disco rigido zumbiu e apareceu uma caixa de dialogo, com um ponto de exclamacao vermelho e uma instrucao: aguardando leitura da impressao digital.

Kate olhou para o *touchpad* na escrivaninha e, vencida outra vez, compreendeu a funcao do estranho acessorio.

Desligou o computador.

Parou em frente a estante, tirando o conteudo das caixas de arquivo, folheando os macos grossos de relatorios de rendimentos impressos com qualidade profissional, prospectos, brochuras de relacoes com investidores, atas de assembleias de acionistas, graficos setoriais e historicos de acoes multicoloridos, em papel brilhante, eixos x e y, numeros grandes e orgulhosos no canto inferior direito, medidos em centenas de milhoes, em bilhoes.

Havia planilhas e graficos em tamanho carta, anotados e dobrados, cheios de orelhas e corrigidos.

Numeros circundados, setas desenhadas. Anotacoes rabiscadas na margem.

Esse escritorio nao era o local de trabalho de um especialista em seguranca. Era o escritorio de um banqueiro de investimentos. Ou de um administrador de fundos de capital ou de um assessor financeiro. Essas coisas pertenciam a alguem que fazia algo diferente do que seu marido fazia; essa sala era habitada por alguem que nao era seu marido.

Kate tornou a correr os olhos pelo comodo, pelos topos bem alinhados das fotos emolduradas, ate chegar as janelas que davam para o transito arrastado, o predio de escritorios do outro lado da rua, similarmente feio, mas fruto de um modismo arquitetônico diferente. Entao captou seu reflexo, que a distraiu da visao real, e ela deixou os olhos vagarem pelo comodo refletido, pelo escritorio no fundo, o mundo as avessas, os cantos nos lugares opostos, e num deles, num desses cantos, havia uma coisa la no alto, onde duas paredes se encontravam com o teto, e ela girou o corpo, em panico, *em panico,* ✕

✕

virando-se primeiro para o canto errado, depois encontrando o certo. Aquilo. Deu um unico

passo em direcao a ela, depois outro, e percebeu - confirmou - que a coisa para a qual estava olhando, la em cima, no canto, aquela coisa, aquele dispositivo, tambem estava olhando para ela, um pedaco de vidro do tamanho de uma moeda, embutido num plastico.

Uma camera de video.

Quarenta minutos depois, estava sentada em seu carro, de novo esperando dar tres horas. O chuvisco irrelevante se transformara numa chuarada ininterrupta, congelante, impossivel de ignorar.

Observou as outras maes que se precipitavam para a escola, guarda-chuvas pingando, capas agarradas junto ao corpo, a agua escorrendo pelo nylon e couro e lona impermeabilizada. Algumas levavam bebes e criancas pequenas em cadeirinhas e carrinhos, atravessando aquele diluvio de enregelar. Que horror.

Por causa da chuva, o enxame ficara mais concentrado na virada exata da hora. Nos dias mais apraziveis, as mulheres chegavam em horarios irregulares, que podiam ate comecar as duas e meia.

Nos dias mais apraziveis, notava-se menos que elas eram um bando.

Aquela camera de video.

Kate nao conseguia passar um minuto sem que a cabeca voltasse para aquela camera. Quando e que Dexter verificaria a gravacao? Sera que o video seguia para um servidor, era regularmente monitorado por alguem - quem? Ou sera que a fita de vigilancia era gravada? Dexter teria como verifica-la a distancia, de Londres? Ou precisaria esperar ate que estivesse de volta a Luxemburgo, ao escritorio, o que so aconteceria dali a duas semanas, depois do ano-novo?

Sera que todos aqueles arquivos de papeis nem sequer pertenciam a ele? Ou seriam de seu cliente, fosse este quem fosse? Talvez todo aquele conteudo absurdo do escritorio nem mesmo pertencesse a Dexter, nao?

Kate saltou do carro cheia de perguntas impossiveis de responder e encarou a chuva. Acertou o passo e se juntou a manada, virando para a escola no exato momento em que as primeiras criancas saiam pelas portas de aco e vidro que pareciam de garagem, pisando nas pocas, livres, ignorantes do tempo horroroso. Ignorantes como um todo.

Quando, exatamente, ela seria apanhada? E por quem?

Kate ficava pensando na expressao *beneficio da duvida*. Devia oferece-lo a Dexter, que devia oferece-lo a ela. Isso devia estar nos votos matrimoniais. Mais importante do que na riqueza ou na pobreza, na saude ou na doenca, para amar e respeitar, ate que a morte os separe. Beneficio da duvida.

Como seria possivel explicar? Que justificativa logica ela poderia dar ao marido para te-lo seguido ate o escritorio, roubado suas chaves, invadido seu local de trabalho e bisbilhotado tudo?

Talvez pudesse manter a farsa de que o chaveiro dele havia caido na mala do carro. Talvez pudesse alegar que, depois de receber dele os codigos por telefone, nao conseguira resistir.

Ou talvez pudesse partir para uma postura agressiva: dizer que a culpa por sua curiosidade invasiva era o excesso de sigilo dele. *Se voce tivesse me contado alguma coisa, diria, qualquer coisa, talvez eu nao houvesse sentido essa necessidade. A culpa e sua, poderia acusa-lo. Voce me obrigou a isso.*

Mas de que modo - *como?* - poderia explicar por que sabia onde era o escritorio dele?

E, invertendo toda essa porcaria de historia, qual poderia ser a explicacao *dele?*

Talvez Dexter estivesse fazendo exatamente o que dizia: era consultor de segurança de um banco e trabalhava exclusivamente por meios eletrônicos. Todo o seu trabalho, todas as suas informações se encontravam no computador a que ela não podia ter acesso. Não havia nada em papel relativo ao trabalho dele. Aquela papelada toda no escritório seriam coisas feitas nas horas de folga, passatempo de um amador.

Ou então... Ou então o que?

Decididamente, Dexter vinha acrescentando uma soma consistente de dinheiro a conta bancária do casal todos os meses, e não fazia nenhum saque anormal. Alguém lhe pagava para fazer alguma coisa.

Quem?

E havia também, e claro, a não coincidência de Julia e Bill serem agentes do FBI numa forcatarefa da Interpol, muito provavelmente investigando ela mesma ou Dexter. Por que?

Kate tinha a sensação de haver levado por muito tempo uma vida na qual ninguém sabia a verdade sobre ela, sobre quem ela era. Agora, a mesa tinha sido virada e todas aquelas pessoas se alinhavam do outro lado, desconhecidas, impossíveis de conhecer. O que ela sabia, sim, infelizmente, era que tinha de reconsiderar tudo em que se obrigara a acreditar a respeito do marido.

Inclinou-se sobre os filhos, passando a mão por cima do colo de ambos para prender os cintos de segurança, com o metal frio e duro das presilhas a lhe gelar a pele, as bordas finas a lhe comprimir a carne.

E claro, Dexter poderia ser completamente inocente. Alguma das explicações em que ela já havia pensado para justificar o escritório dele poderia ser válida. Talvez houvesse outras que ela nem sequer imaginara. E a culpada da história seria ela mesma. Seria ela o alvo da Interpol. O crime seria Torres.

Sentou-se no banco do motorista.

O que não conseguia entender era como esse antigo acontecimento se encaixaria em qualquer investigação atual. Ou havia provas de cinco anos antes contra ela ou não havia. Porém, nem de longe, nada em sua vida em Luxemburgo tinha nenhuma ligação com o que acontecera em Nova York, com aquilo que ela mais se esforçara por enterrar. Aquilo que a fizera compreender que não poderia mais trabalhar em campo. Que a fizera perceber que não era forte e racional o bastante para preservar a objetividade. Para separar seus pânico maternos das responsabilidades profissionais. Já não podia confiar em sua capacidade de agir corretamente, já não podia ser digna de confiança.

Tinha que pedir demissão. E havia pedido.

Mas demitir-se não modificava o que ela já tinha feito. A parte de seu passado que ela nunca havia conseguido deixar para trás.

O embaixador estava ao fundo do salão de entrada, ao lado de uma mesa redonda com um vaso enorme, abarrotado de um imponente sortimento de flores, ramos e galhos e folhagens e botoes que rebentavam aleatoriamente em todas as cores, formas e tamanhos. Era um arranjo profundamente anarquico. Um não arranjo.

- Sejam bem-vindos. Sou Joseph Williams - disse, estendendo a mão para Dexter. - E esta é minha esposa, Lorraine. Fico muito feliz por vocês poderem estar conosco na nossa festa de Natal.

Todos se cumprimentaram, dois pares de mãos cruzando-se num X canhestro, acompanhados por risinhos sem jeito.

- Já nos conhecemos, e claro - disse a mulher a Kate, com uma piscadela, como se as duas compartilhassem um segredo, uma história.

Mas não havia nada disso, a mulher simplesmente era dessas que são dadas a piscar.

- E claro - retrucou Kate, com uma vaga lembrança de um café matinal, talvez na escola.

Houvera inúmeros deles. Cafés por toda parte, o tempo todo.

- E então, Dexter? Você é novo aqui? - perguntou o embaixador.

- Quase quatro meses.

- Ora, em Luxemburgo isso é uma eternidade, não é?

Sacudiu-se de tanto rir com a própria piada, que na verdade não era uma piada, nem tinha graça.

- Estamos aqui há dois anos, a impressão é de vinte. Não é mesmo, querida?

O embaixador não esperou resposta, não tinha a expectativa de que viesse. Pos a mão de forma solícita no ombro de Dexter:

- Estão se adaptando bem?

Dexter confirmou com a cabeça, visivelmente cansado. Acabara de chegar de Londres uma hora antes. Ainda não tinha voltado ao escritório depois que Kate o invadira, dera uma olhada nele e fora flagrada pela câmera indiscreta. E não teria a oportunidade de fazê-lo por mais uma semana e meia.

Partiriam para Genebra de manhã.

- Ótimo, ótimo - disse o embaixador. - Bem, estamos muito contentes por vocês terem podido vir.

Temos pouquíssimas oportunidades de reunir toda a comunidade americana. Por favor, sirvam-se de uma bebida. O espumante está rolando solto.

Tornou a rir de mais um comentário sem graça, o rosto vermelho e brilhando de suor. Ou estava bebado ou era um idiota. Possivelmente, as duas coisas.

Kate e Dexter pediram licença educadamente, a chegada de outro casal, com a rajada de frio que entrou pela porta e o som tonitruante da jocosidade forçada do embaixador a segui-los até uma sala de estar - móveis muito rebuscados e um bricabraque preciosista, pequenas estatuetas e placas de bronze, vidros jateados e mogno marchetado, além de um excesso de almofadas em estofados de seda listrada.

- Ola, voces dois!

Era Amber, aproximando-se junto com outra mulher, que vinha, ao que Kate se recordava, de um lugar totalmente inesperado nos Estados Unidos. Oklahoma? Falava muito sobre religiao e descrevia tudo como super alguma coisa. Estava superempolgada por ter comprado uma blusa supergracinha numa loja superchique.

- Oi - disse a mulher, alto demais, em seguida tropeçando e derramando vinho. - Xiii!

- Caramba! - cochichou Dexter no ouvido de Kate. - Quando foi que esta festa começou: ontem?

- Eu sou a Mrrnda - disse a mulher a Dexter. - Muncho brazer.

- Miranda? - repetiu Dexter.

- Icho ai.

- Prazer em conhece-la. Como esta o espumante?

- Chuperdelichioso.

Kate olhou em volta para aquele mar de rostos, quase todos desconhecidos. A recepcao era dominada pelo numeroso contingente de norte-americanos usando broches com a bandeira dos Estados Unidos na lapela. Portando-se como se nao houvessem optado por viver na Europa, mas mudado para la a contragosto, e como se opusessem a isso uma brava resistencia. Guerreiros da liberdade.

Por sua vez, Kate havia tomado a decisao de procurar fazer amizade com os nao americanos, com todas as outras pessoas do mundo que viesse a conhecer na Europa. De algum modo, porem, Julia entrara na historia. Infiltrando-se furtivamente pelas beiradas. Como que numa missao.

Surgiu um garcom com uma bandeja de prata trazendo rolinhos de presunto. Todos balancaram a cabeça, rejeitando o homem e sua carne defumada.

Kate viu Julia na sala contigua, examinando as fotos comemorativas que cobriam a parede. Correu os olhos pelas dezenas de cabeças que circundavam uma mesa de bufe e um bar, procurando Bill. Ele estava no canto oposto, ao lado de uma mulher bonita, furiosa, que lhe passava um sermao em voz baixa. Ele parecia ligeiramente contrito, ou melhor, parecia fingir-se de contrito.

Jane, era esse o nome da mulher bonita. A singela Jane, que nao era tao singela assim, com um belo vestido verde, justo e bem decotado, de ombros a mostra. Ela era uma especie de autoridade no Clube das Mulheres Americanas de Luxemburgo e o marido era o segundo homem na hierarquia da embaixada, ou coisa assim. Um casal alfa norte-americano.

Nesse momento, Kate compreendeu: Jane era a mulher para quem ela havia ligado de Munique, ao testar o numero de telefone surrupiado do escritorio de Bill. Kate estivera uma vez na casa dela, para um cafe matinal. Era la que havia conhecido a mulher do embaixador.

Partiu na direcao da sala de estar e de Julia. Seria impossivel evitar esse encontro, por isso Kate quis antecipar-se, assumir o controle.

Julia intuiu sua aproximacao, ou a notou pelo reflexo no vidro de uma fotografia. Virou-se lentamente quando Kate estava a poucos passos. Trocaram beijinhos no rosto, nas duas bochechas.

Kate sentiu cheiro de gim, impossivel nao perceber-lo.

- Feliz Natal - desejou Julia.

- Para voce tambem.

- E entao, por onde voce anda? Nao a tenho visto muito.

Julia havia deixado alguns recados aos quais Kate nao respondera. Ainda nao havia descoberto um modo de interagir com ela, sabendo o que sabia.

- Ah, voce sabe como sao os finais de ano...

Kate nao se estendeu e Julia nao pediu explicacoes. Apesar de cada uma ter um nivel de conhecimento diferente em relacao a outra, ambas sabiam que seu relacionamento se situava um pouco aquem das respostas verdadeiras. Numa situacao que incluia a possibilidade de uma evitar a outra sem explicar por que. Numa situacao que tanto poderia ser definida pela falsidade quanto por seu inverso.

- Foi um prazer conhecer seu pai.

Julia sorriu.

✕

- Obrigada. Ele meio que me fez uma surpresa.

- Ah.

- E entao, esta empolgada para ir ao sul da Franca? Sera uma viagem formidavel.

- Ah - exclamou Kate -, na verdade, nos mudamos de ideia.

- E mesmo?

Algo no tom de Julia, na curiosidade forçada em sua testa, fez Kate achar que a informacao nao era novidade para ela.

- Nos vamos esquiar.

- Esquiar? Serio? Nos tambem!

A ultima noticia de Kate fora que Julia e Bill iriam passar as festas em casa, em Chicago.

- Para onde voces vao? - perguntou, subitamente certa de qual seria a resposta.

- Para os Alpes franceses. A Haute-Savoie.

Como se pudesse ser outro lugar.

- Voces tambem?

Kate tentou parecer entusiasmada. Mas nao conseguiu sair de baixo de um manto sufocante de paranoia.

- Incrivel! Temos de nos reunir. Vamos *esquiar* juntos. Bill vai ficar contentissimo.

Kate forçou um sorriso:

- Dexter tambem.

- Dexter tambem o que? - indagou ele, aproximando-se. - Dexter tambem e muito bonito? - inclinou-se para beijar Julia no rosto. - Dexter e muito sensual?

Julia lhe deu um tapinha no peito:

- Dexter tambem vai ficar empolgado quando souber que vamos todos juntos para os Alpes.

A cabeça dele girou para a esposa, com uma acusacao no olhar.

- Sei o que voce esta pensando - protestou Kate -, mas isto *nao e* uma conspiracao. Eu nao sabia nada sobre isso. Diga a ele, Julia.

- Ela nao sabia nada sobre isso - confirmou Julia. - Eu juro. Bill e eu acabamos de decidir, de ultima hora. Faz uns dois dias.

- Voce esta mentindo - disse Dexter, meio de brincadeira, meio a serio. - Estou cercado por mulheres que mentem para mim.

Ninguém comeu, na verdade. As pessoas provaram e beliscaram, mas em momento algum chegaram a se sentar a mesa; nao houve propriamente um jantar. Assim, a maioria dos garfos permaneceu intacta.

Toda a nutricao solida foi consumida com os dedos. Porem o que mais se consumiu foram bebidas.

Kate nao sabia ao certo se tinha tomado cinco ou seis tacas de vinho. O jazz suave ao piano fora substituido por um sortimento de rock classico de estacao FM light, em volume baixo. E entao, alguem aumentou o volume. Eagles: "Hotel California", de onde nunca se pode ir embora.

Ela parou no centro da salinha de estar, um pouco zonzinha. Uma dose modica de clareza vinha cortando as brumas alcoolicas, pondo em foco o que poderia muito bem ser uma realidade alternativa, na qual nenhuma dessas pessoas seria quem afirmava ser. Tal como Kate sabia que ela mesma, durante muito tempo, nao tinha sido quem dissera ser.

Parecia cada vez mais provavel que Dexter nao fosse quem dizia ser. Que diabo era todo aquele material no escritorio dele? O que ele andava aprontando?

Kate olhou em volta e deparou com Julia imprensada por um dos pais da escola, alguem que todos consideravam um homossexual enrustido. Nao viu Bill em parte alguma. Nem a Singela Jane, alias.

Pegou outra taca desnecessaria do amontoado compacto no bar, como pinos de boliche invertidos.

De proposito, saiu vagando sem rumo e atravessou de novo a pequena sala de estar, deixando o indicador brincar sobre as bugigangas tateis, variedades de coisas frias e lisas, vidro e latao e prata de lei. Ao chegar a curva que levava ao saguao, tirou o celular da bolsa e apertou uma tecla, para acender a tela.

- Sim - disse ao pretenso interlocutor, um Sr. Funga-funga. - Esta tudo bem?

O funcionario de terno escuro que vigiava a porta olhou de relance para ela, que lhe dirigiu um sorriso de quem se desculpa.

- Nao, querido - Kate fingiu protestar ao telefone. - Nao e incomodo algum, me diga qual e o problema.

Era uma tentativa de que o vigia sentisse estar se intrometendo, parado ali onde era para estar, ouvindo-a escutar um problema, um problema intimo que estava sendo explicado pelo Querido.

O guarda franziu os labios, virou-se e caminhou alguns passos para fora do corredor central, em

direcao a cozinha, ou a um escritorio, ou a algum tipo de comodo de servico, para dar a mulher o minimo de privacidade. Engenharia social, sem a menor duvida.

- E claro - continuou Kate, baixando a voz com apreensao e simpatia; Querido estava doente.

Comecou a subir a escada, longe dos olhos das outras pessoas e sem fazer nenhum som no tapete vermelho felpudo. O corredor de cima se estendia nas duas direcoes, tenuemente iluminado numa, escuro na outra. Ela pegou o caminho escuro. Todas as portas estavam abertas, mas nao havia luzes acesas, nenhuma fresta de iluminacao entrando no corredor. Kate entrou devagar no primeiro comodo, cautelosa. Um quarto pequeno, quase vazio. Cortinas fechadas, escuridao quase total. Ela saiu.

Abriu-se uma porta no fim do corredor envolto em penumbra e a luz forte se esparramou do lado de fora. Ela viu uma perna emergir, meias e salto alto; pulou de volta para o quarto.

- Ora, nao me venha com essa - sibilou a mulher. - E a porcaria da festa de Natal, Lou. Voce deveria estar aqui.

A conversa telefonica foi sumindo escada abaixo.

De novo no corredor, ate o comodo seguinte, maior: um escritorio com escrivaninha, sofa e mesa de centro. Cortinas abertas, luz entrando da rua pelos galhos desfolhados das arvores, iluminando uma parede: a luz picotada por uma arvore, uma estampa de xilogravura. Havia uma porta entreaberta nessa parede semi-iluminada.

Kate ouviu uma respiracao.

Espiou pela porta parcialmente aberta do closet, olhou para o chao, onde a luz batia com mais intensidade, e viu calcas amarfanhadas sobre sapatos, e acima delas, pernas com meia de nylon suspensas no ar, e entre elas um rapido vislumbre do membro grosso recurvado, reluzente e cheio de veias, deslizando lentamente para fora, ate sair quase todo, antes de escorregar de novo para dentro, e acima disso a blusa arrancada para o lado e um mamilo, e o pescoco arqueado e a boca aberta e as narinas infladas e os olhos firmemente cerrados, as palpebras grudadas.

- *Hummm* - gemeu a mulher.

O homem levou depressa a mao a boca da mulher e a cobriu. Deixou o polegar deslizar por entre os labios dela, que o prendeu entre os dentes cintilantes.

Kate ficou estatica. Nao conseguia parar de olhar, de ouvir. Chegava ate a sentir o cheiro.

A mulher gemeu.

✕

Tinha os olhos cerrados com mais forza ainda, a cabeça mais para tras. Kate nao conseguiu se afastar.

- Ai. Meu Deus.

A mulher estava em extase, a cabeça balancando, entrando e saindo da luz fraca, uma iluminacao que mal bastou para confirmar que se tratava da Singela Jane. E o homem, e claro, era Bill.

Kate voltou furtivamente para a porta, bem devagar, em silencio, com cuidado... quase chegando... mais um passo...

- *Merda!* - xingou Bill.

Kate saiu pela porta e dobrou no corredor, bem a tempo de ouvir a Singela Jane perguntar "O que foi?", num cochicho rouco. E de novo: "*O que?* "

Disparou pelo corredor escuro. Desceu a escada bem iluminada, os pes deslizando no tapete felpudo, planando. O vigia levantou o rosto para ela, a boca aberta para protestar, mas nao conseguiu decidir o que dizer. Kate passou rapido por ele e entrou num corredor. Ficaria um minuto escondida no banheiro. Baixou a macaneta da porta, mas ela nao se mexeu. Trancada.

No fim do corredor, havia um painel de metal incrustado no que devia ser uma porta de vaivem. A cozinha. Kate deu um passo adiante, mas a porta comecou a se abrir e ela estacou, imovel.

A porta se abriu mais e ela ouviu a risada de um homem, um risinho de mulher, dois sons - duas vozes - conhecidos, muito conhecidos, e entao a porta se escancarou e o homem saiu primeiro, seguido pela mulher.

Dexter. Com Julia.

- Kate! - exclamou Julia, toda animada.

Soou falso, como uma mulher fingindo nao estar fazendo nada errado.

Dexter parecia alvorocado.

Kate sentiu necessidade de explicar sua presenca, mas eram aqueles dois que precisavam se explicar. Enrijeceu-se.

- Oi - disse Dexter, sucinto e pouco convincente, sem se incriminar.

Kate olhou de um para o outro, do marido para a amiga ficticia e de novo para ele. Nao que fosse uma surpresa completa, mas tambem nao era algo esperado. Pelo menos, nao era o que ela esperava de Dexter.

Ficaram todos parados no corredor, os tres, cada segundo uma eternidade. Julia nao disse mais nada, Dexter tampouco. Cada milissegundo de silencio os fazia parecer mais culpados.

- O que voces estao fazendo? - perguntou Kate, por fim.

Os dois se entreolharam, Julia e Dexter. Ela tornou a dar um risinho. De repente, eles pareceram irmaos, ou dois velhos amigos, nao um par de adulteros.

- Venha - disse Dexter, pegando a mao de Kate.

A cozinha era ampla e profissional, com uma grande ilha central, varios fogoes e coifas, armarios abertos e paineis penduradas, equipamentos de bar, garrafas com medidores, paineis meio amassados.

Julia se dirigiu a uma gaveta, abriu-a e pegou alguma coisa.

- Tome - disse.

Kate ficou confusa. Olhou para o objeto oferecido e de novo para Julia.

Dexter foi ate o fim do aposento, a um grande aparelho de portas de aco, geladeira ou freezer.

Tambem pegou alguma coisa, fechou a porta e se virou para Kate.

Ela olhou para a oferenda do marido e a da amiga. Sorvete e colher.

Nao conseguiu descartar a sensacao de os haver apanhado em alguma coisa ilicita, oculta. Nao o

sorvete, nao o obvio. Algo mais.

Hoje, 12h41

Kate perambula pelas ruas de Saint-Germain-des-Pres absorta em seus pensamentos, tentando entender o sentido de sua descoberta, encontrar uma explicacao para a prova incontestavel oferecida pelo anuario. A prova de que Dexter e a mulher que agora se denomina Julia nao se conheceram ha dois anos, em Luxemburgo, mas ha duas decadas, na faculdade.

A chuva matinal deu lugar a retalhos altos de nuvens que correm pelo ceu, deixando em sua esteira explosoes de luz solar de um brilho ofuscante, enquanto o vento tempestuoso faz rolar os montes de folhas caidas.

Ela atravessa a varanda do Cafe de Flore, onde um ano atras a familia inteira fez uma parada depois da entrevista na escola dos meninos e antes de escolher as pressas seu apartamento. Um cafe famoso, de louca branca e verde facilmente reconhecivel. Esta e a Paris dos guias turisticos, a Paris de Picasso, a casa de Kate.

Nao e uma vida que algum dia ela houvesse esperado.

O ano passado em Paris representou uma melhora consideravel em relacao ao ano anterior em Luxemburgo. E o proximo ano, ela sabe, sera ainda melhor, aos poucos. Ela gosta das novas amizades que Dexter e ela fizeram no ultimo ano; espera gostar ainda mais delas este ano. Alem disso, havera pessoas novas. Kate se deu conta de que gosta de gente nova.

Entra na Rue Apollinaire, em frente as listras coloridas do Le Bonaparte.

Kate tambem gosta de tenis. Comecou a jogar ha um ano, primeiro num alvoroço exaustivo, fazendo tres aulas por semana, para progredir depressa e poder participar do torneio de pontos corridos das maes da escola que jogam no Jardins du Luxembourg. No fim do ano, tinha se tornado uma das melhores jogadoras do grupo. Mas nao e jovem nem alta nem veloz, jamais sera qualquer dessas coisas, por isso tambem nunca sera uma grande jogadora. Apenas boa. E capaz de jogar com Dexter.

Agora que ele nao trabalha tanto e nao precisa fazer viagem alguma, os dois tem tempo - e dinheiro - de sobra para fazer coisas agradaveis juntos. Sao eternos turistas em Paris. Sua vida e uma especie de sonho realizado.

Mas Kate nao pode negar que ainda quer algo mais. Ou algo diferente. Jamais sera uma dessas mulheres que abrem uma loja de calçados infantis ou de design de interiores, importando produtos chiques de Estocolmo e Copenhague. Nao vai se afundar em estudos sobre os mestres classicos ou os existenciaisistas. Nao vai andar por ai com um bloco de papel Bristol e uma caixa de lapis pastel, nem com um laptop, catando milho na digitacao de um romance inutil. Nao consegue imaginar-se como guia turistica de pequenos grupos de aposentados, passando das melhores confeitarias para as melhores casas de queijos, revelando os mercados escondidos, trocando apertos de mao com proprietarios falsamente amistosos.

Ha muitas coisas que Kate sabe que *nao quer* fazer.

Ainda que, comparada a qualquer padrao, ela tenha uma vida boa, nao pode negar que anda entediada, de novo. Ja passou por isso e desta vez tem mais autoconhecimento. O que a tem levado a conviccao de que so existe uma solucao para aquele problema. E, nesta tarde, ela esta ciente de que agora a solucao talvez esteja ao seu alcance, por cortesia da revelacao encontrada no anuario e de como lhe sera possivel usar essa nova informacao.

Nao a surpreende que a agente disfarçada tenha mentido para ela. Nunca se ofendeu muito com essa redundancia. Mas a traicao do marido e outra historia. Na cabeça de Kate, nunca houve duvida de que Dexter a ame e ame os filhos. Ela nao esta preocupada com a natureza dele, sabe que e um bom homem. O seu bom homem. Seja qual for a explicacao para a baixeza do fingimento de Dexter e Julia, ela tem que se encaixar a realidade indiscutivel de que ele e bom, nao mau.

Kate ja pensou em meia duzia de hipoteses e descartou todas. Recomeca com o recado de Julia de algumas horas atras: o coronel morreu.

Chega a esquina da elegante porta do Le Petit Zinc, que derrama art nouveau na calçada, sob a calida luz vespertina que faz brilharem as pedras cor de areia dos predios da Rue Saint-Benoit.

E um local elegante, uma esquina elegante. Uma virada elegante...

Kate estaca na rua, imovel, olhos fixos a frente, o pensamento disparando num circulo para completar a volta ate o comeco, ate a certeza, a confirmacao, o brilhantismo daquilo.

Ela sabe o que aconteceu.

Kate puxou o chapéu para baixo, protegendo-se da fria rajada de vento vinda do Mont Blanc, que avultava ao longe, entre os Alpes de cumes brancos que se dobravam sobre eles mesmos, montanha sobre montanha, dali até Genebra, contornando as margens do lago Lemano.

O sorvete era uma explicação plausível. Haviam bebido demais, quase toda a comida da sala de jantar tinha acabado e eles não queriam mais presunto. Ninguém queria mais presunto. Em todo lugar a que todos iam havia sanduíches de presunto. Nas padarias e açougues, supermercados e cafés. Nos quiosques dos centros comerciais, nas máquinas automáticas dos escritórios, sob redomas de vidro nos balcões das academias de ginástica, nos aviões. Os malditos sanduíches de presunto, em toda parte.

E por isso tinham ido à cozinha, à procura de algo para comer que não fosse presunto. Decisão questionável, perambular pelos espaços privados da embaixada. Uma semitravessura de bebados.

Perfeitamente crível.

Kate caminhou pelo bairro do Paquis, em Genebra, perto da estação ferroviária: norte-africanos e árabes, restaurantes especializados em cuscuz e lojas de souvenirs, prostitutas turcas atarracadas fumando cigarros à porta de edifícios de concreto, homens esqueléticos de jeans folgados espreitando nas sombras. Ali seria um bom lugar para comprar uma arma, era o tipo de bairro em que ela já o fizera antes. Estava começando a achar que deveria ter uma.

Atravessou o Rodano na ponte do Mont Blanc e desviou rapidamente pelo Jardim Inglês tomado pelo inverno, despovoado, com um vento gelido e cortante, as lágrimas brotando dos olhos.

Tinha que ficar lembrando a si mesma que não havia descoberto nada de definitivamente *errado* no escritório de Dexter. Todo o material de lá poderia ser uma parte legítima do trabalho dele. Kate não compreendia esse trabalho, nunca havia compreendido. Não fazia ideia do que ele implicava.

Mas, caramba, aquela câmera de vídeo. Como haveria de explicar por que - e como - tinha invadido o escritório dele?

Por sorte - ou não, quem saberia dizer? -, Dexter ainda não parecia ter sido alertado da invasão dela. Ou, se tinha, com certeza não era o homem com quem ela pensava ter se casado.

Kate passou por uma mulher que lhe pareceu conhecida: alta, cabelos escuros, maquiagem pesada nos cílios. Primeiro não conseguiu se lembrar de onde a conhecia, mas em seguida a resposta lhe veio à mente: uma comissária de bordo do voo daquela manhã. As aeromoças da LuxAir, com suas alegres echarpes azuis, praticamente atiravam os sanduíches de presunto nos passageiros assim que o avião decolava, ansiosas por começar a servir o lanche no curto voo. Todos os voos eram curtos na LuxAir.

Rumou pela ladeira da Rue Verdaine, onde a arquitetura se transformava em blocos agigantados de pedras medievais, ruas apertadas de paralelepípedos, um passeio ao longo de um parque, fortificações, arcos, calçadas em patamares. Essa parte de Genebra a lembrava de Luxemburgo, de Arlon, de uma porção de lugares.

Começaram a voejar flocos de neve, vagando macios pela rua ladeada de *hotels particuliers* do século XVIII, imensas portas em arco que conduziam a patios, um conjunto combinado de três prédios imponentes, encostados uns nos outros, como modelos posando para uma foto homoerótica,

pele com pele com pele.

Com certeza era possivel que Dexter e Julia estivessem tendo um caso. Podiam se encontrar no apartamento de Julia, nas manhas dos dias uteis, enquanto Bill estava em seu escritorio levantando pesos ou trepando loucamente com Jane - ou as duas coisas, ao mesmo tempo - e Kate estava em algum cafe matinal, sentada com um bando de mulheres que reclamavam da ausencia dos maridos, enquanto o dela estava logo ali, na esquina, na cama com sua melhor amiga.

Ou sera que eles tinham apenas dado uma fugida rapida para a cozinha, conversando aos sussurros e trocando beijos por cinco minutos?

Ou seria um flerte inofensivo, uma distracao, um jeito de permanecerem vivos, nao velhos, nao mortos?

Na Rue de l'Hotel de Ville, quase todos os antiquarios estavam fechados. Cartazes escritos a mao com capricho anunciavam as ferias, tudo *ferme* ate o comeco de janeiro. Impossivel comprar presentes. Inimaginavel, nos Estados Unidos, que alguma loja fechasse dois dias antes do Natal.

E se fosse mesmo um romance, o que faria? Poderia compreender, ignorar, perdoar? Dexter ainda a amava? Estaria entediado, ou curioso, ou com tesao, ou sendo egoista, ou apavorado com a mortalidade? Estaria tendo uma crise da meia-idade? Ja teria feito isso antes? Seria um mulherengo inveterado? Sera que ela fora traída durante todos esses anos? Ele estaria se revelando um canalha e Kate nao tivera consciencia disso antes? Por quase uma decada?

Ou seria a infidelidade dele um crime de oportunidade? Teria sido seduzido de forma desleal?

Encharcado de alcool, provocado e, por fim, confrontado com uma proposta, uma oferta que nao pudera recusar?

No alto da ladeira, a rua se abria na Place du Bourg-de-Four: cafes e uma fonte no meio de uma ampla area de formato irregular, com calcamento de pedra. Kate consultou o relógio - 14h58 - e se sentou numa cadeira de junco ao lado de um aquecedor a gas que jogava calor no ar como se cuspsse no oceano. Pediu um *café au lait* a um garcom bonito e cheio de si.

Ou seria alguma coisa mais sinistra do que sexo?

Do outro lado da varanda, mae e filha de chapéus de pele que combinavam fumavam cigarros que combinavam, longos palitos magrelas de tabaco. A mae afagava no colo um caozinho em miniatura, um tipo de maciez branca felpuda. A filha disse alguma coisa, mas Kate nao conseguiu ouvi-la; as duas estavam muito longe. Otimo.

Seu cafe chegou, trazendo junto um biscoitinho no pires, como sempre, em toda parte.

O garcom seguiu ate a mae e a filha. As duas riram de algo que ele disse ao se debrucar sobre o encosto de uma cadeira, flexionando os musculos, flertando. Kate ouviu passos as suas costas, solas duras de homem batendo nas pedras. Nao se virou. O homem sentou a mesa vizinha, separado de Kate pelo aquecedor e sua tampa reluzente feito um disco voador.

O garcom voltou. O homem pediu um chocolate quente. Abriu o *Le Monde*, dobrando cuidadosamente o jornal num maco meticuloso. Vestia sobretudo cinza, cachecol vermelho, calca jeans justa e sapatos pretos de bico fino, com cardarco verde. Pele esfoliada e lustrosa, rosto com a barba extremamente escanhoada, mais imberbe do que Dexter jamais conseguiria ficar. A mesma aparencia dos rapazes de Dupont Circle, com alguma coisa em seu rosto que anunciava sua orientacao sexual.

Kate pos a sacola na mesa. Tirou um guia turistico da Suica e um mapa mal dobrado de Genebra, uma caneta e um bloquinho.

O garcom serviu o chocolate quente ao homem.

Kate tirou a maquina fotografica do bolso, levantou-a e se inclinou para o homem.

- Com licenca - chamou sua atencao.

- Sim...?

✕

✕

- Sera que se importaria em bater uma foto minha?

- De modo algum.

Ele se ajeitou rapidamente na cadeira e pegou a camera.

Kate olhou em volta, a procura do cenario certo - a fonte, predios interessantes, neve na grama.

Deslocou sua cadeira alguns centimetros. Afastou o guia turistico para o lado, tirando-o do enquadramento da imagem a ser fotografada. Havia uma foto enfiada entre as paginas do guia.

- Esta visitando Genebra a caminho de uma estacao de esqui?

- Sim. Viajamos amanha. Para Avoriaz, por uma semana.

O homem a orientou a se deslocar para a direita e bateu outra foto. O garcom surgiu de novo, perguntou a Kate e ao outro cliente se estava tudo bem e voltou para a mae e a filha. Era provavel que ele fosse a razao de aquelas duas estarem la.

O homem soergueu o corpo, com os joelhos meio flexionados. Inclinou-se para a frente para devolver a camera e a colocou sobre o guia turistico de Kate. Ao retirar a mao, puxou a foto que estava entre as paginas e a guardou no bolso do casaco. Depois pegou a xicara e tomou um gole grande de chocolate.

- Tres dias. Talvez quatro - disse.

Pos uma moeda gigantesca na mesa; alguns desses francos suicos eram praticamente artigos esportivos. Por que eles precisavam de uma moeda diferente? Malditos suicos.

- Entao encontrarei voce.

Comecou a nevar quando eles estavam na metade da subida da montanha, a neve visivelmente mais pesada conforme o carro avancava: transito lento, o acostamento repleto de caminhonetes paradas, com os motoristas ajoelhados no cascalho enlameado, instalando correntes. Um trecho em ziguezague atras do outro, retas que mal chegavam a 200 de metros, o lado em declive da estrada descendo por um despenhadeiro ingreme, com afloramentos irregulares de rocha, pinheiros tenazes e chales de madeira precariamente empoleirados.

Na manha de segunda-feira, haviam caido mais 90 centimetros de neve. As nuvens tinham fugido de madrugada e a aurora raiou em rosa e cinza na janela do quarto que dava para o centro da estacao, para a Village des Enfants, os cafes e lojas. Ao entrar na sala, pisando de leve, Kate perdeu o folego diante da paisagem, que permanecera completamente envolta em nuvens, bruma e remoinhos de neve nas primeiras 36 horas da familia nessa montanha, mas tinha agora uma transparencia cristalina, uma

imagem perfeita dos Alpes, alpe atrás de alpe atrás de alpe, todos revestidos de branco, pintados com um spray de neve.

Julia veio esquiando da borda da trilha, deslizando sem esforço: - Meu Deus, isto não é fantástico? - exclamou.

Beijou Kate no rosto. Bill também chegou esquiando, apertou a mão de Dexter, deu-lhe um tapinha no alto do braço.

A neve era de uma brancura ofuscante, com uma visibilidade que parecia infinita em todas as direções, como se o mundo inteiro tivesse sido colocado sob o microscópio com a lente recém-polida. A paisagem ao norte abarcava quatro dobras da cordilheira, uma lasca do lago e as

montanhas do extremo oposto, pequenos desfiladeiros sob uma imensidão de céu claro.

- Então, vamos? - propôs Bill, e partiu, cravando os bastões para dar impulso.

- Vamos lá! - exclamou Dexter, mais entusiasmado que antes.

Todo animadinho, agora. Estivera inseguro, apavorado, diante da dificuldade de esquiara na forte tempestade, quando o teleférico levava os esquiadores ao cume numa branquidão total a 2.750

metros de altitude, acima da linha das árvores. Lá não havia nenhuma floresta para aplacar a neve ou o vento, nenhum lugar onde a pessoa pudesse se esconder, nenhuma possibilidade de ver os limites das pistas. A visibilidade era inferior a 30 metros, a um segundo do ponto mais distante que se conseguia enxergar. Depois de uma única ida ao topo, Dexter tinha se recusado a esquiara nos cimos e se recolhido a parte mais baixa da montanha, as trilhas tranquilas que serpenteavam entre as árvores.

"Quero saber aonde diabo estou indo", ele dissera. Enquanto deslizava por uma trilha fácil, Kate tinha se perdido na tirada filosófica involuntária do marido. Também queria saber aonde diabo estava indo. E se perguntava se algum dia isso tornaria a ser possível.

Agora, estavam de volta ao topo, numa experiência completamente diferente, sob o sol fulgurante.

Kate puxou os olhos de proteção do alto do capacete e os ajustou nos olhos, sentindo a pressão suave da espuma macia sobre os ossos malares e a testa, espuma que vedou seus olhos no interior desse casulo tingido de rosa. *La vie en rose*. Num lampejo, veio-lhe a lembrança do sangue no tapete irradiando-se da cabeça de Torres, a lembrança de seus olhos sem foco nem vida, do som do bebê chorando.

Kate afastou a ideia, estremecendo. Esquiou até a beirada da pista, uma queda rápida numa face açoitada pelo vento, remoinhos de neve escorregando pela superfície.

- Eu vou primeiro - disse Bill, e se lançou pela borda.

Dexter não parecia nada otimista com essa trilha, mas o seguiu, obediente. Depois foi Julia.

Kate permaneceu no alto, olhando para aquelas três pessoas, todas à espera de que ela se lançasse de um penhasco.

Parou na curva aberta de uma trilha larga. Fazia três dias de seu encontro com Kyle em Genebra, e estava na hora de ele surgir esquiando do nada, parar e lhe dizer... dizer o que?

Dizer-lhe que aqueles agentes do FBI estavam investigando algo que não tinha nada a ver com ela nem Dexter. Tal notícia improvável era o que mais queria no mundo, a esta altura.

Esperou mais alguns segundos, meio minuto, contemplando a paisagem branca e fofa, os campos de marshmallow. Não chegou ninguém.

Desistiu e partiu declive abaixo, descrevendo curvas silenciosas pelo po macio, os piquetes laterais da pista fazendo a contagem regressiva até a base, onde meia dúzia de trilhas convergiam para três teleféricos e um punhado de cafés, centenas de cadeiras de lona dispostas ao sol, gente circulando sem jaqueta, fumando e tomando cerveja às onze da manhã. Dexter e Julia estavam num desses cafés, com as botas desafiveladas, descansando.

Kate saiu com Bill na direção do teleférico. Deslizaram por entre as pessoas que circulavam, passaram pelos portões, fincaram os bastões. Uma cadeira que se aproximava, retinindo pela curva, e o aço do assento lhe atacou a dobra dos joelhos, forçando-os a se sentarem mais depressa e com mais força do que tinham esperado, com os traseiros doloridos.

Ninguém mais se juntou a eles na cadeira. Ela se afastou, acelerada, primeiro sobre uma área plana, depois subindo em ângulo agudo para atravessar uma face exposta de rocha, perpassada por uma teia

de veios minerais escuros. Uma rocha varicosa.

- E eletrizante, não é? - comentou Bill.

O teleférico se nivelou na travessia de um vale pouco profundo, uma pequena depressão cavada na lateral da montanha, um regato veloz cercado por pinheiros semienterrados na neve, margens altas e íngremes, água de aparência gelada, pedras no leito, milhares e milhares de pedras, cinzentas e cor-de-rosa, brancas e pretas, marrons e em tons de bege, grandes e pequenas e médias.

- Quando a gente desce em velocidade, sem saber ao certo o que vai encontrar a seguir.

A cadeira passou pelo vale e subiu por mais uma face rochosa, depois por um auge longo e áspero, sinelos e montes de neve, imensos pedregulhos espalhados, bolas jogadas por gigantes.

Agora estavam a uma grande distância do solo, num daqueles pontos da subida de 600 metros em que o teleférico ficava acima da altura normal de 6 metros, chegando a uns 15 ou 20.

A cadeira reduziu a velocidade. E parou.

Exposta ao vento, ao frio. Balançou para trás, numa reação igual e oposta ao que tinha sido seu impulso para a frente. A terceira lei de Newton, ali, no alto da montanha. Balançando para a frente, depois para trás. Para a frente. Para trás.

Rangendo.

Um arrepio percorreu a espinha de Kate. Aquilo era um erro. Ela não devia estar ali, sozinha com Bill.

O vento aumentou, uivando, empurrando a cadeira num arco maior, fazendo rangerem mais alto as dobradiças. O frio ultrarrigoroso de um teleférico parado num dia de ventania; exposição completa.

Kate levantou os olhos para o ponto em que a cadeira se ligava ao cabo por um gancho que parecia a ponta de um cadarço de sapato.

- Meio assustador, não é?

Chamava-se agulheta, essa ponta do cadarço.

Bill se inclinou para a frente e olhou para baixo:

- Se voce caísse daqui, acha que morreria?

A peça semelhante a uma agulheta se prendia ao cabo como que por um gigantesco pregador. Kate viu o ponto de junção em que ele poderia se abrir.

- O que voce acha?

Kate o fitou. Pelas lentes cor-de-rosa, viu algo novo em seu rosto, uma expressão que não vira antes, algo duro.

- Algum dia voce já temeu por sua vida, Kate?

Eduardo Torres vinha morando numa suíte do Waldorf, o hotel em que os presidentes se hospedam quando passam por Nova York para sessões de fotos na ONU e num teatro da Broadway, ou num jogo no estádio dos Yankees. Mas Torres não estava na suíte presidencial. Não era presidente, nunca fora. Embora achasse que deveria ser. E não apenas presidente do México. Torres tinha uma visão grandiosa de um Estado supranacional pan-latino-americano - *el Consejo de las Naciones*, o Conselho das Nações - do qual seria o líder, ou, a rigor, o chefe do hemisfério ocidental e do meio bilhão de pessoas que viviam ao sul da fronteira dos Estados Unidos.

Primeiro, porém, ele tinha que arquitetar seu retorno triunfante de um exílio não oficial. Ele não aceitara de forma cortês sua derrota nas eleições. Ao contrário, formara uma oposição vociferante.

Havia incitado pessoas a violência, a qual, por sua vez, levava a retaliações violentas e a um ambiente que era, *grosso modo*, inseguro para o ex-general. E por isso ele tinha fugido de sua residência em Polanco para Manhattan, onde não precisava empregar um regimento inteiro só para cuidar da segurança de um restaurante durante o jantar. Na América do Norte, ele podia sentir-se seguro com um punhado de guarda-costas.

Torres havia passado o ano anterior tentando construir alianças e levantar verbas para a eleição seguinte, ou para um golpe de Estado, ou para fosse qual fosse o caminho que imaginava para sua ascensão. Enganara-se. Nenhuma pessoa racional se dispunha a lhe oferecer qualquer tipo de apoio.

Ele estava ficando desesperado. Seu desespero o tornava cada vez mais inviável, o que, por sua vez, deixava-o cada vez mais desesperado. Um círculo vicioso.

Nesse período, Kate havia acabado de fazer uma viagem ao sul do México, a qual viria a ser sua última missão no exterior. Tivera uma série de encontros não particularmente clandestinos com políticos locais, procurando fazer amizade - ou, pelo menos, reduzir a inimizade - com quem quer que pudesse chegar ao poder: generais, empresários e prefeitos que, mais cedo ou mais tarde, fariam suas campanhas presidenciais. Sentara-se em jardins de patios com buganvílias roxas subindo por paredes caiadas, tomando café forte em xícaras de louça coloridas, trazidas em bandejas de prata que refletiam a grandiloquência daqueles homens.

Depois tinha regressado a Washington, para o marido e o filho primogênito de 6 meses. Ia andando pela Rua G, voltando do almoço para o escritório, quando um sedan de luxo parou junto ao meio-fio.

O motorista baixou o vidro da janela:

- O *senor* Torres gostaria de alguns minutos do seu tempo.

Ela pesou rapidamente suas alternativas, suas respostas. Por mais irracional que Torres viesse

ficando, não teria como fazer mal a uma agente da CIA em Washington.

- Ele está no Ritz. Está disponível agora.

Kate se acomodou no banco de trás e, cinco minutos depois, entrou no saguão do hotel, onde um guarda-costas a recebeu e lhe indicou o caminho para a suíte de Torres.

- De maneira nenhuma - disse ela. - Ele pode me encontrar no bar.

Torres foi a seu encontro, pediu uma garrafa de água e lhe perguntou como ia passando - um instante de amenidades que durou trinta segundos, antes que ele começasse a pontificar. Kate passou meia hora escutando a história das suas mazelas e suas previsões e planos para o México e a América Latina. Ele fez uma defesa apaixonada, embora completamente ridícula, de por que a CIA deveria apoiá-lo.

Como plateia, Kate se esforçou por parecer hesitante e pessimista, mas sobretudo foi reservada e, decididamente, evitou o confronto. Fazia dez anos que conhecia Torres. Não queria irritá-lo, a menos que fosse obrigada.

Torres pediu a conta ao garçom. Disse a Kate que ia voltar a Nova York na manhã seguinte e que ansiava pela próxima conversa dos dois, tão logo ela tivesse disponibilidade. Ela lhe garantiu que discutiria o assunto com seus superiores.

O homem assentiu com a cabeça, devagar, fechando os olhos, como se expressasse uma profunda gratidão. Mas não agradeceu de fato.

Kate se levantou.

Foi nesse momento que Torres levou a mão ao paletó e tirou algo do bolso interno. Colocou-o na mesa reluzente de cerejeira, mas não disse nada.

Ela deu uma espiada. Era uma foto 7x10 em papel brilhante. Kate se inclinou para examinar mais de perto a imagem nítida, clara, obviamente feita com uma teleobjetiva potente.

Endireitou as costas com lentidão proposital, procurando manter a calma. Seus olhos saltaram da foto para o homem do outro lado da mesa.

Torres tinha um olhar distante, como se aquela ameaça implícita não tivesse nada a ver com ele.

Como se fosse apenas um mensageiro e aquela fosse uma história sordida entre Kate e outra pessoa.

✕

Bill deslizou a frente de Kate, descendo uma trilha íngreme e não nivelada, floresta densa de um lado, despenhadeiro rochoso do outro, margeado pelos postes de delimitação da trilha - postes com bandeiras pretas: inclinação indicada a pessoas experientes, o que ia muito além da capacidade de Kate. Bill parecia decidido a levá-la ao nível mais difícil. Ela se recusaria ou tentaria alcançá-lo, sem conseguir. Mas, de qualquer modo, seria diferente.

Kate batalhou descendo a encosta infestada de ressaltos. Um par de adolescentes destemidos passou como um raio e desapareceu em segundos. Kate e Bill tornaram a ficar sozinhos, no silêncio profundo de uma montanha alta e coberta de neve na fronteira franco-suíça.

Ela atravessou o terreno irregular até onde a montanha tinha um fim abrupto, na interseção com o céu. Ao se aproximar da borda do penhasco, pode ter uma visão mais ampla do que havia para além da montanha, mas não conseguiu ver a parede dela: o declive era íngreme demais. Uma placa fantasticamente assustadora fora posta ali: a imagem estilizada de um esquiador caindo, braços se debatendo, um esqui fora do pé, um bastão no ar. Morte certa, era isso que prometia a sinalização.

Bill vinha logo atrás dela:

- Você está indo muito bem - comentou.

Kate não se sentiu tranquilizada. Pensou em parar, mas não parou, seguiu em frente, e de novo resolveu parar, mas novamente não parou, foi mais depressa, mais depressa, ficando mais nervosa.

Podia ouvir Bill descrevendo as curvas feitas às suas costas. Viu o despenhadeiro à esquerda, nove metros de descida até um afloramento de pedregulhos, mais seis até o fundo da garganta. O esqui esquerdo escorregou em direção à borda, perto do céu...

Fez uma curva fechada em direção a uma área mais segura, pressionando as pontas dos esquis na neve, fazendo força até que, com neve sendo jogada para o alto, conseguiu uma parada brusca.

E percebeu, tarde demais, que havia parado sem aviso. Ainda estava no microssegundo que levaria para notar o erro quando ouviu o grito...

Sentiu o bastão de Bill tentando tirá-la do caminho...

A ponta do esqui dele atravessando sobre o dela...

E veio a colisão plena, o impacto no quadril e no tronco e no ombro e no braço, e ela se viu no ar, sendo lançada para a borda da trilha, para a beirada da encosta, caindo na pista e descendo de lado, para uma queda longa e fatal, já sem os bastões nas mãos, porém ainda presos por fios de nylon a seus pulsos, os bastões girando, apenas um esqui ainda seguro à bota, e tentou lembrar se algum dia ouvira algum conselho - em qualquer lugar: em seus tempos de bandeirante, ou no campo de treinos da CIA, ou até na ESPN, ou, quem sabe, na PBS - sobre qual é a melhor posição para assumir quando se despenca de um paredão de 15 metros sobre uma pedra.

Tentou levantar a cabeça, mas foi em vão. Não conseguiu mexer o pescoço, nem os ombros, nem os braços. Não enxergava nada, exceto um vago tom rosado na escuridão quase total. Estava com o rosto afundado na neve densa e granulosa. O frio lhe inundara a pele, e ela imaginou seus músculos faciais esfriando, sendo instantaneamente congelados, como um salmão-vermelho numa traineira do

Pacífico Norte, com os olhos imobilizados em caráter permanente, olhando de esguelha.

Era como se um peso enorme a houvesse prendido pela espinha, paralisando-a.

Tentou mexer os dedos dos pés, mas não teve como saber se conseguira; malditas botas de esqui.

Começou a hiperventilar.

E então, o peso na espinha pareceu deslocar-se. E depois, de fato se deslocou, primeiro aumentando a pressão, depois diminuindo, depois desaparecendo por completo.

Kate ouviu alguma coisa.

Achou que agora conseguiria se mexer. E conseguiu. Virando-se, rolando o tronco, o ombro e o pescoço, tirou o rosto da neve, com os olhos de proteção ainda quase todos cobertos, mas não por inteiro, de modo que pode discernir de novo o mundo. Tornou a escutar o que tinha ouvido antes. Era uma voz, e ela pode ver pelos retalhos de neve que era de Bill. Ele estava de pé a seu lado, perguntando-lhe se estava bem.

E ela estava.

A escuridão avançava depressa nas montanhas. As três horas, o ângulo dos raios solares se tornara oblíquo, a luz azulada caindo plana, sem sombras.

Kate chegou sozinha à base de uma pista suave e regular, um alívio depois da agressividade de Bill.

Correu para o portão do teleférico ao ver que não havia ninguém na fila. Queria ocupar uma cadeira sozinha, mas outro esquiador parou a seu lado.

Era um homem. Kyle. Finalmente.

O portão se abriu e os dois se aproximaram da linha vermelha pintada no piso de borracha, ambos olhando para a cadeira que chegava. Então veio mais um esquiador, pelo outro lado de Kate, invadindo a privacidade deles. Droga.

Sentaram-se os três com um baque grupal. Kyle fechou a barra de segurança.

- *Bonjour* - disse, mal se fazendo ouvir em meio aos rangidos do arrancar da cadeira.

Kate levantou os olhos do rosto. Deu uma olhadela nesse Kyle de Genebra, depois uma espiada furtiva para o outro lado, para o terceiro esquiador. Olhou de novo ao perceber que era Dexter, abrindo-lhe um sorriso.

- Meu amor, você veio atrás de mim na surdina - disse.

Alto o bastante para garantir que Kyle a ouvisse, sem possibilidade de erro.

- Isso mesmo - confirmou Dexter, exultante com sua brincadeira. - Como vão as coisas?

- Isto aqui é lindo - disse Kate, e se perguntou se Dexter teria ouvido o cumprimento de Kyle.

Dexter se inclinou para a frente, olhando para Kyle por cima da mulher. Droga de novo.

- Vocês se conhecem? - indagou.

Por favor, Kate pensou - rezou -, tomara que o Kyle não seja um idiota.

- Não - veio a resposta.

- Voce a cumprimentou.

- So estava sendo gentil.

Kate olhou para a frente, enquanto os dois homens falavam por cima dela e os tres cortavam o ceu.

- Dexter Moore. Esta e minha esposa, Kate.

- Meu nome e Kyle. Prazer em conhece-los.

- Voce esta hospedado aqui? - perguntou Dexter. - Ou veio de outro hotel para uma visita?

- E um passeio de um dia, na verdade. Saindo de Genebra. Eu moro la.

X

A cadeira passou com estrondo por uma torre de sustentacao.

- Estamos esquiando com outros americanos - comentou Dexter. - Amigos de Luxemburgo.

Moramos la.

Kyle nao fazia ideia de como continuar essa conversa, nem de como interrompe-la. Kate nao sabia o que fazer. Assim, apenas continuou sentada em silencio, enquanto os homens conversavam fiado.

Na hora das apresentacoes gerais, Bill tirou sua luva dos Muppets e Kyle fez o mesmo, e os dois trocaram um aperto de mao.

- Achamos este americano solitario nas montanhas - explicou Dexter.

Estavam parados num cume acoitado pelo vento, com um declive acentuado e cheio de ressaltos de um lado e um despenhadeiro impossivel de esqui do outro, isolado por uma corda amarela frouxa que nada faria para reduzir a velocidade das pessoas, muito menos para dete-las e evitar que caissem da borda.

Bill deu uma rapida olhadela em Kyle, de cima a baixo:

- E mesmo.

Kyle sorriu, os dentes brancos reluzindo na vermelhidao do rosto.

Dexter consultou o relógio:

- Temos de ir. Preciso buscar as criancas na escola de esqui daqui a alguns minutos - falou, depois se virou para Kyle: - Quer nos fazer companhia?

Kyle hesitou, mas nao por muito tempo. Nao tanto que pudesse parecer mais do que apenas a hesitacao de um homem diante de um convite inesperado.

- E claro - respondeu. - Eu adoraria.

A luz ia diminuindo, o sol sumia de vista atras de um cume serrilhado no sudoeste. Os cinco americanos atravessaram a crista numa fileira sinuosa, as bordas dos esquis arranhando os montes de neve endurecida, num som que se entremeava com o sibilar suave nos trechos de neve mais fofa, o farfalhar do nylon rocando o nylon, o tinido de um bastao batendo numa bota. Kate ouviu Bill logo atras dela e nao pode impedir o calafrio que lhe desceu pela espinha.

Ninguem disse nada.

Dobrando uma curva, lá estava o *centre de la station*, a aglomeração de prédios altos em torno do Village des Enfants, as charretes puxadas por cavalos movendo-se com velocidade surpreendente, tudo recoberto de neve fresca, salpicada pelos pontos nitidos das lâmpadas elétricas - um primeiro plano complicado, em contraste com o pano de fundo simples, formado por garganta e vale, montanhas e a imensidão do céu azul.

- Quem é esse Kyle? - perguntou Bill.

Kate encolheu os ombros, indiferente:

- Um cara do teleferico.

- Sei - bufou Bill. - E eu sou um cara do clube de tenis.

O cérebro de Kate entrou em parafuso. Ela não entendeu o que Bill estava dizendo. Abriu a boca, fechou-a, tornou a abri-la, mas não conseguiu pensar em nada para dizer sem fazer revelações. So que não dizer nada também seria revelador.

- Não sei o que você quer dizer com isso - retrucou.

Uma rajada de vento soprou a neve que estava solta. O céu parecia escurecer a cada segundo.

- Você vai me dizer? - insistiu Bill.

X

Ele a encarou por um segundo, dois, mas se afastou esquiando, sem falar nada.

So havia uma explicação: ele sabia. Sabia que ela sabia.

Kate avançou, seguindo Bill encosta abaixo, e fez uma curva e atravessou um plato e penetrou na densa massa humana que fervilhava no centro do resort - pais entrando em bando na área infantil, grandes abraços e cumprimentos com a mão espalmada, e crianças pequenas chorando de alívio por finalmente verem a mãe depois de um dia que parecera interminável e, possivelmente, assustador.

Dexter cruzou esquiando os portões da escola de esqui, enquanto Julia e Bill se ofereceram para ir até o café mais próximo e arranjar uma mesa. Kyle e Kate foram deixados sozinhos, parados lado a lado no meio da pista principal, cercados por milhares de pessoas.

- Você não vai gostar disto - avisou Kyle.

Kate viu Dexter abaixar-se para pegar os filhos com abraços apertados, levantando um em cada braço. Mesmo em meio à aglomeração e ao equipamento, por baixo dos capacetes e óculos, ela pode ver os imensos sorrisos de alegria irrestrita nos rostos dos meninos. Reencontro.

- O que eles estão investigando - prosseguiu Kyle.

Kate se virou para ele:

- Sim?

- É o seu marido.

Kate desejou ter ficado surpresa, mas não ficou. Também desejou não ter sentido alívio, mas sentiu.

Pelo menos um pouco. O que quer que o marido tivesse feito, não poderia ser tão ruim quanto o que ela própria fizera.

- O que acham que ele fez?

Dexter estava tirando os coletes de identificacao dos meninos, de tom amarelo-vivo, que lhes davam a aparencia de concorrentes mirins de um campeonato de *slalom*.

- Roubo cibernetico.

- De que?

Julia tinha voltado de repente:

- Estamos ali - disse.

O coracao de Kate deu um salto - alguns saltos.

- Naquele bistro de toldo verde - continuou Julia.

Kate mal a ouvia, em meio a barulheira. Seria possivel que Julia tivesse escutado a conversa dos dois. Seria?

Os meninos se aproximaram, carregando os esquis atravessados no peito, seguidos por um risonho Dexter. Kate abraçou os filhos, tentando em vao se distrair, nem que fosse por um minuto, do pavor que a assaltava.

Todos avancaram custosamente pela neve e pela multidao, seguindo em direcao a Bill, que os aguardava sentado sozinho no lugar central de uma enorme mesa de piquenique.

Kate precisava de menos de um minuto a sos com Kyle, talvez apenas alguns segundos.

Todos se acomodaram a mesa de acabamento tosco e aceitaram chocolates quentes cobertos de creme chantili, canecos gigantescos de cerveja espumante e pratos de torta de maca.

- Entao, o seu nome e Kyle, nao e? - disse Bill.

- Isso mesmo, Bill.

- Voce mora em Genebra?

X

- Moro.

- E uma cidade interessante?

- Nao muito.

- Voce me parece familiar. Nos nos conhecemos?

Kate estava prestes a explodir.

- Acho que nao.

Bill meneou a cabeca, mas nao foi um gesto de concordancia.

- O que voce faz, Kyle?

- Sou advogado. Mas voce vai ter que me desculpar - disse, levantando-se -, porque sou um advogado que precisa do toalete masculino.

Kate sentiu os olhos de Bill pousados nela, sentiu a desconfianca dele em relacao a Kyle vazar pela mesa e cobri-la com seu visgo. Fingiu observar as pessoas: esquiadores com macacoes

acolchoados, jaquetas e capacetes de cores vivas, crianças fazendo guerras de bolas de neve, cães latindo, garçones carregando bandejas cheias de canecos de cerveja, avós com agasalhos de pele, adolescentes fumando.

Deslizou até a ponta do banco.

- Com licença - disse Kate, sem encarar ninguém.

Sentiu Bill e Julia se entreolharem, sabia que estavam trocando sinais, tendo uma conversa inteira a respeito de deverem ou não segui-la até o banheiro, qual dos dois devia ir e se devia ser uma coisa escancarada ou sub-reptícia.

- Vou com você - disse Julia.

E claro que vai.

Kate andou por entre as mesas e aguardou a passagem de uma charrete puxada a cavalo e a de um par de meninas que vinham correndo aos guinchos, e uma delas virou bem a tempo de ser atingida no rosto por uma bola de neve, o que desencadeou um sangramento nasal instantâneo e um choro agudo.

Uma grande e densa gota de sangue bateu na neve empedrada, depois outra, e em seguida o alvoroço de mais algumas, uma pequena área respingada aos pés da menina. A mãe chegou, dando bronca no que era, obviamente, um irmãozinho cacula satisfeito e comprimindo um lenço no nariz machucado da menina, o sangue se espalhando pela neve. Aquele mesmo desenho de novo, em escala menor. Sangue a se espalhar.

Kate havia passado uma noite difícil após o desagradável desfecho do encontro não marcado com Torres no hotel. Estava com medo dele, sem sombra de dúvida. Fora uma noite longa e penosa, torcendo as mãos e arquitetando tramas e maquinacões.

So havia conseguido dormir as três da manhã, depois de tomar uma decisão de cortar o coração.

Acordou duas horas depois, quando Jake chorou para começar o dia. Ela o amamentou e lhe fez companhia e o acarinhou com palavras amorosas, com o olhar no céu que clareava a cerca que separava seu jardim, precariamente cuidado, do quintal cheio de mato e ervas daninhas do prédio de apartamentos alugados a direita.

Kate ainda não sabia, mas estava grávida outra vez. Não fora algo intencional. Mas também não foi algo frustrante.

Vinte e quatro horas depois, Kate estava no trem para Nova York, num assento sem reserva cuja passagem fora comprada em dinheiro numa bilheteria da Union Station, usando óculos enormes de

✕

✕

lentes falsas - sua visão era perfeita - e uma peruca loura. Depois andou da Penn Station até o outro lado da cidade - trinta minutos de travessia pelo coração apinhado de Manhattan, com uma parada rápida para comprar um bone dos Yankees numa loja de rua que explodia de mercadorias produzidas na China. Enterrou o bone na cabeça, a franja loura roçando as pálpebras.

Entrou no Waldorf-Astoria não pela Park Avenue, mas pela entrada mais tranquila da Rua 49. Saiu do elevador poucos minutos depois das nove. Era cedo demais para haver uma grande movimentação de arrumadeiras pelos andares - muitos hóspedes ainda estariam dormindo. Mas já era tarde o bastante para que as pessoas que estivessem na cidade a trabalho tivessem saído. Um horário calmo do dia

num corredor de hotel.

Kate sabia que Torres não era exceção a regra dos horários mexicanos. Com frequência se atrasava para os encontros, as vezes até por uma hora. E nunca recebia ninguém nem fazia nada antes das dez da manhã. Kate nunca havia entendido, sinceramente, como aquele país conseguia qualquer coisa.

Kate sabia que ele estaria sozinho no quarto às 9h08.

Não encontrou ninguém no corredor luxuosamente acarpetado, até chegar ao guarda-costas diante da porta de Torres. Era um sujeito atarracado, de expressão raivosa, que usava um terno preto barato e apertado demais. A turma das primeiras horas da manhã não era o time A, não eram os homens imponentes que se sentavam em bares de restaurantes à noite. O cara dessa manhã era do time B. No máximo.

Quando estava a poucos passos de distância, Kate deu um sorriso acanhado para o guarda-costas, sem reduzir a marcha nem parar, continuando, ao que tudo indicava, em direção a outro quarto no corredor. Tirou a mão do bolso do casaco, o canivete já aberto. O braço disparou à frente do corpo e a lâmina afundou suave e sem som na traqueia do homem, que arregalou os olhos, registrando sua situação aflitiva, os braços tentando ser erguer, tarde demais, o corpo arriando, deslizando pela parede, enquanto Kate sustentava o peso dele pelas axilas, para evitar o baque alarmante de um corpo pesado batendo no chão.

Kate precisava fazer Julia seguir à sua frente, e estava ficando sem espaço e sem tempo. Deu alguns passos mancando.

- Desculpe - disse. - Minha meia enrolou toda. Vá andando na frente.

Dobrou o corpo, evitando o olhar de Julia, que certamente estaria dizendo: "Coisa nenhuma!" Mas, se Bill sabia de Kate, Julia também devia saber. E era provável que Bill e Julia soubessem quem era Kyle, ou algo próximo disso. E confrontariam Kate agora, ou então não o fariam.

Ela estava pagando para ver, com essa encenaçãozinha transparente, apoiada numa cadeira num salão de jantar vazio. Demorou-se, abrindo a porta devagar, à espera de que Julia saísse andando, com medo de que não o fizesse. Julia prosseguiu.

- Xiii - sibilou Kate, inclinando a cabeça em direção ao banheiro feminino. - Ela está ali dentro.

Puxou Kyle pelo corredor, para longe das portas.

- Depressa.

- Eles acham que ele roubou dinheiro - falou Kyle.

Os olhos de Kate estavam presos nos olhos de proteção pendurados no pescoço de Kyle, que a

✕

✕

fizeram pensar em microfones escondidos, embora não conseguisse imaginar o que alguém ganharia usando uma escuta contra ela nesse momento.

- Quanto?

- Cinquenta milhões.

- O que? - fez Kate, mal conseguindo evitar a tonteira. - Quanto?

- Cinquenta milhoes de euros.

Jogou agua no rosto e se olhou no espelho, pingando.

As coisas nao ditas entre Kate e Dexter iam muito alem do limite do compreensivel. Haviam crescido dia a dia durante meses, *anos*, ao longo de todo o relacionamento. Mas agora as mentiras e os segredos vinham acelerando. O crescimento era exponencial.

Como seria possivel ela nao contar isso ao marido?

Por outro lado, como poderia contar? Como poderia explicar suas suspeitas, seus atos, seus contatos? Contaria a ele sobre ter invadido o apartamento de Bill? Sobre Hayden, em Munique, e sobre o agente/motorista de Berlim, e sobre Kyle, bem ali, sentado a mesa deles, com as criancas?

Como e que explicaria qualquer dessas coisas sem admitir que era da CIA, sem mexer nesse balaio de gatos sem fundo?

Estava aprisionada - numa armadilha que ela mesma montara - sob um veu opressivo de silencio.

- O que e preciso fazer, o que eu tenho de fazer, e tentar me colocar na cabeca do invasor, do hacker.

O que eu faria se estivesse tentando invadir um sistema?

Dexter estava reclinado no banco, a barba por fazer e a pele queimada de frio, o cabelo desgrenhado e os olhos nao exatamente firmes. Explicava seu trabalho a Kyle, justamente a Kyle.

- Por isso, tenho que sair remexendo tudo, para descobrir os pontos fracos. Sera que e a arquitetura do sistema? O firewall? Os protocolos de atualizacao do programa? Ou sera que e a localizacao fisica: a disposicao do escritorio, o acesso ao computador central, a confusao da correria na hora do almoco? Ou sera que e uma engenharia social que fica facil demais? Sera que os funcionarios sao treinados para ficar a par das questoes de seguranca? Existem procedimentos suficientes para a escolha, a mudanca e a protecao das senhas?

Kate olhou de relance para os filhos, que comiam alheios a conversa, vorazes, mergulhando na sopa grossa como fugitivos da prisao, devorando batatas fritas e pedacos de pao frances entre colheradas vigorosas. Jake fez uma pausa para beber agua, engasgou-se um pouco e voltou a sopa.

Os meninos estavam com rosto vermelho e labios rachados, e a garconete rechonchuda usava uma blusa decotada de algodao muito fino, e o maitre era uma alegre circunferencia. Todas as pessoas pareciam ter sido pintadas naquela cena, por sua vez ambientada num cenario de trenos classicos e bastoes de esqui de madeira pendurados nas paredes, uma pilha de garrafas de vinho da altura de uma pessoa, um fogo majestoso na lareira de pedra. Tabuas grossas servindo de tampo de mesa, panelas de fondue e travessas de batatas.

Dexter afastou a sobra de sua batata gratinada com bacon, mais um prato em matizes variados de branco, tomou um grande gole de cerveja de um caneco enorme e continuou, em tom categorico: - O melhor hacker nao e apenas perito nos aspectos tecnicos do projeto e da engenharia dos

sistemas, das interfaces e codigos e vulnerabilidades dos aplicativos. Nao. Isso e o que faz um bom programador. O bom hacker e um engenheiro social ardiloso que consegue identificar e explorar a pior fraqueza de todos os sistemas, todas as organizacoes: as fragilidades humanas.

Kyle estava extasiado.

- E, depois que eu descubro a maneira de o hacker entrar, tenho que pensar em como ele planeja

sair sem ser detectado.

Julia e Bill trocaram uma olhadela rapida, que Kate mal notou.

- Ha uma porcao de maneiras de ser apanhado ao tirar uma coisa de um lugar qualquer. Pergunte ao ladrao de banco que esta cumprindo trinta anos numa prisao federal. Entrar e pegar o dinheiro sao as partes faceis. O dificil, sempre, e sair. Principalmente sem ser notado.

Kate havia respirado fundo e batido - com cuidado - na porta, um toc-toc baixo e educado, como um garcom do servico de quarto ou um conjuge atencioso.

Era o tipo de operacao que precisava levar menos de meio minuto, entrar depressa e sair de imediato, com completa dependencia do elemento surpresa. Uma batida forte a porta estragaria a surpresa.

Ela contou os segundos - seis, sete - enquanto lutava contra a ansia de bater de novo, que seria outra maneira de abrir mao da surpresa - oito, nove -, ate que a macaneta girou e uma pequena fresta da porta se abriu e Kate jogou todo o seu peso nela, lancando Torres longe.

Ele cambaleou para tras na sala da suite, tentando nao perder totalmente o equilibrio e cair sentado, ao mesmo tempo que lhe chegava a consciencia a ideia de que tinha cometido um erro grave. De que, de algum modo, entre todos os erros que havia cometido em seus 57 anos de perigos, satisfacoes e acontecimentos marcantes, entre todas as pessoas - centenas, milhares delas - a quem havia irritado, espantosamente era essa *chica* que ia acabar por mata-lo, ali mesmo. Nunca deveria ter contratado um homem para tirar aquelas fotografias pela janela da sala dela em Washington. Nunca deveria ter mandado revelar aquelas copias brilhantes da mae com o filhinho lendo um livro no sofa. Nunca deveria ter feito essa ameaca implicita a vida dela, a seguranca de sua familia.

Abriu a boca para implorar por sua vida, mas nao teve chance.

Foi quando Torres ainda estava caindo no chao - duas balas com o silenciador no peito, uma na cabeca, impossivel nao estar morto - que Kate ouviu o bebe chorar, ergueu os olhos e viu a moca que vinha entrando pela porta do quarto.

PARTE III

Hoje, 12h49

- Kate! Oi!

Carolina acena a aproximacao dela. Outra desterrada em outra calçada parisiense estreita, sorrindo, era uma mãe holandesa da escola. Outra mulher que tem um grande conjunto de malas, compradas em algum lugar a menos de um quilometro de onde elas estão, na Rue de Verneuil, a cem metros da sombria ponte Royal, que atravessa o rio Sena em direção ao Louvre e as Tulherias.

Carolina começa a falar, um jorro contínuo de entusiasmos e exclamações. É uma mulher agitada, socialmente ambiciosa e ultra-amável, de uma extroversão quase patológica, que produz um fluxo constante de convites numa ampla faixa da comunidade de estrangeiros moradores da margem esquerda do Sena. Os holandeses, Kate descobriu, são muito afáveis.

Kate não consegue prestar muita atenção ao bate-papo. Olha para a boca de Carolina, porém mal ouve o monólogo - alguma coisa sobre o café reformado da esquina da Rue du Bac e sobre quando elas fizeram a primeira saída noturna das mães no ano letivo e sobre haver uma nova americana de Nova York, será que ela a havia conhecido?

Kate fica parada ali, sorrindo e balancando a cabeça para a amiga, para essa mulher que ela conhece há um ano, essa mulher que ela vê quase todo dia, às vezes duas ou três vezes por dia, a gigantesca porta verde da escola na rua de paralelepípedos, no café ao lado e no restaurante do quarteirão, na tabacaria e na loja de jornais e revistas, nos parquinhos e jardins, no museu D'Orsay e jogando tênis e tomando café, comprando roupas de crianças e vinho tinto, sapatos e bolsas, cortinas e castiçais, falando de babas e empregadas domésticas e do espaço para as pernas nos voos transatlânticos e de jogos de malas com dez peças.

Essa mulher que Kate talvez nunca mais veja, com quem estaria tendo sua última conversa. Assim é a vida dos desterrados: nunca se sabe quando uma pessoa que se vê todos os dias vai desaparecer para sempre, feito um fantasma. Não vai demorar muito para que você já não consiga lembrar o sobrenome dela, a cor dos seus olhos, em que séries seus filhos estavam. Você não consegue imaginar que não vai vê-la no dia seguinte. Não consegue imaginar que você mesma é uma dessas pessoas, alguém que um dia simplesmente some. Mas é.

- Então, nos vemos amanhã? - pergunta Carolina.

Ela acha que essa é uma pergunta retórica.

- Sim - responde Kate, concordando sem pensar.

Mas se dá conta de que, na verdade, está selando um acordo para algo totalmente diferente, comprometendo-se com um plano que rondou por seu cérebro durante a última hora.

Agora Kate sabe que não vai precisar das malas feitas para o fim de semana pela quadragésima quarta vez, nem do Audi com o tanque cheio. Sua família não vai a lugar nenhum. Nem hoje à noite nem amanhã.

Há outra vida que Kate pode levar aqui. E agora ela sabe como fazê-la acontecer.

Poc!

Kate se virou, assustada com o som de mais uma rolha arrancada por Cristina, apressada demais e talvez bebida demais para tira-la girando-a devagar, e, em vez disso, apenas arrancando-a, deixando o liquido efervescer numa toalha, enxugando a garrafa e servindo o vinho depressa, de qualquer jeito, derramando-o. Devia haver uma porcao de garrafas vazias espalhadas pela cozinha.

Essa noite era o primeiro encontro social deles desde que haviam esquiado e jantado com os pretensos Maclean, fazia uma semana. Tinham voltado a Luxemburgo na vespera.

Cristina tornou a encher a taca de Kate, feita de cristal pesado. Sera que essa gente possuia mesmo dezenas de tacas de cristal? Mil dolares ou mais em jogos de tacas para a noite de ano-novo?

Kate notou Julia na sala ao lado. Falara com ela pela ultima vez a porta do restaurante do resort, trocando beijos frios e falsos sob a fraca neve que caia, distraida com os filhos cansados e a companhia surpreendentemente agradavel de Kyle, alem da nova informacao de que esses agentes do FBI suspeitavam que seu marido houvesse roubado aproximadamente 50 milhoes de dolares.

Ainda nao tinha falado nada disso com Dexter.

A lingua mais comum nessa festa era o ingles, que todos os presentes falavam. Mas, como os anfitrioes eram dinamarqueses, tambem havia muito desse idioma zumbindo por ali, indistinguivel para Kate do sueco e do noruegues, mal separavel do holandes e do alemao. Kate sabia lidar com as linguas romanicas; era capaz de se comunicar em todas elas - num aperto, ate em portugues, que tinha uns sons meio estranhos. Mas essas linguas nordicas nao faziam o menor sentido para ela.

Julia fez contato visual. Kate respirou fundo, para se acalmar.

Dexter vestia jeans e camisa preta, assim como alguns outros homens presentes. Mas so a camisa preta de Dexter estava para fora da calca, enquanto todos os outros usavam cintos grossos com fivelas que eram simbolos de status, logomarcas em prata ou ouro, um grande H com serifas, um G

dentro de um quadrado: as fivelas eram o elemento fundamental. Nao ocorreria a Dexter comprar um cinto e prender a camisa para exhibir tal simbolo. Nao era esse o marido de Kate; ela o conhecia, e ele nao era assim. Mas, bem, nao o conhecia de verdade.

Kate correu os olhos pelos homens, aqueles banqueiros com seus relorios de platina e seus sapatos de couro de jacare, suas calcas de brim stretch e as camisas em mescla de algodao e seda, com botoes de madreperola iridescente e casas com acabamento feito a mao, conversando sobre seus esquis de alta velocidade e seus chales na Suica com servico completo, suas casas de campo na Espanha e voos de primeira classe para Cingapura, os Audis do ano seguinte e os modelos Jaguar da ultima geracao, o dolar na comparacao com o euro, os relatorios de lucros, as bolsas de valores.

Dinheiro: ganha-lo, gasta-lo. Comer, beber, vestir o dinheiro.

Dexter dera um relógio a Kate no Natal: ouro, correia de couro, simples e elegante. O preço estava bem ali, na vitrine da Rue de la Boucherie, visível para qualquer um na cidade: 2.100 euros. Todos os maridos iam fazer compras nas ruas do centro, duas vezes por ano: no Natal e no aniversário da esposa. Olhavam as vitrines das mesmas lojas, nas mesmas ruas, considerando os mesmos preços que todas as mulheres consideravam, de forma que qualquer um que se importasse

sabia exatamente quanto custava cada bolsa - aquela de tamanho medio era de 990 euros, a de bolsos maiores, 1.390.

E essas mulheres, todas essas maes, todas essas ex-advogadas e ex-professoras, ex-psiquiatras e ex-jornalistas. As "ex" desterradas. Agora eram cozinheiras e faxineiras, faziam compras e saiam

para almocar. Levavam etiquetas de preco nos bracos, evidencias da renda dos maridos e da disposicao deles em gasta-la em nada. Nos ativos intangiveis do matrimonio.

Sera que, pelas costas dela, Dexter se transformara num desses homens? Se assim era, ainda estava escondendo esse fato. E Kate continuava a deixa-lo esconder. Acreditava que confronta-lo, quando tudo de que tinha certeza era que o FBI suspeitava dele, nao adiantaria nada. Ela precisaria descobrir a verdade. E nao tinha as mesmas chances de exito que qualquer pessoa, tinha mais. Tinha acesso ao computador dele, a suas posses, sua agenda diaria. Sua historia. Sua mente.

- Ola, Kate - saudou Julia.

Kate nao conseguiu decifrar a expressao no rosto dela. Nao soube determinar o nivel de verdade, ou o grau de dissimulacao continua, em que as duas estavam concordando em se situar, ali no meio dessa recepcao apinhada. A sinceridade e um continuum consensual.

Sera que Julia sabia que Kate sabia que ela era agente? E que tambem sabia qual era sua missao?

Kate engoliu o orgulho, ou a repulsa. A postura protetora e a hostilidade.

- Oi, Julia.

Que solidao completa era aquela? Cercada de gente, inundada de mentiras, incapaz de dizer algo de verdadeiro a ninguem. Pessoas que conhecia de vista, amigos ocasionais, amigos intimos, ate sua alma gêmea, seu escolhido no mundo inteiro, seu parceiro, seu aliado, seu tudo. A cabeça dele estava inclinada para tras, numa risada descontraida, os olhos fora do lugar, o cabelo em desalinho, o sorriso torto. Ela o amava muito. Mesmo quando o odiava.

Pensou no marido, nos segredos entre eles, na distancia que criavam. Os segredos dela: sua vida secreta. A espionagem que ja fizera e planejava fazer a respeito do marido, o imenso muro de inverdades que ficava mais alto a cada dia que passava, a cada conversa que eles nao tinham, a cada confissao que ela nao fazia.

Subiu a escada. Em silencio, sozinha, passando do andar dos pais para o das criancas, para um banheiro afastado. Umas porcarias de plastico em cores primarias nas bordas da banheira, vidros de xampu decorados com personagens desconhecidos de desenho animado - programas de televisao produzidos na Franca, na Alemanha, talvez na Dinamarca. Alguns tubos de pasta de dentes em estagios variados de formacao de crosta e nojeira grudenta, esse incontroleavel universo dos banheiros das criancas.

Sentou-se. Do outro lado do comodo azulejado, um espelho de corpo inteiro, um convite - um desafio - a observar a propria nudez. Kate fitou sua imagem, plenamente vestida, com saia e meias de nylon pretas, sueter preto, colar exuberante, brincos exagerados, o novo relógio caro. Joias idiotas.

Pareceu-lhe obvio nesse momento: e claro que ela se sentiria atraida por um homem com uma vida secreta. E claro que havia de sentir atracao por alguem que tivesse algo sob a superficie, algo indecoroso, algo secreto.

Ela se forcara a crer que, ao escolher Dexter, havia deixado isto para tras: o mundo em que as

pessoas eram definidas por sua dissimulacao. E, na sua vida repleta de fingimentos, esse fora o maior de todos: o autoengano.

Dexter tinha dito que o melhor resultado num trabalho de ciberpirataria era obtido ao se explorar as fragilidades humanas. Kate sempre soubera, e claro, que tinha seus pontos fracos. Todo mundo tinha.

Ate entao, porem, nunca soubera exatamente quais eram eles. Agora sabia.

✕

✕

Sera que conhecia minimamente o marido?

Mais uma vez, comecou a chorar.

O clique da porta e Dexter se foi, de volta ao escritorio pela primeira vez desde antes do Natal. De volta ao comodo que Kate tinha invadido. De volta ao computador a que ela nao conseguira ter acesso, aos arquivos que havia folheado. De volta a camera de video pendurada num canto.

Era o dia seguinte ao feriado de ano-novo. O primeiro dia de volta a rotina domestica, desde que Kate soubera que seu marido era, provavelmente, um criminoso. De volta a comprar mantimentos, carregar peso, desembulhar, guardar. Encher e esvaziar a maquina de lavar louca. Separar e dobrar a roupa limpa, uma pequena carga atras da outra. Roupas brancas e claras, escuras e coloridas.

De manha cedo havia uma camada de gelo vitrea nas ruas, uma fina pelicula de perigo invisivel revestindo todas as superficies pavimentadas - carros derrapando e batendo por toda parte, em ruazinhas e autoestradas, nas rampas ingremes das garagens. Kate deu gracias por morarem no centro da cidade, onde o trafego dos banqueiros que iam cedo para o trabalho derretia a camada de gelo antes que Kate afundasse no banco aquecido do carro, as oito em ponto, passando pelos desastres e desviando deles. O Porsche que derrapara e se chocara com um muro de pedra, a Ferrari rebocada de um tronco de arvore. Luzes de emergencia brilhando na nevoa cinza-escura.

Agora seu marido estaria no escritorio. Se o video fosse a primeira coisa verificada por ele, Dexter ja deveria saber.

Kate tinha olhado para o celular umas cem vezes, supondo ter perdido a ligacao dele, esperando a cada olhadela ver o novo aviso da mensagem de voz e ouvir o recado: "O que e que voce estava fazendo no meu escritorio?" Mas o recado nao apareceu. A unica pessoa que telefonou foi Julia. Kate nao atendeu e Julia nao deixou recado.

Dexter saira para o trabalho mais tarde que o normal e agora estava em casa antes do esperado: - Vou a Londres de manha - avisou. - Vai ser minha ultima viagem, por algum tempo. Minha ultima viagem de negocios. Mas voce esta lembrada de que vamos passar o fim de semana em Amsterda, nao esta?

- E claro - respondeu Kate.

Dexter tinha feito todos os arranjos referentes a Amsterda, porque era um de seus velhos amigos que ia passar por la a trabalho, um amigo do inicio da carreira, de quando eles tinham cargos subalternos em um provedor de internet. Tinham restabelecido contato por meio de redes sociais. E

acharam que seria divertido se reverem, depois de tantos anos, na Europa.

Portanto, era a primeira viagem da familia para a qual Kate nao fizera as reservas em casa, no

laptop que Julia tinha usado por dez minutos, certa vez, para verificar seu e-mail, numa ocasio em que ficara sem internet.

Dexter levantou bem antes de o dia clarear. Kate ficou na cama, imovel, olhando para a parede escura, enquanto ele tomava banho e se vestia depressa. Quando ouviu a porta do apartamento se fechar, ela se levantou.

Iniciou sua investigacao pelo computador, em meio as trevas de antes do alvorecer. Entrou nas contas bancarias do casal, a de Luxemburgo e a de Washington. A conta corrente norte-americana

XX

XX

tinha uma seguranca minima on-line - nada mais complicado que um nome de usuario e uma senha.

Mas a de Luxemburgo exigia um nome de usuario longo e abstrato, uma sequencia de algarismos e letras sem sentido. Depois, uma senha similar. Em seguida, uma grade complexa de codigos de acesso, na qual Kate tinha de inserir os algarismos e letras corretos de um codigo que parecia um quebra-cabeca.

Se era esse o nivel dos procedimentos de seguranca para proteger 11.819 euros, ela nem podia imaginar a complexidade necessaria a uma conta de 50 milhoes de euros, 50 milhoes de euros roubados. Seriam codigos complexos demais para que Dexter - ou qualquer pessoa - os decorasse.

Tinha que haver um registro dos numeros da conta e dos protocolos de seguranca em algum lugar.

Nao seria no escritorio dele, num predio institucional no centro da cidade, cercado por uma multiplicidade de agentes da lei. Um local que poderia ser invadido, um predio que poderia ser fechado, uma propriedade que poderia ser confiscada.

Ele devia estar guardando essa informacao no apartamento.

Kate comecou a abrir e fechar rapidamente todos os arquivos do disco rigido, ou dos drives compartilhados, ou das nuvens: arquivos que nao eram seus, a procura de informacoes semelhantes sobre uma conta diferente.

Quando os meninos acordaram, famintos, uma hora depois, ela ainda nao tinha descoberto nada no computador. Ja esperava por isso. O proprio Dexter dissera que qualquer computador podia ficar comprometido. Kate tinha que ser minuciosa e paciente.

Aquilo tinha que estar ali, em algum lugar.

Levou duas horas para vasculhar toda a gaveta de arquivos da escrivaninha do escritorio de casa, cada pedaco de papel, cada envelope e pasta, a procura de anotacoes manuscritas, paginas impressas, rabiscos em contas telefonicas, qualquer coisa em que Dexter pudesse haver registrado um codigo.

Nada.

Voltou a atencao para os livros que ele decidira levar para a Europa, alguns romances, dicionarios de linguas estrangeiras, guias de viagem, manuais tecnicos. Tudo o que descobriu foi que ele havia admirado particularmente algumas linhas de *Uma confraria de tolos*.

Examinou todos os cadernos de notas espalhados pela casa - os bloquinhos e agendas de tamanho medio dos meninos, os cadernos grandes de redacao e os gigantescos blocos de desenho, tentando

nao se deixar distrair pelo trabalho artistico dos filhos. Ben, em particular, havia passado por uma fase de retratos comicamente concentrada em meias.

Taloes de cheques de bancos americanos, guias de depositos, comprovantes de cheques compensados. Albuns de fotografias. Os passaportes das crianas. A gaveta da mesinha de cabeceira.

O armario dos remedios. Bolsos de casacos. Gavetas da cozinha.

Nada.

As dez e meia da noite, Dexter voltou de Londres, exausto. Parecia ter partido anos antes, nao naquela manha. Os dois mal se falaram - o voo nao fora ruim, a reuniao tinha sido boa - antes de ele desabar na cama com um livro de capa dura no peito, um volume grosso sobre mercados financeiros.

X

Ele ainda nao havia mencionado nada sobre a camera de video do escritorio. Nao dissera uma palavra sobre nada que importasse.

Kate deitou a seu lado, pegou uma revista, abriu-a no sumario, virou folhas e tentou ler, mas so fez passar os olhos superficialmente pelas palavras e imagens.

Dexter nao demorou a pegar no sono. Kate manteve os olhos na revista, matando tempo, virando as paginas sem fazer barulho, olhando as fotografias, desconstruindo-as nos pixels que as compunham, abstracoes de formas e cor. Era uma revista em papel brilhante dos Estados Unidos, datada de dois meses antes: fuxicos ultrapassados sobre celebridades, comentarios culturais irrelevantes e um longo artigo de jornalismo politico que parecia vir nao apenas de um pais e um continente diferentes, mas de um mundo totalmente distinto. Um planeta em que Kate tinha vivido, mas que agora mal conseguia reconhecer.

Ela esperou cinco minutos depois que Dexter comecou a roncar. Entao saiu furtivamente da cama.

Desceu pe ante pe, no escuro. Levou a carteira dele para o banheiro e fechou a porta. Trancou-a.

Tirou todo o conteudo da carteira, item por item: cartoes de credito e identidade, recibos, cédulas e moedas variadas.

Examinou tudo, nao encontrou nada.

Pegou um pano de prato do gancho em que ficava na cozinha e o levou para a escrivaninha onde o telefone celular de Dexter estava, ligado no carregador, a luz vermelha brilhando. Embrulhou o telefone no pano, para abafar o bipe de quando o desconectasse. Voltou ao banheiro e se sentou no vaso sanitario, vasculhando os contatos da agenda, as mensagens e telefonemas recentes e qualquer aplicativo que desse a oportunidade de se digitar e gravar uma sequencia de algarismos ou letras.

Descobriu que ele nao dera nenhum telefonema durante seu dia em Londres. Ao percorrer a lista de ligacoes feitas ou recebidas nos sessenta dias anteriores, descobriu que Dexter nunca fizera nenhuma ligacao internacional de qualquer tipo, em nenhuma de suas viagens de negocios, exceto os telefonemas para ela, em casa.

Desligou o telefone, pensando na estranheza de uma serie de viagens de negocios que nao requeriam um unico telefonema. Nenhuma secretaria para confirmar reunioes, nenhuma logistica a ser providenciada - carros a chamar, mesas a reservar. Nenhum preparativo nem acompanhamento posterior das reunioes. Nenhum detalhe a discutir com ninguem, jamais?

Nao parecia provavel.

Era impossivel.

Ou ele nao fizera essas viagens ou tinha outro telefone.

Nos tempos em que Kate pensava no que nao queria fazer - e o que menos desejava era investigar Dexter -, era exatamente essa a imagem em sua cabeca: esgueirar-se no escuro em sua propria casa, no meio da noite, vasculhando os objetos pessoais do marido enquanto ele dormia.

Era por isso que tinha prometido a si mesma que, depois de se casarem, nunca mais o investigaria.

Nao queria agir assim, nao queria sentir-se desse jeito.

Mas ali estava ela, carregando a pasta de nylon para o banheiro e trancando a porta. Apalpou os bolsos internos, abriu ziperes, botoes, fechos de Velcro, sem a expectativa de encontrar nada, mas ai alguma coisa... o que?... uma aba de seda no fundo da pasta...

Sua pulsacao acelerou. Kate puxou aquele centimetro quadrado preto, com subita esperanca.

Levantou um painel de nylon resistente e, pronto, la estava ele: um compartimento oculto. E dentro, ✕

um telefone. Um aparelhinho desconhecido, de plastico e metal.

Ela fitou aquela primeira prova, a entrada da toca de coelho da qual talvez nunca mais saisse.

Pensou em repor o aparelho em seu compartimento, em devolver a pasta ao corredor. Em vez de prosseguir com aquilo, poderia subir e sacudir o marido ate acorda-lo: "Que porra e essa que esta acontecendo, Dexter?"

Mas nao subiu.

Ligou o telefone. A tela se iluminou. Kate fitou o brilho azul e frio, os icones dos aplicativos, as barras indicativas da recepcao do sinal. Apertou o icone dos telefones e o botao das chamadas recentes e olhou para a lista, as paredes da toca de coelho se fechando, descendo mais fundo, enquanto ela percorria os nomes:

Marlena, as 9h18 da vespera.

Marlena, as 19h04, um dia antes.

Um numero de Londres, com codigos da cidade e do pais, 44-20, nao gravado nos contatos, as 16h32.

Marlena na vespera desse dia, e de novo na segunda-feira anterior, a noite.

Kate abriu a lista de contatos: apenas dois. Marlena, com um numero em Londres. E Niko, com um prefixo que ela nao reconheceu. Decorou os dois.

Marlena e Niko: quem diabo era essa gente?

Dexter acordou tarde. Tomou o cafe da manha com Jake e Ben e so tornou a subir para tomar banho e se barbear depois de todos sairem para a escola. Um malandro preguiçoso, de repente, apos quatro meses sendo um incorrigivel viciado em trabalho.

Quando Kate voltou para casa, porem, ele havia saído. De volta a camera de video que a tinha gravado. De volta a seu escritorio inexplicavel. De volta a seu telefone secreto, seus contatos desconhecidos, seus 50 milhoes de euros roubados. De volta a sua outra vida.

Kate mal conseguia respirar.

Pos-se a trabalhar de novo. Vasculhou o deposito do porao, examinando os aparelhos eletronicos americanos que nao funcionavam na Europa. Verificou a traseira do antigo televisor, o interior das cupulas de abajur, as aberturas da torradeira, o filtro da cafeteira. A caixa de pecas antigas de Tupperware e copos descasados, alem de tigelas chinesas compradas por impulso e desperdicio. Os pneus de verao do carro. A bomba da bicicleta. As malas. As etiquetas das malas.

Em meio a todos esses detritos nao usados nem utilizaveis havia uma caixa guarda-roupa, roupas de trabalho da kate: terninhos de la escura e blusas brancas engomadas, os colarinhos quase puidos. Sua antiga vida, empacotada e esquecida num porao.

Foi a padaria e pediu um sanduiche de presunto. Enquanto esperava, tentou descobrir como poderia começar a investigar Marlena e Niko, a nao ser telefonando para seus numeros. Isso poderia ser rastreado; ela seria descoberta.

Se Dexter nao verificava as gravacoes de video, quem o fazia? Para que aquela camera estava la?

Examinou a gaveta de meias dele, a de cuecas, a das camisetas, os bolsos de calcas jeans, paletos e sobretudos, a costura interna dos cintos. Os forros das gravatas. As solas dos sapatos, os saltos dos sapatos, as palmilhas dos sapatos.

Buscou os filhos na escola, comprou salgados na confeitaria e plantou os meninos diante da televisao, vendo desenhos animados em frances. *Bob l'Eponge*, ao que parece, estava sempre no ar.

✕

✕

Examinou os textos de capa de CDs, os bolsos grandes de plastico dos albuns fotograficos, o verso de fotografias; todo esse trabalho sentada no sofa, com os filhos.

- Mamae - chamou Jake. - Estou com fome.

Ela se esquecera de dar comida as criancas.

Nao ouviu Dexter chegar. O exaustor do fogao estava ligado enquanto ela salteava o frango.

- Oi.

Kate deu um pulo e fez voar longe o frango que estava na panela que ela segurava com a mao direita. A borda quente encostou no seu braco esquerdo, deixando no mesmo instante um lanho de queimadura, e a panela foi largada com estardalhaco sobre o *cooktop*. Ela soltou um grito.

- Ah! - exclamou Dexter, correndo para a cozinha, mas perdido, sem ideia de como ajudar.

Kate correu para a pia, abriu a torneira e pos o braco embaixo.

- Desculpe - disse Dexter. - Eu sinto muito.

Nos segundos anteriores, Kate se esquecera da camera de video e do dinheiro e de Marlena e Niko.

Mas nesse momento se lembrou.

Dexter pos a mao em seu ombro:

- Desculpe - repetiu, ajoelhando-se, catando os pedacos de frango no chao e os jogando no lixo.

Depois recolheu os pedacos que caíram sobre o *cooktop* e os jogou de volta na panela.

- Estes nos ainda podemos comer, não é?

Kate fez que sim.

- Quer que eu busque o estojo de primeiros socorros?

A tenue linha vermelha corria por uns cinco centímetros da pele alva da parte interna do braço.

Kate o manteve sob a água corrente e fria.

- Quero, obrigada.

Olhou para o marido. Para os olhos dele, cravados nos seus, a preocupação estampada na testa. Ele nunca se queimara cozinhando. Não cozinhava o bastante para cometer erros na cozinha. Nunca havia cortado o polegar com um descascador, tirado um naco da ponta do dedo com uma faca afiada, esquentado os braços na água fervente nem feito bolhas de queimadura no dorso da mão, com respingos de gordura.

O que ele tinha feito era roubar 50 milhões de euros.

O jantar veio e passou. Os adultos leram livros para as crianças, depois leram livros para si, e então Dexter adormeceu, sem mencionar nada sobre vídeo algum.

Kate permaneceu desperta a seu lado, insone.

Marlena e Niko.

- E o Dexter? - perguntou Claire.

Estavam na escola, aguardando a saída das três horas.

- Perdoado, o que disse?

Kate estava completamente absorta em suas obsessões. Ainda não tinha descoberto mais nada importante: nenhum registro de contas, nenhuma pista sobre Marlena e Niko, nenhuma informação sobre ninguém que houvesse roubado 50 milhões de euros de ninguém, em parte alguma do mundo.

✕

Além disso, a família ia de carro para Amsterdã naquela noite e Kate ainda não tinha feito as malas.

Dexter ia chegar às quatro e meia, aflito para pegar a estrada. Seu tempo estava passando.

- Eu estava dizendo que o Sebastian é *inútil* dentro de casa. Dexter é jeitoso?

- Não - Kate teve de admitir. - Ele não é muito habilidoso. Sou eu que faço as coisas de casa.

- E você quem monta aquelas porcarias de móveis pré-fabricados? - perguntou Claire.

Uma vez, Kate tinha montado uma cama composta de 388 peças.

- Sim - admitiu.

Tinha levado quatro horas para montar a tal cama.

- Sebastian tenta, mas só se eu implorar - disse Claire.

- Paolo é a mesma coisa - concordou Sophia.

- Henrik so troca uma lampada - disse Cristina, chegando mais perto e baixando a voz - se eu lhe der uma chupada.

Kate sabia que Cristina estava brincando. Mas talvez nao fosse ma ideia, porque Dexter nunca...

Sim, Kate percebeu, ele havia cuidado de um conserto domestico banal, sem que ninguem pedisse.

So uma vez.

Ela derrubou as meias e as cuecas na cama, empilhou as camisas e calcas, largou as camisetas e sueteres, impossivel mante-los dobrados.

Atacou com a parafusadeira sem fio, *bzzz-bzzz*, soltando um ou outro parafuso, retirando um painel aqui, virando uma tira de aglomerado ali, movendo um pedaco de MDF, outra peca de plastico ABS.

Desconstruindo a comodo do quarto dos meninos, o unico movel de que Dexter havia cuidado, muito depois de feita a montagem, fazendo um suposto conserto - quando tinha sido: um mes antes? dois? - que Kate nao notara ser necessario.

Virou a estrutura da comodo de cabeca para baixo e se debruçou sobre o fundo, o retangulo de pecas de madeira que dava forma a base, e entao as desaparafusou, soltou umas das outras, desmontou-as.

Nada. Mal conseguiu acreditar. Tinha certeza, certeza absoluta, de que a resposta era essa.

Examinou as extremidades das pecas de madeira, espiou os buracos deixados pelos parafusos que as prendiam, o primeiro, o segundo.

Deu um suspiro.

Na base do pe havia... havia?... uma fenda na madeira que ela nao tinha notado quando a comodo estava em pe. Kate tentou introduzir o indicador nela, mas ele nao entrou, nem tampouco o mindinho.

Pegou a parafusadeira e a enfiou la dentro... inclinou-a... empurrando para baixo e puxando ao mesmo tempo... deslizando...

Caiu no tapete. Um pedaco de papel, dobrado num pacotinho retangular apertado.

Ali.

Kate o apanhou, aquele pedacinho de papel, e o desdobrou ate chegar ao tamanho de um involucro de chiclete, e olhou fixamente para os Algarismos e letras manuscritos que nao pareciam ter sentido.

Seu relógio, seu presente caro de Natal, mostrava 15h51. Kate correu os olhos pela bagunça no quarto dos filhos, roupas por toda parte, a cama desmontada, peças dispersas, ferramentas espalhadas pelo chão.

Dexter ia chegar dali a quarenta minutos - 39 -, pronto para iniciar o longo trajeto até a Holanda.

Kate pegou o pedacinho de papel. Estendeu-o no chão. Tirou o celular do bolso, bateu uma foto, verificou-a para ter certeza de que estava tudo legível na imagem. Depois reinseriu cuidadosamente o pedaço de papel na fenda que lhe servia de esconderijo.

Pegou a parafusadeira, seguindo a lembrança da montagem de outros móveis, juntando partes, martelando pinos, girando tarraxas, apertando parafusos.

As 16h02, Jake apareceu à porta:

- Mãe, o que você está fazendo?

- Nada, querido.

- Mãe, o *Bob l'Eponge* acabou.

Bzzz-bzzz.

- Não posso fazer nada, querido.

- Você pode mudar de canal.

- Que diabo, Jake! - gritou, do nada.

O garoto tropeçou no próprio pavor.

- Eu tenho que fazer isso aqui agora. Me deixe em paz!

O menino começou a chorar e saiu. Kate sentiu-se péssima, porém também estava em pânico.

As 16h13, a estrutura fora totalmente reconstruída.

Kate suspirou, parcialmente aliviada. Quanto tempo poderiam levar as gavetas? Pos-se a trabalhar na primeira, marcando o tempo. A coisa se mostrou mais confusa do que ela havia esperado e lhe tomou quatro minutos. Havia seis gavetas.

Ela se apressou. A segunda foi mais fácil - já não houve confusão -, mas ainda restava uma porção de parafusos para apertar. Levou menos de três minutos. Mas Kate não ia conseguir.

- Mãe?

Agora era Ben.

- Sim? - respondeu, sem se virar para olhá-lo.

- Esse é o móvel do papai.

- E verdade, foi ele que o consertou da última vez.

- Mas ele não fez direito? E aí você tem que fazer de novo?

Ah. Como explicar isso?

- Nao e isso. E que quebrou outra vez.

Isso era um problema, um problema totalmente inesperado. Kate se levantou e se aproximou do filho:

- Mas nao conte isso ao papai, esta bem?

- Por que?

- Porque ele ia ficar triste.

- Porque ele nao fez direito?

E, pensou Kate consigo mesma, ele nao fez direito.

- Isso mesmo.

- Ah.

- Entao, vamos guardar segredo, esta bem?

Pedir ao filho que mentisse para o pai. Que merda.

- Esta bem - respondeu o menino, sorrindo.

Gostava de segredos. Foi embora.

A terceira gaveta levou dois minutos, mas esse tambem tinha sido o tempo do dialogo com Ben.

Eram 16h27.

Kate olhou em volta, desesperada. Dexter se atrasaria, e claro, estava sempre atrasado. Nunca chegava em casa quando dizia que chegaria.

Exceto quando eles iam viajar.

Nao havia jeito de Kate terminar a tempo. Pegou uma frente de gaveta e a encaixou na base e nas laterais, sem parafusos, sem fundo e sem trilhos nem corrediças. Ficou firme. Kate a pegou com delicadeza e a introduziu na estrutura, devagar, devagar... a frente caiu no chao, fazendo barulho.

- Papai!

Eram os meninos. Kate levantou a peça frontal. Tornou a po-la no lugar, bateu nela com a base da mão e a peça ficou encaixada.

- Oi! - gritou Dexter da escada para ela, ainda lá embaixo.

- Oi! - Kate gritou de volta.

Repetiu o encaixe e o soco com outra gaveta. Ouviu o marido e os filhos falando no andar de baixo, mas não conseguiu entender o que diziam. Parecia a fala dos adultos de *Snoopy*.

Encaixou outra gaveta no soco.

Ouviu as solas de couro do marido batendo nos degraus de pedra.

Ainda faltava mais uma gaveta. Ela não conseguiria, não tinha tempo nem para juntar as peças. Com a mão direita, pegou a frente da última gaveta, a de baixo. Com a esquerda, puxou uma grande cesta de plástico cheia de peças de Lego. Pos a frente da gaveta onde ela deveria ficar e empurrou a cesta contra ela, prendendo-a na posição.

- Tudo pronto? - perguntou Dexter do alto da escada, fazendo a curva no corredor.

Kate inspecionou a bagunça restante, as roupas, a... - *merda!* -... a caixa de ferramentas. Puxou o cobertor laranja da cama de Jake e o jogou em cima da caixa, no exato instante em que Dexter chegava a porta.

- Estamos prontos? - perguntou e olhou em volta. - O que houve aqui?

Kate afastou o cabelo da testa, prendeu-o atrás da orelha.

- Eu estava separando a roupa dos meninos. Eles tem uma porção de coisas que estão muito pequenas. Preciso me desfazer disso.

Os olhos de Dexter pousaram na cama, não muito bem encostada na parede.

- Hum.

- Desculpe, acabei me distraíndo nisso.

Ela atravessou o quarto, saindo de perto da cama, afastando-se de sua tentativa de esconder aquilo tudo. Pegou a sacola de viagem que tinha levado para o quarto dos filhos de manhã - por que não fizera as malas cedo? - e a colocou em cima da cama.

- So vou levar um minuto - prometeu. - Você já está com as suas coisas na mala?

- Já. Preparei tudo de manhã. E você?

Ela balançou a cabeça.

- De aqui - disse ele, pegando a sacola. - Eu faço a mala dos meninos.

✕

Kate ficou sem fala.

- Quais são as roupas que estão pequenas demais?

- Eu, ahn... já me desfiz delas.

- Ah, e?

Sobrancelhas arqueadas.

- E o que fez com elas? - insistiu Dexter.

Desconfiado. Ou estaria apenas curioso?

- Eu pus na, ahn... no cesto de panos recicláveis. Lá no porão.

- Aquilo é para roupa? Pensei que fosse para toalhas velhas. Lençóis. Coisas assim.

- Roupa também. Eles separam tudo no centro.

Não tinha a menor ideia se isso era verdade.

- Hum. Então, está bem.

Pos a mão no ombro da mulher.

- Va fazer sua mala.

Será que ela poderia mudar o rumo da situação? Poderia mandá-lo fazer companhia aos filhos lá embaixo? Poderia contar alguma mentira que o impedisse de ficar sozinho naquele quarto? Não.

Sera que ele *queria* ficar sozinho no quarto? Sera que percebia exatamente o que estava acontecendo?

- Obrigada - disse. - Desculpe eu nao ter feito as malas mais cedo.

Saiu, entrou no corredor e parou, agucando os ouvidos para escutar o que ele estava fazendo. Os sons eram muito leves, um farfalhar, uma respiracao. Nada parecido com um cesto de plastico sendo arrastado, nenhum pedaco de comoda se estatelando no chao.

Kate separou suas coisas o mais rapido que pode. Seria uma daquelas viagens de 48 horas. Como Estrasburgo, Bruges, Colonia. A familia ja as fizera em numero suficiente para que ela nao precisasse pensar muito nem levar coisas a mais. A viagem nao precisava ser muito diferente de passar um dia fora de casa. Duas vezes.

Levou suas coisas de volta ao quarto dos meninos, voando pelo corredor, ansiosa...

Dexter estava parado no meio do quarto, dobrando o cobertor laranja de Jake.

A caixa de ferramentas descoberta, aberta. A parafusadeira sem fio no tapete, ao lado da caixa de plastico resistente, laranja e preto.

Dexter a encarou enquanto dobrava o cobertor. Nao disse nada.

Kate atravessou o quarto, foi ate a cama de Ben, onde estava a sacola de viagem aberta e parcialmente ocupada pelas roupas dos meninos. Pos suas coisas dentro, fechou o zipper.

Viu Dexter por o cobertor dobrado na cama e sair do quarto, ainda calado. O painel frontal da gaveta de baixo, completamente solto da moldura, havia escorregado alguns centimetros. Continuava encostado no cesto, nao caido no chao, mas era obvio, para qualquer pessoa que o olhasse, que nao estava preso. Que tinha se soltado ou fora retirado. Que havia alguma coisa errada.

Dexter teria visto?

Os canais de Amsterda cintilavam na noite fria, a agua formando um cobertor ondulante de minusculos pontos de luz, reflexos de postes de rua, restaurantes, bares, casas. As persianas de todas as casas estavam levantadas, cortinas abertas, pessoas sentadas nas salas de estar e de jantar, lendo o jornal ou bebendo uma taca de vinho, familias reunidas a mesa, crianas assistindo a televisao, tudo em exposicao para os vizinhos, os estranhos, o mundo.

Dexter achou uma vaga perto do hotel, a margem do canal, e estacionou o carro com cuidado, devagar, pois nao havia barreira entre a rua de paralelepipedos e o desnivel de tres metros ate a agua. Num parquimetro automatico, pagou 45 euros por uma autorizacao de estacionamento. Colou o comprovante na janela, valido por 24 horas. Meses antes, ele nao saberia fazer isso. Agora, tinha se tornado natural decifrar instrucoes em linguas que ele nao falava, apertar botoes e passar cartoes de credito, guardar tiquetes grossos na carteira, para depois serem validados e reintroduzidos em maquinas na saida, ou tirinhas frageis a serem expostas no painel do carro, que voavam para o chao quando a porta se abria nos dias de vento.

Dexter estava muito mais competente do que antes. Sabia estacionar.

Atravessaram uma ponte, o canal ladeado por majestosas casas revestidas de tijolos, vastos espacos de vidro iluminado, portas brilhantes, todas pintadas no mesmo matiz de verde-escuro, quase preto. Kate repassou mais uma vez sua conversa imaginaria. *Dexter, diria, Julia e Bill sao agentes do FBI a servico da Interpol. Eles acham que voce roubou 50 milhoes de euros. Sei que voce tem uma conta bancaria secreta e estou inclinada a achar que voce e culpado, mas agora o importante e*

descobrir a maneira de voce nao ser pego.

Dexter perguntaria: *Como voce sabe da conta?*

Kate lhe falaria da comodo desmontada, da descoberta do pedaco de papel.

E essa bisbilhotice veio do nada?

Era nesse ponto da conversa que sua imaginacao falhava. Era essa a pergunta que ela nao conseguia se imaginar respondendo, esse o assunto que nao sabia como explicar. *Nao exatamente*, diria. E

quais seriam as palavras seguintes? Como comecaria a contar a historia que levaria, inexoravelmente, a *passei quinze anos trabalhando na CIA?*

Tornou a afastar o assunto - pela centesima, milésima vez, quem saberia? - naquela rua de Amsterda, com frio, cansada e com fome.

- Que tal este?

Dexter estava parado a porta de um cafe em tons de marrom, paredes revestidas de madeira, mesas sem toalha, grandes espelhos fumes, fileiras de garrafas em prateleiras grossas, toda a madeira sem adornos e castanha.

Foram levados a uma mesa no salao principal, a ultima disponivel, as outras ocupadas por casais e grupos alegres, noite de sexta-feira. Tudo no cardapio parecia bom, todos os pratos especiais descritos pela garconete soavam deliciosos. Eles estavam famintos. Deveriam ter comido na estrada, mas so tinham tomado essa decisao quando ja era muito tarde e os pontos de parada haviam ficado para tras, nos arredores da cidade.

Tinham dado barrinhas de cereais aos meninos. O porta-luvas estava cheio de barras de cereais.

A garconete trouxe cerveja e refrigerantes, marrom e laranja em copos pesados, baques gratificantes em tampos de mesa escuros. Os meninos ficaram colorindo cadernos de atividades, como de habito. Os adultos sabiam estacionar em cidades estrangeiras, as criancas sabiam se divertir em restaurantes longe de casa. A propria casa estava muito longe de casa.

- O que voce estava fazendo com a caixa de ferramentas?

Assim, do nada. Um ataque sorrateiro, cinco horas depois do ocorrido.

Kate nao respondeu, a mente em disparada.

Dexter nao se estendeu, nao esclareceu nem repetiu, nao deu desculpas para uma demora tao longa.

Kate nao conseguiu se lembrar da mentira que havia preparado antes, para uma conversa que deveria ter acontecido mais cedo.

✕

✕

- Eu, ahn... a janela...

Viu que Ben prestava muita atencao. Nao ficou claro se o filho estava achando aquilo engraçado ou serio, se ia dedura-la ou nao. Um sorriso se insinuou em seus labios.

- Tive de consertar a persiana - falou e tomou outra decisao rapida: - Meninos, vamos lavar as

maos.

- Eu os levo - disse Dexter. - Venha, Ben. Jake.

Levantou-se, pegando os filhos pelas maozinhas, levando-os dali. No meio da travessia do salao, Ben virou para tras e sorriu para a mae, com ar travesso.

Como Amsterda era uma viagem dele, para encontrar o amigo dele - ideia dele, do inicio ao fim -, Dexter e que havia escolhido o hotel e feito as reservas. Esse hotel parecia mais caro que o normal para a familia. Quatro estrelas, mas decididamente tendendo para cinco, nao descendo para tres.

Enquanto Dexter cuidava do registro, Kate e os meninos esperaram no saguao, num sofa de dois lugares estofado de veludo e com estrutura de madeira entalhada, cercados pelo suntuoso papel de parede adamascado e as sancas grossas de gesso que cortavam o pe-direito de quase cinco metros.

- Ben - cochichou ela -, voce contou ao papai o que eu estava fazendo?

- Quando?

- La em cima, no quarto de voces.

- Quando que eu contei a ele?

- No banheiro do restaurante? Ou, sei la, *em alguma hora*? Voce contou a ele *em algum momento*?

Ben olhou para o irmao mais velho, como que em busca de uma explicacao ou de apoio. Mas Jake estava aninhado no ursinho de pelucia, com o dedo na boca, quase dormindo. Nenhuma ajuda.

- Do trabalho ruim que ele fez? - perguntou Ben.

- Isso mesmo. Voce contou a ele?

Dexter deu uma olhadela em volta, sorriu para Ben e tornou a se virar para o recepcionista.

- Nao - respondeu o menino, tambem sorrindo.

- Ben, voce esta falando a verdade?

- Estou, mamae - afirmou, ainda sorrindo.

- Entao, por que esse sorriso grandao, meu amor?

- Nao sei.

Os meninos dormiram quase de imediato no sofa-cama, um inclinado para o outro, separados pelo ursinho de pelucia de ar animado, esfarrapado e magro, que ia ficando cada vez mais fino e encardido.

Kate compreendia que tinha sido um absurdo se recusar a desconfiar de Dexter. So que ao menos ela estava ciente de sua motivacao: uma mentirosa nao quer achar que as outras pessoas sao mentirosas, porque, nesse caso, as outras deverao desconfiar que ela tambem mente - porque ela mente - e ela sera apanhada.

Dexter saiu do banheiro, de cueca e camiseta brancas, os tufos de pelo encaracolado brotando da pele alva nas pernas e bracos, mais descorado impossivel. Um homem palido no rigor de um inverno sem sol.



Deitou-se na cama, as maos cruzadas no peito. Nao pegou nada para ler, nao disse nada.

Jake soltou o ar com força, feito um animal no cio, e começou a roncar. Dexter permaneceu imóvel.

Kate não queria olhar, não queria ver a expressão em seu rosto, saber o que estava pensando. Não queria começar uma discussão, não queria ir por esse caminho.

Mas, por outro lado, queria. Desesperadamente. Precisava que isso - precisava que alguma coisa - ficasse as claras. Precisava parar de produzir mais segredos, precisava parar de gerar perguntas.

Num arroubo de determinação, fechou o guia turístico, o som de seus pensamentos ensurdecendo-a ao se voltarem para o marido. Abriu a boca, a pulsação latejando na cabeça, pronta para falar, por tudo para fora, trazer algo a tona, ou coisa assim, não sabia ao certo, mas o fato é que falou: - Dexter - começou, virando para o lado -, eu...

Estacou no meio da frase, no meio do pensamento, no meio de tudo. Ele dormia a sono solto.

Foram ao museu Van Gogh e ao mercado das flores, onde não havia muito que ver em pleno inverno.

Bulbos para vender, colheres de jardineiro, pacotinhos de sementes. Concordaram em que o museu Anne Frank levantaria muitos temas desagradáveis para as crianças e perguntas impossíveis de responder, por isso o deixaram de lado.

Quando chegou a hora de um agrado para os meninos, entraram numa loja de brinquedos e lhes deram carta branca para qualquer caixa de Lego. Qualquer caixa pequena.

- Eu cuido disso - falou Dexter, apenas com vaga consciência das discussões, considerações e negociações que estavam por vir.

Assim, Kate voltou para a rua, para o movimento da tarde de sábado na Hartenstraat, todo mundo encasacado e de chapéu, fumando e rindo, em bicicletas e a pé. Viu pelo canto do olho uma figura familiar, no fim do quarteirão para pedestres. Kate reconheceu na hora a postura e o porte, altura e peso sob um chapéu escuro e um casaco de lã. A mulher estava de frente para uma vitrine de loja, um amplo espaço refletor de vidro imaculado.

Aquela mulher não esperava que Kate soubesse da loja tão depressa, depois de meros dez segundos.

Não havia contado com isso. Daí ter se deixado relaxar, parcialmente descoberta, relativamente desprotegida. E fora apanhada.

Hoje, 13h01

Kate abre a fechadura da gaveta da escrivaninha e o cofre dentro dela. Avalia o peso da Beretta, muito mais leve sem o carregador. O metal preto e liso e frio em sua mão.

Passa os olhos de relance por uma fotografia na escrivaninha, um pequeno instantâneo numa moldura de couro antiga, os meninos rindo na água em Saint-Tropez. Agora já faz mais de um ano, eles bronzeados e alourados por um verão de sol, os dentes reluzindo de brancos, uma luz dourada bruxuleando no Mediterrâneo, fim de tarde no final de julho.

No fim, Dexter deixou com Kate a decisão sobre onde morar. Disse que preferia o interior ou opções de cidades pequenas, na Toscana ou na Umbria, Provença ou Côte d'Azur, até na Costa Brava. Mas Kate desconfiou que ele jamais quisesse realmente viver em parte alguma do campo. O que queria, ao contrário, era perder uma discussão. Queria fazê-la sentir que tinha vencido alguma coisa, como se essa decisão tivesse sido sua, não dele.

Kate nao pudera deixar de suspeitar que ele a estivera manipulando a respeito de tudo, o tempo todo. Uma virada e tanto, apos tantos anos acreditando que o marido era a pessoa menos manipuladora que ela conhecia.

O argumento, provavelmente desnecessario, que ela fizera em defesa de Paris tinha sido o bem dos filhos. Para que eles crescessem educados e cosmopolitas, nao superprotegidos e mimados; ela nao queria que as unicas areas de competencia dos meninos fossem o tenis e o iatismo. E eles ainda poderiam se mudar para a Provenca quando os garotos fossem para a universidade.

Kate se recosta na cadeira, a pistola na palma da mao, pensando naquela gente: naquele outro casal, estranhos que ela havia pensado serem amigos bancando os inimigos. E em seu marido surpreendentemente diabolico. E no comportamento dela mesma, ao mesmo tempo questionavel e justificado. E no que esta prestes a fazer.

Prende o pente da Beretta no lugar. Levanta uma aba rigida no fundo da bolsa - muito parecida com o compartimento da velha maleta de Dexter, onde ele guarda o telefone secreto. Deixa a pistola cair no fundo e reposiciona a aba.

Estende a mao para uma prateleira atravancada e desconecta um celular do carregador. Faz mais de ano e meio que nao usa esse telefone, mas o mantem carregado. Liga-o e tecla o numero comprido. Nao guarda numeros como esse em nenhum tipo de caderno de enderecos.

Nao reconhece a voz do outro lado da linha - uma mulher que diz "*Bonjour*" -, mas nao esperava mesmo reconhece-la.

- *Je suis 602553* - diz Kate. - Sou 602553.

- Um momento, senhora.

Kate olha pela janela para os telhados de cumeeira alta de Saint-Germain, o Sena e o Louvre a direita, as cupulas de vidro do Grand Palais bem em frente, a Torre Eiffel a esquerda. O sol espia por entre as nuvens atras dela, sem ser visto, pintando uma camada dourada sobre a cidade, enfeitando desnecessariamente sua paisagem preciosa, quase perfeita demais.

- Pois nao, senhora. Antessala do toalete feminino do Bon Marche. Quinze minutos.

Kate consulta o relógio.

- *Merci*.

Torna a sair as pressas pela porta, desce o elevador, atravessa o saguao e a galeria coberta ate a rua, segue a Rue du Bac, que se funde com o bulevar Raspail, vai costurando para o sul por entre a massa densa do horario de almoco, abre caminho para a loja de departamentos, sobe a escada rolante e esbarra em mulheres que se encaminham com vagar para a antessala externa ao toalete, onde ha um telefone publico tocando.

- Alo - ela atende, fechando a porta ao entrar.

- Que prazer ouvir sua voz - diz Hayden. - Faz muito tempo.

- Eu digo o mesmo - responde Kate. - Precisamos conversar pessoalmente.

- Ha algum problema?

- Na verdade, nao. E uma solucao.

Hayden nao retruca.

- Podemos nos encontrar as quatro? - pergunta ela.
- Em *Paris*? Receio que nao. Eu nao... bem, nao estou *perto*.
- Mas nao esta longe. E, se nao me engano, tem acesso a um aviao.

Hayden foi promovido no ano anterior, apesar de ter passado toda a carreira fazendo trabalho de campo, nao na administracao.

Agora, surpreendentemente, e o vice-chefao na Europa. Cargo que da direito ao uso de um jato. Bem como liberdade de acao no tocante ao pessoal, desde os oficiais subalternos de Lisboa e da Catania ate os chefes das atividades de campo em Londres e Madri. Paris tambem.

Ele nao responde.

- Lembra-se dos 50 milhoes de euros roubados de um servio? - pergunta Kate.

Pausa.

- Entendo.
- Quatro horas?
- Cinco.

Kate ficou espantada com o tanto que tinha enterrado a cabeça na areia. Ignorara o que devia ter visto havia muito tempo: que os Maclean vinham monitorando todos os movimentos dos Moore já fazia meses.

Jake lhe deu um adeusinho do outro lado da vitrine da loja. Kate retribuiu o aceno. Dexter e os meninos estavam em outra loja, agora de chocolates, enquanto ela aguardava do lado de fora. Via os olhos deles arregalados, os dedos apontando, o corpo todo a implorar. Crianças numa loja de doces.

Ela havia optado por fingir que não tinha visto Julia. Virara de costas na Hartenstraat, deixara os olhos se demorarem na direção oposta, dando a agente do FBI uma oportunidade de sair correndo, sem saber ao certo se fora ou não reconhecida.

Agora Kate estava numa outra rua, o pensamento voltando veloz para o que ela percebeu ter sido o começo da vigilância: aquele dia chuvoso - ultrachuvoso, cascatas torrenciais de chuva - no fim de setembro, fazia mais de três meses, no estacionamento do centro comercial Belle Etoile, em Strassen.

Julia dizendo ter esquecido o celular no carro de Kate. Insistindo em que ela ficasse longe, permanecesse seca. Voltando sozinha ao carro, instalando alguma coisa sutil e impossível de achar e retornando para ela com o sorriso tenue da vitória secreta. Mona Lisa.

Daquele momento em diante, Bill e Julia sempre sabiam onde Kate estava.

Portanto, os Maclean souberam, na tarde da sexta-feira seguinte, que Kate e Dexter partiram pela A3 na direção sul, atravessaram a fronteira da França, passaram pelos reatores nucleares de Thionville e dobraram em Metz para a A4, em direção a Reims. Deve ter sido nessa virada que Julia e Bill decidiram ir atrás, pular no pequeno BMW dele e disparar para alcançá-los, reduzindo a distância durante as três horas que restavam no trajeto até Paris e só baixando a velocidade para 140

quilômetros por hora ao serem alertados pelo GPS sobre os radares de controle. Ou talvez nem reduzindo nada. Que importância dava o FBI as multas da União Europeia por excesso de velocidade?

E, enquanto os Moore procuravam um local para estacionar em Paris, os Maclean ainda se encontravam na estrada, disparando pela região de Champagne, onde os vinhedos estavam repletos de caminhos estacionados para o pernoite no campo, época de colheita. Localizaram a caminhonete de Kate parada numa garagem. Telefonaram para os hotéis mais próximos, um após outro, até descobrirem aquele em que havia uma suíte registrada no nome de *monsieur* e *madame* Moore.

Hospedaram-se eles mesmos num quarto nas imediações e montaram campanha.

Os Moore eram fáceis de seguir. Deslocavam-se num grupo grande e lento, andavam de metro, nunca de taxi, e caminhavam por ruas movimentadas. Ficavam o tempo todo em espaços públicos.

Era provável que os Maclean houvessem organizado turnos - dez minutos de vigilância, dez de descanso - enquanto seguiam a família, acompanhando-a, à espera de uma boa oportunidade, uma situação natural, um local turístico no fim do dia, um simples encontro fortuito, uma intromissão sem esforço. Já haviam telefonado para o hotel dos Moore e confirmado que ele tinha serviço de babá, sabendo que conseguiriam levar a cabo sua manobra, sabendo que Dexter e Kate aceitariam um convite para uma noite, para o excesso de vinho, uma boate da moda, uma amizade acelerada, uma intimidade instantânea.

Toda aquela noite espontanea de sabado tinha sido cuidadosamente orquestrada. A tentativa de assalto fora uma encenacao, uma farsa.

X

Tudo aquilo havia comecado fazia tres meses.

Dexter andava escondendo alguma coisa - seriam mesmo 50 milhoes de euros roubados? - e esses agentes do FBI estavam firmes no seu encalco. Seguiam cada movimento dele, em Luxemburgo, na Belgica e na Holanda, e agora o espreitavam em Amsterda. Estavam chegando perto de alguma coisa e nao queriam perder Dexter de vista nem por um fim de semana. Por que?

Os garotos sairam da chocolataria, vitoriosos, levantando bem alto o seu butim - "Mamae! Olha!" -, ansiosos por mostrar a mae o que o pai os deixara escolher, inocentes e ingenuos.

Kate sorriu para os filhos, mas estava tremula de frio e pavor: - Que legal, amorzinho.

O que quer que viesse acontecendo dava a impressao de estar se aproximando do fim. Kate certamente torcia para que nao fosse um fim violento. Mas tinha que estar preparada.

Sozinha, parou no meio de uma ponte, olhando para o ceu magnifico: o rico azul-escuro adamascado do crepusculo, as nuvens estufadas e celeres, camadas empilhadas de branco, prata e cinza. Havia luzes acesas nas janelas e nos farois das bicicletas, refletindo-se na agua.

Dexter levava os meninos de volta ao hotel, para verem antes do jantar um programa comprado na TV a cabo. A familia so se encontraria com seu macante amigo Brad as oito horas.

No outro extremo da ponte, as ultimas butiques foram minguando, como o fim de um trecho de comercio numa rua de bairro residencial, as ultimas lanchonetes e oficinas iluminadas pelos postes da rua, depois a area rural as escuras. Veio um cheiro enjoativo de maconha de um par de adolescentes de trancinhas rastafari.

Kate encontrou uma agencia bancaria e entrou no espaco estreito dos caixas automaticos. Ignorou os cartoes encaixados em suas aberturas na carteira, os cartoes do cotidiano. Em vez disso, enfiou o polegar num bolso interno onde havia meia duzia de pedacos de plastico, coisas com que nao precisava andar na Europa, mas andava: o cartao de seguridade social norte-americano, a antiga identidade da CIA, o cartao da academia de ginastica. E o do banco, da conta bancaria em seu nome antigo. A conta de que Dexter nao tinha conhecimento.

Sacou o limite maximo: mil euros.

Tambem sacou o maximo da conta conjunta de Luxemburgo, mais mil. E fez saques em dinheiro de dois cartoes de credito, mil cada um.

Ja na rua, as luzes vermelhas comecaram a aparecer, com mulheres grandes e pouco atraentes do Sudeste Asiatico: ligas e saltos altos e seios caidos saltando da renda enfeitada.

Kate achou um minimercado. Comprou uma embalagem de sacos plasticos, um rolo de fita adesiva e uma garrafa de agua. Estava com sede, nervosa.

As ruas foram ficando mais estreitas e as vitrines das fachadas, mais numerosas: seis mocas em rapida sucessao, europeias bonitas e de cabelos escuros; mais adiante, dobrando a esquina, algumas africanas de labios grossos e traseiros volumosos. Parecia haver setores. Como numa loja de departamentos.

Ela entrou num cafe bem iluminado, de aparencia limpa e segura pelo lado de fora, porem mais tosco no interior. Pediu uma Coca-cola, deixou as moedas sobre o balcao, tomou-a depressa. Foi ate os fundos e encontrou a placa dos toaletes, que apontava para a descida de uma sinistra escada em espiral. La embaixo havia um par de homens numa transacao suspeita, com cheiro de sigilo.

- Com licenca - pediu ela, passando pelos dois e trancando a porta.

Tirou do bolso a embalagem de sacos plasticos, rasgou um deles na linha perfurada e jogou os outros no lixo. Pegou o maco de cédulas de valor alto. Tirou umas notas de cem e as enfiou no bolso direito; no esquerdo ficaram algumas de vinte. Pos o resto dos 4 mil euros no saco plastico.

Comprimiu-o para tirar o ar, dobrou-o bem apertado e o vedou com fita adesiva.

Sentou-se no vaso sanitario. Tirou a bota do pe esquerdo. Quando cruzava as pernas, sempre punha a direita sobre a esquerda. Nao sabia se cruzaria as pernas - nem sabia como diabo as coisas iriam acontecer, se e que aconteceriam. Mas era melhor prevenir que remediar.

A bota tinha salto baixo, mas serviria. Na parte posterior, atras do arco do pe, onde o couro se levantava para se juntar ao salto de sola de borracha, havia amplo espaco. Kate prendeu seu embrulho de dinheiro ali, com fita adesiva.

Novamente na rua, havia homens arrastando os pes, mantendo contatos visuais fugazes, em meio ao miasma vermelho e aos espacos cintilantes de vidro emoldurado de veludo. Havia adolescentes barulhentos em grupos de tres ou quatro, uns se vangloriando mais que os outros, para compensar a inexperiencia. Homens de terno na meia-idade, uns furtivos, outros descarados - clientes regulares ou que simplesmente ja nao se importavam com a opiniao dos estranhos, tranquilos na certeza de que ali cada um cuidava dos seus interesses. O que nao diferia de todos os outros lugares.

Os cafes estavam apinhados, ruidosos e com um cheiro incomodo, o odor penetrante dos baseados que emanava das portas e persistia nas calçadas.

Um rapaz lhe lancou um olhar, numa cantada para alguma coisa. Kate o avaliou e o descartou, continuando em frente.

Seguiu mais um canal, esse muito diferente dos que ela vira na Amsterda de alta classe, ladeado por lojas de produtos eroticos, boates e vitrines iluminadas de vermelho. De um bar veio o som de risadas ebrias, de ingles com sotaque australiano e de risinhos de mulheres sem jeito.

Outro homem buscou o contato visual, este mais velho e mais rude. Acenou para Kate com a cabeca e ela retribuiu o aceno. O sujeito disse alguma coisa em holandes e ela reduziu o passo, mas nao respondeu.

- Procurando alguma coisa? - perguntou ele.

Sotaque antilhano. Longe de casa, como Kate.

- Sim.

Dente de ouro brilhando.

- E o que?

- Uma coisa especial. Uma coisa de aco. Com chumbo.

O sorriso do homem desapareceu.

- Nisso eu nao posso ajudar.

Kate meteu a mao no bolso, puxou uma nota de vinte.

- Quem pode?

- Procure Dieter. Por ali - falou, inclinando a cabeça, as trancinhas balancando.

Ela seguiu pela calçada que margeava o canal estreito, os sons e cheiros bem ao lado. Em frente a uma boate de sexo ao vivo, com cartazes promocionais que nao deixavam duvidas quanto ao show, um homem de terno preto brilhoso, sapatos de bico fino e gravata estreita de couro observava atentamente o ir e vir das pessoas. Seu olhar encontrou o de Kate.

- *Guten Tag*.

- Oi. Voce e o Dieter?

Ele fez que sim.

- Estou procurando uma coisa. Um amigo me disse que voce poderia ajudar. E um ferro.

Dieter pareceu confuso:

- Me ferro?

- Nao. Um ferro.

Kate levantou a mao, apontou para ele com o indicador, o polegar erguido. Dobrou rapidamente o polegar. Pou.

Dieter compreendeu, balancou a cabeça:

- Nao possivel.

Kate tirou do bolso duas notas azuis de 20 e as ofereceu. Ele fez uma careta, nao aceitou o dinheiro, tornou a balançar a cabeça.

Ela pegou outra nota, esta de 100.

Dieter olhou de relance para o pedaco de papel verde, facil de reconhecer num instante.

- Venha - disse, fechando a mao sobre a cedula.

Caminhou depressa, olhando repetidas vezes para os dois lados, pouco a vontade numa missao nao relacionada ao comercio sexual. Cruzou uma ponte, desceu uma rua estreita e apinhada: prostitutas atraentes em todas as vitrines, um trecho popular, o setor *Billboard* das 40 Mais do bairro, nada de gostos por especialidades ali. Uma virada para uma rua menor e mais escura: um beco, na verdade, com apenas um par de luzes vermelhas e longos trechos de muros de tijolos.

Dieter se deteve diante de uma vitrine vermelha e Kate parou a seu lado. A loura bonita la dentro o olhou, depois olhou para Kate, e abriu a porta sem dizer palavra. Cheiros de incenso, fumaca de cigarro e desinfetante a base de amonia. Dieter passou pela garota e seu quartinho sordido, a cama feita com cuidado, emoldurada por espelhos. A moca nao encarou Kate.

Atravessaram um corredor estreito, com revestimento barato de madeira nas paredes, sem adornos.

Ao final dele, um lance de escada meio bambo, teto rebaixado, iluminacao fraca.

Kate estava ficando nervosa. Parou de andar.

- Venha - repetiu, com um aceno rapido, que nao chegou propriamente a tranquiliza-la. - Venha.

Subiram os degraus, viraram num patamar traicoeiro, tornaram a subir, agora para um corredor recém-construído. O piso barato vibrava e Kate discerniu as batidas de hip-hop de um contrabaixo, depois vozes, um baixo rouco e sintetizadores. A música foi ficando mais alta, com a letra em inglês nítida, vulgar e grosseira.

Sairam do carpete para um piso de lajotas, um corredor mais largo, pe-direito mais alto, passando da favela para uma mansão enfiada ali, de algum modo, com um par de portas grandes, almofadadas e pintadas, Dieter olhando Kate de soslaio, abrindo as portas...

Ela assimilou num relance a anarquia da sala descomunal. Sofas e poltronas e espreguicadeiras, mesinhas e tapetes persas, abajures com cúpulas de borlas e pés de alabastro, lareiras de mármore e janelas enormes, de frente para o canal, com meia dúzia de garotas em estados variados de nudez, uma delas com a cabeça no colo de um homem tatuado, de piercings e expressão furiosa, que a empurrava para baixo e puxava para cima pelas orelhas e, no meio de tudo, uma cabeça de um laranja vivo, curvada sobre uma mesinha de tampo espelhado, que em seguida se ergueu, jogou-se para trás, aspirou o pó branco e se sacudiu, as mechas compridas e sebosas de cabelo batendo no rosto.

- Ahhhhhh! - gritou ele. - Isso é bom pra caralho!

Esfregou o nariz e olhou para Kate e para Dieter.

- E quem é essa piranha?

Dieter encolheu os ombros:

- Está procurando uma coisa.

- E você conhece ela?

- Não.

- Tudo bem.

Dieter tornou a dar de ombros, virou-se e se retirou, fechando as portas ao sair, feliz por se livrar de Kate e sua busca inquietante.

- Angélique, revista ela.

A moça se levantou languidamente, com seu mais de 1,80 metro de altura, seios à mostra, sem usar nada além da calcinha e sapatos de salto agulha. O ruivo a observou, olhos cheios de desejo.

Angélique era um espécime fantástico, que não teria mais de 17 anos. Revistou Kate e se afastou com passos lentos, de volta para sua espreguicadeira e sua revista. *Vogue*. Uma garota nua, lendo uma revista de moda.

- O que você quer?

- Quero um ferro.

O homem tatuado parecia estar chegando ao fim, bombeando furiosamente a cabeça da garota, para cima e para baixo, enquanto ela se engasgava, engolia e tentava não lacrimejar.

- Meu ferro? - sorriu ele. - Veio aqui pra pegar no meu ferro? É muita gentileza.

Kate abriu um sorriso largo:

- Quero a porra de uma arma, seu escocês idiota.

- Ah, ah, ah - gemeu o outro homem.

- Como e que e? Ouviu essa, Colin?

- *Ah, ahhhhh* - fez Colin, ainda segurando tufos do cabelo da moca. - Nao me atrapalha, Red.

- A porra de uma arma, voce disse?

Kate nao respondeu.

- Qual e a sua, voce e tira ou o que, porra? Cade a escuta?

- Nao tenho escuta.

- Entao mostra.

Kate o encarou, olho no olho. O homem nao pestanejou.

- Senao, cai fora daqui.

Ela esperou mais um segundo, dois, sem desviar o olhar. Tirou devagar o casaco e o deixou cair no chao, ainda encarando o sujeito.

Tirou o sueter pela cabeça com um movimento rapido, o cabelo cheio de estatica. Levou as maos atras, abriu o ziper da saia e tambem a deixou cair no chao. Pisou fora dela, as maos nas cadeiras.

- E americana? - perguntou Red.

Agora Kate nao usava nada alem das botas e da roupa de baixo. Nao respondeu.

- O resto - fez ele, agitando os dedos. - Tira o resto.

- Va se foder.

- Pra que precisa de arma?

Kate estava desesperada para vestir de novo a roupa, mas tambem sentia uma pequena vitoria a cada segundo que passava sem ela, tirando forcas da humilhacao.

- Colin, o que a gente tem pra ela?

Colin estava fechando o ziper do jeans preto e se aproximou, sem camisa, o tronco coberto por uma misturada indecifrável de tinta desbotada. Debruçou-se sobre a mesa de tampo espelhado e deu uma cheirada. Depois se levantou e atravessou a sala. Abriu a gaveta de uma escrivaninha e olhou para dentro:

- Beretta - respondeu.

✕

- Ah - exclamou Red, com um sorriso. - Bela arma. Essa eu acabei de achar na rua, na semana passada.

Kate nao estava interessada em saber qual era a historia que ele queria usar para negar qualquer responsabilidade pela arma.

- Quero ve-la.

Com um gesto desvolto, Colin tirou o pente da Beretta e jogou o objeto de aco reluzente para o outro lado da sala, a cinco metros de distancia - um arremesso perfeito para Kate, que o pegou sem dificuldade. Ela se demorou um momento examinando a arma, em parte para examina-la, em parte para convencer Red de que nao estava para brincadeiras. A 92FS era o Toyota Corolla das pistolas.

E essa parecia estar em perfeitas condicoes.

- Dois mil - ofereceu ela.

Nao quis perguntar o preco, nao quis dar a Red a oportunidade de conduzir a conversa. O preco final seria negociacao pura, nao estava amarrado a nenhum valor objetivo. A arma poderia valer 50 euros ou 20 mil; o valor estava na intersecao do que Red pudesse faze-la pagar com o que Kate pudesse faze-lo aceitar.

- Cai fora daqui, porra. O preco e dez.

Kate curvou-se, pegou a saia. Fechou o ziper.

- Oito - disse Red.

Foi quando ela soube que venceria. Vestiu o sueter.

- Dois e quinhentos - retrucou, puxando o cabelo para fora da gola.

- Cai fora daqui, sua vaca de merda.

Ela pegou o casaco e o vestiu.

- Nao aceito um centavo abaixo de cinco.

- Eu lhe dou tres.

- Foda-se.

Kate balancou os ombros e lhe deu as costas.

- Quatro - disse Red.

- Tres e quinhentos. E pegar - sorriu - ou largar.

Red tentou vence-la com um olhar duro, mas percebeu que era em vao.

- Tres e quinhentos - concordou. - *E* uma chupada no meu pau.

Kate nao pode deixar de rir.

- Va se foder - retrucou.

Ele abriu um largo sorriso:

- Isso tambem ia ser um bom pagamento.

Kate insistiu em que fossem ao museu de ciencias, que ficava num cais do porto. Em seguida, depois do almoco, a um mercado das pulgas numa igreja, onde ela se demorou e pechinchou e comprou uma coisa e outra: uma travessa de porcelana e utensilios de servico em prata de lei. Depois, quis sentar-se em algum lugar para tomar um cafe, com uns petiscos para as crianas.

Embaixo da mesa, a nova Beretta pesava no fundo da bolsa, e era um peso ainda maior em sua consciencia.

Dexter admitiu que Brad realmente se tornara um cretino insuportavel, nos dez anos decorridos desde que haviam trabalhado juntos. Mudara-se para Nova York para fazer alguma coisa que soava como uma superbabaquice em novas empresas de tecnologia. E toca de alardear o titulo de diretor de marketing e de falar em comprar lofts e de passar o verao nos Hamptons e bla-bla-bla, bla-bla-bla.

Kate sempre o havia achado insuportavel e ficou satisfeita por Dexter finalmente perceber isso,

agora que o babaca latente em Brad tinha desabrochado em toda a plenitude. Nova York havia alimentado sua babaquice.

Se Dexter tinha mesmo 50 milhoes de euros escondidos em algum lugar, vinha fazendo um trabalho muito bom para nao se tornar um babaca cheio de si.

Kate pediu outro cafe. Estava esticando o dia - de uma hora ate as duas, dali ate as tres, ate ter certeza de que, quando a familia chegasse a Luxemburgo, fosse tarde e os meninos tivessem que ir direto para a cama, e as luzes de seu quarto nem chegassem a ser acesas. Dexter nao teria chance de ficar sozinho no quarto dos filhos, de examinar a comoda desmontada, prova da desconfianca dela, prova de sua descoberta.

Aceleraram pela via expressa na planura da Holanda, uma saida a cada tres ou quatro quilometros, uma cidade a cada saida. Ao cair do sol, tinham chegado ao pare e siga do anel viario em torno de Bruxelas, depois tornaram a acelerar para o sul pela Valonia, na Belgica, escassamente povoada, escura e montanhosa, gargantas e florestas e nada, nada e mais nada.

Kate olhou pela janela para a escuridao das Ardenas, onde as grandes guerras haviam sido travadas em sangrentos combates corpo a corpo. A Batalha do Bulge, a maior e mais mortifera da Segunda Guerra Mundial. Isso ja fazia uns sessenta e tantos anos. E agora? Agora nem sequer havia fronteiras entre a Alemanha e a Franca e a Belgica e Luxemburgo. Toda aquela carnificina em nome da soberania e da integridade das fronteiras e agora nem sequer se precisava mostrar um passaporte para viajar dos Aliados para o Eixo.

O general George Patton, junto com outros 5 mil soldados americanos, estava enterrado em Luxemburgo, a uma distancia da escola dos meninos que podia ser percorrida a pe.

O carro alemao cantarolava baixo, a 150 quilometros por hora, cortando a neblina que deslizava celere pela estrada asphaltada. Subia e descia as colinas escuras e silenciosas, raras vezes cruzando com outros carros ou com caminhoes, no meio de lugar nenhum, no negrume da noite.

O lugar perfeito para desaparecer.

✕

Oito da manha. 8h05. 8h07. Hora - *agora* - de sair para a escola, ja com atraso, mas Dexter ainda nao saira de casa. Acabara de acordar e estava no chuveiro.

Se Kate saisse, ele ficaria a vontade no apartamento. Poderia ir a qualquer canto, fazer qualquer coisa. Poderia verificar a comodo e descobrir que ela a havia desmontado. Poderia verificar a cesta de lixo no fundo da despensa e encontrar a Beretta.

- Tudo bem, meninos - disse ela da cozinha, depois tirou a arma da cesta e a jogou dentro da bolsa.

- Mamee esta pronta.

Nao podia continuar vivendo assim.

- Ola...?

Fechou devagar a porta da entrada, sem fazer barulho. *Clique*.

- O de casa?

Olhou para a vasilha de ceramica no aparador do hall, onde ele deixava as chaves. Estava vazia.

- Dexter?

Subiu a escada para uma dupla confirmacao, cruzando o corredor ate o quarto do casal, ao banheiro deles. Ao passar pelo quarto dos meninos, deu uma espiada da comodo, inalterada, nao consertada.

Logo cuidaria disso.

Desceu a escada e atravessou o corredor e a sala de estar. Enfiou a cabeca na cozinha, checando pela terceira vez. Mais nervosa a cada segundo que passava, praticamente tremendo.

Sentou-se a escrivaninha. Abriu o laptop. Conferiu o e-mail, procrastinando. Respondeu a uma mensagem banal, leu alguma coisa irrelevante. Chegou ate a esvaziar a pasta de spams.

E ai nao havia mais nada a fazer, exceto o que ela precisava fazer.

Abriu o album de fotos do telefone celular. Escolheu a imagem do papelzinho de Dexter, com os numeros e senhas das contas. Nao havia nenhum nome de banco. Mas quantos bancos poderia haver?

Quanto tempo isso poderia levar? Meia hora? Uma hora?

Levantou-se. Foi a cozinha, tomou uma xicara de cafe. Como se a cafeina pudesse ajudar.

Sentou-se de novo, as maos paradas sobre o teclado, pensando. Comecar pelo mais facil: o banco em que eles tinham a conta conjunta.

Clicou nos favoritos, no alto da barra do navegador. A tela saltou para a pagina de entrada do banco, que pediu o numero da conta e a senha.

Ela tornou a olhar para o telefone, para a imagem, os numeros...

Bateu na tecla do primeiro algarismo, um oito, apoiando nela o dedo medio, abaixo do asterisco acima do numero... pensando em alguma coisa... esse computador...

Julia lhe veio a lembrança. Aquele dia em que visitara este apartamento para verificar seus e-mails, supostamente por estar sem internet. O dia em que se sentara nesta cadeira, diante deste computador, com as mãos neste teclado.

E então Kate compreendeu: Julia não estivera verificando e-mails. Havia introduzido um programa espião, para captar as telas de Kate e registrar suas batidas no teclado, transmitindo subrepticiamente a Julia e Bill, por e-mail, tudo o que ela digitava, mostrando-lhes o que ela via, para

✕

✕

que eles pudessem furtar os números e senhas das contas bancárias dos Moore, controlar seus saldos e suas carteiras de investimento, acompanhar suas compras de passagens aéreas e suas reservas de hotéis.

Os Maclean vinham monitorando a atividade deste computador. Mas não tinha sido nele que fora planejada a viagem a Amsterda.

E claro! Os Maclean não sabiam onde os Moore estavam indo, nem por quanto tempo ou por que. E

que Dexter fizera a reserva do hotel em seu escritório. Em seu escritório ultrasseguro e em seu computador de acesso impossível. Por isso o FBI não soubera se Kate e Dexter estariam fugindo, talvez. A caminho da Ilha de Man, ou de Hamburgo, ou de Estocolmo. Mudando-se em caráter permanente, indo para um esconderijo, levando passaportes falsos e sacolas abarrotadas de dinheiro.

E por isso o pessoal do FBI os seguira, nervoso, para ter certeza de que o suspeito não ia desaparecer.

Kate tirou as mãos do teclado maculado, desse local exposto.

- Alo, Claire? E a Kate. Kate Moore.

- Kate? Como vai?

- Tudo bem, obrigada.

Viu um rosto conhecido passar por sua cabine telefônica da agência de correio e telecomunicações.

- Claire, eu tenho um favor estranho para lhe pedir.

- Qualquer coisa, meu bem, qualquer coisa.

- Será que posso dar uma passada aí e usar o seu computador?

O escritório da casa de Claire ficava enfurnado num canto atrás da escada, de frente para a entrada da garagem: o cômodo menos atraente daquela construção com ares de mansão de subúrbio residencial. Kate viu um carro passar e se perguntou se Julia ou Bill acabariam chegando ali, rastejando pela rua, vigiando-a de perto.

Abriu o navegador. Começou pelos bancos maiores, os que tinham o nome estampado por todo canto da cidade, no topo de edifícios, em faixas de patrocínio nos festejos, nas camisetas das equipes de ciclismo.

Havia dois números de conta na tirinha de papel de Dexter. O primeiro vinha acompanhado de um nome de usuário, uma senha e outras informações; o segundo não era seguido por informação

alguma.

Kate nem tentaria esse segundo numero. Nao faria sentido.

Mas o primeiro fazia. E foi quase facil demais, rapido demais: dez minutos depois de ela comecar, no quinto banco que tentou, o primeiro numero de conta foi valido.

Ela respirou fundo e prendeu a respiracao enquanto digitava a senha... tambem valida.

Em seguida, teve de escolher a imagem correta numa selecao de umas trinta, o que explicava a anotacao "cachorro" no pedaco de papel. E depois, teve de completar um quebra-cabeca com uma fileira de letras anotadas por Dexter. Abriu-se entao uma caixa de dialogo:

Obtendo acesso aos dados de sua conta.

Um momento, por favor.



Obtendo acesso aos dados de sua conta.

Um momento...

A tela ficou preta.

Kate enrijeceu, em panico. Olhou depressa em volta, perguntando-se o que isso poderia...

A tela voltou a se acender com o resumo da conta, informacoes escassas, apenas um mero esqueleto, e seus olhos vagaram pela tela, assimilando tudo o que havia ali.

Correntista: LuxTrade S.A.

Endereco da conta: Rue des Pins, 141, Bigonville, Luxemburgo.

Nao havia cifras nessa pagina, nenhum valor, apenas essas informacoes inconclusivas, que nao indicavam nada, nao provavam nada. Ela se sentiu esmorecer.

Notou entao a aba ativos; pegou o mouse, moveu o cursor, clicou e aguardou, durante aquele milissegundo frustrante em que nao acontece absolutamente nada, e entao a nova tela piscou em branco e azul, duas linhas no centro da pagina:

Saldo da conta poupanca:

409.018,00 euros

Era uma soma e tanto, alem de inesperada. Mas estava muito longe de 50 milhoes de euros. Kate soltou um longo suspiro de alivio e se reclinou na cadeira, afastando-se do computador. O que quer que Dexter andasse fazendo, nao era roubar 50 milhoes de euros.

Contemplou a tela, perdida em especulacoes, a cabeca girando... indagando o que poderia significar aquilo, aquela vasta discrepancia entre 400 mil e 50 milhoes...

Foi entao que notou a aba da outra conta.

Chispou por Luxemburgo no carro esporte do marido de Claire, no sentido oeste-noroeste, por vias de mao dupla e um breve trecho numa autoestrada propriamente dita, passando por rotatorias que se fundiam em outras vias, acelerando e freando, ultrapassando. Nada no radio, nenhuma musica nem cultura francesa, perdida em seus proprios labirintos de explicacoes, entrando num beco sem saida apos outro.

Passara um minuto inteiro olhando fixamente para a tela do computador, boquiaberta:

Saldo da conta corrente:

25.000.000,00 euros

Depois disso, ela havia desfeito a conexão com o banco, limpad o histórico do navegador, esvaziado os cookies, saído do programa e reiniciado o disco rígido, enquanto planejava os passos seguintes.

Tinha entrado na cozinha com um sorriso forçado. Claire ficara meio confusa quando ela lhe perguntara se podia pegar emprestado o BMW do Sebastian. "Meu carro está fazendo um barulho esquisito", dissera, "e o tempo está pavoroso. Eu detestaria enguicar num dia como este. Amanhã levo o meu carro para a oficina."

Seguiu por um declive quando rumou para oeste pelo vale do Petrusse, que corria pelo centro da

região. Do outro lado do rio, as colinas suaves começaram a aparecer, longas ladeiras de inclinação leve, planaltos, pequenas descidas para atravessar regatos e rios, antes de continuar a subir.

Havia uma grande diferença entre os 50 milhões de euros que o FBI achava que Dexter tinha roubado e os 25 milhões e tal de suas contas. Metade. Mas essa era uma diferença de quantidade, não de natureza. A ideia geral era a mesma: uma soma colossal de dinheiro. Um valor impossível de ganhar.

Kate disparou pela floresta, as árvores bem junto da estrada, os troncos finos de casca branca esforçando-se para chegar ao céu, a luz. De repente, as árvores ficaram mais brancas e luminosas, numa daquelas zonas de completo congelamento que aparecem regularmente no interior, em dias como esse, com a temperatura pouco abaixo de zero grau centígrado, quando a neblina de antes do amanhecer se gruda a todos os planos de todas as superfícies, por baixo, por cima e pelos lados, e em seguida congela, envolvendo tudo - árvores e moitas, gravetos e agulhas de plantas perenes, placas de trânsito e postes de iluminação - num gelo branco turvo, brilhante e ofuscante. Do outro mundo.

Tinha que haver uma razão justificável. Dexter era um bom homem. Se fizera uma coisa ruim, tinha de haver uma razão legítima para isso.

Afinal, ela mesma fizera a pior coisa que se podia imaginar. E era uma boa pessoa. Não era?

Metade de 50 milhões...

O carro avançou pela desolação característica das terras agrícolas no inverno, reduzidas, estereis e baixas, onde até as menores construções pareciam agigantar-se, casas térreas, galpões e celeiros erguidos bem junto à estrada, que outrora tinha sido uma trilha medieval, depois fora alargada para se tornar uma via para cavalos no Renascimento, e novamente alargada e, por fim, pavimentada para automóveis no século XX, sendo a forma atual a sua encarnação mais recente, no máximo cinco por cento da vida dessa rodovia, outra nesga de história da Europa escondida numa - ou na forma de uma - estrada estreita.

Onde estaria a outra metade...? Devia estar naquela outra conta, aquela cujo número Dexter tinha escrito sem nenhuma outra informação, sem nome de usuário nem senha. Por que manteria um registro escrito de apenas uma conta, de apenas metade do dinheiro?

O carro seguiu zumbindo pelo asfalto gasto, entrando e saindo de florestas, com uma preponderância de sempre-verdes nessas terras serranas.

Ele tinha um socio. Marlena? Niko? Os dois?

Kate nao estava usando o GPS de Sebastian. O proposito de usar o carro dele era evitar que seus passos fossem refeitos. Por isso ela usava um mapa, que agora tinha de consultar com regularidade, ao seguir por estradas sinuosas e nao numeradas, cujos nomes se alteravam a intervalos de poucos quilometros, desembocando em outras, dando em becos sem saida e tendo de refazer o trajeto.

Por fim, chegou a Bigonville, a Rue des Pins, uma rua extremamente facil de passar despercebida, sem linhas pintadas no asfalto e densamente ladeada de arvores. Era mesmo a rua dos pinheiros.

Agora Kate estava certa - 99 por cento, quase cem - de que Dexter se apropriara ilegalmente de milhoes de euros. E era esse dinheiro que vinha pagando pela casa e pelos mantimentos e brinquedos, e pelo diesel que ela pusera no carro na manha do dia anterior: 63 euros para encher o tanque, quase 100 dolares de combustivel para o Audi de segunda mao.

✕

O carro usado. Era ai que duas realidades irreconciliaveis se chocavam: que homem compraria um carro usado, quando tinha 25 milhoes de euros no banco?

Kate havia suportado um jantar inteiro com aquele babaca do Brad em Amsterda. Aquele era um cara com milhoes extras no banco. E gastava todo o seu tempo livre, toda a sua energia, esbanjando esse dinheiro. Seus carros, suas casas, suas ferias. Igualzinho aos banqueiros ricos de Luxemburgo, cujo trabalho era ganhar dinheiro e cuja paixao era gasta-lo.

Seu marido nao era um desses.

A estradinha serpeou e deu voltas, desceu e subiu por entre retalhos de neve e gelo, florestas densas e um riacho sinuoso que ela seguiu de perto, sobre o qual nunca houvera nem haveria orcamento para construir uma ponte.

A coisa toda nao fazia mesmo o menor sentido.

A estrada abandonou o riacho e iniciou uma subida ingreme, nivelando-se no alto de outra serra em que a floresta minguava, abrindo a paisagem para um amplo cenario de cadeias montanhosas, dobras da terra cobertas de um branco acinzentado, como a pelagem de um *sharpei* velho. Um muro rustico de pedra corria ao lado da estrada - removidas as pedras grandes para tornar aravel o campo do outro lado, o muro era um mero subproduto, um lugar em que coloca-las. O campo era imenso, coberto de capim baixo, verde-amarronzado e improdutivo.

Kate viu a casa de fazenda de paredes brancas e telhado de ardosa preta, igual a todos os outros telhados da totalidade daquela nacaozinha sem acesso ao mar, uma casa que tinha bosques de carvalhos de ambos os lados, agora sem folhas, e que seria um lugar sombreado no verao. As terras a seu redor eram cortadas por uma serie de muros baixos e semidesmoronados de pedra, que pareciam a base de uma ruina romana, delimitando comodos gigantescos - saloes de banquete e passagens e saguoes grandiosos.

Ela reduziu a velocidade ate quase se arrastar, com uma olhadela pelo retrovisor para confirmar novamente que nao fora seguida. Em todas as direcoes, nao se via um so carro, caminhao ou trator; as venezianas de madeira estavam fechadas. Nenhum sinal de vida ou de habitantes nessa casa protegida, isolada no vasto campo aberto por sua fileira de guarda-costas lenhosos.

Nao havia espaco para estacionar na lateral da estrada, que caia precipitadamente em fundas valas de escoamento. A entrada de garagem passava por uma abertura estreita no muro de pedra e era

bloqueada por uma corrente, que Kate viu estar presa por um cadeado. Numa das colunas de pedra havia uma plaquinha esmaltada branca, com o numero 141 em preto. Decididamente, essa era a Rue des Pins, no 141, Bigonville, Luxemburgo. A sede da LuxTrade S.A.

Kate tinha parado por completo no meio da estrada. Nao havia como se demorar por ali, nao havia jeito de espreitar aquela casa nem seus habitantes ou suas visitas. Ela olhou em volta, a esquerda e a direita, a frente e atras: nenhuma area onde se esconder a menos de um quilometro, em qualquer direcao. Era impossivel espionar furtivamente aquela casa.

Era uma sede estranha para uma companhia com capital de 25 milhoes de euros. O que aquilo parecia era um esconderijo.

Havia uma duzia de maes na noitada das maes, sentadas em banquetas de bar em volta de uma mesa alta. Em menos de meia hora, quase todas estavam para la de bebidas.

Essa saida deveria tirar da cabeca de Kate aquela situacao impossivel. Alem disso, ela precisava manter uma fachada de vida normal. Isso fizera parte do seu treinamento, parte da sua carreira, parte dela mesma: houvesse o que houvesse, era preciso viver como uma pessoa normal. Fazer coisas normais, ver gente normal. Nao dar motivo a ninguem para questiona-la, investiga-la. Nao dar nenhuma resposta que alimentasse perguntas bisbilhoteiras depois de ela sumir. Nao criar nenhuma suspeita de que ela nao fosse quem dizia ser.

Os mexericos corriam soltos na mesa, infundados, maldosos. O marido de fulana estava tracando a secretaria. A baba de beltrana era a piranha da escola. Sabem aquela familia tcheca que parecia riquissima? Na miseria. E aquela texana vulgar e espalhafatosa com tres filhos? Esta fazendo tratamento de fertilizacao para ter o quarto.

Fulano de tal era isso e aquilo.

Kate nao conseguia parar de tentar montar o quebra-cabeca do que seu marido vinha aprontando. E

onde e que teria conseguido arranjar milhoes de euros senao fazendo exatamente o que o FBI suspeitava: roubando?

Quando nao havia ninguem prestando atencao, colocou discretamente 10 euros na mesa e se afastou como se fosse ao toalete. Mas se dirigiu a porta, pegou o guarda-chuva no suporte e saiu para a rua e a nevoa, para a luz eterea dos postes, para o chocalhar do rio que corria ali perto, cheio de neve derretida.

Havia um punhado de bares aglomerados nas imediacoes da ponte de Grund, cada um com seu microclima de fumaca e ruido, o som do jogo de rugby na televisao num deles, o de musica pop europeia em outro e o de adolescentes desleixadamente bebados num terceiro, onde uma placa proibia com clareza a entrada de menores de 16 anos - com isso atraindo todos os jovens de 16 anos da cidade.

Kate atravessou a ponte e entrou no longo e bem iluminado tunel escavado nas profundezas da rocha sobre a qual se erguia a *haute ville*; as paredes sem acabamento eram cheias de trabalhos artisticos inspirados em outras obras e havia um vago cheiro de urina, como em todos os tuneis urbanos, ate nas cidades mais bem cuidadas. Eram trinta metros de subida para seu bairro por cima dessa formacao rochosa - um bom exercicio, se ela subisse pela ladeira da Rue Large, mas nessa noite Kate nao queria se exercitar. Queria respostas, nao aerobica. Queria ficar em casa, a sos com seus pensamentos. Havia uma baba a quem pagar e liberar, e um marido jogando tenis com o agente

do FBI que o estava investigando. Que confusao desgracada.

Um pequeno grupo saltou do elevador que chegou: dois adolescentes, uma dupla de sujeitos com jeito de banqueiros, uma mulher desacompanhada, que olhou para Kate com uma especie de solidariedade.

Kate ficou sozinha no elevador, esperando que ele subisse. Ouviu passos no tunel, alguem se apressando. Pareciam de homem - batidas pesadas, passadas longas. Ela apertou repetidas vezes o botao, num gesto irracional e inutil, mas ao menos uma acao.

As portas se cerraram no momento em que o homem chegou e tentou introduzir o braco no espaco que se fechava, entre os paineis de aco, mas, por uma fracao de segundo, foi tarde demais.

O elevador era lento, roncava e gemia nos cabos. Kate saltou no plato de Saint-Esprit, o conjunto arquitetónico do governo, com os tribunais de justica, os orgaos de governo, a praca no centro de todas as construcoes ultralimpas, tudo bem iluminado, mas deserto, silencioso.

Ela se apressou pelo calcamento de pedra. Passou por uma boate, a batida da musica soando no interior, mas ninguem do lado de fora. Dobrou uma esquina e subiu para outra praca. Nessa havia um bar, uma fonte, um restaurante fino, um taxi parado. Um casal de meia-idade saiu do restaurante e entrou no taxi.

Kate deu uma olhadela para tras: ninguem. Atravessou rapidamente a praca e entrou numa rua de pavimento arrancado, onde o equipamento de construcao descansava em buracos fundos na terra.

Ouviu passos as suas costas.

Apressou-se, andando o mais rapido que podia. Correu por uma ou duas passadas, reduziu para a marcha acelerada, foi alternando as duas opcoes. Passou por um cruzamento com um movimentado restaurante italiano a direita e o palacio do grao-duque a esquerda e se deu conta de que estava prestes a passar sob as janelas dos Maclean.

A pessoa as suas costas era um homem, decididamente, e seus sapatos batiam depressa nas pedras, acompanhando o ritmo dela. Kate olhou para tras. Um casaco escuro, chapau de aba. Seria o mesmo homem do tunel? Idade e estatura indeterminados, escondidos na noite. Tudo indeterminado.

Ela olhou para o restaurante italiano e considerou uma entrada rapida, em busca de protecao. Porem continuou a andar, mais ligeiro. Passou por um restaurante chines e um bar, cortou caminho por uma ruela ingreme - o atalho mais curto para sua casa, porem, infelizmente, o mais sinistro - e desatou propriamente a correr, desajeitada e sem firmeza sobre os saltos altos nos paralelepipedos molhados e irregulares. Levou a mao a um muro de estuque, para nao cair. Arranhou os dedos na superficie aspera. Dobrou uma esquina a toda a velocidade, fincando o guarda-chuva no chao para ajuda-la a girar, toda a concentracao voltada para a frente, para casa, agora quase em disparada. Deu uma olhadela numa passagem escura e mudou de ideia.

Escondeu-se na passagem, que dava para a porta de entrada de um predio semelhante ao seu: mais uma estrutura medieval reformada a ponto de se tornar irreconhecivel, as paredes de pedra cobertas de argamassa, a madeira substituida, janelas de vidro duplo instaladas, chapas impermeabilizantes modernas colocadas em volta das chaminés.

Encostou bem o corpo na parede, esperando, escondida, calada.

Os passos ficaram mais altos, batendo ritmados nas pedras, e veio o som de um escorregao na ladeira ingreme, e entao ele estava quase chegando, a tres segundos de distancia, depois dois, depois...

Kate girou o corpo para se afastar da parede e entrar na rua estreita, braco direito levantado, o impulso do giro ajudando-a a solta-lo com o maximo de velocidade, a mao direita bem esticada na horizontal, num movimento firme, e, quando a mao fez contato com o pescoco do homem, ela sustentou a cutelada, vencendo a resistencia da carne e dos ossos.

O homem tombou de joelhos, levando as maos ao pescoco, lutando para respirar. Kate segurou o guarda-chuva com as duas maos e o girou, de forma que a curva do cabo de madeira ficasse voltada para fora no golpe que acertou o sujeito no dorso da cabeca, bem no meio, jogando o homem de cara nos paralelepipedos e, provavelmente, quebrando seu nariz.

Kate ajoelhou ao lado dele e confirmou que estava inconsciente, mas vivo. Notou que nao usava chapau. Esse nao era o homem que estivera no seu encalco, trinta segundos antes.

Examinou o bolso interno do paletó dele e pegou sua carteira. Acabara de nocautear um advogado suico que morava no seu quarteirao.

Hoje, 16h57

Faz muito tempo que Kate nao porta uma arma, passando pela policia e pelas cameras de seguranca e tentando nao ficar nervosa.

E uma sensacao conhecida, como uma lesao antiga que se agravasse.

Olha para a tela pendurada no alto da plataforma do metro. O proximo trem da Linha 12 com destino a La Chapelle deve chegar dentro de um minuto e o seguinte, em quatro minutos. Vai esperar o segundo. Precisa estar no trem da Linha 12 que chegue as cinco horas ou depois.

Corre os olhos pela plataforma. Brinca com a ideia de tentar descobrir quem e a pessoa que a esta seguindo, mas nao faz sentido. Compreende a precaucao deles. Precisam ter certeza de que ela mesma nao esta sendo seguida e de que nao esta mancomunada com nenhuma pessoa execravel, ou com ninguem, a rigor. E que nao esta tentando escapar de alguem ou de alguma coisa. Portanto, nao importa quem a esteja seguindo.

Folheia as paginas da *Paris Match*, com fotografias de todas as pessoas que espera encontrar nas paginas da revista.

Antigamente, ela desconfiava que os mexericos franceses sobre as celebridades seriam diferentes da versao americana. Agora, depois de um ano morando na Franca, sabe que nao sao.

O segundo trem vem mais cheio que o primeiro, o numero de usuarios crescendo devido a virada da hora. Nao ha lugar para Kate se sentar. Ela se encosta na parede perto de uma porta, equilibrando o peso do corpo, e comeca a se inquietar.

Agora nao consegue evitar: quer saber quem a esta seguindo. Examina o sortimento normal de pessoas encontraveis num vagao de metro das cinco horas. Ninguem sustenta seu olhar por muito tempo e ninguem o evita claramente. Pode ser qualquer uma dessas pessoas. Pode nao ser nenhuma.

O trem faz uma parada em Solferino e nao ha grandes modificacoes. Depois, Assemblee Nationale. Nada, ainda. Em seguida, Concorde: a composicao entra devagar nessa estacao ampla e movimentada, de plataforma repleta, onde os passageiros a espera andam em direcao ao trem ainda em movimento. Kate ouve uma voz masculina, baixa e grave, no instante em que as portas se abrem:

- Faca a transferencia aqui. Va para o Beaubourg, para o cafe da cobertura.

A porta esta aberta e ela sai.

Nem chegou a olhar para o homem que lhe deu as instruções; nem sequer tentou. Ele já se afastara no momento em que seu último som ainda pairava no ar, decidido a ser um sopro de sussurro na barulheira da multidão.

Kate percorre o caminho para a baldeação, sobe e desce escadas, faz curvas, passa por longos túneis que se fundem com outros mais compridos, até que finalmente se vê na plataforma quando o trem da linha 1 entra na estação, abarrotado nessa linha que é a mais central, com multidões de fim de expediente fluindo para os vagões a cada uma das cinco paradas incomodadas, gente empurrando e se apressando, até Kate se deixar levar pela massa densa, um efluxo humano, na estação Hotel de Ville.

Esta na rua, caminhando para longe do rio, quando a gigantesca estrutura do Centro Pompidou avulta a sua frente, sem aviso, em cores primárias e aço cintilante contra o luminoso céu azul de fim de tarde.

Kate paga seu ingresso e entra num elevador, a única passageira.

Sabe circular por esse museu. É um dos lugares que costuma frequentar com Dexter, para visitar uma nova exposição durante uma hora, antes do almoço no restaurante da cobertura, de onde se tem a melhor vista de toda a margem direita do rio Sena.

Entra no restaurante, cumprimenta a garçonete com um aceno da cabeça e vai para a mesa de canto no extremo oposto. Há uma garrafa de água mineral na mesa, dois copos, um cliente.

Uma mulher de outra mesa lhe lança uma olhadela rápida e torna a se virar para sua xícara de café. O homem que a acompanha examina as unhas. Equipe de reforço.

A pulsação de Kate acelera. Ela tem uma consciência fugaz da pistola que traz no compartimento secreto no fundo de sua bolsa e das outras armas escondidas, espalhadas por bolsas e coldres pendurados no ombro, ali em cima, nesse restaurante refinado, sob paletos de corte largo, talhados para ocultar as armas sempre presentes.

Hayden se levanta para lhe dar um beijo, face roçando face, e a barba por fazer de fim de tarde arranha a pele de Kate, ressecada pelo longo verão ao ar livre e por seu desprezo geral pelos filtros solares. O hálito dele recende a café e a bala de hortela.

- Outro museu - comenta Kate, sentando-se. - Você é um grande fã das artes, não é?

- É uma das minhas principais razões de morar na Europa.

- Sim.

- E a sua, qual é?

- A aventura.

- Ah. É claro. Todos *adoramos* aventura, não é?

Hayden lhe serve um copo de água, cujas borbulhas sibilam baixinho. Ele dá o mais ínfimo dos sorrisos irônicos, dos quais parece possuir uma variedade infinita.

- Muito bem. Você mencionou alguma coisa sobre um dinheirinho roubado.

Kate bebe um gole d'água, acalmando-se, preparando-se para ser firme, sem hesitação. Para não se deixar manipular, não se deixar tapear.

- Sim - responde.

Descansa o copo na mesa e volta os olhos para Hayden.

- Mas quero uma coisa em troca.

Ele balanca a cabeça, assentindo.

- Duas coisas, na verdade.

✕

A porta tinha a identificacao registre de commerce et des societes, num pequeno predio comercial novo, numa rua em que Kate nunca tinha entrado nem pensado em entrar. Uma mulher sentava-se atras de uma escrivaninha, de um computador e de um par de oculos angulosos, com armacao magenta.

Kate havia decorado novas palavras do vocabulario e verificado as conjugacoes verbais. Levava ate um dicionario de bolso, no bolso, e claro. Esperava muita linguagem desconhecida no registro nacional de empresas. Mas, depois de sua primeira frase em frances, a mulher respondeu diretamente:

- E claro. Qual e o nome da empresa, por favor?

- LuxTrade.

A mulher digitou e pressionou com autoridade a tecla enter.

- O presidente e diretor geral - disse - e *monsieur* Dexter Moore.

- Ha alguma coisa que a senhora possa me dizer sobre a companhia?

- Ela e descrita como uma empresa de investimentos no mercado financeiro.

- Quando foi fundada?

- Nao sei.

- Desculpe-me, eu queria dizer: quando foi registrada aqui em Luxemburgo?

A mulher olhou para a tela:

- Outubro retrasado.

- Obrigada. Ha mais alguma informacao que a senhora possa me dar?

- Nao ha mais nada.

Kate deu meia-volta para se afastar, parou e se virou outra vez: - A senhora quis dizer "outubro passado", tres meses atras, nao foi?

- Nao, senhora. A LuxTrade foi registrada em Luxemburgo ha quinze meses.

Quinze meses? Isso tinha sido um ano antes de eles se mudarem para Luxemburgo. Tinha sido na ocasio em que Dexter deixara o emprego no banco para trabalhar como autonomo. Aparentemente, era quando ele havia iniciado o plano de roubar uma quantia imensa em dinheiro e esconde-la em Luxemburgo. Quinze meses.

Kate foi caminhando aturdida para a garagem do shopping pela avenida JFK, larga e veloz, cercada por predios comerciais de vidro e aco e por carros de vidro e aco, formas e tamanhos diferentes de embalagens da vida humana, uma pedestre numa via nao feita para pedestres. Caminhando contra o vento duro e frio, doloroso quando soprava.

O bulevar era ladeado por escritorios bancarios, sociedades anonimas e companhias limitadas, as diferentes configuracoes disponiveis para proteger de impostos e processos judiciais os lucros obtidos. Havia guindastes e escavadeiras por toda parte, novas construcoes de arranha-ceus comerciais em volta do novo museu de arte, do novo teatro de opera, do novo centro de esportes, de

todos os novos espaços públicos financiados pelos míseros impostos incidentes sobre o dinheiro novo que achava o caminho dali, todos os dias, para se esconder. Como os 25 milhões de euros da

LuxTrade.

Kate subiu a escada e entrou no centro comercial de vidro e aço, passando alguns segundos entre gente viva e pulsante antes de descer sozinha no grande elevador de vidro e aço, sem outra pessoa a vista.

Dexter tinha registrado a LuxTrade, uma empresa de investimentos - seria mesmo? -, ali em Luxemburgo, fazia quinze meses. Como era possível?

Kate ouviu pneus cantando, o zumbido de um motor, uma batida de porta.

Caminhou dentro da faixa pintada que demarcava a trilha para pedestres, seguindo as regras, olhando em volta, escutando.

Num ponto distante, o som estridente de um carrinho de compras sendo encaixado numa longa fila de outros.

Kate andou em direção ao ponto em que julgava estar seu carro. Ouviu passos, não muito longe, mas não viu ninguém. Descartou o medo que passou em disparada por seu cérebro, mas pensou melhor e aceitou o temor. Olhou outra vez em volta, com mais cuidado, os ouvidos atentos a outros ruídos, de preferência sons normais e reconfortantes, mas também os anormais e assustadores.

Era um estacionamento em Luxemburgo, ao meio-dia. Mais seguro que quase qualquer lugar em Washington, a qualquer hora de qualquer dia. Para não falar de todos os outros lugares perigosos em que ela havia passado a maior parte da carreira.

Levava a chave na mão, os olhos correndo de um lado para outro. Ouviu passos e uma mala fechando, um carro acelerando na subida da rampa, o tilintar de um carrinho de compras com uma roda bamba, e então viu - graças a Deus - seu carro. O estalido das portas sendo destrancadas, seu coração em disparada, ela atrás do volante. Ligou a ignição, engatou a marcha, soltou o freio de mão e acelerou, para tratar de cair fora dali, e sentiu o medo ser superado pela vergonha - como podia ter tanto medo do estacionamento Auchan? Baixou o vidro para inserir o ticket de estacionamento no aparelho, a cancela subiu, e ali estava a rampa ascendendo para a luz do dia, saindo para a...

Um farfalhar, um movimento e uma voz no banco traseiro, um grunhido grave.

- Vire na próxima à direita - ordenou ele.

Kate considerou suas alternativas. Podia meter o pé no freio, abrir a porta e pular para fora do carro, correr pelo meio da rua e chamar a polícia.

Ou se recusar a ir a qualquer lugar, até que ele se explicasse.

Ou enfiar a mão na bolsa, no banco do carona, sacar a Beretta, virar-se para trás e meter umas balas nesse agente do FBI.

Ou podia ouvir o que ele tinha a dizer.

- Para onde vamos?

Bill não respondeu, sentado no meio do banco traseiro, olhos grudados nela pelo retrovisor.

Kate fez a curva com o carro, conforme as instruções, depois tornou a virar, contornando a

monstruosa rotatoria com a escultura de aco no centro. Alguem tinha dito que era uma obra de Richard Serra, mas isso nao fazia muito sentido para ela. Parou o carro onde foi mandada, algumas dezenas de metros depois do circulo de trafego, ao lado de uma faixa estreita de jardim de um parque publico, uma ladeira comprida com bancos e postes de iluminacao, e um senhor idoso passeando com um caozinho.

- Vamos saltar - disse Bill.

Ele a conduziu a um banco proximo. Era um local escancarado, totalmente publico; seria dificil imaginar que nao fosse seguro. A ideia, Kate tinha certeza, era essa.

Bill sentou-se. Kate pensou em se dirigir a um banco diferente, escolhido ao acaso, nao de forma premeditada. Mas esse *fora* escolhido ao acaso, nao? Estava comecando a ficar dificil separar suas decisoes das que eram tomadas por outras pessoas, em lugar dela, mas em beneficio proprio.

Passou um carro, logo atras de outro. Um deles parecia ser o da Amber. Kate ja estivera nessa rua, passara por esse parque. Todos dirigiam por essa rua.

- Vao pensar que estamos tendo um caso - comentou Kate.

Sentou-se ao lado de Bill nas tabuas frias da madeira tratada.

- Seria melhor do que a verdade.

Um carro conhecido chegou. Kate ficou tensa, o pensamento atraido pela arma em sua bolsa. Julia desceu do automovel, andou ate o banco e se sentou do outro lado de Bill.

- Oi, Kate.

Aquele meio sorrisinho tenso de pessoas que se cumprimentam num funeral.

Kate nao disse nada.

- Voce acha que uma bichinha como o Kyle Finley poderia entrar nos arquivos conjuntos do FBI e da Interpol sem que ninguem soubesse? - perguntou Bill. - Sem que ninguem alertasse os agentes de campo?

Kate olhou para ele, depois para Julia, novamente para Bill. Compreendeu entao que os dois a estavam confrontando e que poderia obter informacoes deles. O que tinha de fazer era nao fornecer nenhuma.

- Aonde voce quer chegar?

- Escute - disse Bill. - Nao ha maneira facil de prepara-la para isto.

Kate riu.

- Acho que voce ja esta preparada. Pois entao, la vai: Kate, seu marido e um ladrao.

Kate se surpreendeu com sua surpresa ao ouvir a afirmacao abertamente, feita pelos proprios investigadores. Foi um raro momento de clareza, de certeza. Se nada mais acontecesse ali, pelo menos ela ja teria a certeza de que esse homem acreditava no que acabara de dizer.

- Diga-me o que voce acha que sabe.

- Ate onde posso dizer, ele cometeu o primeiro crime no ultimo verao, quando voces moravam em Washington. Roubou 1 milhao de dolares, desviando uma transacao eletronica.

Kate nao reagiu.

- Houve alguns sinais na trilha eletronica - continuou Bill -, pistas de que o dinheiro roubado tinha ido para Andorra, mas de que o furto fora praticado de um computador nos Estados Unidos. Assim, começamos a examinar o perfil dos americanos que chegavam ao aeroporto de Barcelona, o mais proximo de Andorra, que nao tem nenhum.

- Nenhum o que? - perguntou Kate, ganhando uma pausa na historia, para poder recordar o verao anterior, a viagem de Dexter a Barcelona, avisada de ultima hora...

- Aeroporto - respondeu Bill. - Andorra nao tem aeroporto. Assim, quatro dias depois do desvio do dinheiro, um dos americanos que chegaram a Barcelona veio a ser o homem que era um dos principais especialistas do *mundo* inteiro no campo de seguranca em transacoes eletronicas.

Kate cruzou os bracos.

- Esse homem alugou um carro para seguir viagem de Barcelona, um trajeto de tres horas, e regressou no dia seguinte. Automovel caro. Sabe onde ele foi?

Kate deu uma olhada para Julia, que a observava atentamente.

- Esse homem levou esse carro alugado para Andorra por um dia, depois voltou para o aeroporto e para casa, nos Estados Unidos. Em seguida, comprou passagens de aviao para Frankfurt. Quatro passagens aereas: dois adultos, duas criancas. Pos a casa para alugar. Colocou o carro a venda. E a mulher dele? Pediu demissao do emprego.

Kate olhou nos olhos de Bill e viu que ele sabia quem ela era, o que fazia. O que fizera no passado.

Olhou para Julia. Ambos sabiam.

- O que lhe parece? - perguntou Bill.

Kate desviou o rosto e observou um trio de carros descendo a ladeira. O transito havia aumentado, na rua ja movimentada.

- Parece um criminoso em fuga - ele respondeu a propria pergunta. - Ja tinhamos uma equipe investigando o roubo do milhao de dolares, mas entramos em contato com a Interpol e transformamos a coisa numa operacao conjunta, para podermos seguir o suspeito na Europa, com plena autoridade e acesso. Nos...

- Por que?

- Por que o que?

- Por que voces o seguiram? Ele roubou... quanto e que voces alegam: 1 milhao de dolares? Ha sempre alguem roubando 1 milhao de dolares. Por que isso justificava seguir uma pessoa no exterior?

- Porque nao conseguimos descobrir como foi que ele agiu.

Kate nao entendeu. Percebeu que estava deixando escapar alguma coisa. Balançou a cabeca.

Julia interveio:

- Ja que nao conseguimos saber *de que modo* ele tinha agido, tambem nao podiamos descobrir o que o impediria de agir de novo. De roubar *qualquer* soma em dinheiro, a qualquer momento em que alguem fizesse uma transferencia em qualquer parte do mundo.

Ah. Isso certamente justificava a montagem de uma operacaozinha secreta modesta.

- E foi exatamente o que aconteceu - disse Julia, inclinando-se para a frente. - Em novembro... no dia de Acao de Gracias, na verdade. Lembra-se do seu dia de Acao de Gracias, Kate?

Kate fuzilou essa mulher com os olhos. Essa destruidora de lares.

- Aposto que voce ficou bem zangada. Seu marido se ausentou numa viagem *de negocios* - falou, desenhando as aspas no ar. - Ele lhe disse que ia sozinho?

Kate nao ia revelar nada. Esfregou as maos para aquece-las. Parecia estar ficando mais frio a cada segundo.

- Bem...

Julia encolheu os ombros. Enfiou a mao na bolsa e puxou um envelope grande de papel pardo. Tirou alguma coisa de seu interior, documentos, talvez.

- Ele esteve em Zurique - prosseguiu, jogando a pilha para Kate. - Com outra mulher.

Kate pegou a pilha de fotos instantaneas, anotadas a caneta, com rabiscos de datas, locais e nomes.

Dexter com homens de aparencia suspeita num cafe em Sarajevo. Dexter em bancos de Andorra e de Zurique. Dexter numa boate em Londres, com uma mulher lindissima. Kate virou essa foto e viu a data e o nome no verso: Marlina.

- O que e isso? - perguntou, lutando para manter a compostura, para nao desmoronar nesse exato momento, completamente e, quem sabe, em carater permanente.

Nao havia esperado que a tal Marlina fosse do quilate das supermodelos.

- O que e que isso prova?

- Cada uma dessas fotos prova uma coisa diferente. Juntas ela compoem a verdade.

Kate nao conseguia tirar os olhos de uma foto de Zurique, de junho do ano anterior: Dexter num balcao de joalheria, inclinado sobre o vidro, parado ao lado daquela linda criatura, sorrindo para ela. Marlina. E atras dessa foto havia mais cenas de Zurique: Marlina e Dexter entrando e saindo de um saguao de hotel, do elevador do hotel. Fazendo uma refeicao no salao de jantar. Tomando *cafe da manha*. E depois, em Londres, num restaurante, na escada de uma casa de vila revestida de tijolos pintados de branco.

Kate balancou a cabeça:

- E possivel fazer qualquer coisa com Photoshop.

Nao esperava que ficasse tao enciumada, tao inquieta.

- Com uma impressora decente, qualquer um pode fabricar qualquer historia.

Seu celular estava tocando: Claire. Ela apertou o botao ignorar.

- Pode ficar com essas copias - disse Julia, ignorando solenemente a objecao de Kate, que seria ignorada de qualquer forma. - Compare-as com as anotacoes de sua agenda. Seus e-mails, contas telefonicas, o que for. Voce vera que o Dexter *sempre* esteve nos lugares em que dizemos que estava.

Abrindo contas bancarias, uma atras da outra, contas numeradas por toda a Europa. E se encontrando com essa mulher.

- Voces poderiam ter montado tudo isso depois das viagens dele - retrucou Kate.

Estava lutando para não acreditar que Dexter vinha levando uma vida dupla de criminoso, com outra mulher que morava em Zurique ou Londres. Não era uma conclusão totalmente inevitável, mas chegava bem perto disso.

- E, quando estive em Zurique - prosseguiu Julia -, ele repetiu a dose. So que, dessa vez, roubou 25 milhões de euros.

O rosto de Bill se sobressaltou, com um rápido franzir do cenho, um espremer dos olhos.

- Quanto? - perguntou Kate.

Lembrou-se de se fazer de surpresa, tentou estampar a surpresa no rosto.

- Isso mesmo, 25 milhões - repetiu Julia.

A boca de Bill se abriu ligeiramente e os olhos correram para o lado. Mas, em seguida, ele fechou a boca e tornou a fitar Kate.

- Isso é muito dinheiro - disse Kate, embora não fosse tanto quanto Kyle dissera ter sido roubado.
- De quem ele o roubaria?

- De um traficante de armas servio.

Kate baixou os olhos para a fotografia que continuava a segurar. A sensacional Marlena. Mais 25 milhões de euros. Difícil competir com isso.

Afastou essa ideia.

- Quem *são* vocês, afinal? - perguntou.

- Você sabe quem somos.

- São do FBI, trabalhando com a Interpol?

Julia fez que sim.

- Vocês são a forcatarefa de alto nível para crimes cibernéticos. Seguiram meu marido até Luxemburgo, porque ele é suspeito de ter roubado 25 milhões de euros em novembro do ano passado, mais 1 milhão de dólares no verão anterior.

- Correto.

- E é crucial apanhá-lo, porque vocês não fazem ideia de como detê-lo.

- Sim.

- Por que estão me contando tudo isso?

Nenhum dos dois respondeu, à espera de que Kate tirasse a conclusão. Ela olhou de um para outro e entendeu que tivera razão. Entendeu o que estavam tentando fazer.

O telefone voltou a tocar, era Claire de novo. Podia ser alguma coisa importante. O que *não era* importante? Kate atendeu:

- Oi.

- Kate? Esta tudo bem?

- Ahn... - Que pergunta! - Hum...

- Seus filhos são os últimos na escola. Todas as outras crianças já foram embora.

Merda! Kate olhou para o relógio: quinze minutos depois da hora de buscar os meninos.

- Mil desculpas - disse, desculpando-se com a pessoa errada e se levantando.

Nesse momento compreendeu todo o trânsito recente na rua: eram as mães saindo do shopping para buscar os filhos.

- Obrigada por me telefonar, Claire. Eu chego aí em cinco minutos.

Pos o telefone no bolso.

- Tenho que buscar meus filhos.

Julia meneou a cabeça, como se estivesse lhe dando permissão, o que deixou Kate furiosa. Ela virou as costas e se afastou, em direção ao carro e ao resgate dos filhos, com a cabeça rodando, num turbilhão que ia se formando em torno de uma nova premissa. Um novo plano.

✕

Kate acordou as duas horas da madrugada. Por alguns minutos, tentou voltar a dormir, mas logo percebeu que não conseguiria e nem queria. Desceu pe ante pe, de penhoar e chinelos, no apartamento frio e silencioso que ecoava segredos, sem jeito de lar. Olhou pela janela para o abismo escuro do vale profundo, as luzes da rua, um ou outro carro que passava em excesso de velocidade pelas geladas ladeiras sinuosas.

Ligou o computador e recomeçou a abrir arquivos. Os mesmos que abrira antes, fazia apenas uma semana. E vasculhou as páginas das contas bancárias do casal na web, de novo. Não havia encontrado nada na semana anterior. Não encontraria nada nessa noite. Mas era isso que faria uma esposa desconfiada, quando o marido suspeito estivesse dormindo. Era o que tinha de fazer. O que tinha de ser vista fazendo.

As quatro horas, fechou o computador. Pegou uma caneta hidrocor de ponta grossa e fez letras grandes, faceis de ler, para escrever um bilhete curto, que levou consigo para cima. Deu uma espiada nos meninos, como sempre fazia ao passar pelo quarto deles durante a noite. Observou-os por um minuto em seu sono, imersos em sua inocência.

Voltou para o quarto e acendeu uma lampada de leitura na mesa de cabeceira. Parou junto a cama, olhando para o marido. Ele estava com a respiração pesada e a boca entreaberta, num sono profundo.

Cutucou-o.

Dexter acordou pestanejando, confuso, olhando para o pedaço de papel que a mulher segurava diante de seu rosto:

Silencio. Vista o casaco e desca comigo para a sacada.

Dez horas depois, Kate subiu os degraus da entrada de lajotas e levantou três dedos para o maitre: - *Trois, s'il vous plait.*

O homem a conduziu pela área de penumbra do bar até o salão mais iluminado, ao fundo.

Era ali que Kate e Dexter haviam jantado na noite em que assinaram o contrato de aluguel do apartamento. Uma comemoração, com os meninos dormindo aos cuidados do serviço de babas do hotel.

Podia mesmo ter sido menos de seis meses antes? Fazia calor na ocasião. As mesas da parte externa ocupavam os dois lados da rua de paralelepípedos, numa pracinha sob uma árvore frondosa, empoleirada na borda de um penhasco, com uma vista magnífica. Kate e Dexter tinham jantado a uma mesa coberta de branco, a luz do crepúsculo, a rua salpicada de gente jovem em trajes de trabalho, segurando copos, fumando.

Depois do jantar, Dexter segurara a mão de Kate e fizera cocegas em sua palma. Ela se encostara no marido, experimentando a sensação calorosa de seu casamento, a promessa de sexo.

Isso tinha sido no verão no norte da Europa. Nenhum dos dois havia especulado sobre como estaria o local no rigor do inverno.

Kate deslizou para o assento da janela, sentando-se de lado, meio de frente para a paisagem - começava a nevar -, meio voltada para o salão com ar de boate, papel de parede sombrio, arandelas com cúpula, moveis pesados e escuros, tudo obliquamente iluminado pela luz prateada do dia sem

sol. Pos a bolsa a seu lado no banco, pesada com o fardo da Beretta.

Como de costume em Luxemburgo, a garconete depositou os cardapios na mesa dizendo "por favor". *Wann ech gelift.*

Quase todas as mesas estavam ocupadas por homens, aos pares ou em grupos de quatro, de paletó e gravata. Do outro lado do salão, uma mulher sentava-se sozinha. Jogou o cabelo para trás e deu uma olhada em volta, tentando não só chamar atenção, mas também monitorar qualquer atenção que conseguisse atrair. Uma manobra que só seria tentada por uma moça solteira e sem atrativos.

Todos se portavam como manda o figurino.

Julia e Bill pararam diante da porta, de cara amarrada.

A própria Kate tinha que sustentar seu papel, ser fiel a seu personagem.

- Olá - Julia a cumprimentou, pondo o casaco numa cadeira vazia. - E então, você queria falar conosco?

Portava-se como se aquilo fosse uma reunião de negócios para resolver um problema persistente.

A garconete pairava por perto. Eles pediram a bebida. Quando a moça já não podia ouvi-la, Kate disse, em tom categorico:

- Vocês estão errados.

Julia assentiu, como quem concorda com uma ótima ideia, uma proposta para um piquenique à margem do lago num dia claro de primavera:

- O problema, Kate - sorriu de forma condescendente -, é que não podemos localizar nenhum registro de contrato de trabalho do Dexter com nenhum banco.

Kate ficou surpresa com a irrelevância desse detalhe administrativo. Ainda visualizava o contrato de trabalho em questão, guardado naquele arquivo de aparência inofensiva sobre o refinanciamento da hipoteca. Mas então lhe ocorreu a lembrança do funcionário da embaixada dizendo que as autoridades americanas deveriam ter recebido uma cópia do visto de trabalho de Dexter, fornecida por seu empregador. Aquilo não era um pequeno detalhe administrativo: era parte das provas deles.

- O trabalho do Dexter é confidencial - disse Kate, contribuindo com seu próprio argumento irrelevante.

- Também não há registro - prosseguiu Julia, como um trem de carga começando a rodar - de como é gerada a renda dele. Verificamos sua conta bancária, e claro. Digo, sua conta bancária *normal*, a que vocês abriram no nome dos dois, com cartões de crédito e cartões de saque e extratos enviados ao seu apartamento. Por isso, podemos ver a renda entrando e as despesas saindo regularmente. Mas o que não conseguimos ver é *de onde* vem a receita.

Julia fez uma pausa, olhos cravados em Kate, deixando a informação ser assimilada, antes de esclarecer:

- As transferências são feitas de uma conta numerada. Sem nome, anônima.

- Parece que essa é a ideia do sistema bancário de Luxemburgo, não? Sigilo.

- Você conheceu algum colega dele? - perguntou Julia, continuando a ignorar a participação de Kate na conversa. - Algum dia já viu o contrato de trabalho do Dexter?

Era a primeira alegação que Kate podia refutar. De fato tinha visto esse contrato, um documento

sucinto, sem maior destaque, que o marido havia escondido dentro de uma pasta com uma etiqueta enganosa. Mas permaneceu calada.

- Já viu algum contracheque? Ele recebeu alguma coisa do patrão pelo correio? Preencheu algum papel? Formulários de seguro de vida?

✕

Kate olhou para a mesa antiga e desgastada. E claro que o contrato poderia ser falso. *Era* falso.

- Algum cartão de visitas? Um cartão de crédito empresarial? Um cartão magnético para entrar no escritório?

A garçonete serviu as bebidas, produzindo baques altos na mesa: duas Cocas light e uma cerveja, depositadas no tampo de madeira descoberto.

- Você já viu alguma coisa, *qualquer* coisa, capaz de provar... nem digo provar, isso seria demais... capaz de *indicar* que seu marido trabalhe para alguma empresa?

Julia pegou seu refrigerante e tomou um gole. Não deu seguimento ao ataque.

- E uma coleção e tanto de provas circunstanciais - disse Kate.

- As provas circunstanciais podem não ser suficientes para uma condenação, mas quase sempre bastam para revelar a verdade. Não é?

- Provas circunstanciais para respaldar acusações incabíveis.

- Respalda conclusões inevitáveis, na verdade - retrucou Julia, que fitava Kate com firmeza e completa convicção, procurando transmitir sua certeza para o outro lado da mesa.

Kate desviou os olhos e contemplou pela janela a neve rodopiante.

- O que vocês *querem*? - perguntou. - De mim.

Após um longo silêncio, Julia respondeu, dizendo exatamente o que Kate esperava: - Queremos que você nos ajude.

- Dexter.

Ele levantou os olhos do tira-gosto que ia espetando com o garfo, uma coisa qualquer com molho de não sei que. Esse era tido como o restaurante mais requintado do país. O *chef* tinha recebido o prêmio mais prestigioso do mundo. Isso fazia muito tempo, mas, ainda assim...

- Eu sei - disse Kate.

Seu corpo inteiro formigava, arrepiava-se de ansiedade. Seria uma conversa difícil, com muita coisa em risco.

- Sabe o que? - perguntou ele, pondo na boca o alimento não identificado.

- Sei que você não é consultor de segurança.

Dexter a encarou, mastigando seu ovni devagar:

- Não sei se entendi o que você quer dizer.

- Sei da conta bancária secreta.

Ele parou de mastigar por um momento, depois recomeçou, com ar pensativo.

Kate mordeu a lingua. A bola estava com ele e ela esperaria. Dexter engoliu. Pegou o guardanapo no colo e limpou os cantos da boca.

- O que voce acha que sabe? - indagou.

- Nao tente negar.

A frase soou um pouco mais agressiva do que ela pretendia.

- Quem andou lhe dizendo o que, exatamente?

Havia amplo espaco entre as mesas. Ali eles tinham privacidade, mesmo em meio a uma aglomeracao de pessoas em trajes formais, gravatas e ternos escuros, perolas e bolsas de couro.

- Ninguem precisou me dizer. Eu descobri a conta com os 25 milhoes de euros, Dexter.

- Nao, nao descobriu - disse ele, devagar e com calma, munindo-se de forca. - Porque ela nao existe. Nao tenho uma conta com 25 milhoes de euros.

✕

Kate o encarou com sua mentira e Dexter retribuiu o olhar.

- Quem falou com voce, Kat?

Ela deu um resmungo.

- Quem?

- Bill e Julia. Eles sao do FBI, emprestados a Interpol.

Dexter pareceu pensar nisso.

- Eles vieram para ca, para Luxemburgo, atras de voce, Dexter. E uma grande operacao, para um grande crime, e voce e o suspeito.

Um par de garcons aguardava com os pratos na mao. Pousaram a louca branca na mesa e, de forma sincronizada, ergueram as redomas de prata que a cobriam. Um dos garcons explicou o prato, no que talvez fosse ingles, ou possivelmente suaili. Kate nao prestou a menor atencao.

- Voce roubou esse dinheiro, Dexter?

Ele a encarou.

- Dex?

Ele baixou os olhos para o prato e apanhou o garfo:

- Depois que comermos isto - disse -, vamos dar um pulo ao toalete.

Dexter trancou a porta:

- Mostre que nao esta usando escuta.

Kate o encarou, mas nao disse nem fez nada.

- *Mostre.*

- Voce nao vai fazer isso.

- Tenho que fazer.

Kate se surpreendeu com a sensacao invasiva disso. Mas, e claro, era o que alguem como ele

faria.

Portanto, era o que Dexter tinha de fazer.

Ela tirou a blusa. Fazia muito tempo que não era revistada. E lá estava isso acontecendo duas vezes na mesma semana. Abriu o zíper da saia, deixou-a cair, pisou fora dela. Dexter apalpou o forro, o zíper. Não reconheceria um grampo de escuta nem se ele estivesse diante de seu nariz.

O marido lhe devolveu as peças de roupa.

Nos últimos tempos, os transmissores podiam ser qualquer coisa, de qualquer tamanho, instalada em qualquer lugar. O que ela estava usando, por exemplo: um disquinho afixado à base de seu relógio de pulso. O presente que Dexter lhe dera, fazia apenas duas semanas, na manhã de Natal nos Alpes, primorosamente embrulhado em papel xadrez em tons terrosos, com uma sobria fita de seda, pelo joalheiro da Rue de la Boucherie. O relógio produzido na Suíça, transportado de caminhão para um distribuidor na Holanda, buscado num furgão pela boutique de Luxemburgo, depois levado de avião por Dexter de volta à Suíça, para ser desembulhado por Kate na França, a 50 quilômetros de onde fora fabricado, e de novo levado de avião à Luxemburgo, onde, no banheiro masculino de um pequeno restaurante no centro da cidade, fora aperfeiçoado por um agente secreto do FBI, para depois passar despercebido a um semicriminoso americano, ali, naquele momento, num toalete de paredes revestidas de papel prateado.

Kate começou a fechar o zíper e a abotoar a roupa.

Dexter abriu a bolsa dela e a vasculhou: batom e pó compacto e celular, canetas e chaves e um pacotinho de chiclete e sabe-se lá o que mais, tudo possivelmente gravando ou transmitindo.

✕

✕

Impossível liberar por completo aquela bolsa, num exame tão superficial.

Kate deixara a Beretta no apartamento.

- Vou por sua bolsa no carro - avisou Dexter. - Encontro você na mesa.

Ela saiu do toalete para o corredor aos tropeços. Equilibrou-se na parede antes de dar outro passo no carpete felpudo.

A coisa era muito mais difícil do que ela havia esperado. Já estivera em situações parecidas. Mas nunca com o marido. Por muitas razões, tinha achado que seria mais fácil desta vez.

Tentou manter a compostura. Tomou um gole de vinho, depois um gole de água. Limpou a boca no guardanapo, brincou com o garfo, massageou a ponte do nariz.

Dexter voltou ao salão do restaurante:

- Desculpe, eu não queria fazer aquilo.

Os garçons depositaram imensas tigelas brancas na toalha alva. O prato de sopa. Algumas colheradas de líquido, encimadas pelo que parecia ser carne de lagosta.

- Você entende que fui obrigado?

Kate fitou a sopa.

- Em primeiro lugar - disse Dexter -, não sei nada sobre 25 milhões de euros.

Como haviam combinado na noite anterior, ao elaborarem o roteiro desse dialogo em sua sacada fria, haveria tres grandes mentiras em sua conversa. Essa era a primeira.

- E, na verdade, nao roubei dinheiro algum de ninguem.

Era a segunda.

- Mas admito que nem tudo e inteiramente legal na forma como venho ganhando a vida.

- Entao voce nao e consultor de seguranca?

- Nao, nao sou mais. Eu especulo no mercado de acoes. Fazia uns anos que vinha experimentando, era um passatempo. E ai, ha um ano e meio, tive uma sequencia de sucessos e estava farto do meu trabalho e... desculpe, Kate... eu pedi demissao.

Um cumim retirou os pratos, alisou a toalha e se afastou.

- Entao o que voce faz que e ilegal?

- Eu invado computadores de empresas para ter acesso a informacoes privilegiadas. E as uso para garantir o lucro das minhas transacoes.

Essa era a terceira mentira, dita com firmeza e calma. Boa encenacao.

Um garcom se aproximou para averiguar se estava tudo bem. Pergunta ridicula.

- Quanto voce ja ganhou?

- Uns 600 mil euros com essa, ahn, atividade.

Kate deu-lhe um sorrisinho, um aceno encorajador com a cabeça. Os dois minutos anteriores tinham sido a parte mais dificil da conversa, o maior desafio da encenacao. Dexter se saiu bem. O resto seria muito mais facil. Muito mais proximo da verdade.

Cerimoniosamente, os garcons levantaram mais redomas, sob as quais havia pequenos peitos de ave de pele esmaltada, um molho grosso amarronzado e minilegumes. Um jardim de infancia inteiro.

- Quem e essa tal Marlena? Eles me mostraram fotografias suas com uma mulher assustadoramente

linda.

- Uma prostituta. Ela me ajuda seduzindo os homens e ganhando acesso aos computadores deles. E

assim que eu invado os sistemas.

- Isso e um horror.

Dexter nao se defendeu.

- Quer dizer que voce nao tem um emprego de verdade. Mas eu achei um contrato de trabalho escondido num arquivo. E falso?

Ele confirmou com um aceno da cabeça.

- Mas voce tem visto de trabalho? Estamos aqui legalmente?

- Estamos. Eu tenho uma firma aqui.

- Mas houve um problema, nao foi? Na epoca em que chegamos, na embaixada americana.

- O problema é que eu tinha pedido o visto de trabalho muito antes de chegarmos aqui. E, nesse meio-tempo...

- Um meio-tempo de cerca de um ano?

- Isso mesmo. Naquele ano, o governo de Luxemburgo começou a mandar cópias dos novos vistos de trabalho às embaixadas estrangeiras, automaticamente. Eu não sabia dessa mudança. Por isso, em condições normais, em setembro, a embaixada deveria ter recebido uma cópia do meu visto, se eu o tivesse recebido quando ela... quando você achou que eu tinha recebido, quando eu disse que teria.

Mas não foi nessa época que o recebi.

- O que vamos fazer em relação a eles? - perguntou Kate.

- Os Maclean?

- E.

- Eles não têm como encontrar provas de que eu roubei 25 milhões de euros, porque não roubei.

Logo, não há nada com que nos preocuparmos.

- Como vamos fazer para eles nos deixarem em paz? Para irem embora? - perguntou Kate.

Contemplou o segundo prato de carne: duas minúsculas costeletas de carneiro, perfeitamente rosadas, os ossos dispostos como espadas cruzadas. Um novo vinho, taças do tamanho de uma cabeça de criança, com um fundo escuro de líquido vermelho, um laguinho sangrento de filme de terror numa pedreira abandonada.

- Acho que eles vão embora logo - disse Dexter. - Foi por isso que confrontaram você, depois de...

há quanto tempo estão aqui? Quatro meses?

- O que você acha que eles estavam esperando?

- Que desencavassem provas. Que gastássemos quantias enormes, comprássemos carros, barcos, mansões na Riviera. Hotéis de luxo, passagens de avião de primeira classe, passeios de helicóptero em Mont Blanc. Esperando que fizéssemos qualquer das coisas que faríamos se tivéssemos 25 milhões de euros.

- Então me diga como você acha que isso vai acabar.

- Acho que não precisamos fazer nada de especial. Talvez apenas deixar de ter qualquer relação com o Bill e a Julia.

- Sob que pretexto?

- Não precisamos explicar. Eles sabem exatamente por que.

- Não, não estou falando deles. O que vamos dizer para nossos outros amigos?

Dexter deu de ombros. Não se importava, não tinha nenhum amigo, na verdade.

- Bill lhe deu uma cantada? - sugeriu. - Ou Julia em mim? O que você prefere?

Kate lembrou-se num flash da festa de Natal da embaixada: Dexter e Julia saindo da cozinha.

- Julia deu em cima de voce - respondeu. - E mais importante haver uma desavenca entre nos duas do que entre voce e ele.

- Faz sentido.

Kate olhou para a extravagante obra de arte feita de multiplos componentes de chocolate que havia aparecido a sua frente:

- Muito bem. Entao, nao falamos mais com eles. O que mais?

- Cedo ou tarde, provavelmente cedo, eles vao desistir. Nao tem nenhuma prova. Nao vao descobrir nada, porque nao ha nada para descobrir.

Kate espetou o garfo na torta com cobertura de chocolate, revelando camadas e mais camadas de texturas e cores, todas escondidas sob a crosta escura e firme, que dava toda a impressao de ser a invencao mais simples do mundo.

- Ai eles irao embora - disse Dexter, rompendo tambem a casca lisa e marrom e espalhando a docura pelo prato. - E nunca mais tornaremos a ve-los.

Hoje, 19h03

O homem e o primeiro a ser notado por Kate, vindo do outro lado do cruzamento, de um cafe maior, mais movimentado e menos exclusivo, um local turistico. Oculos escuros apoiados na cabeça e barba volumosa, no estilo atual dos homens de Nova York e Los Angeles; Kate viu fotografias nas revistas. Um ator numa foto instantanea, manha de domingo em Beverly Drive, segurando um cafe *macchiato* num copo com tampa para viagem.

Kate se da conta de que os dois estavam sentados la, no outro cafe, escondidos atrás dos oculos escuros, vendo Dexter e ela chegarem e aguardarem. Ficou impressionada e ligeiramente intimidada com o rigor deles. Depois de tanto tempo, ainda tinham energia para isso.

Felizmente, ela havia sido discreta quando mexera no acucareiro ao se sentar: a prudencia e sempre conveniente.

- *Bonsoir* - cumprimenta-os o homem.

A mulher inicia uma rodada de beijinhos falsos.

O garcom se aproxima no mesmo instante, atencioso com *monsieur* Moore e seus convidados, como sempre. *Monsieur* Moore sempre deixa gorjetas polpudas ali. Em todo lugar, na verdade.

- E entao, como tem estado? - pergunta Dexter.

- Nada mal - responde Bill. - Nada mal mesmo.

O garcom mostra a garrafa de vinho a Dexter para avaliacao. Dexter assente com a cabeça. O garcom pega seu saca-rolhas e comeca a cortar a capsula do gargalo da garrafa.

- Voces estao morando aqui, agora? - pergunta Bill.

Dexter faz que sim.

A rolha sai - *ploct* - e o garcom serve uma prova do vinho a Dexter, que o experimenta e meneia a cabeça, em sinal de aprovacao. O garcom serve a bebida, quatro tacas pela metade, na mesa silenciosa.

Os quatro americanos se entreolham alternadamente, incapazes de iniciar uma conversa. Kate

ainda se pergunta para que poderia servir este encontro e como o faria encaixar-se em suas necessidades particulares. Ela tem seus próprios interesses. Sabe que Julia e Dexter devem ter planos diferentes, compartilhados pelos dois e talvez por Bill. Ou talvez Bill tenha um projeto totalmente distinto. Ou nenhum, quem sabe.

- E então - diz Dexter, olhando para Julia, depois para Bill. - Recebi um recado. Sobre o coronel.

Julia pousa as mãos na mesa, os dedos cruzados. O brilhante do anel de noivado capta a luz, cintila. Com quem Julia vai se casar? Ou será que esse anel é apenas um novo adereço para um novo disfarce?

- Sim - diz Bill.

Cruza as pernas, acomodando-se para contar uma história.

- Você sabe, e claro, que alguém roubou uma fortuna dele durante uma transação.

Kate nota que Bill não menciona o valor específico em dinheiro.

- Ouvi dizer - confirma Dexter.

Os dois sustentam o olhar. É um jogo de poquer, ambos blefando. Ou fingindo blefar.

- Bem, o fornecedor do coronel naquela transação, um ex-general russo chamado Velten, ficou furioso quando não recebeu uma enorme soma em dinheiro em sua conta bancária na Suíça, no fim da negociação.

- Posso imaginar.

- Assim, o coronel passou uma noite desagradável na zona oeste de Londres. Ou melhor, a primeira vista, ela pareceu bastante agradável, num restaurante três estrelas com uma prostituta russa linda, chamada Marlena. Mas tenho certeza de que a noite dele foi angustiante.

Bill gira o vinho na taça, toma um gole e deixa o líquido descansar na boca antes de engolir.

- Então - franze os lábios -, o coronel acordou de manhã e começou a transferir seu patrimônio para o general: carros, joias, iate, outros bens móveis. Semanas depois, já tinha vendido seu apartamento em Londres e transferido o dinheiro para o general.

Em seguida...

- Onde era?

Os dois homens olham para Kate, surpresos com a interrupção.

- Onde era o que?

- O apartamento de Londres.

- Belgrave Square - responde Bill, tornando a se voltar para Dexter.

- Onde, exatamente?

- Wilton Crescent.

Kate dispara um olhar para o marido, que reage com uma ligeira encolhida dos ombros, uma admissão de culpa, perfeitamente disposto a aceitar o castigo de ter muito dinheiro. Agora Kate compreende por que eles haviam parado naquela rua curva da Belgrave Square, diante de todas aquelas mansões brancas, sonhando com onde morariam, um dia, quando ficassem ricos. Na ocasião,

nao lhe ocorrera que aquele endereco pudesse ter qualquer significado. Outra das mentiras silenciosas do marido.

- O coronel tambem vendeu um apartamento em Nova York. Mas o mercado andava fraco, especialmente no setor de segundas residencias para ricos. E ele estava sem tempo. Assim, teve de aceitar uma avaliacao muito baixa - falou, depois virou para Kate e explicou: - Creio que esse ficava na Rua 68 Leste. Perto da Quinta Avenida.

- Obrigada pelo detalhe.

- Por nada.

- Quer dizer que ele ficou sem imoveis - disse Dexter, tentando retomar o fio da meada. - Mas ainda devia muito dinheiro.

- Sim. O coronel vinha batalhando para fechar outro negocio, um estoque oculto de misseis terra-ar, mas a noticia de sua derrocada tinha se espalhado no Congo. Por isso, ele estava enfrentando dificuldades. Nesse meio-tempo, o general tinha se mostrado muito mais paciente do que qualquer um poderia esperar. Fazia um ano desde que a divida fora contraida.

- Por que tanta paciencia? - indagou Dexter.

- Porque Velten nao tinha realmente perdido dinheiro nenhum. Nao comprara os MIGs, os roubara. Por isso, tirou um bom lucro desse negocio. Mesmo assim, queria que o resto da divida fosse quitado. Afinal, tinha uma reputacao a manter. O coronel acabou, enfim, fechando outro negocio. Que gorou na ultima hora.

- Como?

- Creio que alguem dos orgaos policiais dos Estados Unidos deixou vaziar para o fornecedor a informacao de que o coronel vinha sendo vigiado de perto.

- Interessante - comentou Dexter. - Que azar.

- Pois e.

- E entao o coronel ficou sem bens e sem alternativas - disse Dexter.

- Isso mesmo - concordou Bill. - E o que voce acha que ele fez?

- Acho que desapareceu.

- *Justement*. Escondeu-se em Bali, ou em Buenos Aires, ou seja la onde for. Quem sabe onde um traficante de armas se esconde de seu fornecedor furioso e homicida? Mas entao, passados alguns meses, ele cometeu a estupidez de aparecer em Brighton Beach. Sabe onde fica isso?

- Na cidade de Nova York. E o bairro russo.

- *Exactement*. Ele estava visitando Brighton Beach, ou hospedado la, ou morando la, ou o que fosse. Nao estou a par dos detalhes. Mas o que sei e que, na noite da ultima sexta-feira, ali por volta das onze, ele saiu de um restaurante com dois compatriotas, ambos homens de meia-idade, como ele. Um lugar barato, com clientes da regioao.

Bill toma outro gole de vinho. Kate nota que Julia nao tocou no dela.

- O coronel nunca foi um homem especialmente bonito. Mas, durante grande parte da vida, teve dinheiro e poder e, com esses trunfos, pode atrair algumas mulheres. Ou banca-las, pelo menos. Mas agora, nada feito. Ele e seus companheiros, tambem pouco atraentes, estavam do lado de fora, na

avenida Brighton Beach, em frente ao restaurante, tentando passar uma cantada em duas mocinhas que esperavam um taxi para ir a alguma boate em Manhattan, onde planejavam beber champanhe Cristal da reserva pago por algum diretor de fundo de investimentos, antes de irem para casa transar com jogadores profissionais de basquete. Eram garotas *gostasas*, que diziam ter 21 anos, o que significa que tinham uns 17 ou 18.

- O coronel e seus amigos queriam uma coisa que nao era para o seu bico.

- Era para aves totalmente distintas. Mas os sacanas eram gaviões persistentes. De dentro do restaurante, a recepcionista observava o assedio, considerando se teria que juntar alguns garcons e cumins para intervir, ou ate chamar a policia. Mas entao veio uma van branca, sem nenhuma identificacao. A porta lateral deslizou e se abriu, com o veiculo ainda em movimento. Dois homens mascarados pularam para a rua e pou, pou, uma bala para cada amigo do coronel, bem no meio da testa, espirrando sangue em cima das garotas, que desataram a gritar. A recepcionista tambem comecou a berrar. Foi um pandemonio.

- E o coronel?

- Foi esmurrado no rosto, puxado da calçada e arrastado para dentro da van, que fechou a porta e disparou, cantando pneus.

- Aposto que a van nao tinha placa.

- Nao tinha.

- E depois?

- Depois, nada, durante todo o fim de semana.

- Foi um longo fim de semana para o coronel - sugere Dexter.

- *Vraiment*.

- Para que todos esses termos em frances, Bill? - interrompe Kate.

- E um idioma bonito.

- E dai? - indaga Dexter, impaciente.

- Dai que estou praticando.

- Nao, nao estou falando do que mais voce pode me dizer sobre o frances, seu idiota. O que aconteceu depois com o coronel?

- Saquei. Dai que, na segunda-feira de manha, um homem deixou seu labrador ir brincar na praia em Brighton Beach e o bicho se recusou a sair de baixo do deque de madeira que beira a areia.

- O coronel.

Bill confirma com a cabeça:

- Bracos? - pergunta, sem esperar resposta. - Decepadós.

Kate deixa escapar um arquejo, apanhada de surpresa.

- As pernas tambem tinham sumido.

- Deus do ceu.

- O coronel tinha passado a ser so um tronco, preso a uma cabeça. E os olhos?

- O que?

- Estavam abertos.

Bill toma um gole do vinho tinto caro.

- Sabe o que isso significa?

Todos sabem, mas ninguém responde.

- Ele teve de olhar - diz Bill. - O coronel foi obrigado a ver seus braços e pernas serem decepados.

✕

Dexter olhou para o bilhete de Kate, depois para o rosto dela e para o relógio. Eram 4h06 da noite anterior a ida do casal ao restaurante.

Kate andara evitando aquilo, ou desejando, prevendo, temendo, ignorando, pelo que parecia ser uma eternidade. Agora que enfim chegara o momento, não se surpreendeu ao se descobrir ainda relutante. Relutava em acabar com a parte da sua vida em que essa conversa ainda não tinha acontecido. Relutava em descobrir como seria sua vida depois dela.

Desceu a escada devagar. Mordeu o lábio, subitamente a beira das lágrimas. Em todas as deliberações íntimas sobre essa conversa, seus principais sentimentos tinham sido a raiva e o medo.

Não a tristeza. Mas era esta que a dominava, agora que havia chegado o momento.

Sera que eles ainda teriam uma vida juntos, depois dessa noite? Ou era isso, este era o fim? Sera que ela ia arrumar uma mala, acordar os meninos, leva-los para o aeroporto, pegar um voo de manhã cedo e partir para... onde? Para Washington? Quem a salvaria em Washington? No ombro de quem ela poderia correr para chorar?

Dexter era tudo o que Kate tinha. Era tudo o que tivera durante toda a sua vida adulta. Ela se lembrou do voo de volta de uma missão na Guatemala, sentada no frio transporte militar, olhando para a parede rebitada cinza-escura e reconhecendo que só havia uma coisa, uma pessoa, que ela ansiava por encontrar em Washington.

De costas para Dexter, enxugou os olhos, afastando as lágrimas. Os dois puseram casacos e botas e saíram para a varanda fria, acoitada pelo vento, que pairava acima do vale escuro e profundo. A luz do interior do apartamento era tenue, mas suficiente para Kate ver a expressão no rosto do marido. E ela viu que Dexter sabia exatamente o que estava acontecendo.

- Dexter - disse.

Respirou fundo, tentando se acalmar, mas sem muito sucesso.

- Sei dos 25 milhões... ou, talvez, 50 milhões de euros roubados. Sei das contas anônimas e da LuxTrade e da casa da fazenda. Sei... Dexter, eu sei que você não é consultor de segurança de nenhum banco daqui. Sei que, seja o que for que anda fazendo, é algo que você faz há muito tempo.

O vento soprou no rosto de Dexter e ele se contraiu:

- Eu posso explicar.

- Não quero que você explique. Quero que me convença de que estou errada. Ou admita que estou certa.

Kate já conhecia a verdade; não era isso que esperava ouvir no momento. A primeira coisa que queria saber era se Dexter negaria os fatos. Se optaria por acrescentar mais mentiras. Se todas as esperanças estavam perdidas.

E, por uma fração de segundo, parada ali, 15 metros acima da alameda pavimentada de pedra, ela também se perguntou, por mais irracional que fosse a ideia, se Dexter tentaria mata-la naquele instante.

Kate havia imaginado muitas vezes os possíveis rumos dessa conversa. Se Dexter dissesse A, ela

diria B, ele responderia C e assim por diante. Havia tentado imaginar a melhor e a pior das hipóteses. Havia ponderado as probabilidades. Pensara em alguns diálogos que terminavam com ela saindo porta afora com os filhos, para nunca mais ver o marido. Imaginara até a possibilidade de que sua arma fosse envolvida. A Beretta estava logo atrás da porta, em cima do aquecedor, escondida por uma cortina que ela havia comprado no shopping Belle Etoile e que pendia de um suporte que ela havia instalado usando as brocas diamantadas que comprara em sua terceira ida consecutiva à loja de ferragens, não fazia muito tempo - mas era tempo suficiente para ter sido na época em que ela era apenas mais uma esposa normal longe de seu país. A época antes de sua vida começar a se desintegrar. Ou antes de ela saber que sua vida estava se desintegrando.

Quando Dexter abriu a boca, todas as hipóteses possíveis pareceram correr para Kate ao mesmo tempo, o que lhe tornou difícil ouvi-lo dizer:

- Você está certa.

Ela não reagiu e ele não se estendeu. Ficaram parados no silêncio gelado, sem se olhar.

- Por que estamos aqui fora? - indagou Dexter, ainda com os olhos noutro lugar.

- Porque Bill e Julia são agentes do FBI a serviço da Interpol investigando você. Estou certa de que nosso computador está sendo monitorado. Nosso carro vem sendo vigiado por um dispositivo de rastreamento. Nossos telefones estão grampeados. Tenho quase certeza de que há escutas no apartamento.

Ele levou um momento para digerir isso.

- Mas aqui fora é seguro?

Kate deu de ombros. Virou-se, finalmente, para o marido, cujo rosto estava transtornado de preocupação. Isso era bom, pensou. Se ele estivesse calmo, se não se importasse, seria muito pior.

- Agora eu posso explicar? - perguntou ele. - Por favor?

Kate assentiu com a cabeça.

- Não é uma história curta.

Dexter gesticulou indicando as cadeiras e a mesa e esperou que ela se sentasse, antes de fazer o mesmo.

- Você se lembra de que meu irmão era do corpo de fuzileiros?

De onde diabo essa história estava surgindo?

- E claro - retrucou com rispidez, mais irada do que pretendia. - Sim - acrescentou, procurando abrandar o tom.

- Você sabe que ele foi morto durante a guerra da Bósnia. Mas eu nunca lhe contei *como* ele morreu.

- Você me disse que ele não era mais do corpo de fuzileiros. Era um daqueles assessores militares.

Kate sabia toda sorte de coisas sobre esses sujeitos.

- Foi capturado e morto - concluiu ela.

- Isso mesmo. Capturado por um coronel servo chamado Petrovic. Já ouviu falar dele?

Kate balançou a cabeça.

- Petrovic nao era muito conhecido fora da Europa. Mas era famoso nos Balcas. Pelo sadismo. Era um torturador. Torturava por diversao. Sabe o que isso significa?

- Posso imaginar.

- Ele se divertia arrancando unhas com alicates. Decepando orelhas com um facao de acougueiro.

Tirando bracos com um machete, Kate. Ele mutilava as pessoas, matando-as de modo lento e doloroso, com o maximo possivel de sangue. Nao na tentativa de obter informacoes, simplesmente porque gostava. Porque isso fazia sua reputacao. Quando encontraram meu irmao, Kate, ele tinha perdido todos os dedos das maos. E dos pes. Os orgaos genitais tambem. E os labios. Os *labios*, Kat.

✕

Petrovic arrancou os *labios* de Daniel.

Ela sentiu um calafrio na espinha.

- Petrovic torturou meu irmao ate a morte so por farra e depois largou o cadaver mutilado apodrecendo num beco, roido por gatos de rua, ratos e caes selvagens.

Era muito mais terrivel do que Kate poderia ter imaginado. Mesmo assim, ela nao conseguia ligar essa historia aos milhoes de euros roubados. Nem imaginar como nao soubera dela antes, na epoca em que tinha investigado os antecedentes de Dexter.

- Isso e um horror. E nao quero parecer irracional e impaciente, Dexter, mas que diabo tem isso a ver com voce roubar 50 milhoes de euros?

- Sao 25.

- Seja que porra for de milhoes de euros! Merda, Dexter!

- E que... - fez ele, respirando fundo, tremulo. - E que a pessoa que roubei e Petrovic.

- Tudo bem - disse Kate, segurando as laterais da cadeira para se acalmar. - Mas me explique uma coisa: como voce soube?

- Como eu soube o que?

A voz de Dexter vacilava e Kate percebeu que ele estava a beira das lagrimas.

- Tudo. Sobre seu irmao. Sobre Petrovic.

Ele tornou a respirar fundo:

- Para comecar, houve as fotos do corpo do Daniel. No relatorio original do Departamento de Estado sobre a morte dele.

- Quando voce viu esse relatorio?

- No fim dos anos 1990. Alguem do Departamento entrou em contato com meus pais. Disse que os documentos da guerra tinham sido liberados do sigilo, inclusive o relatorio sobre a morte de Daniel.

- Voce viu esse relatorio?

Ele balançando a cabeça para cima e para baixo vigorosamente: - Uma fotocopia. O relatorio terminava com a informacao de que Petrovic estava vivo e com saude, levando uma vida de luxo como traficante de armas, vendendo-as as piores pessoas do planeta: chefoes mexicanos do trafico de

drogas, sudaneses genocidas, talibas.

- Isso estava no relatorio sobre a morte de Daniel?

- Nao. Foram informacoes separadas, dadas pelo mesmo sujeito com quem tinhamos entrado em contato. Eu o conheci alguns anos depois. Esse cara nao sabia muito mais do que o relatorio trazia.

Mas me pos em contato com um emigrante croata, um sujeito chamado Smolec, que conhecia muitos militares. E esse Smolec conhecia os podres do coronel. Eles tinham entrado juntos no exercito e o Smolec sabia tudo que o coronel aprontava.

Era a historia mais sem pe nem cabeça que Kate ja tinha ouvido.

- Entao, eu meio que contratei Smolec - continuou Dexter. - Para me ajudar a vigiar de perto o coronel. As idas e vindas dele, as compras de imoveis, as negociacoes de armas.

- E de quem foi a ideia de Smolec vigiar o coronel, dele ou sua?

Kate percebeu uma sugestao de sorriso no rosto de Dexter, um lampejo de alivio. Entendeu o que o marido estava pensando: se ela estava fazendo essas perguntas, era porque estava tentando compreender. Tentando perdoa-lo. E ele tinha razao.

- Nao me lembro - respondeu. - Talvez ele tenha aludido a como seria facil e eu tenha lhe pedido para fazer uma tentativa. Foi ha muito tempo.

- Onde voce se encontrava com esse tal de Smolec?

- Numa praca. A Farragut Square.

E claro: era o que ele estivera fazendo naquele dia frio em que Kate notara seu chapau de caca vermelho do outro lado da Rua I, no inverno anterior.

- Por que voce fazia isso?

- Boa pergunta. A verdade e que nao sei. Eu nao tinha nenhum plano, se e nisso que voce esta pensando. Mas as informacoes estavam a mao e me pareceu que eu devia pega-las.

- Esta certo - disse Kate, pondo de lado por um momento a implausibilidade de todo aquele roteiro. - Smolec vigiava o coronel para voce, isto eu entendo, vagamente. Mas o que nao entendo e o seguinte, Dexter: por que voce nunca mencionou isso para mim? Apesar de eu trabalhar no Departamento de Estado.

- Tudo comecou antes que eu conhecesse voce. E o que eu estava fazendo nao tinha, assim, um tremendo sentido. Por isso, eu fiquei com vergonha. Nao queria que voce soubesse.

Isso pareceu uma estupidez a Kate, mas soou franco.

- Tudo bem. E depois?

- Anos atras, houve um episodio sem nenhuma relacao com isso, no meu mundo profissional.

Durante os testes de um protocolo de seguranca, descobri uma porta nao documentada no sistema, um modo de acesso pelo qual se poderia furtar dinheiro eletronicamente durante as transferencias.

- Voce descobriu isso assim, por mero acaso?

- Nao. Nao foi uma coincidencia ocorrida enquanto eu navegava pelo eBay. Esse era o meu *trabalho*. Era a minha atividade. Eu procurava possiveis brechas na seguranca e as fechava.

- Certo.

- Alem disso, eu sabia que era por transferencias eletronicas que o coronel fazia seus negocios.

Fazia transferencias regulares de milhoes, as vezes dezenas de milhoes, para dentro e para fora de contas anonimas, sistematicamente. Fechando negocios com armas pelo computador de casa.

- E voce resolveu deixa-lo sem um tostao?

- Sim. Mas eu nao queria so esvaziar a conta bancaria dele; isso seria mero furto.

A voz de Dexter ja nao vacilava. Agora ele falava mais alto, mais depressa, aliviado por poder explicar aquilo a mulher. A sua melhor amiga.

- O que eu queria era descobrir um ponto em que ele ficasse vulneravel, quando estivesse com muito dinheiro que nao fosse dele, no meio de uma negociacao. Quando estivesse de posse de uma soma gigantesca que devesse a outra pessoa.

- Alguem que ficaria insatisfeito por nao receber o pagamento.

- Exato.

- Entao sua vinganca nao era so tirar dinheiro dele.

- Nao - falou Dexter, balancando a cabeça. - Eu queria que o coronel fosse morto.

Kate ficou surpresa por o marido se mostrar tao abertamente vingativo.

- A ideia e toda essa, Kate: justica.

Ele forçou um sorriso para ratificar sua logica.

- Nao roubei o dinheiro por ser ganancioso. Fiz isso para castigar uma das piores pessoas do mundo.

Kate considerou semijustificavel essa explicacao:

- E uma maneira de ver as coisas.

- E que outra maneira existe?

✕

- Que voce e um ladrao.

- Estou impondo um castigo muito merecido.

- Voce e ladrao e justiceiro.

- Estou transformando o mundo num lugar melhor.

- Pode ser. Mas nao da maneira como nos fazemos as coisas.

- Nos, quem?

- Os americanos. Essa nao e a forma americana de justica.

- A forma americana? Voce quer dizer detencao, indiciamento, juri, condenacao, apelacoes, prisao?

Kate confirmou com a cabeça.

- E como e que se faz isso com um cidadao servio que mora em Londres?

- Tratando-o como um criminoso de guerra internacional.
- Ou seja, processando-o no tribunal de Haia. Isso tambem nao e tremendamente americano, e?
- E americano respeitar as leis internacionais, sim.

Dexter bufou.

- Mas, e claro, isso nao lhe daria 25 milhoes de euros - disse Kate.

Um trem de carga passou com estrondo pela ponte ferroviaria que cobria um trecho do desfiladeiro: carga indo para o norte num trem comprido, baixo e lento.

- E qual foi o seu primeiro passo? Quando?

Kate estava comecando a separar seu sentimento de traicao, sua raiva, do comportamento de Dexter. Comecando a tomar o partido dele. Ou, pelo menos, comecando a poder avaliar as coisas do ponto de vista dele.

- Ha cerca de um ano e meio, eu registrei uma empresa aqui, uma firma de investimentos, uma *societe anonyme*. E abri uma conta numerada anonima para ela. Tambem comecei a monitorar de perto todas as atividades do coronel, as contas, as diversas transferencias, examinando os tipos de oportunidades que eu teria, tentando descobrir como explora-las.

- Como voce fez isso?

- Numa viagem de negocios a Milao, ele usou a rede sem fio de um hotel para fazer uma transacao pela internet e essa conexao me permitiu instalar e esconder um programa no HD dele, um programa que criava um registro das telas usadas. Todas as noites, as 4h, pelo horario de Greenwich, se estivesse ligado, o computador dele me mandava por e-mail um historico da sua atividade nas 24

horas anteriores. Isso nao me fornecia as senhas dele nem nada do genero, apenas me deixava ver o que ele fazia. E permitiu que eu me organizasse. Assim, no inicio de agosto, seis meses depois, eu estava pronto. Tinha tudo preparado. Quase tudo. Mas, primeiro, eu precisava confirmar que conseguiria mesmo fazer aquilo.

- Como?

- Com um teste. Eu estava habituado a invadir o firewall dos bancos. Um deles, em Andorra, era onde um escritorio de advocacia deixava o dinheiro, antes de fazer desembolsos para seus clientes.

O principal negocio desse escritorio era representar uma unica empresa de seguros, uma operadora de planos de saude. Alguns anos antes, num erro judicial grosseiro, esse escritorio nao so tinha defendido a seguradora num processo, como tambem tinha responsabilizado o queixoso pelas custas judiciais: 1,5 milhao de dolares. O escritorio guardou a remuneracao dele, que era um terco do total, em Andorra. E depois transferiu os dois tercos restantes para o cliente. Ou melhor, tentou transferir.

- Um milhao de dolares. Voce os roubou?

- Isso mesmo. Voce faz alguma ideia de qual era essa operadora de seguros?

O pensamento de Kate correu pelas possibilidades irrelevantes e percebeu que nao se tratava de algo irrelevante. Fazia muito tempo que ela nao pensava nessa empresa. Duas decadas.

- A American Health - murmurou.

Em certa epoca, uma das principais ocupacoes de Kate tinha sido se corresponder com a

American Health. Para discutir com a firma, preencher seus formularios, solicitar reunioes, implorar e afirmar que era obrigacao dela aprovar o tratamento de saude de seu pai, apesar da clausula em letrinhas miudas que dizia o contrario.

- Voce desviou 1 milhao de dolares da American Health.

- Foi 1 milhao de dolares *sujos*. Que pertenciam por direito a alguem igualzinho ao seu pai. Ou melhor, igualzinho a voce. O processo tinha sido movido por uma filha, em nome do pai falecido.

- O seu teste foi esse?

- Achei que podia usar uma cobaia do mal. E funcionou. Eu estava pronto para arrasar o coronel.

- Foi ai que nos mudamos para ca?

- Foi.

- Certo - disse Kate, inclinando-se para a frente.

A coisa toda começava a fazer sentido.

- Agora me explique como funcionou - pediu ela.

Dexter não era exatamente o homem que Kate havia pensado. Mas começava a ficar óbvio que não era tão diferente quanto ela havia temido.

- Primeiro - disse ele -, eu precisava ter mais acesso ao computador do coronel. Por isso, contratei uma pessoa para me ajudar, uma mulher em Londres.

Kate foi tomada por uma onda de alívio:

- Qual é o nome dela?

- Marlina.

Era uma das duas pessoas para quem Dexter havia telefonado de seu celular secreto. Kate imaginou que Niko fosse a outra:

- E qual é o primeiro nome de Smolec?

Dexter pareceu confuso, mas respondeu, ainda mesmo:

- Niko.

Esse era o outro contato. Duas na mosca. Essa parte estava explicada.

- E essa Marlina, o que ela fazia? - perguntou Kate.

- Ela me ajudou a ter acesso ao computador do coronel.

- Como?

- Transando com ele - veio a resposta.

- Então ela é prostituta?

- E.

- E você andou trepando com ela?

Dexter chegou a dar uma risada.

- Você *não tem* o direito de rir de nenhuma pergunta minha, nenhuma. Vai precisar reconquistar esse direito.

- Desculpe.

- E então? Trepou?

Ele engoliu o sorriso e perguntou:

- Você imagina como é a Marlina?

- Eu sei, vi umas fotografias.

- Sei que sou incrivelmente bonito, Kate. Nós dois estamos de acordo quanto a isso. Mas você acha, sinceramente, que uma mulher como a Marlina dormiria comigo?

- Você *paga* a ela. Para *transar*.

Dexter lhe lançou um olhar de "da um tempo".

- Esta bem - cedeu Kate. - Continue.

- Marlena e uma russa de 22 anos. Essa e, digamos, a especialidade do coronel. Eu a coloquei numa situacao... num bar de hotel que era conhecido como um lugar para encontrar mocas do tipo dela.

- Quer dizer que ele sabia que ela era prostituta.

- Sabia.

- E ela simplesmente foi ao apartamento do cara e invadiu o computador dele?

- Nao, isso tinha que ser uma coisa mais a longo prazo. Assim, quando os dois se conheceram, ela deu ao coronel o numero do telefone pelo qual atendia. Ele telefonou e ela foi la. Naquela primeira

✕

noite, ela executou uma performance superespecial.

- E isso significa o que?

- A encenacao exagerada de praxe. Seguida por um momento terno de conversa intima em que ela confidenciou que, apesar de transar com homens quase todas as noites, nunca tinha chegado a tamanha, hum, satisfacao com um cliente. Deixou claro que tinha sido uma experiencia fisica singular e que adoraria que o coronel se tornasse um cliente assiduo.

- E ele caiu nessa?

- Quem nao cairia?

Kate jamais compreenderia a extensao da burrice dos homens.

- So no quinto encontro foi que o coronel a deixou sozinha por tempo suficiente para que tivesse chance de mexer no computador. Ela instalou uma coisa chamada sniffer, que e capaz de descobrir nomes de usuario e senhas. Quando Marlena voltou a ve-lo na semana seguinte, e ai eles estavam se encontrando toda semana, eu ja tinha criado um pacote de programas que gravava cada tecla digitada e me mandava as informacoes por e-mail, de minuto em minuto. Depois que ela o instalou, passei centenas de horas decifrando o algoritmo desse sistema dinamico de senhas, para poder entrar na conta bancaria do coronel sem o conhecimento dele. Foi um trabalho pesado. E levei mais algumas semanas para construir um site falso do banco.

- Para que?

- Porque, quando as pessoas transferem milhoes de dolares, elas nao simplesmente apertam uma tecla "enviar" no computador. Tambem falam por telefone com um funcionario do banco, para confirmar a transacao. O cliente digita os detalhes da transacao e o funcionario do banco executa a transferencia. E assim que os bancos impedem as fraudes.

- E como foi que um site falso contornou essas medidas de seguranca?

- Acontece que, quando o coronel pensava estar entrando no site do banco, estava, na verdade, entrando num programa no seu disco rigido, nao na internet. Os botoes que ele apertava, as imagens que via na tela, tudo isso tinha apenas uma relacao fantasiosa com a atividade real da conta dele. A atividade real era dirigida por mim, a distancia.

- Entao, voce esta dizendo que ele achava estar on-line, transferindo dinheiro. E que tambem estava ao telefone, confirmando a transferencia. Mas ao mesmo tempo voce estava digitando dados

diferentes para a transferencia.

- Correto.

- Isso e brilhante.

Dexter voltou a varanda com o gorro de esquiador. Entregou a Kate o dela, que o puxou por sobre as orelhas, ardidias e sensiveis por causa do frio. Os dois se acomodaram sob mantas de la.

- O coronel estava *sempre* preparando algum grande negocio com armas - disse Dexter. - Mas aquele que eu estava acompanhando era maior, com compradores africanos. Seria a minha oportunidade ideal, exatamente o tipo de transacao complicada pela qual eu vinha esperando. O

coronel estava comprando uma frota de cacas MIG de um ex-general sovietico e revendendo para uma faccao revolucionaria congoleza. Voce sabe sobre a guerra no Congo?

As carnificinas do Terceiro Mundo tinham sido a especialidade de Kate, em certa epoca, e ela se sentia feliz por estar livre disso. O que nao significava que estivesse curada. Sempre seria viciada em politica.

- O conflito mais sangrento desde a Segunda Guerra Mundial - respondeu. - Mais de 5 milhoes de mortos.

- Isso mesmo. Portanto, esse negocio do coronel dependia de que ele tivesse a confianca do general, Ivan Velten, a qual ele havia conquistado ao longo de umas duas decadas de parcerias. E a transacao exigia que algumas transferencias acontecessem quase simultaneamente, no mesmo dia da entrega dos MIGs. E que vinha a ser o dia de Acao de Gracias.

Kate meneou a cabeça, confirmando que agora entendia o motivo de Dexter nao haver ficado em casa.

- Na manha da transacao, os congolezes fizeram o pagamento da entrada ao coronel, que transferiu metade para Velten. Assim, metade dos jatos foi entregue num campo de pouso perto da fronteira angolana, depois de partir de madrugada da Zambia, onde o general escondia os avioes desde que os pilhara de uma base aerea no Cazaquistao. Nesse ponto, o coronel era obrigado a pagar a parcela seguinte ao general. Ele iniciou a transferencia e o dinheiro saiu de sua conta. Mas nunca chegou a do general.

- Porque voce o transferiu para a sua.

- Sim. O coronel ficou devendo ao general 25 milhoes de dolares, um dinheiro que nao tinha. Ele tentou descobrir o que havia acontecido. Telefonou para o banco, mas sua gerente tinha gravacoes da conversa dos dois, que incluiam as aprovacoes e confirmacoes dele sobre a transferencia intrabancaria. Tanto o coronel quanto Velten tinham conta no SwissGeneral. As transferencias para o mesmo banco sao executadas de imediato, porque o banco pode confirmar a existencia de saldo. Eu tambem tinha conta no SwissGeneral.

- E o banco nao podia rastrear o historico da transacao que voce fez? Nao podia descobrir sua conta no proprio sistema dele?

- Sim, podia. E tenho certeza de que investigou. O que encontrou foi uma conta zerada, aberta por um sujeito a quem eu tinha pagado para abri-la um ano antes e que nunca soube meu nome nem viu meu rosto. Eu zerei essa conta do SwissGeneral na mesma hora, passando tudo para uma conta externa.

- Mas eles não poderiam rastrear essa transação também?

- Sim, em condições normais, poderiam. Mas eles sofreram uma falha de segurança nesse dia, na matriz em Zurique. Muito tempo antes, meses antes, eu havia alugado um cofre nessa agência. Na manhã da transação do coronel, fui ver meu cofre. Levaram-me a uma sala particular para que eu o examinasse. Tirei do cofre um aparelhinho de conexão de rede sem fio, que parecia um cabo de força de computador, liguei-o ao roteador embaixo da mesa da sala e fui embora. O roteador garantiu o acesso ao computador central e o aparelhinho me deu um sinal de rede sem fio, de modo que eu pude acessar o sistema de fora do prédio.

- Por que você não entrou no sistema na sala mesmo?

- Porque, estando conectado lá dentro, o administrador poderia usar um dispositivo de rastreamento e descobrir exatamente onde eu estava. Além disso, eu não queria entrar no sistema dentro do banco, porque presumia que a segurança deles fecharia o prédio quando descobrisse a invasão.

- E fechou?

- Fechou. Mas eu já tinha voltado para o hotel, bem ali do lado. Meu quarto era de frente para a rua. Posicionei uma antena direcional para captar o sinal do WAP.

- Como você sabia que isso ia funcionar, em termos tecnológicos?

- Eu já havia experimentado, numa viagem anterior. Tinha testado os aspectos técnicos e conseguido as senhas do firewall do banco. Havia conseguido analisar a arquitetura e a lógica do

X

sistema, os protocolos e as salvaguardas usados pelos administradores. Na ocasião, eu ainda não tinha como fazer nada, mas sabia o que poderia fazer, quando chegasse o momento.

- Que foi qual?

- Depois que redirecionei a transação do coronel e transferei o saldo do SwissGeneral para uma conta em Andorra, levei uns dois minutos para entrar na parte do sistema do banco que registrava o direcionamento e os números de contas das transações do dia.

- Você apagou esses registros.

- Isso mesmo. E foi nesse ponto que o administrador do sistema notou minha intromissão e fechou o sistema, bloqueou o prédio. A essa altura, eu tinha transferido o dinheiro para dezenas de contas em todo o planeta, cada transação com uma soma diferente. E de todas essas contas o dinheiro depois foi para uma só. Em Luxemburgo.

- O que você ficava fazendo no escritório, trabalhando até tarde em todas aquelas noites, nos fins de semana... o que o mantinha tão ocupado?

- Havia muita análise de sistemas a fazer, do computador do coronel e, e claro, do computador do SwissGeneral. Invadir toma tempo. Exige uma coleta de dados enorme e uma quantidade incrível de teoria.

- Mas por que você tinha de fazer isso tarde da noite?

- Na maioria das noites, era outra coisa: eu ficava monitorando as comunicações do coronel, e-mails e telefonemas, para me manter a par dos negócios. Muitas vezes, tinha de ficar esperando o

desfecho de uma conversa do tipo "ligo de volta daqui a umas horas". Esperando.

- So esperando?

- E. Mas eu usava essas horas de folga para fazer outras coisas. Uma especie de hobby: pesquisar uma categoria muito complicada de titulos.

- Por que?

- Calculei que, se esses titulos eram criados de forma tao complexa, a ponto de impossibilitar sua compreensao pelos leigos, os banqueiros deviam estar escondendo alguma coisa incrivelmente lucrativa. E a logica circular desses arranjos, que tenho certeza de que foram construidos no intuito proposital de confundir, despertou o interesse do engenheiro que ha em mim. Seja como for, e outra maneira de jogar no mercado de acoes. Nos ultimos dois meses, ganhamos 250 mil euros com esses investimentos. E assim que venho ganhando a vida.

- Pensei que voce ganhasse a vida roubando.

- Nao. Isso e o que eu faco para me divertir.

Kate pos as duas canecas na mesa, o vapor do cafe subindo em massas brancas e espessas no ar gelido do pre-alvorecer. Sentou-se em sua cadeira e tornou a se enrolar na manta de trico cinzenta.

- Como e que podem apanha-lo?

Kate ainda estava as voltas com a logistica do plano de Dexter, pondo de lado os temas mais intrincados - moral, honestidade, matrimonio, crime - para se concentrar nos aspectos praticos. Por essa noite. Por enquanto.

- Nao podem.

- Nao? Nao e possivel?

- Nao.

Kate ficou surpresa - impressionada - com o excesso de confianca do marido. De onde vinha aquilo?

- E se o FBI achar o dinheiro?

- Nao tem importancia. E impossivel eles rastrearem todas as transacoes, por todas as contas. Por bancos comerciais e bancos de investimento, em paises com sistemas bancarios transparentes e em paraísos fiscais, passando pelo sigilo de Andorra, da Suica, da Ilha de Man e das Ilhas Cayman e, e claro, de Luxemburgo. Alem disso, Kate, essas contas ja nao existem; os rastros das transacoes delas foram apagados. Nao ha jeito de ligarem isso a mim.

- Nenhum?

- Absolutamente nenhum.

- Mas e se eles simplesmente acharem o dinheiro, como eu? Como voce vai explicar a posse de todo esse valor?

- Nao tenho que explicar. E por isso que o dinheiro esta aqui, em Luxemburgo. No sigilo bancario.

- E por isso que estamos aqui?

- Basicamente.

- Por falar nisso, nos podemos ir para casa? Para os Estados Unidos?

- E claro.

- Mas...?

- Mas não devemos deixar nenhuma quantia substancial em nenhum banco americano e não devemos transferir mais de 10 mil dolares de qualquer conta para outra. Não devemos comprar imóveis nos Estados Unidos. Não devemos gastar nenhuma soma notável por lá. Também não devemos auferir renda, por isso não devemos vender nossa casa em Washington, mas apenas continuar a alugá-la. Não devemos fazer nada que nos exponha a Receita Federal.

Kate entendeu. Precisavam esconder-se da Receita para poderem se esconder dos agentes federais.

- O homem que você roubou, esse coronel, ele pode encontrá-lo?

- Ele não está procurando por mim. Incriminei outra pessoa. Armei as coisas para fazer parecer que outro sujeito roubou o dinheiro do coronel. Outro ex-militar bandido do exército serviu.

- O que aconteceu com ele, com esse outro homem?

- Foi mais um vilão que teve o que merecia.

O que mais Kate precisava saber?

- Essa conta de 25 milhões. É uma quantia muito estável. Não vem tendo nenhum rendimento.

- Não.

- Você não quer ter que declarar nenhum rendimento sobre esse dinheiro. Nem mesmo aqui.

- Exato. Porque temos que declarar nos Estados Unidos a renda obtida aqui.

- Para sempre?

- Para sempre. Enquanto formos cidadãos americanos, teremos que apresentar declarações de renda americanas.

- E o que vamos fazer com isso?

- Vamos limitar nossa renda ao que eu posso ganhar por meio de investimentos legítimos. Mas isso não significa que tenhamos de limitar nossos gastos.

- Seu plano inclui gastar esse dinheiro roubado ou você o roubou apenas para tirar algo de uma pessoa a quem odeia?

- Meu plano é gastá-lo.

✕

Kate deixou essa ideia se acomodar em sua boca. Girou-a na língua, feito vinho tinto.

- Quando?

- Quando for seguro. Quando o FBI nos deixar em paz, acho.

Esse comentário fez sentido naquele momento, em meio a sobrecarga de informações da narrativa surpreendente de Dexter. Kate demoraria muito a notar a falha na lógica desse raciocínio: se o marido esperava que o FBI os deixasse em paz, era por já saber que estava sendo vigiado. Antes de Kate lhe contar.

- Fale-me da fazenda.

- E um endereço para correspondência, um endereço bancário. E de acesso difícil, impossível de monitorar.

Daria um belo esconderijo, se um dia surgisse a necessidade. Mas Dexter pensava em termos de endereços para objetivos fiscais, não de abrigos seguros. Os abrigos eram o departamento de Kate.

- Você alugou um carro para ir lá, quando disse que ia a Bruxelas. Por que?

- A conclusão do negócio era iminente. Por isso, abri um monte de contas novas, durante uma semana, para poder movimentar o dinheiro. A papelada das contas foi enviada para a fazenda. Eu precisava buscá-la. Para destruí-la.

- Entendo. Isso foi mais ou menos na ocasião em que você escondeu os dados das contas na cama dos meninos, certo?

Ele pareceu envergonhado diante dessa revelação:

- Aquilo foi depois da... ahn, transação. Quando o sigilo da conta se tornou muito mais crucial.

Kate se lembrava com clareza daquela noite:

- E foi na época em que o suposto pai de Julia apareceu, não foi? Quando saímos para jantar com ele.

- Foi? Não me lembro dessa parte.

Pareceu implausível. Impossível. Kate sentiu-se de novo lançada na dúvida, na suspeita, na desconfiança.

- E mesmo?

Dexter deu de ombros.

- E quem você acha que era ele? - perguntou Kate. - Chamava-se Lester, não?

- Devia ser chefe dos dois. Ou um colega de trabalho.

Ficaram sentados em silêncio, cada qual seguindo sua linha de pensamento em separado, mas paralela.

- Por que você não guardou as informações sobre a conta no seu escritório? Ou na casa da fazenda?

- Não queria ter que ir a lugar nenhum, se um dia precisássemos fugir às pressas.

- Por que precisaríamos fugir às pressas?

- Se eu estivesse prestes a ser apanhado.

- Mas você disse que isso é impossível.

- Mesmo assim. É bom eu tomar precauções.

Kate não pode deixar de pensar que a precaução principal que ele andara tomando tinha sido contra ela. E isso a levou de volta à câmera de segurança. Não sabia quanto devia pressionar o marido. Não conseguia avaliar qual seu grau de desespero para saber se Dexter tinha visto a gravação do escritório. E portanto, se poderia fazer uma retrospectiva da miríade de mentiras dela. Ainda estava ✕



agarrada aos proprios segredos, apertando-os bem junto ao peito.

- Seu escritorio nao e seguro? - perguntou, forçando um pouquinho.
- Muito.
- Voce tem equipamento de vigilancia?

Uma vez comecado, nao conseguiu parar de forçar a mao.

O rosto de Dexter continuou a nao revelar nada.

- Comprei uma camera de video.

O coracao de Kate parou.

- Mas nunca cheguei a montar a rede para liga-la ao meu computador.

Dexter nao sabia.

Mas nao sabia quanto?

Nao sabia que Kate havia furtado seu chaveiro. Nao sabia que ela invadira seu escritorio e bisbilhotara suas coisas. Nao sabia que a esposa havia desconfiado dele muito antes de Bill e Julia lhe dizerem para desconfiar. Nao sabia que Kate tambem havia suspeitado de Bill e Julia. Nao sabia que ela invadira o falso escritorio de Bill, que entrara em contato com um antigo conhecido da CIA, em Munique, e com novos conhecidos em Berlim e Genebra. Nao sabia que, poucas semanas antes, a esposa havia pensado que talvez os investigadores fossem assassinos.

Dexter nao sabia que estivera - que toda a sua familia tinha estado - vagando pela Europa, correndo atras do proprio rabo.

E nao sabia que sua mulher era da CIA.

Ainda nao havia sinal do amanhecer no ceu, mas os carros, caminhões e onibus tinham se tornado mais frequentes. Nao era preciso clarear para ser dia.

- Aquela sua ultima viagem a Londres, pouco antes do Natal. Foi para pagar Marlina?
- Foi.
- Quanto?
- Vinte mil libras.
- Nao parece muito.

- E nao e, de proposito. Paguei o bastante para faze-la aceitar o servico, mas nao tanto que ela imaginasse se tratar de algo gigantesco. Nao achei que mais dinheiro pudesse comprar mais seguranca, achei que seria o contrario.

Kate ficou surpresa com o discernimento de Dexter.

- E o que aconteceu com Marlina, depois do seu, ahn... como vamos chama-lo?
- Da transacao?
- Certo, da transacao. Que aconteceu com ela?

- Ela esteve com o coronel na noite da transacao, mas cancelou o encontro da semana seguinte.

Ficou escondida, mas permaneceu em Londres, para o caso de alguma coisa dar errado e ela precisar reavivar o romance com ele. Marlena ja tinha uma historia pronta sobre ter sido agredida por um cliente e ter ficado com medo. Eu tinha arranjado um cara que poderiamos acusar.

- Voce pensou em tudo, nao?

✕

- Sim.

- E entao deu tudo por encerrado com ela?

- Dei.

- Mas ela esta viva.

- Eu sei em que voce esta pensando.

- E...?

- Em primeiro lugar, ela nao sabe de tudo o que aconteceu, so tem conhecimento da parte dela no quebra-cabeca.

- Mesmo assim.

- Tenho uma pilha de provas contra ela. Provas de que ela cometeu multiplos crimes.

- Ela poderia recorrer a delacao premiada, depor contra voce em troca de imunidade, nao poderia?

- E uma lista bem comprida. Alguns dos crimes dela foram graves.

- Ainda assim.

- Certo - disse Dexter, em tom exasperado. - Voce tem razao. Existe uma infima possibilidade de que, um dia, possam faze-la voltar-se contra mim.

Fitou a mulher, olho no olho, e sustentou seu olhar:

- Mas o que e que eu deveria fazer?

Kate tambem o encarou. Havia algo nos olhos dele que parecia um desafio, uma provocacao para faze-la dizer em voz alta o que ela diria, se fosse a pessoa que um dia tinha sido.

Aquela pessoa diria: *Mata-la*. Mas a pessoa do presente nao diria isso.

O nao dito ficou pairando no ar, cutucando Kate com mais uma chance, mais uma ligacao possivel com seu proprio passado de mentiras. Mas essa, como todas as outras, tornou-se apenas mais uma oportunidade que ela deixou passar. Em vez disso, sua mente perseguiu uma nova ofensiva, uma virada da mesa, como Kate sempre fazia quando deveria estar se defendendo: por que Dexter havia escondido tudo isso dela?

Por outro lado, quem era Kate, justamente ela, para questionar os motivos de sigilo de alguem?

Podia pensar em boas razoes - otimas razoes - para Dexter ter guardado esse segredo. Nao tinha o direito de perguntar.

Mas nao e nisso que consiste o casamento: querer coisas que nao estamos no direito de querer?

- Por que voce nao me contou, Dexter?

- Quando? - retrucou ele. - Quando eu poderia ter contado?

A propria Kate havia ensaiado essa mesma discussao, diversas vezes.

- Seria quando pensei nesse plano ridiculo pela primeira vez? - perguntou Dexter. - Quando contratei uma prostituta em Londres para seduzir um velho criminoso, para ela poder expor o laptop dele a uma invasao? Quando nos mudamos para Luxemburgo, para eu poder piratear uma transacao de trafico de armas na Africa? Voce teria me largado.

Ela balançou a cabeça: nao, nao era verdade. Ou era? Kate nunca havia imaginado que Dexter pudesse saber tudo a seu respeito. Mas nessa noite, pela primeira vez, teve suas duvidas. E que ele era muito mais inteligente, muito mais evasivo e muito mais ardiloso do que ela teria julgado possivel. Estivera errada sobre o marido durante todos aqueles anos. Errada a que ponto?

- E entao, como voce acha que devemos lidar com o FBI? - perguntou ele.

Na ocasiao, Kate nao percebeu quao completamente dissimulada era essa pergunta.

Ela contemplou o espaco, decifrando esse desafio.

- Vou ligar para a Julia de manha - disse, consultando o relógio.

Os meninos acordariam a qualquer momento.

- Vou marcar um encontro.

- Por que? - quis saber Dexter.

- Porque tenho certeza de que eles vao me pedir para ajuda-los. Provavelmente, usando uma escuta.

Vou me fingir de ofendida, mas eles vao insistir, vao jurar que nossa vida vai ser um inferno, a menos que eu coopere.

Agora que o proferia em voz alta, o plano começava a parecer o curso de açao rigorosamente correto.

- E entao eu vou concordar.

Dexter arqueou as sobrancelhas e se curvou para a frente:

- E depois?

- Depois, voce e eu iremos a um lugar publico, como se estivessemos tentando garantir que ninguem pudesse nos espionar. Um local neutro, nao previsto. Um restaurante, acho...

Sua voz se extinguiu, enquanto ela procurava visualizar o lugar certo. Tentando solucionar cada imprevisto, todos de uma vez.

- Sim? E entao?

- Entao vamos fazer um teatro. Para eles.

✕

A encenacao estava encerrada, finalmente. O automovel arremetia noite adentro pela estrada reta de mao dupla, sem iluminacao e solitaria, as rodas vibrando no calcamento, zumbindo pela zona rural em direcao ao brilho no ceu distante acima da cidade, acima da casa e dos filhos deles, da retomada de uma vida normal, ou da criacao de uma vida nova.

Dexter dirigia mais depressa que de habito. Talvez houvesse bebido demais no restaurante, sucumbindo a pressao de encenar para a escuta e os agentes do FBI do outro lado dela. O aparelho ainda estava ligado.

Deixaram-se imergir na quietude do carro, banhar-se na calidez de ausencia de falas, de encenacoes. Pelo que podia se lembrar, era a primeira vez que o silencio entre os dois nao estava repleto de camadas e mais camadas de mentiras. Mas Kate tinha aguda consciencia da grande inverdade que ainda pairava entre eles.

Observou a estrada, a hipnotica lista amarela entre as duas faixas de negrume. Hesitou mais uma vez. E entao, de repente, sentiu-se mais frustrada consigo mesma do que era possivel suportar.

Era preciso dar um basta.

- Dexter - disse, obrigando-se a falar antes que pudesse desistir -, podemos fazer uma pausa no ponto de parada ali adiante?

Ele tirou o pe do acelerador e olhou de relance para a mulher.

- Ha uma coisa que eu preciso lhe dizer.

O ponto de parada ficava alguns quilometros ao sul da cidade: uma gigantesca area construida, repleta de enormes carretas estacionadas, de adolescentes bebados saltando em bando de seus surrados automoveis Skoda, para comprar cerveja, cigarros e grandes sacos de batata frita, de jovens holandeses cheios de piercings voltando de longas viagens rodoviaras aos Alpes e de trabalhadores portugueses calados e exaustos comendo sanduiches em embalagens de plastico, a caminho de casa, depois de limparem os pisos grudentos de ketchup das lanchonetes.

Dexter manteve o carro em ponto morto, o aquecimento dos bancos ligado, farois apagados. Virou-se para Kate.

Ela pensou no transmissor. Pensou em pedir ao marido para saltarem para o isolamento sombrio do estacionamento. Mas e claro que o FBI e a Interpol ja sabiam tudo o que ela estava prestes a lhe dizer, entao, para que se incomodar?

- Dexter - comecou -, eu nunca redigi documentos oficiais.

Era dificil decifrar o rosto dele ao tenue brilho azulado das luzes do painel. Kate lutou contra o impulso de desviar o rosto, esconder os proprios olhos. Lutou contra o habito muito arraigado de disfarcar suas mentiras, agora que finalmente dizia a verdade.

- E nunca trabalhei no Departamento de Estado.

Passou uma carreta em marcha lenta, com o ronco e a vibracao do grande motor, o chacoalhar e tilintar da carroceria. Kate esperou que o barulho se dissipasse.

- O que eu fazia para ganhar a vida...

X E, nesse momento, mudou de ideia. Embora soubesse o que planejava dizer, não tinha ideia de como Dexter reagiria.

Deu uma olhada na construção central superiluminada do ponto de parada, onde ficavam a loja de conveniência e a lanchonete, com os pisos reluzentes e as mesas cuidadosamente arrumadas.

Tirou o relógio do pulso e o deixou cair no bolso de couro pregueado que havia no assento.

- Vamos tomar um café.

Dexter pôs a moeda na máquina, apertou o botão e esperou a irrupção, o sibilar e o borbulhar do café expresso, esguichado e ejetado do bico descolorido de plástico no frágil copo descartável.

Kate bebericou seu cappuccino. Não era ruim aquele café feito na máquina da estrada: era quente e forte, decente. Havia muito café bom em todo canto da Europa.

Sentaram-se a uma mesa com tampo em mosaico de pastilhas de vidro e leves cadeiras de aço, diante de uma janela gigantesca que dava para a estrada. Outro casal sentava-se no lado oposto do salão, a mulher com os olhos lacrimosos, vivendo sua própria crise: um rompimento, uma gravidez indesejada, uma aventura amorosa. Aquela gente já tinha seus problemas, não tentaria bisbilhotar os de mais ninguém.

Não havia sentido em fazer rodeios. Kate estendeu as mãos sobre a mesa e segurou as de Dexter: - Eu trabalhava na CIA. Era o que você chamaria de espia.

Os olhos de Dexter se arregalaram.

- Meu trabalho era fazer espionagem na América Latina. Trabalhei um pouco em El Salvador, na Venezuela, na Nicarágua, no Panamá e na Guatemala. Mas principalmente no México.

Dexter fez menção de dizer alguma coisa, mas não disse.

- Comecei a trabalhar na Agência assim que saí da faculdade. Foi a única coisa que fiz na vida. Em grande parte, escolhi essa carreira porque me achava incapaz de amar alguém. Minhas experiências com meus pais, minha irmã... Eu era uma pessoa endurecida. Não considerava que teria chances de chegar a ter uma intimidade verdadeira. Acreditava que jamais constituiria família.

Apertou as mãos do marido, enfatizando esse ponto, que era o componente mais eficaz do pedido de desculpas.

- Eu achava que sempre seria sozinha, Dexter. Achava que nunca precisaria mentir para nenhuma pessoa amada, porque nunca haveria uma pessoa amada. Eu era jovem, estava traumatizada e não conseguia imaginar não ser jovem nem traumatizada. Lembra-se de como era ser jovem?

Dexter balançou a cabeça, ainda mudo.

- Na época era impossível compreender como aquilo era breve. Parecia que a juventude ia durar uma eternidade, ia durar para sempre. Mas ela é só um piscar de olhos.

Na mesa do outro lado da lanchonete, a mulher soltou um soluço curto e alto.

- Quando nos conhecemos, é claro que eu não lhe disse a verdade sobre o que fazia. Minha expectativa era larga-lo em seis meses. Ou então, você se frustraria por eu ser tão fechada e se livraria de mim. Achei que nunca teríamos algo especial, assim como eu nunca havia tido nada especial com ninguém.

Dexter a observava atentamente.

- Mas eu estava errada. Acontece que me apaixonei por voce.

A atencao de Kate foi captada por um homem que entrou na lanchonete e olhou na sua direcao.

Torceu para chegar o dia em que nao desconfiasse de todas as pessoas que passavam.

- Eu queria lhe contar, Dexter. Por favor, acredite. Pensei nisso milhares de vezes. Quase todos os

X

dias, durante todo o tempo que nos conhecemos. Mas quando eu poderia lhe contar? Quando passaria por esse ponto?

Era exatamente a logica que ele havia usado na noite anterior, na sacada, quando abrira o jogo e eles planejaram a encenacao feita nessa noite para os ouvidos dos agentes federais. Agora, ali naquela parada, eles tinham voltado a privacidade do casamento.

- Ai, nos nos casamos e eu ainda nao tinha contado. Foi horrivel. Eu admito que isso foi terrivel da minha parte.

Dexter deu um sorrisinho, uma pequena concessao.

- E ai, depois do Jake...

Kate fez uma pausa, pensando em quantos detalhes deveria contar ao marido, em quao completa precisava ser a sua revelacao para ter valor, para satisfaze-la.

- Pedi transferencia das operacoes de campo e me tornei analista. Comecei a passar os dias atras de uma mesa em Washington. Voce nao sabe o que isso significa. Mas e... e como deixar de ser o jogador principal do time profissional da liga de beisebol para ser o tecnico assistente do amadores.

Dexter tinha sido um torcedor ardoroso de beisebol, em certa epoca. Deu outro sorriso sofrido a Kate, mas pareceu incapaz de falar.

- Em sintese, joguei fora a minha carreira. Mas continuei na CIA. Precisavamos do meu salario e do plano de saude, que em pouco tempo voce ja nao podia nos dar.

Dexter deixou escapar uma careta; ela nao devia ter entrado nessa seara. Por sorte, a assistencia medica em Luxemburgo era universal e gratuita.

- Enfim, a questao e que nunca encontrei o momento para lhe contar - concluiu.

Nao soube dizer se o marido estava com raiva, ou triste, ou indignado, ou em estado de choque.

Muito depois, compreenderia que a impassividade tinha sido tudo o que ele conseguira exhibir. Nunca fora treinado para esse tipo de confronto. Nao era fingido por natureza nem por profissao. Apenas por acaso.

- E, quando nos mudamos para ca, e claro, pedi demissao. Mas, aquela altura, por que eu deveria lhe contar a verdade? Como poderia? Tinha passado dez anos mentindo para voce. E, naquele momento, a mentira finalmente estava encerrada. Eu tinha todas as razoes para crer que o assunto ia se tornar mais irrelevante a cada dia. Entao, por que eu deveria admiti-lo? Que bem faria isso? Como me lembro de voce ter dito uma vez, a proposito do sigilo do seu suposto cliente, o cliente que nao existia, seria uma tremenda desvantagem, sem nenhum beneficio.

Dexter olhou fixamente para o outro lado do salao, para o vazio.

- So que eu estava errada, Dexter, eu sei. Devia ter dado um jeito de lhe contar, em algum momento.

Mas nao contei.

Procurou fazer seus olhos implorarem perdao.

- E eu sinto muito, muito, muito.

Nesse momento, Dexter lhe deu um sorriso sem pudor, um sorriso que parecia cheio de compaixao, arrogancia e condescendencia. O sorriso que se usa ao receber um pedido importante e sincero de desculpas. Um sorriso de indulgencia combinada com superioridade. Um sorriso que dizia: *estou disposto a aceitar suas desculpas, mas agora voce fica me devendo.*

Ou, pelo menos, assim pareceu a Kate na ocasiao.

Ela so perceberia isso dali a um ano e meio, mas o sorriso de Dexter tinha sido de profundo alivio.

O sorriso de quem podia finalmente parar de fingir que nao sabia algo que sabia fazia muito tempo.

Comecou a chover, como era comum. Devagar, no inicio, embacando o janelao panoramico de frente para a estrada. Depois veio o martelar alto de gotas grossas na galeria envidracada, no andar de cima.

Um carro fez uma curva e jogou os farois nos olhos de Dexter.

- O que voce fazia? - perguntou ele.

- Na maior parte do tempo, eu me encontrava com pessoas. Incentivava-as a fazerem coisas que nos... os Estados Unidos, ou a CIA, pelo menos, queriamos que elas fizessem. Eu as convencia.

- Como?

- Dava-lhes dinheiro e informacoes. Ajudava-as a se organizarem. As vezes ameaçava consequencias desagradaveis, se elas nao cooperassem.

- Como o que?

- Principalmente, como a falta de coisas que elas queriam. Dinheiro, ou armas, ou o apoio do governo americano. Em vez disso, seus rivais e que receberiam esse apoio. Ou o dinheiro, ou as armas.

- Mas, as vezes, era outra coisa?

- As vezes eu dizia as pessoas que elas seriam mortas.

- Por voce?

- Eu costumava deixar vaga essa parte.

- E elas eram? Mortas?

- As vezes.

- Por voce?

- Nao exatamente.

- O que significa *nao exatamente*?

Kate nao queria responder a essa pergunta. E nao respondeu.

Dexter desviou os olhos, prestes a formular uma pergunta que nao queria fazer: - Era parte do seu trabalho transar com as pessoas?

- Nao.

- Mas voce fez?

- Fiz o que?

- Dormiu com outras pessoas?

- Nao. E voce?

- Nao.

Kate bebeu o ultimo gole do cappuccino, que agora tinha a temperatura ambiente, em equilibrio com a atmosfera local. Essa era uma guinada inesperada para o campo irrelevante da fidelidade sexual, a unica tracao a que nenhum dos dois se entregara.

- Voce ja matou alguem? - perguntou ele a queima-roupa.

Kate sabia que a pergunta surgiria, havia temido isso, mas, mesmo assim, nao se decidira por uma resposta. Por quao completa seria sua resposta.

- Sim.

- Quantos?

Ela nao queria citar numeros. Essa era uma das grandes razoes por que nunca dissera a verdade a Dexter. Nao era meramente o codigo de sigilo da CIA que ela nao queria violar, tambem nao se tratava de sua relutancia em admitir que havia mentido durante tantos anos. A razao primordial por que nunca desejara ter essa conversa era que nao queria responder a essa pergunta, formulada por esse homem, que nunca mais a olharia da mesma maneira.

- Alguns.

O rosto dele pedia um grau maior de especificidade, ou de franqueza. Mas Kate balancou a cabeça.

Nao lhe forneceria o numero.

- Recentemente? - perguntou ele.

- Nao exatamente.

- E isso quer dizer...?

Havia impaciencia na voz dele. Estava cansado das evasivas da mulher.

- A ultima vez foi meses depois de Jake nascer. Foi alguem que eu havia conhecido no Mexico.

Se tinha que lhe contar isso, ia contar a historia toda. Ou quase.

- Era um politico que havia perdido uma eleicao presidencial. Estava planejando outra tentativa e queria nosso apoio. O meu apoio. Eu havia desprezado o pedido e, na verdade, a ultima viagem que fizera ao Mexico tinha sido para conhecer outros politicos, outros homens que estavam pensando em

se candidatar. Ele soube disso. E, quando voltei da viagem, meio que me forçou a me encontrar com ele.

- Forçou? De que modo?

- Ele meio que me sequestrou. Na rua. Não foi uma situação violenta, mas continha uma ameaça, decididamente. O encontro se transformou numa longa ladainha sobre por que devíamos, por que *eu* devia apoiá-lo. E então ele me mostrou uma fotografia, tirada pela nossa janela, de mim com o Jake, na nossa sala.

Dexter inclinou a cabeça, como quem quisesse confirmar se havia entendido.

- Ele estava me ameaçando. Se eu não o apoiasse, poderia haver problemas para minha família. Eu não tinha como avaliar até onde o perigo era verdadeiro. E não a teria levado a sério, em absoluto, se o homem não fosse um sujeito totalmente irracional. Delirante. E eu tinha um bebê. O meu primeiro. Nosso primeiro bebê.

- E então...

- Então, não consegui ter certeza absoluta de que ele nos deixaria em paz. Um sujeito desses tem um alcance que vai muito além da deportação, ou da prisão, ou... de qualquer coisa. Se ele quisesse nos fazer mal, faria.

- A menos que você o matasse.

- E.

- Como? Onde?

Kate não queria fornecer a pornografia do assassinato quadro a quadro. Não queria recitar seu trajeto por Manhattan, o comprimento da lâmina da faca e o número de vezes que ela havia apertado o gatilho, a cor do papel de parede salpicado de sangue no quarto de hotel, o homem caindo no chão, o bebê chorando no comodo ao lado, a mulher surgindo e deixando cair a mamadeira, o bico se soltando e o leite derramando no tapete, a mulher implorando "Por favor", de mãos para o alto, balancando a cabeça, pedindo - suplicando - que sua vida fosse poupada, os enormes olhos negros arregalados, sumidouros profundos de um pavor tenebroso, enquanto Kate lhe apontava a Glock, num debate interno aparentemente infundável, e o bebê parecia ser da mesma idade que Jake, e a pobre mulher, da mesma idade de Kate, uma versão diferente dela mesma, uma pobre infeliz que não merecia morrer.

- Dexter, não quero entrar em todos os detalhes.

Não queria falar do sangue que se espalhou pelas fibras do carpete, saindo do buraco terrível na cabeça de Torres. Maldita mancha.

✕

- Um dia, talvez. Mas hoje, não. Está bem?

Dexter assentiu com a cabeça.

- E o que eu percebi - prosseguiu Kate - foi que tinha ficado fácil demais me atingir, me abalar.

Fazer com que eu me portasse como não deveria. Entendi que eu tinha que deixar o trabalho de campo. Tinha que parar de interagir com espíritos.

Aquela jovem tinha visto o rosto de Kate. Tinha visto que Kate matara Torres e o guarda-costas.

Aquela mulher, aquela testemunha de um assassinato a sangue-frio, poderia mandar Kate para a cadeia. Poderia arranca-la do filho pequeno, do marido. De sua vida.

- E assim, depois de matar esse homem, voltei para meu escritorio e pedi para ser transferida.

Kate mirou a pistola no peito da mulher, firmando o pulso direito na palma da mao esquerda, comecando a entrar em panico, a se perguntar se teria forcas para fazer aquilo, se teria forcas para nao fazer.

E, no comodo ao lado, o bebe chorou novamente, dessa vez mais alto.

Depois de tantos anos de tantas mentiras, nao havia demorado muito para abrir o jogo. Era surpreendente a indiferenca que ela sentia, agora que estava tudo - quase tudo - as claras.

Ambos tinham o direito legitimo de estar furiosos um com o outro. Mas suas indignacoes moralistas separadas pareciam anular-se e nenhum dos dois estava com raiva. A preocupacao estava estampada no rosto de Dexter. Kate achou que era uma preocupacao com o futuro deles. Talvez o marido se perguntasse se eles, aqueles dois mentirosos, poderiam dar certo juntos. Um casamento baseado em tantas inverdades. Uma vida levada em tanta falsidade, por tanto tempo.

Kate nao sabia que Dexter nao havia confessado todas as suas mentiras. Do mesmo modo que ela nao tinha revelado cada um de seus segredos.

Ele abriu a boca, deixou-a aberta em silencio, lutando com alguma coisa, mas desistiu.

- Tambem lamento muito, Kat. Lamento muito.

Sentados ali, como Kate se deu conta tempos depois, Dexter ficara em conflito entre admitir ou nao a camada mais profunda de sua traicao. Mas havia optado por nao faze-lo.

E ela tambem.

X

Kate bateu pelo corredor, as pontas dos dedos correndo pelo papel de parede com estampa de seixos, até a luz que vinha do quarto dos meninos. Ao sair antes do jantar, agitada, ela não havia fechado as persianas. A iluminação da rua entrava no quarto e banhava tudo com um tom prateado, um mundo cromado de roupinhas e brinquedinhos e garotinhos inocentes, sem rugas na testa e com ombros de uma estreiteza impossível.

Foi até as camas dos dois, com colchões tamanho junior pouco maiores que os de berços, mas chamadas, ainda assim, de camas de meninos crescidos. Beijou as duas cabeças, os cabelos sedosos, com cheirinho de limpeza. Os meninos estavam esparramados, cada um numa posição estranha, como se houvessem caído de uma grande altura naquelas caminhas. *Ploft*.

Kate olhou pela janela antes de fechar as persianas. A baba estava entrando no banco do carona, Dexter ao volante, para levá-la para o outro lado da ponte, a sua ruína estreita, repleta de restaurantes asiáticos medíocres. Luxemburgo é um lugar onde um belo file mignon custa metade do preço de uma comida chinesa horrível.

Havia um taxi parado no fim do quarteirão, janela parcialmente aberta, o motorista soprando a fumaça do cigarro em baforadas que se inflamavam com uma aparência violenta, a fumaça quente adensando-se no frio ar noturno.

Na direção oposta, Kate discerniu sem precisão a silhueta de uma figura sob um carvalho plantado numa clareira, com uma grade preta de ferro fincada no chão. Era provável que permanecesse ali até o amanhecer - ou talvez eles se alternassem nesse serviço noturno de sentinelas -, para ter certeza de que os Moore não fugiriam. De pé sobre os paralelepípedos, encostado numa grade de ferro cuja borda espetava, tremendo de frio apesar de embrulhado em agasalhos, os pés doloridos, cansado, com fome, entediado.

Mas era o trabalho dele. E, embora Kate ainda não o soubesse, ele tinha feito uma descoberta recente que havia aumentado sua motivação, a qual agora se achava num nível que seria lícito caracterizar como obsessão. Portanto, ele agora contava com a paixão para ajudá-lo a atravessar a noite longa e escura.

Kate estava novamente sentada na varanda quando Dexter voltou. Ele largou as chaves na vasilha de cerâmica do aparador, onde sempre as deixava. Andou pelas lajotas de pedra enceradas, as mesmas de qualquer outro piso em Luxemburgo, a meia-luz. Saiu para a varanda e fechou a porta ao passar.

A chuva e as nuvens tinham sido sopradas pelo vento. Agora a noite estava clara, as estrelas cintilavam.

- Você pode ficar comigo ou com o dinheiro - anunciou Kate.

Havia tomado sua decisão e não era negociável. Estava convencida de conhecer a natureza do marido. Sabia que ele não era homem de querer comprar iates e carros esporte com uma fortuna em dinheiro sangrento e roubado. Ele simplesmente quisera roubá-lo.

- Não pode ficar com os dois - pressionou ela.

Encararam-se na escuridão fria, pela segunda noite consecutiva, uma distância colossal atravessada nas horas decorridas nesse intervalo.

✕

✕

Dexter deixou a cabeça pender para tras, fitando o céu.

- Você precisa mesmo que eu diga?

- Eu gostaria que não, mas preciso.

Ele compreendeu: a situação entre eles mudara. Agora era impossível ela saber com exatidão onde estava pisando.

- Você - disse Dexter, olhando-a. - É óbvio que eu escolho você.

Kate retribuiu o olhar. Passou-se entre os dois uma coisa a que ela não soube dar nome, um reconhecimento, uma resignação, uma gratidão, uma mistura de sentimentos entre duas pessoas que eram casadas fazia muito tempo. Dexter estendeu a mão, segurou a dela.

- Vamos deixar os 25 milhões naquela conta, sem jamais toca-los - disse Kate.

- Então, para que guardar o dinheiro? Por que não doa-lo? Podemos construir uma escola no Vietnã. Ou uma clínica de tratamento de AIDS na África. Qualquer coisa.

Nunca havia ocorrido a Kate que ela pudesse dispor de uma soma imensa em dinheiro. Que pudesse doar qualquer coisa a qualquer pessoa. Reconsiderou seu plano, suas alternativas, sob esse estranho prisma novo. Os dois passaram alguns momentos calados, imersos em seus pensamentos.

- Acho que não - disse ela. - Precisaremos ter uma reserva, uma soma considerável em dinheiro vivo para fugir, se for preciso. O suficiente para construir uma vida nova do zero.

- Por que?

- Não estou convencida de que não haja meio de você ser apanhado. Sempre há um modo de o sujeito ser pego. Talvez haja provas que você desconhece. Tem a garota de Londres e a sua fonte croata, onde quer que esteja e seja ela quem for. Existem as pessoas com quem essa gente falou, com quem dormiu. Tem aqueles agentes do FBI e os registros que eles fizeram. Tem a Interpol.

Dexter arriou na cadeira. Era uma hora da manhã.

- Precisaremos ficar de prontidão durante anos - prosseguiu Kate. - Talvez para sempre.

Precisaremos estar prontos para sumir, com uma mala cheia de dinheiro vivo.

- Esta bem. Mas isso dá o que: 1 milhão de euros? E quanto ao resto?

- Precisamos deixá-lo quieto. Como uma espécie de depósito em garantia.

- Por que?

- Porque, um dia, talvez precisemos devolvê-lo.

Kate acordou assustada, suando frio.

Saiu de repente pelo corredor escuro, beijou os meninos no alto das cabeças perfeitas, ouviu-os respirarem, saíram e salvos.

Olhou pela janela. Bill continuava lá fora, certificando-se de que ela não fugiria.

Dexter dormia a sono solto, o peso do mundo retirado de seus ombros.

Mas Kate estava inteiramente desperta, perseguida pelo mesmo demonio que a assombrava com regularidade, sobretudo quando ela tentava esquece-lo.

A descida era estreita e ingreme, com uma curva fechada de noventa graus no meio, mais uma curva dificil no outro lado da porta da garagem, na saida para a rua estreita e seus muros de pedra, que tambem era uma descida ingreme, e depois mais curvas fechadas. Kate guiava o carro com cuidado pelas ruas espremidas, subindo e descendo os paralelepipedos que a chuva deixara escorregadios, dobrando esquinas apertadas. O radio estava sintonizado na France Culture, no noticiario matutino, num escandalo politico. Ela ainda nao identificava um quarto das palavras usadas, mas ficou quase satisfeita por estar compreendendo a historia. No banco de tras, os meninos conversavam sobre os tipos de coisas que mais gostavam de cortar ou picar. Jake gostava de macas; Ben, para a sua surpresa, falou em kiwis.

Kate havia chegado aquele nivel especial de cansaco que e quase alucinatorio. Uma sensacao que ela recordava dos primeiros meses dos filhos, quando precisava levantar as quatro da manha para amamentar. E das missoes que havia cumprido, de pe e pronta para invadir lugares as tres da madrugada, para voos nao programados as cinco, em pistas de decolagem improvisadas em clareiras na floresta.

Conduziu os meninos na neblina matinal pelas proximidades da escola, trocando alos e sorrisos e acenos de cabeça com uma duzia de amigas e conhecidas. Bateu um papo rapido com Claire. Foi apresentada por Amber a uma americana recém-chegada, uma jovem de rosto sardento que vinha de Seattle e cujo marido trabalhava na Amazon, no antigo galpao reformado de uma cervejaria.

Concordou em se encontrar com elas para um cafe antes de buscar as criancas, dali a seis horas e meia - a oportunidade diaria para fazer compras e a limpeza e assistir a filmes e ter aventuras amorosas com treinadores de tenis. Para ter qualquer tipo de vida secreta que se conseguisse imaginar. Ou, meramente, para tomar um cafe nada secreto com outras donas de casa estrangeiras.

Desceu a colina, tomando um cuidado extra numa zona perigosa de construcao. Cruzou a passagem de nivel da ferrovia, tornou a subir, depois desceu para atravessar o rio Alzette em Clausen. Subiu para Haute Ville, passou pelo desvio para o palacio do grao-duque e pelo guarda arrogante e gordo de olhos escuros, depois voltou para sua vaga no edificio-garagem.

Havia recommecado a chover. Kate saiu a pe pelo centro, por ruas em que conhecia de cor cada ladeira e curva, cada loja e cada vendedor.

Havia uma freira idosa parada diante da igreja de Saint-Michel.

- *Bonjour* - disse a Kate.

- *Bonjour*.

Kate a examinou de perto, os olhos sem aro e o habito fechado sob um casaco escuro de feltro.

Percebeu que a freira nao era idosa, apenas dava essa impressao, de longe. Era provavel que nao fosse mais velha que ela.

Seguiu pela Montee de Clausen, paisagens surpreendentes de ambos os lados do plato estreito e inclinado, vastos panoramas em tons de marrom e cinza, como um cavalo pardo molhado. A chuva aumentou, ja era um aguaceiro frio e ininterrupto. Kate apertou o casaco em volta do corpo.

Um trem atravessou o desfiladeiro, na ponte elevada em estilo de aqueduto. No rio semicongelado la embaixo, um pato grasnava com insistencia, parecia um velho rabugento

discutindo com um de caixa de banco. Um trio de turistas japoneses com ponchos de plástico atravessou a rua correndo.

Kate subiu ao mirante no alto das fortificações, que eram perpassadas por um labirinto de tuneis.

Centenas de quilômetros de tuneis corriam sob a cidade, alguns grandes o bastante para permitir a passagem de cavalos, moveis ou regimentos uniformizados. Durante as guerras, a população tinha se escondido - *morado* - nesses tuneis, protegendo-se da carnificina lá no alto.

Ela deu o último passo para a plataforma. Havia outra mulher lá em cima, com o rosto virado para o nordeste, na direção dos prédios reluzentes da União Europeia, no bairro de Kirchberg. Parada no alto da velha Europa, contemplando a nova.

- Vocês estão errados - disse Kate.

A mulher - Julia - virou-se para ela.

- E precisam nos deixar em paz.

Julia balançou a cabeça:

- Você achou o dinheiro, não foi?

- Droga, Julia!

Kate estava lutando para manter a compostura. Não tinha grande confiança em que viesse a ter sucesso.

- Isso simplesmente não é verdade - insistiu.

Julia estreitou os olhos para uma rajada de chuva que batia de lado: - Você está mentindo.

Em toda a sua carreira, Kate nunca havia perdido as estribeiras durante uma missão, um confronto.

Mas, quando bebês, os filhos haviam minado seu ânimo, esgotado sua paciência, e por diversas vezes ela perdera a calma. Aquilo era uma sensação conhecida, aquele aperto no peito que antecedia a perda do controle.

- E vou provar que está - acrescentou Julia, dando outro passo em direção a Kate e estampando um insuportável sorriso de presunção na boca ridiculamente pintada.

Kate ergueu o braço num ato e a esbofetou no rosto, o pulso estalando ao entrar em contato com a pele molhada - uma bofetada contundente, com a mão espalmada, que deixou uma grande marca vermelha.

Julia encostou a mão no rosto machucado, fitando Kate nos olhos com uma expressão que parecia de satisfação. Sorriu.

Em seguida, deu o bote, segurando Kate pelos ombros, pelo pescoço, pressionando, empurrando-a com as pernas. Kate cambaleou para trás, na direção da escada - ia cair, se não recuperasse o equilíbrio. Girou o corpo para se soltar e parou junto ao muro baixo de pedra que a separava de uma queda de mais de 20 metros.

Olhou em volta, observando o despenhadeiro perigoso que a cercava por três lados. Julia estava parada no alto da escada do quarto lado, bloqueando a rota de fuga. As testemunhas japonesas haviam desaparecido. Não havia outros turistas, outros visitantes, mais ninguém. Era o meio da semana, numa pequena cidade do norte da Europa, em pleno inverno, embaixo da chuva gelida que caía a

cantaros.

Estavam completamente sozinhas.

Julia deu um passo em direcao a Kate, rosto abaixado, mandibula tensa, olhar enfurecido. Mais um passo. Kate estava encostada no muro.

Julia estava a poucos passos. De repente, Kate ergueu o braco e desferiu um soco rapido. Julia se esquivou, girou e tirou a mao do bolso, levantando alguma coisa prateada e brilhante.

Kate desferiu um chute e acertou com o pe direito a mao de Julia, porem nao foi um golpe forte o suficiente para que a outra largasse a arma, apenas fez com que Kate perdesse o equilibrio nas pedras molhadas e escorregadias. Caiu sentada, depois bateu a cabeça no arenito duro, denso e irregular, num impacto doloroso.

Tudo escureceu.

Mas so por uma fracao de segundo. Logo em seguida, a visao de Kate foi voltando: pontos, estrelas e espirais de luz multicores. Ela enfiou a mao no bolso enquanto seus olhos discerniam Julia voltando a acao e girando na direcao dela. Levantou depressa o braco; houve um borrao indistinto e um rocar de tecido contra tecido.

Julia estava parada diante de Kate, apontando-lhe o revolver na cabeça, e a Beretta preta e fosca de

✕

✕

Kate mirava diretamente o peito de Julia.

Um onibus roncou na rua la embaixo, oculto, e trocou de marcha para enfrentar a arrancada final na subida ingreme ate o alto da Montee de Clausen.

As mulheres se encararam pela mira das armas. Estavam ambas encharcadas, com agua escorrendo pelo cabelo e pelo rosto, entrando nos olhos. Kate piscou para afasta-la. Julia enxugou a testa com a mao esquerda, livre.

Continuaram a se encarar.

E entao, de repente, Julia baixou a arma. Fitou Kate por um segundo e acenou com a cabeça. Foi o mais infimo dos acenos, o pescoco se inclinando ligeiramente, o angulo do rosto mal chegando a se alterar. Ou talvez o pescoco e a cabeça nem se houvessem mexido, talvez o aceno tivesse sido apenas com os olhos, uma piscadela. Sua face se contraiu no que talvez fosse um sorriso, talvez uma careta.

Kate pensaria muitas vezes nessa expressao enigmatica, no ano e meio seguinte. Julia estava tentando lhe comunicar alguma coisa, ali naquele mirante, sob a chuva torrencial. Mas Kate nao conseguiu descobrir o que era.

Entao Julia deu meia-volta, cruzou a plataforma, desceu a escada e desapareceu de vista. Foi embora. Para sempre, acreditou Kate.

- Voce soube dos Maclean?

Kate estava em pe na escola, esperando dar as tres horas. Fazia frio, mas o tempo estava claro e sem nuvens, o tipo de dia que se diria ser corriqueiro no nordeste dos Estados Unidos, no rigor do inverno, mas que parecia um raro prazer ali, uma ruptura do cinza cotidiano.

A pergunta viera de uns tres metros de distancia, as costas de Kate. Ela nao quis virar de frente

para a conversa, mas queria ouvi-la disfarcadamente.

- O que e que tem?

- Estao indo embora. Talvez ja tenham ido.

- De volta para os Estados Unidos? - perguntou uma mulher cuja voz soou familiar. - Por que?

Abriu-se a porta gigantesca e as criancas comecaram a emergir do predio, ofuscadas pelo brilho do sol.

- Nao sei. Eu so soube que estao de partida. Pela Samantha. Voce sabia que ela trabalha numa firma especializada em mudancas, aqui em Luxemburgo? Pois acabou de receber uma cotacao para o apartamento dos Maclean. Verificou com o corretor e descobriu que eles estao sendo liberados do contrato de locacao, porque vao regressar para os Estados Unidos a trabalho. Imediatamente.

Jake saiu para o sol, procurou a mae, achou-a e seu rosto se iluminou, como sempre fazia, todos os dias.

- Oi, maae.

Kate se virou de frente para as mulheres que fofocavam. Uma tinha um rosto vagamente conhecido.

Kate sentiu os olhos da mulher pousados nela - uma colega de Julia Maclean, possivelmente afetada pelo que quer que houvesse forçado o casal a partir.

A outra mulher, a da voz conhecida, era a Singela Jane. Seus olhos encontraram os de Kate e Jane

✕

✕

os baixou, com inequivoca vergonha. Devia achar que aquilo tinha a ver com ela; seu romance com Bill havia destruido o casamento. Todos se acham o centro de tudo.

O inverno foi chegando ao fim. Eles passaram uma semana em Barcelona, mais calida que o norte do continente, temperatura para sueter, em vez de casacao. Um passeio de carro a Hamburgo num fim de semana. Um voo para um fim de semana em Viena. Locais estrangeiros, linguas estrangeiras.

Kate passou um fim de semana sozinha na Paris invernal: chegou no trem-bala de sexta de manha, apos duas horas de viagem confortavel, e deu uma caminhada revigorante da Gare de l'Est ate o almoco num mercado coberto: mesas com toalhas de plastico, vapor subindo da barraca vietnamita, manteiga chiando nas chapas largas dos crepes, pratos com esculturas de pes de porco. Ela entrou e saiu das grandes lojas de departamentos nos grandes bulevares. Visitou o Louvre.

Sabado, ao final da tarde, parou na Pont Neuf, o rio cintilando abaixo, liso e prateado a luz hibernal. Tornou a amarrar a echarpe nova no pescoco, mais apertado, mais quente. Atravessou outra vez para o burburinho movimentado da margem esquerda do Sena, os cafes e *brasseries* lotados para os drinques e cigarros do comeco da noite, a luz do sol se extinguindo aos poucos, substituida pela luz eletrica. Ao esperar que o sinal abrisse numa esquina da Place Saint-Michel, abarrotada por centenas de pessoas, notou que o galho de arvore que pendia sobre o cruzamento comecava a florescer.

Quando eles deixaram Luxemburgo para as ferias de verao no sul da Franca, planejavam regressar em cinco semanas. Presumiram que mandariam as criancas de volta para a mesma escola,

em novas series. Mas, naquele mes no Mediterraneo, reavaliaram seus planos. Queriam mesmo morar em Luxemburgo? Precisavam disso?

Aquilo de que precisavam - de que *havi*am precisado - era que Dexter pudesse abrir as contas numeradas ultraprotegidas que seu golpe exigia. Ele precisara criar uma *societe anonyme* para operar num ramo de negocios que nenhuma autoridade questionaria: investimentos no mercado financeiro, em Luxemburgo. E os dois precisavam pagar o imposto de renda em algum lugar que nao estivesse sob a jurisdicao do FBI.

Mas tinha que ser Luxemburgo? Nao. Podia ser a Suica, ou as Ilhas Cayman, ou Gibraltar, ou diversas pequenas nacoes bem cuidadas e favoraveis a privacidade. Dexter visitara todas elas, no ano anterior a mudanca. Tinha escolhido Luxemburgo por parecer o melhor paraíso fiscal para se morar. Era um lugar de verdade, nao uma ilha remota no mar da Irlanda, nem um clube campestre no Caribe, nem um afloramento de rocha dos Pireneus. Tinha uma prospera comunidade de estrangeiros residentes, boas escolas e acesso facil as riquezas culturais da Europa Ocidental.

E ninguem nos Estados Unidos sabia o que era Luxemburgo. Quando os americanos ouviam dizer que alguem ia se mudar para Zurique ou para as Ilhas Cayman, presumiam que a pessoa estava escondendo dinheiro ou fugindo - ou ambas as coisas. Mas ninguem sabia o que se fazia em Luxemburgo.

No computo geral, Kate tinha que admitir que Luxemburgo fora uma boa escolha para toda a familia. Mas havia acabado comprometida pela maneira como tudo tinha comecado. E pelos Maclean.

✕

✕

Agora que a LuxTrade S.A. estava firmada, agora que Dexter ganhava a vida de forma legitima - e surpreendentemente lucrativa - com sua empresa de investimentos, agora que eles tinham vistos de residencia e carteiras de motorista da Uniao Europeia, agora que tinham entregado suas declaracoes de renda em Luxemburgo... agora que tudo isso estava feito, precisavam realmente permanecer em Luxemburgo?

Nao.

Foram as criancas que fizeram amizade na praia de Saint-Tropez. E, entao, no dia seguinte, os adultos se apresentaram. E no outro dia, estavam todos juntos na mesma praia outra vez, e mais adiante naquela semana, num almoco regado a vinho rose gelado e com a tagarelice animada de americanos desterrados em ferias. Kate ouviu as historias sobre a vida em Paris, e sobre a escola internacional de Saint-Germain, e sobre o mercado imobiliario, onde os precos tinham entrado em baixa recentemente...

Depois disso, tomaram o voo matutino de Marselha, os meninos de cabelo lavado e penteado e as camisas enfiadas nas calcas, e pegaram um taxi do aeroporto a escola. Vieram as entrevistas rapidas com as criancas e as outras, mais longas, com os pais. E em seguida, os apertos de maos com o funcionario encarregado das admissoes, sorrindo e recebendo a garantia de que os meninos seriam bem-vindos ali.

Comeram e beberam alguma coisa no Cafe de Flore. Depois, tornaram a sair, naquele abafado dia util de verao. Chegaram a *agence immobiliere*, que tinha as janelas enfeitadas por fotografias de apartamentos em papel brilhante. Apresentaram-se e partiram para uma visita rapida aos imoveis.

Na manha seguinte, assinaram o contrato de matricula da escola e o contrato de locacao do

apartamento.

Em meados de agosto, Luxemburgo parecia deserta. Ou sem seus estrangeiros residentes. Todas as amigas de Kate estavam de férias com a família - as americanas, nos Estados Unidos; as europeias, em chales alugados a beira-mar na Suécia, em *villas* caiadas de branco nas montanhas da Espanha ou em residências em tons pastel e com piscina na Umbria.

Kate circulou pela cidade vendo os rostos conhecidos dos balconistas de lojas, dos vendedores do mercado da Place Guillaume II, das garçonetes em seus intervalos dedicados a fumar, dos guardas do palácio. Eram todas pessoas cujos nomes ela não sabia e que faziam parte da textura de sua vida.

Teve a sensação de que devia despedir-se de todas e cada uma delas.

Desejou que suas amigas estivessem ali, nesse momento. Ansiou por se sentar numa cafeteria com Claire e Cristina e Sophia, tomar uma última rodada de café, trocar uma última rodada de abraços.

Mas era melhor assim, provavelmente. Detestava despedidas.

Voltou ao apartamento levando um sanduíche de presunto num saquinho de papel e retomou a tarefa de triar os brinquedos dos meninos, separando os que eram para jogar fora, para doar, para guardar.

Os garotos estavam com Dexter no parquinho do navio pirata, pela última vez.

Kate sabia que seria mais fácil nessa segunda vez. As partes difíceis seriam menos difíceis e as divertidas, mais divertidas. Como com o segundo filho, Ben: menos intimidante, menos árduo, menos confuso, com o bônus da experiência prévia.

Eles ainda precisavam manter algum tipo de residência em Luxemburgo: um lugar de onde mandar as declarações de impostos, onde pudessem fingir que moravam. A casinha de fazenda, alugada nas Ardenas por mil euros por mês, serviria perfeitamente. Havia uma pilha de caixas destinadas a ela, jogadas num canto da sala, cheias de luminárias baratas, pratos sem uso e talheres descartados. E um cofre em que eles guardariam 1 milhão de euros em espécie.

Afora isso, o dinheiro do coronel continuava intacto, na mesma conta numerada, possivelmente para sempre. Agora eram 24 milhões.

Kate contemplou pela janela a vista ampla, a larga faixa de Europa em seu campo visual, nesse seu breve lar. Os olhos se encheram de lágrimas. Ela sentiu um peso maciço de desespero ante o término disso. Ante a marcha inexorável de sua vida para adiante, para o fim inevitável.

✕

Hoje, 19h32

As lembranças começam a esmaecer, a assumir uma tonalidade indefinida nas bordas, uma imprecisão que se infiltra sorrateira em direção ao centro, acabando com a confiança de Kate em que os eventos de fato aconteceram. Faria muito mais sentido se ela houvesse imaginado a coisa toda, sua vida inteira. O presente seria apenas o presente, ligado a outro passado, mais simples.

Faz um ano e meio desde o dia em que Kate e Julia ficaram sob a chuva enregelante, na plataforma do mirante da Montee de Clausen, ambas armadas, enraivecidas e sem saber ao certo se uma teria que matar a outra.

Agora, neste café parisiense, elas se entreolham sem jeito, como namorados depois da primeira briga.

O corpo de Julia se inclina na direção de Bill, numa atração magnética. Há algo diferente, agora, na maneira de esse homem e essa mulher estarem juntos. Talvez mais natural que antes, nos tempos de Luxemburgo. Mais qualquer coisa. Ou talvez menos.

- E então - diz Julia -, o que vocês tem feito?

Dirige a pergunta a Kate, agora que os homens acabaram sua história masculina de tráfico de armas e membros destrocados.

Kate dá uma olhada para Dexter. Ele não a encara, não oferece nenhuma orientação. Parece completamente a vontade, como se não houvesse nenhum aspecto negativo possível nessa interação, nada que pudesse dar errado, nenhum rumo ruim que ela pudesse tomar. O que deixa Kate duplamente certa de ter razão quanto ao que realmente aconteceu entre eles. Triplamente. Tem uma certeza incommensurável.

O que ela não entende é como pode conversar com essas pessoas, como se fossem todos normais, como se este fosse um encontro de verdade entre amigos sinceros, ou até um tenso confronto entre inimigos. Que grau de franqueza Julia poderia estar esperando? Que tipo de conversa essa mulher acha que eles terão?

- Por que Paris? - pergunta Julia.

Talvez espere que uma pergunta mais específica gere uma resposta.

- Por que não?

E a resposta tensa de Kate.

Bill levanta as mãos, faz um gesto apontando o ambiente e diz: - Porque isto aqui, sabem?, isto é um horror, porra.

Há um apelo nos olhos de Julia:

- Ora, vamos, Kate. Não estou pedindo muito. Não precisamos ser... amigas...

Kate baixa os olhos.

-... mas não temos que ser inimigas, Kate. Não somos inimigas. Não estamos aqui... isto não é...

Sua voz se extingue e o olhar se perde na distância.

Kate olha demoradamente para Julia, que tem as mãos cruzadas, cotovelos na mesa, curvada para a frente, sobranceiras arqueadas, cabeça inclinada de lado, ansiosa por ouvir qualquer pequeno detalhe irrelevante de qualquer história que não venha ao caso. Qualquer coisa. Nessa pose de avidez, Kate pensa reconhecer uma coisa estranha: amizade.

- Eu... - começa Kate e de repente sente uma tristeza terrível. - O que você quer que eu diga, Julia?

- Não sei, qualquer coisa. Você sente saudade de Luxemburgo?

Kate dá de ombros.

- Eu, sim - confessa Julia. - Sinto saudade das minhas amigas. Sinto saudade de você, Kate.

Kate tem que desviar os olhos, lutando contra a vontade de chorar.

- Senhoras - diz Bill, erguendo sua taça. - Não sejamos piegas. A Luxemburgo!

Kate observa Julia erguer sua taça, respingar umas gotas de vinho nos lábios e repor a taça na mesa.

- A Luxemburgo.

- Então, perdoem a minha falta de rodeios - diz Kate, dando o passo que ninguém mais parece disposto a dar -, mas, por que vocês estão aqui?

Julia e Bill trocam uma olhadela rápida.

- Nós viemos contar a vocês... - diz Julia -... contar ao Dexter sobre o coronel.

- Ah - Kate meneia a cabeça. - Sei.

Novo silêncio.

✕

✕

- Não entendo por que isso precisa ser feito pessoalmente - recomeça Kate. - Na verdade, não entendo nem mesmo por que vocês querem fazê-lo. Afinal, Dexter é uma pessoa que vocês investigaram, que acusaram de um crime grave, do qual é óbvio que ainda o consideram culpado.

- Também éramos amigos - diz Julia.

Kate se inclina para a frente:

- Éramos?

Elas se encaram, as duas mulheres.

- Eu achava que sim. Ainda acho.

- Mas...

Kate procura estampar no rosto sua perplexidade, seu sentimento de traição.

- Eu estava fazendo... nós estávamos fazendo aquilo que precisávamos fazer.

Kate sente alívio por Julia não dizer que estivera apenas fazendo seu trabalho. Pelo menos é franca quanto a isso. Porque trabalho tinha sido a última coisa com que ela se preocupava.

- Há também mais uma coisa - diz Bill, voltando a entrar na briga. - Queríamos contar a vocês

que, agora que o coronel morreu, a investigacao esta encerrada.

- Completamente? - pergunta Dexter.

Por um instante, todos se calam, no ruidoso crepusculo parisiense. Bill esvazia sua taca e torna a enche-la: - Completamente. E em carater definitivo.

Ha um policial de uniforme azul encostado num automovel, flertando com uma jovem que fuma um cigarro montada numa motoneta. Os olhos de Kate sao atraidos pelo revolver do policial, que pende descuidado. Seria facil domina-lo e lhe tirar a arma, enquanto ele se distrai com outras prioridades mais francesas.

Kate vira para seus companheiros. Sera que um dia alguma dessas pessoas vai abrir o jogo com ela? Sera que ela propria abraira inteiramente o jogo com alguma delas?

Durante este ultimo ano, foi rigorosamente sincera com Dexter. Ou quase. E tinha pensado que ele fora sincero com ela tambem. Mas perdeu essa ilusao hoje a tarde. Agora mal consegue acreditar que levou tanto tempo para examinar o anuario dele, agora percebe que houve uma enorme dose de negacao em seu lapso.

Foi so uma fotografia pequena que ela encontrou, uma copia ruim, em cores desbotadas. Terceira fileira de cima para baixo na pagina, segunda foto da direita para a esquerda: uma moca de beleza corriqueira, sorriso largo, brilho rosa-claro nos labios e cabelo louro repicado.

- E entao? - pergunta. - O que voces vao fazer com a sua metade?

A mesma mulher de beleza corriqueira, agora sentada do outro lado da mesa, sobrancelhas levantadas, sorriso desfeito, finge-se surpresa:

- Nossa metade de que?

- Sua metade do dinheiro.

Nem Julia nem Bill esbocam qualquer reacao - nenhuma expressao facial, nenhum movimento do corpo, nenhum som, nada: a nao resposta treinada do mentiroso profissional. Mas esses dois sao muito obvios. Nao sao tao bons atores quanto Kate imaginava, nem de longe tao bons quanto ela. Talvez seja verdade o que todo mundo afirmava em seu trabalho, na ressentida disputa de meio seculo entre as duas instituicoes: os agentes do FBI simplesmente nao sao tao bons quanto os da CIA. Ou talvez, como a propria Kate, eles apenas estejam sem pratica.

- Que dinheiro? - pergunta Julia.

Kate da um sorriso condescendente.

- Ainda nao decidiram? - retruca.

Olha para cada um de seus tres companheiros, para o disfarce que usam, na tentativa de mascarar as diferentes mentiras que contaram uns aos outros. As mentiras que todos continuam tentando sustentar. Na esperanca de que elas os protejam pelo resto de suas vidas plenas e satisfatorias, apesar das verdades que eles optaram por nao contar as pessoas mais importantes de seu mundo.

Kate mantem os olhos na principal responsavel, Julia. Nessa tarde, ao perceber que Dexter e Julia - cujo nome verdadeiro era Susan Pognowski - tinham se conhecido na faculdade, seu primeiro pensamento foi que eles haviam arquitetado juntos esse plano, ja naquela epoca, ou logo depois. Mas nao conseguiu conciliar essa hipotese com a realidade do seu Dexter. Ele nao era esse tipo de pessoa. Nao era um manipulador. Era do tipo que e manipulado.

Kate percebeu que tinha sido isto: Julia havia orquestrado a coisa toda, enganado todo mundo. Nunca houvera nada de sexual entre ela e Dexter, nada romantico. Apenas um grau extraordinario de maquiavelismo e uma assombrosa capacidade de planejamento e visao de futuro.

Ao ver aquela foto do anuario pela primeira vez, Kate ficou magoada, com raiva, sentiu-se traída e confusa. Mas, caminhando pelas ruas apinhadas e barulhentas de Paris, montou todo o quebra-cabeça, peça por peça. E, a medida que ele foi desvendado, sentiu-se cada vez menos aborrecida com Dexter, cada vez mais perplexa com Julia. Parada na Rue Saint-Benoit, no trecho elegante formado pela esquina do Le Petit Zinc, Kate perdoou o marido. Depois de andar outro quarteirão, tinha reconsiderado todo o seu projeto de vida. E, ao entrar no apartamento, minutos depois, estava pronta para tomar as providencias necessarias.

Kate compreende por que Dexter teve de esconder dela esse segredo especifico. E que admiti-lo implicaria admitir outra coisa que ele não podia suportar - que sabia que Kate era agente da CIA. Não conseguia confessar a que ponto tinha mentido para ela.

Dexter não sabe que foi perdoado. Sabe apenas que seu pior embuste acaba de ser descoberto. Agora está tomado pelo nervosismo e mal consegue permanecer sentado. Kate se lembra de como costumava prender os filhos com o cinto de segurança na cadeirinha de alimentação, para eles não fugirem durante as refeições. Imagina-se estendendo as mãos e prendendo Dexter nessa cadeira de palhinha do café, fechando a fivela. A imagem surreal a faz sorrir.

Seu sorriso da a Julia coragem para romper o silêncio:

- De que diabo você está falando?

E isso a instiga a dizer:

- Estou falando da sua metade dos 50 milhões de euros - afirma, e então, para arrematar, acrescenta: - Susan.

Bill quase se engasga com o vinho.

- Por favor - diz Kate -, interrompam-me se eu disser alguma coisa errada. Está bem?

Bill, Julia e Dexter se entreolham feito os Três Patetas. Acenam com a cabeça ao mesmo tempo.

- Ninguém aqui foi criado em Illinois. Bill, você não frequentou a Universidade de Chicago. Julia, você não foi de nenhuma faculdade da Universidade de Illinois. Vocês criaram essa história de Chicago por saberem que eu nunca estive lá, não tinha amigos por lá. Não poderíamos nem mesmo tentar encontrar um conhecido distante em comum. Bill, você é meio irrelevante nessa história. Vocês dois - aponta para Dexter e Julia - se conheceram num de dois lugares: ou eram do mesmo dormitório ou fizeram alguma matéria juntos em uma turma pequena. Imagino que no primeiro semestre do primeiro ano.

Por um momento, nenhum dos dois responde, ambos numa previsível negação de que finalmente tinham sido apanhados.

- Dormitório - admite Julia, a primeira dos dois a chegar a conclusão de que a verdade, ou essa verdade, pelo menos, já não podia ser evitada. - Primeiro ano.

- E alguma coisa fez a relação de vocês ultrapassar a de colegas de dormitório. O que foi?

- Fizemos uma disciplina juntos no segundo semestre - responde Julia. - Frances.

- Portanto, vocês logo se tornaram amigos no primeiro ano, quando era fácil fazer amizade com qualquer um. Exatamente como as pessoas que vivem fora de seus países.

Kate tem uma lembrança do dia em que conheceu Julia. Daquela noite, parada ao lado de Dexter no banheiro, os dois escovando os dentes lado a lado, quando lhe disse que a nova vida deles parecia a vida de calouros na universidade. E que havia conhecido uma mulher de Chicago. Dexter brincou, dizendo que ela não poderia fazer amizade com essa mulher, já que tinha tanta antipatia por Chicago. Manteve-se muito calmo. Kate nunca imaginou que o marido fosse capaz de uma falsidade assim. Esta impressionada com ele, apesar de tudo.

- Mas vocês gravitaram para grupinhos diferentes - continua. - Ao se formarem, já não eram realmente amigos. Ninguém da faculdade os identificaria como amigos. Se os seus colegas de classe fossem consultados, nenhum deles se lembraria de que vocês tinham sido íntimos. Porque, basicamente, só vocês sabiam da sua relação, certo? Não tinham uma história pública. Só a história privada.

Ainda nenhuma resposta. Nenhuma correção.

- E assim, passaram-se quinze anos. Você - ela inclina a cabeça para Julia - estava trabalhando no FBI. Sua especialidade era a investigação de crimes cibernéticos. A movimentação bancária on-line dos consumidores havia explodido, passando de zero a bilhões em alguns anos, e depois, decorrida mais meia década, era praticamente todo o dinheiro do mundo sendo movimentado via internet. Você tinha se tornado perita em investigações nesse campo, no primeiro escalão do FBI, certo?

- Sim.

Kate vira-se para Dexter:

- Você trabalhava num banco. Também tinha se tornado um tipo diferente de especialista no mesmo campo. E então, um dia, do nada, você topou com sua velha amiga, sua ex-amiga, num local público. Onde foi que aconteceu?

- Numa livraria - responde Dexter, em voz baixa.

- Que incrível! Pois então, lá na livraria, essa velha amiga o convidou para tomar uma bebida, certo? E claro, você respondeu, eu adoraria por a conversa em dia. E assim, vocês se encontraram num bar qualquer da Rua M, engataram um bate-papo informal e, pimba, Julia expôs o plano que havia arquitetado. Tinha descoberto um jeito de fazer o conhecimento dos dois se complementarem para gerar uma bolada colossal. Certo?

- Basicamente.

- O plano era que, se vocês descobrissem um jeito de piratear transações bancárias e você conseguisse praticar o roubo, ela garantiria que você não fosse pego. Porque seria ela a fazer a investigação. E vocês dividiriam o lucro. E assim vocês devem ter ficado gravitando em volta um do outro. Você, Julia, deve tê-lo vigiado. Ou *nos* vigiado. Descobriu que eu tinha perdido o pique na minha carreira. Que não tínhamos dinheiro. Que Dexter, ao contrário de outros gênios da informática da geração dele, nunca chegara nem perto de fazer fortuna. Tinha uma leve amargura em relação a isso, além da motivação financeira.

Kate contempla a mulher diabólica do outro lado da mesa, cercada por seus parceiros um tanto ineficazes: - E você sabia, e claro, que Dexter alimentava uma fantasia antiga e profundamente arraigada de vingança em relação a pessoa que havia matado o irmão dele.

Kate ainda esta em duvida se deve abrir o bico e revelar esse enorme segredo. Sim ou nao, nao ou sim...

Abre a boca para acrescentar o novo toque, a acusacao que mudara tudo para Dexter, mais uma vez: - Ou supostamente matado.

✕

Hoje, 20h08

Dexter fica visivelmente confuso. Bill também. Os dois de cenho franzido.

- O que quer dizer com *supostamente*? - pergunta Dexter.

Julia trinca os dentes, estreita os olhos. Sabe que Kate sabe a verdade. E sabe que ela está prestes a revelá-la.

- Enquanto considerava a proposta dela, Dex - Kate vira para o marido -, enquanto avaliava a possibilidade, você, por acaso, recebeu informações atualizadas sobre o coronel? Alguma coisa ultraconvvincente sobre a maldade dele?

Dexter não balança a cabeça, não faz um sinal afirmativo, não pestaneja, não abre a boca. Olha fixamente, pensando, correndo para alcançar a mulher, para chegar a conclusão antes que ela a enuncie em voz alta, para evitar essa faceta particular da humilhação.

Kate lhe dá um sorriso, gabando-se um pouquinho da vitória. Falta de espírito esportivo, admite. Apesar de tê-lo perdoado, ainda se deleita com a expressão de surpresa e vergonha no rosto do marido.

- E claro que recebeu, querido.

Sente-se no direito de ter uma pequena vingança, que é esta: revelar que ele foi tapeado pela pessoa em quem confiou. Vai doer, mas não vai durar muito. Ao contrário da trapaca em si, que abarcou uma década.

Kate praticamente escuta as engrenagens de Dexter girando, sente o cheiro da fumaça, enquanto ele descobre que sua fonte croata anônima era falsa, um impostor, mais um ator remunerado nessa peça de trama complexa. Dexter se vira para a dramaturga, Julia.

E o momento em que sua ficha cai. E o deixa literalmente boquiaberto.

- Era você a minha fonte?

Julia o encara, sem mostrar arrependimento:

- Era.

Ele arregala os olhos. Está tentando digerir a monstruosidade dessa revelação, buscando na memória o novo começo desse enredo:

- Eu lhe falei da morte de Daniel, na faculdade?

- Falou.

- E, quando começou a trabalhar no FBI, você investigou isso? Foi então que descobriu que o coronel tinha sido o assassino de Daniel?

Kate percebe a expressão infantil no rosto de Dexter. Um homem adulto que quer desesperadamente que a realidade se curve a sua concepção. Na esperança de que, se afirmar sua ideia em voz alta e em tom confiante, o mundo concorde com ele.

As crianças têm a mesma expressão e o mesmo tom quando testam suas teorias sobre piratas ou

dinossauros, ou opcoes de viagens espaciais. Ainda hoje de manha, Ben explicou a Kate: "Se a gente abrir bem os bracos e fizer assim, igual ao passarinho, a gente consegue voar. Nao e, maae?"

Julia nao diz nada, relutando em ser aquela que vai estracalhar essa ultima migalha de ingenuidade de Dexter.

Ele olha para a taca de vinho. Kate percebe que esta descascando as camadas, num movimento retroativo: se nunca houve nenhuma fonte croata secreta, isso quer dizer que nunca houve um funcionario do Departamento de Estado que o pos em contato com essa fonte. O que significa que nunca houve relatorio sobre a brutalidade da morte de Daniel. O que significa...

- O coronel Petrovic nao teve nada a ver com a morte de Daniel, teve?

Kate estende a mao sobre a mesa, segura a do marido e a aperta.

- Nossa - diz Dexter.

Suas sobrancelhas subiram tudo o que podiam na testa. Ele tira a mao da de Kate, reclinase na cadeira para longe da mesa, abrigando-se nele mesmo, buscando privacidade na humilhacao.

- Nossa.

- Sinto muito - diz Julia. - Ainda assim, Petrovic era uma pessoa terrivel, terrivel. Ele...

Dexter levanta uma das maos:

- Deixe-me entender direito - diz, fuzilando Julia com os olhos. - Voce inventou o telefonema do Departamento de Estado que me alertou dessa fantasia de que o coronel tinha matado meu irmao. Inventou o relatorio sobre a morte dele e inventou um

funcionario para me dar esse relatorio e me por em contato com um croata inventado, que, ao longo de... quanto tempo: uma decada?, me deu informacoes inventadas sobre o coronel?

- Em sintese - admite Julia.

Ninguem diz nada.

- A palavra croata *niko* - acrescenta Julia - significa *ninguem*.

Dexter solta uma risada alta, enraivecida.

- Mas quero deixar claro - prossegue Julia - que a maioria das informacoes sobre o coronel era correta.

- Menos as partes que tinham alguma coisa a ver com Daniel. E portanto, comigo.

Kate da uma olhada para Bill, calado. Calcula que ele tambem nao sabia nada sobre esse aspecto da historia por tras da cena.

Mas ele nao lhe da uma importancia especial; para Bill, esse show secundario e puro entretenimento. Ele tem as proprias desonestidades fundamentais para proteger.

- Voce mandou informacoes atualizadas para mim, atraves do suposto Niko, para me fisgar cada vez mais, para me deixar cada vez mais interessado na historia desse traficante de armas que supostamente havia trucidado meu irmao. Tudo isso para que eu ficasse motivado, para que fosse compelido a ajuda-la a roubar um homem rico. E isso mesmo?

- E.

- Quer dizer que voce tramou esse plano ha doze anos?

- Sim.

- Eu nao entendo - diz Dexter, estampando a perplexidade no rosto. - O que voce teria feito se, nesse meio-tempo, o coronel morresse? Ou falisse? Ou se eu nao cooperasse, ja imaginou? Depois de tanto tempo investido em mim?

- O que o faz pensar - pergunta Julia - que voce foi o unico?

- *Monsieur* - diz Julia, chamando o garcom para pedir uma garrafa de agua. - *Une carafe d'eau, s'il vous plait.*

Kate nota que a pronuncia de Julia em frances melhorou muito, agora que ela ja nao precisa fingir ter um sotaque horroroso.

- O que voce quer dizer? - pergunta Dexter.

- Que estou com muita sede - responde ela aos companheiros, matando tempo ate que o grupo volte a ter privacidade.

O garcom serve dois copos, para as damas. Julia bebe uma golada comprida, esvaziando o seu. Torna a enche-lo, deixando todos em suspenso, prendendo a respiracao. Uma estranha nuvem de mal-estar lhe perpassa o rosto. Em seguida, ela diz: - Voce nao era a minha unica opcao.

- Nao estou entendendo.

- Voce e o coronel nao foram os unicos antagonistas que montei.

Agora e o cerebro de Kate que corre para alcanca-la. Mas nao consegue faze-lo antes que ela recomece a falar: - Dexter, voce nao e a unica pessoa do mundo que poderia fazer essa invasao. Na verdade, lamento dizer que, em muitos aspectos, e a menos qualificada. Para ser franca, fico surpresa por ter sido voce.

- Hein?!?

- Passei anos, passei toda a minha carreira, identificando as mentes mais originais e mais capacitadas no campo da seguranca na internet. E depois me encontrei com todos eles. Fiz perguntas sobre seus segredos mais profundos e obscuros. Seus maiores temores e seus desejos mais intensos. Seus ressentimentos reprimidos e seus odios incontrolaveis. Os pontos de pressao em que eles poderiam ser manipulados.

- Como conseguiu isso?

- E muito facil e perfeitamente justificavel perguntar qualquer coisa a qualquer pessoa, quando se trabalha no FBI e se entrevista candidatos a empregos, ou conduz investigacoes.

Kate fica mais assombrada a cada nova informacao.

- No fim, eu tinha fisgado meia duzia de hackers como voce.

- Se eu sou o menos qualificado, por que voce me escolheu?

- Nao escolhi. Propus esse plano a todos. Vencia quem chegasse primeiro.

- E eu fui o primeiro a descobrir?

Dexter tenta reprimir o orgulho, meros segundos depois de digerir um insulto arrasador.

- Foi. Mas, nesse meio-tempo, eu descobri um pequeno problema. Até pormos as engrenagens em movimento, eu não sabia de você, Kate. Tinha feito meus levantamentos sobre Dexter, e claro. Mas não me incomodei com investigações minuciosas sobre as esposas e namoradas e ex-namorados das mães de todos os meus candidatos. Só que, quando ele apareceu com essa manobra de invasão dupla, eu investiguei.

- E aí?

- E aí, sinceramente, tive de pensar em desistir do plano todo. Ou desistir apenas de Dexter, inventar uma razão para dizer que a coisa não ia funcionar e passar a ideia para que outra pessoa a executasse. Também tive de considerar que talvez alguém estivesse armando uma cilada para mim, que fosse um golpe. Mas depois, percebi que, por incrível que parecesse, Dexter não sabia de você.

Kate não gosta de ouvir essa parte em voz alta, ali, meio que em público. Sente-se no direito de humilhar o marido traícoeiro, mas não quer que Julia o faça. Ele já foi suficientemente humilhado por aquela suposta amiga.

- Dexter era certinho demais - prossegue Julia. - Sua vida era muito passível de comprovação, muito sem subterfúgios. Ele não era espião de ninguém, nem agente duplo de ninguém, nem dedo-duro de ninguém. Era quem ele é. E não sabia que você não era.

- E o que você fez?

- contei a ele.

- Por que?

- Não tive saída. Dexter era o sujeito que tinha a resposta. Era o cara que podia conseguir o dinheiro. Chegar a esse ponto havia demorado muito, e eu não tinha certeza se algum dos meus outros candidatos teria sucesso. Precisava ficar com Dexter e seguir o plano dele. Ou então, teria que arrancar dele todo o processo e, depois, mata-lo.

Dexter solta uma gargalhada, mas depois percebe que não era brincadeira. Franze o cenho.

- Mas é claro que matar o marido de uma analista da CIA seria mau negócio. Em vez disso, portanto, eu precisava ter certeza de que Dexter tomasse um cuidado extra perto de você. Por mais que ele achasse que tinha de ser sigiloso, teria que duplicar isso.

Não poderia tomar a iniciativa de entrar em contato comigo, jamais. Tinha que seguir cada instrução exatamente ao pé da letra.

Tinha de saber que, por mais sério que achasse que aquilo era, seria ainda muito mais.

- Como você sabia que ele ia acreditar?

- Ei, eu estou aqui - protestou Dexter.

- Por que você acreditou nela? - pergunta Kate ao marido.

- Para que ela mentiria sobre isso?

- Por que você não pode simplesmente me contar?

E Julia quem responde:

- Ah, qual é, contar a uma agente da CIA que estávamos planejando violar transações bancárias e roubar uma fortuna?

- Muito pertinente. E depois?

- Depois, nos, quer dizer, eu, preparei toda a serie de transacoes para que elas levassem unicamente ao Dexter. Ele seria a unica pessoa a ver um centavo que fosse, durante muito tempo. Ele e que levaria a culpa pelos crimes graves e pelos delitos associados: a falsificacao de registros, as invasoes, as fraudes, o roubo da American Health. Que proporcionou o orcamento da operacao, inclusive a verba para a sua familia. E tambem serviu de crime inicial para eu desvendar, com bastante facilidade, e obvio, e comunicar a meus superiores, para ser designada para a investigacao desse novo tipo de problema. Essa forma irrefreavel de pirataria cibernetica. Eu tinha ate um suspeito numero um, que previ que fugiria do pais. Como se verificou, eu estava certa. Isso consolidou a decisao de que o caso ficaria comigo. Estava claro que eu tinha faro para descobrir o que ia acontecer.

- Toda essa historia parece depender de ser voce a pessoa a conduzir a investigacao - diz Kate. - Por que?

- Porque Dexter pode ser apanhado.

- Posso?

- E claro que pode. Ha uma quantidade enorme de provas que o incriminam, Dexter. Registros da sua abertura e fechamento das contas pelas quais o dinheiro do roubo foi canalizado, ate umas fotos e videos de voce nos bancos.

Dexter torna a parecer confuso.

- Ha registros de seu relacionamento com aquela garota de programa que voce contratou para praticar fraude e roubo. Existe a propria garota, e claro, com seu depoimento terrivelmente lesivo de que voce tramou fazer exatamente o que fez.

Dexter balanca a cabeça.

- Sao provas convincentes. De crimes graves - completa Julia.

- Nao entendi - diz ele.

Mas Kate, sim:

- Isso tudo e para protecao dela, seu boco.

Pobre infeliz.

- E verdade?

Ele torna a ficar perplexo com a falsidade de Julia.

- Eu precisava ter certeza de que voce cumpriria sua parte do trato - admite ela. - Precisava poder obriga-lo. E, enquanto isso, tambem precisava ser a encarregada no FBI, para poder me certificar de que ninguem mais descobrisse o que eu sabia que estava la para ser descoberto, porque eu o havia criado.

Kate se anima ao termino desse pequeno discurso, que e exatamente o tipo de confissao que vinha esperando ouvir: - E ai entro eu - diz, querendo cravar uns pregos no caixao, como parte de sua negociacao pessoal.

- E, voce - confirma Julia. - A desmancha-prazeres do meu plano. Bem, eu precisava ter certeza de que essa esposa da CIA nao ia dedurar o marido. Nao achava que fosse, nao conseguia imaginar que

uma mulher destruísse a própria vida só porque o marido era ladrão. Afinal, ele estava roubando de alguém que julgava ser o pior crapula do mundo: o homem que havia assassinado seu irmão. Isso é crime justificável. É claro que aquele primeiro milhão, tirado dos porta-vozes calhordas daquela companhia de seguros desalmada, era o óbvio ululante. Mas eu tinha que ter certeza, não é? Certeza absoluta. Tinha que

X

testar a mulher. Tinha que atraí-la para a jogada, fazê-la perceber que o marido era culpado. Que o FBI o estava perseguindo e com razão. Precisava deixá-la descobrir a verdade e ver o que ela faria.

- Estou lisonjeada por você ter me levado tão a sério.
- Bem, para ser franca, eu também tinha outra motivação para confrontar você.
- Qual?
- Eu - interveio Bill.

Kate continua a se impressionar com os artifícios extraordinários dessa mulher, inseridos em sua rede maciça de falsificação.

- Quer dizer que, durante todo o tempo que vocês passaram em Luxemburgo - diz Kate a Bill -, você pensou que estivessem trabalhando numa investigação autêntica?

- Pensei.
- Ha! - faz Kate, virando-se para Julia. - Muito bem, Julia. Absolutamente brilhante.
- Obrigada.

- Portanto, a missão em que vocês estavam - diz Kate -, totalmente transparente, devidamente autorizada pelo FBI, era a investigação daquele primeiro milhão roubado pelo Dexter. Você, Julia, era a responsável pela investigação. E este belo palhaco era seu parceiro.

Julia confirma com um aceno da cabeça.

- E assim, vocês foram mandados, entre aspas, para Luxemburgo. Fazendo-se passar por um casal. Para ficar de olho no pobre do meu marido, ver o dinheiro que ele gastava, observar seu estilo de vida. Era esse o sujeito que acabara de roubar 1 milhão de dólares? Era esse o cara que tinha descoberto como roubar somas ilimitadas em dinheiro, na hora que quisesse?

Kate balança a cabeça e prossegue:

- Ele morava num apartamento modesto. Hospedava-se em quartos apertados de hotéis medianos, viajava na classe econômica, trabalhava todo dia. Sua mulher limpava os banheiros. Ele foi a Esch-sur-Alzette comprar um Audi usado. Os milionários nunca vão a Esch, muito menos para comprar caminhonetes de segunda mão.

Esse mesmo Audi usado ainda era o carro da família. Eles não tinham arranjado tempo para comprar nada novo. Ou talvez houvessem apenas decidido, sem discutir o assunto, que o velho Audi estava bem razoável. Afinal, era só um carro.

- Então, vocês concluíram que esse sujeito não era aquele gênio do crime e essa família não era rica. Mesmo assim, sua tarefa era obter dados concretos. Porque, mais cedo ou mais tarde, vocês precisariam voltar com um relatório completo na mão e sua carreira estaria na reta. E então, o que vocês fizeram?

O garcom se aproxima com uma nova garrafa de água. Kate espera que ele se afaste pela calçada parisiense, enquanto a noite cai e as luzes se acendem. A clientela da hora do jantar que passeia por ali se acotovela, numerosa, alegre. Kate sente uma onda de bem-estar nesse lugar aprazível, com essas pessoas inteligentes - as quais enfim entende por completo - e com essa trama que ela se descobre apreciando mais a cada segundo, como se não fosse uma participante. A coisa toda é para lá de genial.

- Eu reconheço seu mérito - diz Kate a Julia. - Adoro essa parte. O que você fez foi procurar virar a mulher do suspeito contra ele. Primeiro, construiu um disfarce fragil, que você sabia que me deixaria desconfiada: Chicago. Depois, deixou que eu soubesse exatamente quando teria a oportunidade de entrar no escritório do Bill: você me manipulou para eu sugerir aquela partida de tênis ao meio-dia, não foi?

Julia ergue a taça e toma outro gole minúsculo, saboreando a gota de vinho. Saboreando a história que vai sendo construída a seu respeito, a respeito de sua argúcia.

- E nesse escritório, não encontrei grande coisa para comprovar seu disfarce. O que teria sido fácil de fabricar. Mas você não o fez. Em vez disso, deixou uma arma por lá, junto com um punhado de camisinhas. Construiu um escritório falso que parecia exatamente um escritório falso de uma profissão falsa. Vocês eram de um lugar falso, que eu sabia que seria falso, e tinham um falso casamento, com a exata aparência de um falso casamento. E você me conduziu pela mão a todas essas mentiras. Por que?

- Porque eu queria que você as descobrisse.

- Sim, mas para que?

- Para eu poder controlar suas descobertas. Para você descobrir quem nós éramos, o que estávamos fazendo. Você sabia que seu marido era culpado: era o homem que estava com o dinheiro, o que seria detido e acusado. Eu precisava que você se empenhasse em participar desse crime, o crime *dele*. E precisava que você fosse capaz de descobrir isso sozinha.

Kate ri da ironia.

- Bem, não exatamente sozinha - Julia admite. - Mas quase.

Kate sente o olhar atraído pelo acucareiro de metal onde, uma hora atrás, introduziu discretamente o transmissor de Hayden. A parte dela no trato.

- E quem era Lester? - pergunta. - Seu falso pai, que não era do Novo México.

- Les é nosso chefe.

- Por que ele veio à Europa?

- Aquilo foi logo depois do grande roubo. Les queria ver pessoalmente nosso suspeito e a esposa. Seriam essas as pessoas que tinham acabado de roubar 50 milhões de euros? Ele fez perguntas à mulher sobre os restaurantes que ela frequentava habitualmente nas capitais estrangeiras. Quis saber quantas estrelas tinham os hotéis. Resposta: era muito improvável que fossem aqueles os ladrões. Ainda assim, Dexter continuou a ser o principal suspeito. O único suspeito, considerando-se, e claro, que era o culpado. Assim, Lester deu mais um mês para concluirmos a investigação.

- Foi então que vocês decidiram me confrontar.

- Sim. Você tinha sido uma patriota, afinal - sorri Julia. - E, além disso, podíamos lhe mostrar

provas que davam uma impressao terrivel de que seu marido estava tendo um caso com uma linda jovem, em hoteis suicos cinco estrelas. Voce mesma nunca tinha dormido num hotel cinco estrelas. Eles nao existem na Nicaragua, nao e?

- Nao, nao existem.

- Por isso nos a confrontamos, para ver o que voce faria e para encerrar o processo.

Kate se recorda daquele dia do inicio de janeiro, os tres sentados no banco gelado de jardim. De quando Julia disse em voz alta o valor errado - 25 milhoes. Da expressao no rosto de Bill, tentando descobrir o que poderia significar aquela discrepancia. O

valor do dinheiro roubado, ele sabia, era o dobro disso.

Bill olha para Kate nesse momento, com o mesmo olhar franco e desinibido que ela ja viu antes, na boate em Paris, na Grand Rue em Luxemburgo. Um olhar que admite: *Voce sabe quem eu sou*. Mas tambem desafia: *E vai fazer o que?*

Kate havia subestimado Bill. Ele soubera a verdade bem antes de Julia a revelar.

Mais uma vez, ela percebe ter deixado escapar um grande pedaco do quebra-cabeca. Que pedaco? Que Bill vinha armando seu proprio golpe. E a vitima tinha sido Julia.

Hoje, 17h50

- Voce esta brincando.

O mais infimo sorriso bailava nos labios de Hayden.

- Nao, nao estou - disse Kate.

Eram quase seis horas. Os biriteiros de final de expediente comecavam a chegar ao Georges, assim como os turistas com reservas para os primeiros horarios do jantar. Um dos colegas de Hayden havia passado uma nota de 20 euros ao maitre, para comprar um perimetro de privacidade. Mas nao duraria muito.

- O que voce imagina que faria? - perguntou Hayden.

- Sou fluente em espanhol. E agora sou passavel em frances. Entendo um pouco da Europa. Posso me arranjar numa embaixada, num consulado ou no escritorio de uma ONG. Nao esqueci como se fazem as coisas que precisam ser feitas.

- So que voce nao conhece ninguem. Nao tem *nenhum* contato.

Era o mesmo argumento usado por Julia para nao trabalhar como decoradora em Luxemburgo. Uma desculpa a curto prazo.

Uma racionalizacao fajuta.

- Entendo que eu teria de comecar de baixo. E, provavelmente, ficar ali para sempre.

Hayden se reclinou na cadeira, afastado da mesa:

- Por que voce iria querer fazer isso?

Kate levara muito tempo para admitir que ja nao queria seu emprego, sua carreira. Que estava pronta para ser mae em tempo integral. Ao longo dos ultimos dois anos, porem, tinha descoberto que estava enganada. Nao era isso que ela desejava, afinal.

- Meus filhos estao na escola, meus dias sao... sao vazios, a nao ser que eu encontre meios de preenche-los. Mas preciso de uma razao para preenche-los. Uma razao melhor do que o tédio.

Sabia que nao seria igual a seu antigo emprego. Era provavel que nunca mais portasse uma arma, que nunca mais sentisse a emocao intensa de estar ciente de um perigo mortal a espreita a cada encontro com um informante ou um espiao. Portanto, seria uma palida aproximacao de sua vida antiga, da antiga carreira, da antiga adrenalina. Porem seria melhor do que nada.

Por outro lado, seria um ambiente de trabalho mais civilizado. Alem disso, agora ela possuia muito dinheiro e morava em Paris, seus filhos estavam ficando cada vez mais independentes e ela construira uma relacao mais estreita com o marido... Kate ja tinha muita coisa. So queria um pouquinho mais.

- O que eu nao quero - continuou - e ter medo de que meus filhos sejam sequestrados por um psicopata latino. Estou mais do que disposta a ter um emprego calmo, sossegado.

Hayden se sobressaltou:

- Entao foi isso?

- Como?

- Torres ameacou sua familia?

Kate nao respondeu. Nao admitiria o assassinato premeditado e a sangue-frio de um estrangeiro em solo norte-americano.

- Estou disposta a fazer concessoes - disse, pondo de lado aquela antiga transgressao, ciente de que Hayden tambem nao faria questao de mexer nessa grande casa de marimbondos. - E estou aqui para fazer um trato com voce.

- Esta bem. O que voce tem para oferecer?

- O culpado pelo roubo dos 50 milhoes.

- Interessante.

- Em troca, recebo meu emprego de volta.

Ele assentiu com a cabeca:

- Sera um *prazer*.

- Otimo.

Hayden estendeu a mao sobre a mesa para apertar a dela.

- Mas ha uma complicacao - disse Kate.

O sorriso dele desabou, assim como sua mao.

- Que e...?

- Preciso de imunidade. Para mim. E para meu marido.

- Imunidade? Por meter umas balas no Torres? *Por favor*. Ninguem chegou nem mesmo a pensar em invest...

- Nao e isso.

✕

- E de outro assassinato que voce esta falando?

- Nao sei o que voce quer dizer com *outro* - retrucou ela, ainda se recusando a se deixar incriminar por aquela antiga trapalhada. - Mas nao, nao e um assassinato. E um crime de colarinho-branco. Mais ou menos.

Ele arqueou as sobrancelhas.

- E entao, nos temos um trato?

Hayden levou uns segundos sem responder, olhando fixamente para Kate, esperando que ela falasse mais. Ate finalmente se conformar com o fato de que ela nao falaria.

- Sinto muito, Kate. Nao.

Kate precisava estar na outra margem do rio dali a uma hora, para se encontrar com Julia, Bill e Dexter. E tinha que chegar la cedo, antes dos outros. Antes de seu marido.

Contemplou a cidade, as ruas que irradiavam do museu, a miscelanea dos telhados. Resignou-se com o fato de que, afinal, teria que dizer a verdade a Hayden, se nao toda, ao menos uma boa parte.

Kate se pergunta se o proprio Hayden estaria no furgao profissional parado na esquina, escutando essa conversa. Ou talvez esteja do outro lado da rua, observando. Ao se despedirem, faz duas horas e meia, ele nao disse com clareza qual seria seu envolvimento no resto da noite. Hayden era mestre em deixar as coisas obscuras.

- A sua ultima cartada - diz Kate, voltando a atencao para Julia -, foi me confrontar. Mas isso nao deu em nada. Menos que nada, porque ai nos cortamos todo o contato com voces. Voces deixaram de ter acesso ao seu suspeito. Sua investigacao se tornou um impasse que parecia permanente. Fim de jogo. E, de repente, a cidade inteira pareceu se afastar de voce.

- Andei mesmo querendo lhe perguntar - retruca Julia. - O que voce disse a quem?

- Eu disse a Amber Mandelbaum, a inigualavelmente irritante supermae judia sulista, que Julia, minha melhor amiga, tinha enfiado a lingua na boca do meu marido. Que vaca! Obviamente, nao podiamos continuar sendo amigas depois disso.

- Obviamente.

- E entao, voces foram embora - prossegue Kate. - Ja nao tinham muitos amigos, para comeco de conversa: afinal, nao estavam em Luxemburgo para levar uma vida real; e para voce, Bill, deve ter sido um alivio livrar-se da sua amante. Imagino que a Jane fosse um desafio. Cansativa.

Julia se espinha.

- Mas acho que, tecnicamente, ela nao era sua amante, ja que voce nao era mesmo casado.

Bill continua sem reacao.

- Mas enfim, voces voltaram para Washington de maos vazias. Lamentaram, envergonhados, ter que admitir que haviam se enganado: Dexter Moore nao era o ladrao. O arquivo da Interpol foi fechado. Voces voltaram ao FBI em tempo integral, a velha rotina opressiva. Mas, depois de terem investido tanto tempo numa investigacao cara e estupendamente malsucedida, a sua estrela brilhou com muito menos intensidade. Nao foi assim, Julia?

Julia nao responde.

- Portanto, nao foi surpresa voce pedir demissao. Sobretudo quando veio ao conhecimento publico que, enquanto bancavam o casal, voces tinham mesmo se tornado um.

Bill se remexe na cadeira. Dexter, mais uma vez, fica numa confusao que se estampa em seu rosto. Julia lhe faz um aceno, uma admissao. Ele balanca a cabeca, intrigado.

- Isso acontece com frequencia, nao e? - continua Kate. - Nunca aconteceu comigo, entenda bem. Mas vi acontecer uma porcao de vezes. Com outros agentes de campo.

Kate para de falar, perguntando-se quanto deve revelar, se havera algum beneficio nisso. Sabe que um dos prazeres mais perigosos e autodestrutivos que existem e sair por ai comprovando quanto se e esperto. E o tipo de coisa que faz as pessoas levarem tiros.

Mas ela parece nao conseguir se conter:

- E entao, Julia, quando foi que voce deixou Bill a par de tudo?

- Isso tem importancia?

- Para mim, tem.

- contei a ele depois que pedi demissao - responde Julia. - Depois que nos nos demitimos.

O pensamento de Kate e puxado para tras, atravessando esse ultimo ano e meio em Paris, de volta a Luxemburgo, ao penultimo inverno, a um ponto anterior a noite no restaurante em que ela e Dexter montaram uma encenacao para o transmissor do FBI e a noite da vespera, quando o marido lhe abrira o jogo, quase por completo.

- Fazia quanto tempo que voces estavam juntos?

- Alguns meses.

Kate olha de relance para Bill, que permanecia calado, deixando outra pessoa contar seu lado da historia. Ou melhor, sua metade da narrativa.

- Por que voce contou a ele?

- Eu o amo - diz Julia. - Estamos construindo uma vida juntos - fala e entao exhibe o dedo anular: - Estamos noivos.

- Que bom - diz Kate, com um meio sorriso ironico. - Meus parabens. Mas quando voces sairam pela primeira vez?

- Que importancia tem isso para voce? - pergunta Bill.

Agora esta alerta, a fachada de calma vai desmoronando. Kate desconfia que ele saiba exatamente aonde leva essa sua linha de indagacao, e por que.

- Estou curiosa. Tentando compreender direito a historia toda.

Bill a encara com uma expressao dura nos olhos, os musculos da mandibula se contraindo. Kate sabe que ele sabe que ela sabe.

- Foi no final - responde Julia. - Pouco antes de sairmos de Luxemburgo.

O pensamento de Kate pousa naquele banco ao ar livre em Kirchberg, quando ela foi confrontada por Bill e Julia no frio.

- Entao voces nao estavam juntos no Natal, nos Alpes?

Julia da um risinho de mofa.

- Nao se embebedaram e transaram na noite de ano-novo?

Kate nao nota que a mao direita de Bill desapareceu embaixo da mesa, mas ela desapareceu.

- Nao.

A lembranca de Kate freia e para, cantando pneu, naquele momento em que Julia disse "25 milhoes de euros" e Bill pareceu confuso, abriu a boca para falar alguma coisa, para corrigi-la, dizendo que a cifra era de 50 milhoes, mas depois a fechou, deixou passar o lapso de Julia; deixou-o descansar e cozinhar em fogo brando, e verificou com a matriz em Washington, confirmou que o valor roubado do coronel tinham sido 50 milhoes, o dobro do que Julia havia alegado na cara de Kate - uma discrepancia bizarra, certinha demais para ter sido um exemplo totalmente aleatorio de lapso de memoria -, e se convenceu de que devia haver uma explicacao logica. Quebrou a cabeca com as possiveis razoes e, por fim, descobriu-as, talvez tendo uma visao aerea panoramica da trama inteira, estendida la embaixo para ser examinada com vagar, e compreendeu a imensa quantidade de

dinheiro que estava em jogo, e resolveu usar seus pontos fortes - a beleza, o charme, a capacidade de guardar para sempre um segredo colossal - contra os pontos fracos dela: a insegurança, a solidão e o desejo desesperado de construir uma família, diante da crua implacabilidade de não ter absolutamente nenhuma perspectiva de marido.

- Será que foi em Amsterda? - sugere Kate.

Pousa as duas mãos no colo, espalmando-as sobre as coxas, e se curva para a frente, mudando de posição. Depois, inclina-se para trás numa posição diferente, tira a mão esquerda da perna e a devolve à mesa. Tudo isso é apenas uma manobra para disfarçar que a mão direita fica embaixo da mesa, logo depois deslizando para dentro da bolsa.

Bill também se reacomoda na cadeira, de modo menos teatral do que Kate, mas atingindo, ela sabe, o mesmo objetivo.

Julia se vira para seu novo amor. Nem tão novo assim: isso aconteceu em janeiro, faz um ano e meio. Muito tempo para se ficar com uma pessoa a quem não se ame. Ou talvez Bill realmente ame Julia, agora. Talvez tenha aprendido a amá-la.

- Bem - diz Kate -, acho que Amsterda era um lugar romântico. Com todas aquelas drogas e prostitutas por perto.

Mas ela sabe que foi ainda depois de Amsterda, foi depois do banco do jardim.

Kate vai afundando a mão direita, devagar e discretamente, por entre o pó compacto, os olhos escuros, a goma de mascar, a agenda, as canetas, o chaveiro e os pedacos soltos de papel, até chegar ao fundo da bolsa, onde fica a coisa mais pesada. Sob uma aba rígida, que ela levanta.

Agora os dois se encaram, Kate e Bill, olhos cravados um no outro. Estão cercados por centenas de pessoas no Carrefour de l'Odéon, num anoitecer de início de setembro: o tempo, a luz, o vinho e o café perfeitos como um cartão postal. A Europa que todos imaginam.

Os dedos de Kate se fecham em torno do cabo da Beretta.

A mão direita de Bill continua sob a mesa.

Kate vira para Julia. Uma mulher infeliz e solitária, até esse homem aparecer. E agora, aqui estão eles, aparentemente felizes.

O rosto de Julia está iluminado, um tom rosado nas bochechas.

Mas há uma gigantesca mentira na base de seu relacionamento, de sua felicidade. Uma motivação impura. Houve aquele errinho cometido pela mulher, ao dizer um número por engano. E então, em torno desse erro e do fato de o haver notado, o homem reconstruiu uma trama completa, um enredo grande e denso - sedução e caso amoroso e relacionamento e proposta de casamento, uma vida inteira. Aproveitando-se da mentira dela.

Mas será que isso torna a relação deles menos real? Torna impossível eles se amarem sinceramente?

Kate vira para Bill e percebe a rigidez, a determinação. O que ele será capaz de fazer para proteger seu segredo?

Kate e Bill apontam armas um para o outro sob o tampo de mármore da mesa. Será que ele está disposto a matá-la, neste momento? Vai disparar um revólver aqui, no centro de Paris, acertá-la no abdômen? Vai se tornar um eterno fugitivo? Vai desistir de sua vida inteira - de sua vida recém-

fabricada -, para nao permitir que Kate revele a verdade dele a Julia?

Essa sua verdade e que ele descobriu o que sua parceira e o suspeito do crime estavam fazendo, juntos. Mas, em vez de confrontar Julia, ele entrou na falcatrua. Fingiu nao saber o que se passava, fingiu apaixonar-se por ela, fingiu ficar surpreso quando Julia, enfim, lhe contou a verdade.

Kate torna a olhar para Julia, essa mulher estranha, tao brilhante em tantos aspectos, mas tao incapaz - ou sem disposicao - de enxergar uma coisa tao obvia bem diante de seu nariz.

✕

✕

Mas quem sabe? Talvez Julia enxergue perfeitamente a verdade. Talvez a tenha enxergado la atras, antes mesmo de ela se transformar em verdade: talvez seu lapso dos 25 milhoes nao tenha sido erro algum. Talvez ela tenha cometido um falso erro, instigando Bill a descobrir tudo, para que ele a seduzisse, se casasse com ela. Talvez tambem tenha arquitetado isso, junto com o resto do golpe, tao extenso e complexo.

E talvez Dexter nao tenha deixado aquele anuario na sala por engano.

Assim como o pensamento, os olhos de Kate tambem vagam, num pingue-pongue entre os conspiradores e os objetos sobre o tampo da mesa, e acabam pousando na taca de vinho de Julia. Que mal baixou um dedo. Faz uma hora e meia que eles estao sentados nessa mesa, ja na segunda garrafa. Porem Julia nao fez mais que bebericar. A mulher que costumava secar uma garrafa inteira no almoco esta se encharcando de agua.

Julia engordou uns 5 quilos, talvez 10. Seu rosto esta afogueado, radiante.

- Ah, meu Deus! - Kate deixa escapar. - Voce esta gravida!

Julia enrubesce. Ela que, ha dois anos, afirmara nao poder ter filhos. So mais uma faceta do disfarce.

Gravida. Isso muda tudo.

Kate e Hayden ficaram sentados sob o ceu resplandecente, onde os pompons de nuvens brancas dispersos pareciam arranjos para quebrar a monotonia do azul, suspensos pelos raios dourados da enviesada luz solar. Uma cena de pintura, luz de Vermeer.

Kate nunca havia apreciado plenamente a pintura do norte europeu ate morar na Europa Setentrional. Ate compreender que os ceus dos pintores nao eram invencoes fantasiosas, distorcoes da realidade, mas reflexos exatos de uma paisagem celeste singular.

Nao era essa a aparencia do ceu em Bridgeport, nem em Washington, ou na cidade do Mexico, ou em qualquer dos outros lugares em que ela havia passado a vida, as vezes olhando para o ceu.

- Voce precisa me dizer para que seria a imunidade - declarou Hayden.

Recomecava o impasse. Mas Kate sabia que sua postura era puro blefe, e a dele, nao. Ela teria que ceder. Porque havia finalmente descoberto o que queria, aquilo de que precisava, e Hayden podia lhe dar isso. So que nao precisava de coisissima alguma dela.

Alem disso, Kate estava com pressa e tinha que resolver isso logo, para voltar ao outro lado do rio Sena.

- E pela participacao no roubo - disse. - Dos 50 milhoes.

Hayden levantou o copo, bebeu um gole grande de agua, repos o copo na mesa e recomecou a olhar fixamente para Kate.

- Pense nisso da seguinte maneira - prosseguiu ela. - Este e exatamente o tipo de operacao da CIA. Esse coronel era uma praga no planeta. Nao so uma pessoa terrivel, mas uma forza desestabilizadora, um maniaco irresponsavel, cujas armas um dia acabariam, se e que ja nao tinham acabado, nas maos de pessoas que quisessem fazer mal aos americanos, talvez dentro dos Estados Unidos.

Hayden se manteve indecifavel.

- Ai, nos... nao *eu*, entenda, mas... enfim, esse coronel foi liquidado. E, enquanto isso, o dinheiro dele nao acabou nas maos de outras pessoas iguais a ele. E ainda existe um bonus que, a meu ver, voce vai achar muito atraente.

- Sim...?

- O culpado... bem, o outro culpado, se e que voce pode imaginar, e um agente do FBI.

Ele riu, uma gargalhada grave, sonora, soltando o ar com forza e de um jeito atipico no final. Achou aquilo engracadissimo.

- E o dinheiro? - perguntou.

- Nos o devolveremos. Bem, nao devolver, propriamente. Vamos da-lo a... sei la... voce? Alem disso, preciso confessar que nao temos exatamente todo ele...

Hayden desviou o rosto, olhou para seus colegas do outro lado do terraco, seus subalternos na extremidade oposta do restaurante. E tornou a fitar Kate.

- E entao? - disse ela. - Temos um acordo?

- Parabens - diz Kate. - Para quando e?

- So estou... Ainda nao estou nem com quatro meses.

- Que maravilha - diz Kate, depois se volta para Bill: - Parabens.

A mao dele continua embaixo da mesa, pronta para proteger a embalagem elegante e delicada que deu ao macico pacote de mentiras de Julia. Ha muita coisa em jogo para ele: nao so os 25 milhoes de euros, mas tambem uma mulher, um filho. Uma vida inteira.

Kate vai deixar isso para la. Vai silenciar sobre a falsidade dele, para sempre.

Devolve a Beretta ao compartimento no fundo da bolsa. Estende o braco por cima da mesa, coloca a mao sobre a de Julia, ✕

✕

sentindo a aspereza do brilhante do anel na pele endurecida de sua palma, em sua calosidade causada pelo tenis. Faz um afago em Julia com o polegar.

Bill meneia a cabeça para Kate e pisca vagorosamente, num inconfundivel obrigado. Tambem muda de posicao e levanta o braco, pondo a mao direita agora vazia em torno da taca de vinho.

Kate nao quer que essa mulher tenha um filho na cadeia. Nao quer ser responsavel por agravar os horrores dessa situacao.

Ja carrega o peso de algo igualmente pavoroso.

Nao. O que ela fez foi muito mais terrivel.

Um taxi buzinou na Park Avenue, os freios a ar de uma carreta gritaram. A luz matinal se infiltrava pelo voile diafano atrás da pesada cortina de veludo, particulas de poeira flutuando nos raios de sol.

Na bandeja do servico de quarto se espalhavam torradas nao consumidas, ovos parcialmente comidos, tiras de bacon crocante, pedacos de batata rosti. Um bule de prata com cafe e uma xicara de porcelana descansavam numa mesinha de canto, o aroma inundando o quarto, o bule reluzindo a luz do sol.

O sangue de Torres se espalhava em pocas silenciosas, que nasciam em sua cabeça e seu peito, empapando o carpete.

O bebe tornou a chorar.

Um numero imenso de informacoes cruzou a cabeça de Kate numa fracao de segundo. Ela soubera da mulher de Torres, a que havia morrido alguns anos antes, de complicacoes posteriores a uma cirurgia de rotina. Era uma informacao antiga.

Nao recebera a nova informacao sobre outra mulher ou um bebe. Tinha feito algumas pesquisas: o hotel e o quarto, quantos guarda-costas, postados em que locais e horarios. Tambem fizera alguns planos: como ir de Washington a Nova York em segredo, como se deslocar entre estacoes e destinos, onde se desfazer da arma, como sair do hotel.

Mas tinha sido relapsa, descuidada e impaciente. Nao pesquisara o bastante, nao fizera um trabalho completo. Nao havia tomado conhecimento de tudo o que era preciso saber.

E ali estava aquela surpresa, aquela jovem parada na porta do banheiro da suite do hotel Waldorf-Astoria, virando a cabeça na direcao do som do bebe chorando, incapaz de fugir do instinto irreprimitivo de cuidar do filho. Sem saber que, ao romper o contato visual com Kate, ao cortar a ligacao humana criada por seus olhares, ela permitia a Kate fazer a pior coisa que ja fizera em toda sua vida.

O erro fora de Kate. Nao planejara com cuidado sua missao. Era por isso que ela entraria no escritorio do seu supervisor no dia seguinte e pediria demissao.

No quarto ao lado, o bebe voltou a chorar. Kate puxou o gatilho.

Kate olha para o acucareiro e pensa na escuta escondida ali. Apenas duas horas antes, ela estava quase 2 quilometros ao norte, do outro lado do rio, tramando seu acordo com Hayden. E agora esta aqui, colocando-o em pratica.

Nao faz parte do trato ela prender esses dois, ou sequer participar da detencao. Tem apenas que faze-los admitirem tudo, o que praticamente ja conseguiu. E amanha tera de transferir os 24 milhoes de euros para um fundo destinado a cobrir os custos de operacoes secretas na Europa. As quais ela mesma vai dirigir.

- Voces precisam de alguma coisa de Dexter, para terem acesso a sua metade do dinheiro?

Julia faz que sim com a cabeça. Mas um gesto nao basta.

- De que? - pergunta Kate.

- Preciso do numero da conta. Tenho o nome de usuario e a senha, mas nao sei o numero da conta.

Dexter também faz um aceno com a cabeça. Chegou a hora, finalmente. Ele enfia a mão no bolso do paletó e tira um pedaço de papel. Nesse instante Kate segura seu pulso.

Ele se vira para a esposa, intrigado. Todos parecem confusos, sem saber o que está havendo. Até Kate, que se surpreende com a própria ansiedade em perdoar. Impossível não ceder a ela. Sabe que é por causa da gravidez de Julia, que transforma uma vila medonha numa heroína simpática, assim, de repente. Agora Kate torce por Julia, não contra ela. Em quase tudo.

Sua mão esquerda segura o pulso de Dexter, que tem entre os dedos o papelzinho dobrado. Com a mão direita, Kate vira o acucarreiro, derrubando seu conteúdo na mesa. Pega o transmissor entre o indicador e o polegar e o levanta para que seus companheiros na mesa o vejam. Todos arregalam os olhos.

Kate joga o transmissor em sua taça de vinho.

- Vocês têm um minuto - avisa. - Talvez dois.

Os olhos de Julia correm do transmissor na taça de Kate para o número da conta na mão de Dexter. Kate emborça cuidadosamente a taça, derramando o vinho e o aparelho, que chia sobre a toalha. Criando uma razão, uma desculpa para o trecho ter parado de funcionar de repente.

- Vocês não podem ficar com o dinheiro - diz.

O vinho tinto escuro já se espalhou pela toalha, como garras se estendendo pelas fibras a partir da peca. O mesmo desenho, de novo.

- Mas, se forem rápidos, podem ficar em liberdade.

Julia e Bill se levantam depressa, mas sem pânico, sem chamar atenção.

- Cruzem o saguão do hotel - prossegue Kate -, desçam e saiam pela porta dos fundos para a rua lateral.

Julia vai pendurando a bolsa no ombro. Olha para Kate, com o rosto tomado por uma mistura de emoções. Bill a segura pelo cotovelo, já dando o primeiro passo para longe da mesa, dos Moores, do dinheiro.

- Boa sorte - diz Kate.

Julia dá uma olhada para trás, para Kate e Dexter. Abre um breve sorriso, os olhos enrugados nos cantos, a boca aberta, como se fosse dizer alguma coisa. Mas não diz. E torna a se virar.

Kate observa enquanto eles se misturam à multidão compacta, todas as luzes da rua e dos interiores acesas no Carrefour de l'Odeon, um pequeno Fiat vermelho buzinando para uma Vespa verde brilhante que costura pelo trânsito, o policial indiferente, ainda flertando com a moça bonita, fumaca de cigarros subindo de mesas repletas de taças de vinho, copos, jarras e garrafas, pratos de presunto e porcos de *foie gras*, fatias crocantes de pão em cestas forradas de guardanapos, mulheres de lenços amarrados com um nozinho no pescoço, homens de paletó esporte xadrez, gargalhadas sonoras e risinhos brincalhões, apertos de mão e beijos nas faces, cumprimentos na chegada e acenos de despedida, na densa e animada massa humana de começo de noite na Cidade Luz, onde dois estrangeiros desaparecem depressa e sem levantar suspeitas.

AGRADECIMENTOS

Obrigado aos heroicos leitores das primeiras (e mais capengas) versoes deste livro: Adam Sachs, Amy Scheibe, Jamaica Kincaid, Jane Friesen e Sonny Mehta.

A meu agente, David Gernert, e suas colaboradoras, Rebecca Gardner e Sarah Burnes.

A Molly Stern e Maya Mavjee, editoras de publicacoes da Crown, ao editor Zachary Wagman, a Terry Deal, responsavel pela producao, e a todas as outras pessoas de Nova York que ajudaram a transformar um manuscrito num livro publicado.

Ao editor Angus Cargill, da Faber and Faber de Londres, a diretora de publicacoes Hannah Griffiths e ao editor de publicacoes Stephen Page.

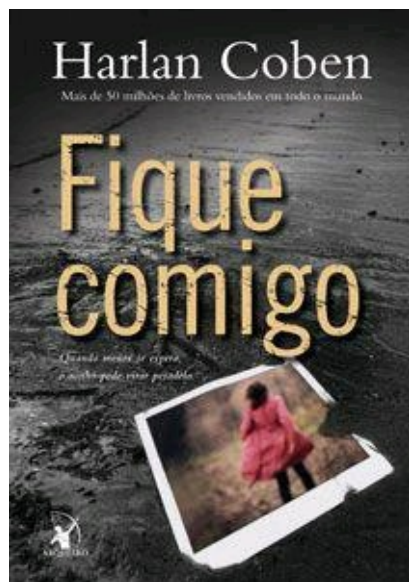
A Michael Rudell e Jeffrey Dupler, pela assessoria juridica; a Sylvie Rabineau, pela orientacao sobre cinema; a Layla Demay, pela ajuda no frances; e a Amy Williams, por colaborar na redacao.

As senhoras de Luxemburgo: Becky Neal, Binda Haines, Christina Kampe, Cora Demeneix, Cristina Bjorn, Jules Brown e Mandip Sumbly.

A Kevin Mitnick, autor do fascinante *A arte de invadir*, minha principal fonte de conhecimentos sobre os hackers. Mas note-se que o roubo cibernetico de *Os impostores* e de natureza completamente ficcional, com detalhes inteiramente fantasiosos. O mesmo se aplica a logistica que descrevi sobre o trabalho e os pedidos de demissao da CIA

As equipes da Soho House, em Nova York, e do Coffee Lounge, em Luxemburgo, que foram gentis comigo enquanto eu me sentava por la, escrevendo este livro.

E a minha linda mulher, Madeline McIntosh, a pessoa mais inteligente que conheco.



CONHECA OUTROS TITULOS

DA EDITORA ARQUEIRO

Fique comigo

Harlan Coben

A vida de Megan Pierce nem sempre foi um mar de rosas. Houve uma época em que ela nunca sabia como seria o dia seguinte. Mas hoje é mãe de dois filhos, tem um marido perfeito e uma casa de sonhos de qualquer mulher - e, apesar disso, se sente cada vez mais insatisfeita.

Ray Levine já foi um fotógrafo respeitado, mas agora, aos 40 anos, tem um emprego em que finge ser paparazzo para massagear o ego de jovens endinheirados obcecados em se tornar celebridades.

Broome é um detetive incapaz de esquecer um caso que nunca conseguiu resolver: há 17 anos, um pai de família desapareceu sem deixar rastro. Todos os anos ele visita a casa em que a mulher e os filhos do homem esperam seu retorno.

Essas pessoas levam vidas que nunca desejaram. Agora, um misterioso acontecimento fará com que seus caminhos se cruzem, obrigando-as a lidar com as terríveis consequências de fatos que pareciam enterrados há muito tempo.

E, à medida que se deparam com a faceta sombria do sonho americano - o tédio dos subúrbios, a angústia da tentação, o desespero e os anseios que podem se esconder nas mais belas fachadas -, elas chegarão à chocante conclusão de que talvez não queiram deixar o passado para trás.



O preço da vitória

Harlan Coben

Myron Bolitar não é fã de golfe, mas, ao ser convidado por seu amigo Win para assistir ao Aberto dos Estados Unidos, aproveita a oportunidade para tentar conquistar novos clientes.

E é o que acontece quando ele é procurado pelo pai de Linda Coldren, a golfista número 1 do ranking. Antes que perceba, Myron está novamente atuando como detetive, em busca de Chad, o filho de Linda que sumiu há dois dias.

O desaparecimento do garoto é mais um peso sobre os ombros do pai dele, o também golfista

Jack Coldren, que lidera o torneio e luta para não repetir seu inexplicável fracasso de anos atrás.

Win se recusa a ajudar no caso ao ser informado de que foi sua mãe, com quem não fala há anos, quem recomendou Myron à família Coldren. Mesmo sabendo que ela está à beira da morte, ele prefere manter distância.

Nesta trama repleta de suspense e reviravoltas, Harlan Coben nos leva a mansões monumentais e moteis de quinta categoria junto com Myron Bolitar, um herói complexo, de cabeça quente e coração de ouro, mais fascinante e imprevisível a cada página.



Voce esta sendo vigiado

Gregg Hurwitz

Patrick Davis tinha um sonho: ver seu nome nos créditos de um filme. Mas não imaginava o preço que teria de pagar por isso. Logo depois de vender seu primeiro roteiro a um estúdio, sua vida entra em colapso. Ele não consegue se firmar como roteirista de Hollywood e, para piorar, seu casamento mergulha numa crise.

Misteriosamente, Patrick passa a receber DVDs com gravações dele e da esposa dentro de casa.

Após descobrir uma câmera escondida, o casal procura a polícia. Dias depois começam as ligações e os e-mails anônimos propondo um acordo para que tudo volte ao normal. Desesperado, ele não hesita em aceitar a oferta.

Mas sua decisão se revela um erro. Logo ele se vê envolvido numa rede de intrigas que pode custar sua vida e a das pessoas que ama. Cada vez mais acuado, Patrick percebe que só há uma saída: superar seus inimigos ocultos no próprio jogo deles.

Eletrizante da primeira à última página, *Voce esta sendo vigiado* foi um enorme sucesso de crítica nos Estados Unidos, fazendo com que Gregg Hurwitz fosse apontado como uma das revelações do suspense, comparado a grandes mestres do gênero, como Harlan Coben.



E melhor não saber

Chevy Stevens

Sara Gallagher nunca sentiu que pertencesse de verdade a sua família de criação. Embora sua mãe seja amorosa e gentil e ela se dá bem com sua irmã Lauren, a relação com o pai e a irmã caçula, Melanie, sempre foi complicada.

As vésperas de se casar, Sara decide que está pronta para investigar o passado e descobrir suas origens.

Mas a verdade é muito mais aterrorizante do que ela poderia imaginar. Sara é fruto de um estupro, filha do Assassino do Acampamento, um famoso serial killer.

Toda a sua paz acaba quando essa história é divulgada na internet e o pai que ela anteriormente queria conhecer resolve entrar em sua vida de forma avassaladora. Eufórico com a descoberta de que tem uma filha, John vê nela sua única chance de redenção. E, para criar um vínculo com Sara, ele está disposto a tudo, até a voltar a matar.

Ao mesmo tempo, a polícia acredita que essa é sua única chance de prender o assassino e resolve usar Sara como isca. Então ela se vê numa caçada alucinante, lutando para preservar sua vida e a de sua filha.

E melhor não saber é um complexo retrato de uma mulher tentando entender suas origens. Uma história cheia de reviravoltas, na qual ninguém é completamente bom ou mau.



Feche bem os olhos

John Verdon

David Gurney sempre foi viciado em resolver enigmas. Mesmo dois anos depois de ter trocado a carreira policial pela pacata vida no campo, sua mente investigativa não consegue resistir a uma boa charada. Foi assim com o caso do Assassino dos Números, um ano antes. Agora, a história se repete quando ele é convidado para trabalhar como consultor e ajudar a polícia a desvendar um instigante homicídio.

Jillian Perry, uma jovem de 19 anos, foi morta de maneira brutal no dia do próprio casamento.

Todas as pistas apontam para um misterioso jardineiro, so que nada mais na história se encaixa: o motivo, o lugar onde a arma do crime foi deixada e, principalmente, o *modus operandi*.

A princípio, David reluta em aceitar o convite, preocupado em preservar seu casamento, já que sua esposa, Madeleine, é totalmente avessa ao seu envolvimento em qualquer assunto policial. Porém, recusar-se a participar da investigação seria ir contra sua essência e David acaba se convencendo de que não conseguirá dormir em paz enquanto o criminoso estiver a solta.

Quando começa a entrevistar parentes e conhecidos de Jillian e a avançar no caso, fica claro que o assassino é não só mais inteligente e implacável do que ele esperava, como também destemido o suficiente para atacar seu ponto fraco. David terá que pensar além das evidências para desvendar o quebra-cabeça mais sinistro com que já se deparou.

Com uma voz narrativa arrebatadora e personagens irresistíveis, John Verdon constrói um suspense vertiginoso, que reserva uma surpresa a cada página. *Feche bem os olhos* tem tudo para alcançar o mesmo sucesso de seu livro anterior, *Eu sei o que você está pensando*, aclamado pelos leitores e pela crítica.



Retrato de uma espiã

Daniel Silva

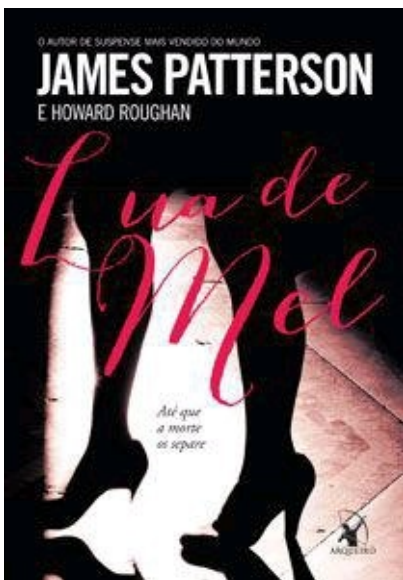
Aposentado do serviço secreto israelense, o restaurador de arte Gabriel Allon decide passar um fim de semana em Londres com sua esposa, Chiara. Mas seus sentidos estão sempre em alerta, sobretudo depois dos recentes atentados suicidas em Paris e Copenhague.

Em meio a multidão, Gabriel detecta um suspeito. Um homem-bomba. Quando está prestes a atirar para matar, ele é detido pela polícia britânica e acaba presenciando um terrível massacre.

Já de volta a sua casa na Cornualha e ainda assombrado por não ter sido capaz de impedir o ataque, o agente é convocado a comandar um esquema global contra a guerra santa muçulmana. Uma nova rede terrorista se espalha pela Europa e só há uma solução para derrotá-la: infiltrar um agente duplo.

A espiã ideal é uma bilionária saudita que vive de dissimulações, transitando entre os mundos islâmico e ocidental. Treinada por Allon, ela deve evitar que o terror se dissemine.

Numa trama que espelha as tensões e conflitos da atualidade, Gabriel precisa identificar o inimigo para, enfim, chegar a seu covil: o placido porém implacável deserto da Arábia Saudita.



Lua de mel

James Patterson

Uma vida que parece um conto de fadas

Linda, sexy e bem-sucedida, Nora Sinclair é desejada pelos homens e invejada pelas mulheres. E

sua vida tem tudo para ficar ainda mais perfeita quando seu namorado, o atraente e rico Connor Brown, pede sua mão em casamento. Mas o que para muitos seria o começo do "felizes para sempre", para Nora é a contagem regressiva para "até que a morte os separe".

Uma sucessão de acontecimentos misteriosos

Coisas muito estranhas ocorrem às pessoas próximas a Nora, principalmente aos homens que entram em sua vida. E isso acaba despertando o interesse do FBI. Sarcástico, malicioso e implacável, o agente John O'Hara é esperto o suficiente para saber que belas fachadas podem esconder grandes perigos. Se há algo de errado com Nora, ele é o homem certo para descobrir.

Um detetive dividido entre a justiça e a obsessão

Mas a primeira coisa que O'Hara vai aprender é que Nora não seduz os homens, simplesmente. Ela os domina. Quanto mais tempo passa perto dela, mais confuso ele se sente, até não ter certeza se ainda está em busca da verdade ou se virou prisioneiro de uma atração que pode ser fatal.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS

DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes e Inverno do mundo, de Ken Follett *Nao conte a ninguem, Desaparecido para sempre, Confie em mim, Cilada e Fique comigo*, de Harlan Coben

A cabana e A travessia, de William P. Young

A farsa, A vinganca e A traicao, de Christopher Reich *Agua para elefantes*, de Sara Gruen

O simbolo perdido, O Codigo Da Vinci, Anjos e demonios, Ponto de impacto e Fortaleza digital, de Dan Brown

Julieta, de Anne Fortier

O guardiao de memorias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galaxias; O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo mais; Ate mais, e obrigado pelos peixes! e Praticamente inofensiva, de Douglas Adams *O nome do vento*, de Patrick Rothfuss

A passagem e Os doze, de Justin Cronin

A revolta de Atlas, de Ayn Rand

A conspiracao franciscana, de John Sack



INFORMACOES SOBRE OS

PROXIMOS LANCAMENTOS

Para saber mais sobre os titulos e autores

da EDITORA ARQUEIRO,

visite o site www.editoraarqueiro.com.br,

curta a pagina facebook.com/editora.arqueiro

e siga [@editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro) no Twitter.

Alem de informacoes sobre os proximos lancamentos,

voce tera acesso a conteudos exclusivos e podera participar

de promocoos e sorteios.

Se quiser receber informacoes por e-mail,

basta cadastrar-se diretamente no nosso site

ou enviar uma mensagem para

atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

facebook.com/editora.arqueiro

twitter: [@editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 - conjuntos 52 e 54 - Vila Olimpia

04551-060 - Sao Paulo - SP

Tel.: (11) 3868-4492 - Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumario

[Preludio](#)

[Parte 1](#)

[Capitulo 1](#)

[Capitulo 2](#)

[Capitulo 3](#)

[Capitulo 4](#)

[Capitulo 5](#)

[Capitulo 6](#)

[Capitulo 7](#)

[Capitulo 8](#)

[Capitulo 9](#)

[Capitulo 10](#)

[Capitulo 11](#)

[Capitulo 12](#)

[Parte 2](#)

[Capitulo 13](#)

[Capitulo 14](#)

[Capitulo 15](#)

[Capitulo 16](#)

[Capitulo 17](#)

[Capitulo 18](#)

[Capitulo 19](#)

[Capitulo 20](#)

[Capitulo 21](#)

[Parte 3](#)

[Capitulo 22](#)

[Capitulo 23](#)

[Capitulo 24](#)

[Capitulo 25](#)

[Capitulo 26](#)

[Capitulo 27](#)

[Capitulo 28](#)

[Capitulo 29](#)

[Capitulo 30](#)

[Capitulo 31](#)

[Capitulo 32](#)

[Capitulo 33](#)

[Capitulo 34](#)

[Agradecimientos](#)